



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARCELLA BORDINI

**ESTUDOS SOBRE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NO  
CONTEXTO BRASILEIRO (2005-2012)**

---

Londrina  
2013

MARCELLA BORDINI

**ESTUDOS SOBRE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NO  
CONTEXTO BRASILEIRO (2005-2012)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial ao título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Telma Nunes Gimenez

Londrina  
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

B729e Bordini, Marcella.

Estudos sobre inglês como língua franca no contexto brasileiro (2005-2012) / Marcella Bordini. – Londrina, 2013.  
227 f. : il.

Orientador: Telma Nunes Gimenez.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Língua inglesa e globalização – Teses. 2. Professores de inglês – Formação – Teses. 3. Inglês como língua franca – Brasil – Teses. 4. Língua inglesa – Estudo e ensino – Brasil – Teses. I. Gimenez, Telma Nunes. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 802.0:37.02

MARCELLA BORDINI

**ESTUDOS SOBRE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NO CONTEXTO  
BRASILEIRO (2005-2012)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial ao título de Mestre em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Telma Nunes Gimenez  
UEL – Londrina - PR

---

Profa. Dra. Vera Lúcia Lopes Cristóvão  
UEL – Londrina - PR

---

Prof. Dr. Francisco Carlos Fogaça  
UFPR – Curitiba - PR

Londrina, 5 de agosto de 2013.

Primeiramente aos meus pais por todo o apoio e compreensão nos momentos mais difíceis e por acreditarem sempre em meu potencial.

Ao meu namorado César Augusto Pecoraro, pela paciência, amor, dedicação ao relacionamento e por me fazer uma pessoa mais feliz e mais realizada a cada dia! Eu te amo!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, acima de tudo, a Deus, pois sem esta força maior, nada seríamos neste plano espiritual.

À CAPES, pelo auxílio financeiro, o qual me foi atribuído para a produção deste trabalho ao longo do Mestrado.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Telma Nunes Gimenez, por todo o apoio que me foi necessário nos meus momentos de maiores angústias, incertezas sobre o futuro, momentos nos quais tive que me manter firme a fim de concluir este árduo trabalho de pesquisa, que me tirava horas de sono e que fazia com que me tornasse mais ansiosa do que já sou. Sou imensamente grata por todas as orientações e compartilhamento de conhecimento, ferramenta necessária para a realização desta dissertação. Muito obrigada, querida professora! Levarei comigo as melhores lembranças!

A todos os professores do programa de Mestrado, com os quais tive um contato maior, devido ao cumprimento de créditos disciplinares: Prof. Dr. Paulo Galembeck, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joyce de Almeida Baronas, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Reis, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaine Mateus. Aos professores doutores Vera Lúcia Lopes Cristóvão e Francisco Carlos Fogaça, pelos válidos apontamentos feitos a este trabalho no momento de sua qualificação.

Ao meu mais sincero e profundo amor, César Augusto Pecoraro, pessoa que mesmo distante na maior parte de nosso relacionamento, estava tão perto de meus conflitos interiores, de minhas angústias, bem como de meus momentos mais felizes, nos quais eu me sentia sempre mais confiante em meu potencial e em tudo o que sou. Muito obrigada meu amor, por tudo o que passamos juntos, e por todo o incentivo que me deu, durante todo o tempo, para que eu continuasse batalhando, estudando, pesquisando...Você é demais!!!

Aos meus pais, pelo subsídio que a mim me foi atribuído para que continuasse na luta, por mais que estivesse fatigada, em muitos momentos.

Aos meus irmãos Bruno e Lya, por simplesmente serem irmãos, às vezes distantes, às vezes muito próximos, mas que sempre estiveram dentro do coração. Obrigada pela nossa infância feliz, e sucesso em suas carreiras como

futuro arquiteto e futura médica veterinária!

Aos meus queridos amigos Elton Rocha, Thalita Ferreira Drago, Sheila Gomes da Silva, Évelyn Bonaçoli Porto, Deborah Amanda Carvalho, Ana Cláudia Cury Calia Luz e Leonardo Neves Corrêa. Obrigada pelos momentos de risada, pela companhia, pelo grande incentivo de todos vocês. É...e pensar que tudo começou em 2007. Como o tempo voa, não?! Um grande abraço a todos e um brinde ao nosso sucesso, hoje e sempre!!!

*English is no longer the sole property of native speakers. The language belongs to all those who learn and use it and for non-native speakers it is access to the wider world but also it is an added means of expressions of themselves, their identities, their societies, and their cultures (YANO, 2009, p. 382)<sup>1</sup>.*

*Podemos ousar dizer que, definitivamente, não há nenhuma categoria da população de um Estado que não se sinta atraída pelo inglês. Para alguns, o fenômeno se explica pelo fato de ser uma língua materna; para outros, pela perenidade da influência colonial e mais frequentemente ainda pelo peso político do mundo de língua inglesa e por seu sucesso insolente em todos os âmbitos da vida científica, econômica e industrial, que a torna atraente, qualquer que seja o peso das tradições com as quais ela se enfrente (LE BRETON, 2005, p. 17).*

---

<sup>1</sup> O inglês não é mais propriedade única dos falantes nativos. Esta língua pertence a todos que a aprendem e a usam, e para falantes não-nativos, representa acesso para um mundo mais amplo, além de ser um meio adicional de expressões de si mesmos, suas identidades, suas sociedades e suas culturas (YANO, 2009, p. 382, tradução nossa).

BORDINI, Marcella. **Estudos sobre inglês como língua franca no contexto brasileiro (2005-2012)**. 2013. 227 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## RESUMO

É ampla a gama de estudos que se voltam para compreender a temática do inglês como língua franca. Língua global (CRYSTAL, 1997; GRADDOL, 2006; JONES; BRADWELL, 2007), multinacional (LEFFA, 2002), internacional (MODIANO, 2009; SCHMITZ, 2004; MCKAY, 2003, 2006), “World English”, ou inglês mundial (RAJAGOPALAN, 2004, 2009a, 2009b, 2009c, 2010, 2011), enfim, língua de contato, ou língua franca, termo comumente utilizado (JENKINS, 2003; SEIDLHOFER, 2001a, 2004, 2005, 2006, 2009, 2011; DEWEY, 2007), refletem algumas nomenclaturas utilizadas para definir a língua inglesa. Este trabalho tem como finalidade apresentar um mapeamento de estudos com foco no período de 2005 a 2012, de pesquisas publicadas em contexto brasileiro sobre o inglês como língua franca global. Para tanto, foram utilizadas algumas ferramentas de pesquisa, como o Banco de Dissertações e Teses da CAPES, o *Scholar Google* (google acadêmico) e alguns periódicos de estrato superior da Qualis (A1 e A2) pertencentes à área de Letras/Linguística Aplicada, com foco em Ensino-Aprendizagem de Línguas. As palavras-chave utilizadas para a busca foram: *inglês como língua franca*, *inglês como língua global*, *inglês como língua internacional* e *inglês como língua multinacional*. Foi possível recuperar um total de 67 trabalhos (7 Dissertações de Mestrado, 2 Teses de Doutorado, 45 artigos e 2 capítulos de livro encontrados nas fontes acima mencionadas). Além disso, foi analisado o livro *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores* (2011), contendo 11 capítulos. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura dos estudos detectados e uma metassíntese qualitativa dos mesmos (SARNIGHAUSEN, 2011). Estes procedimentos permitem concluir que o ano de 2011 se destacou na quantidade de publicações nacionais (24). A maioria dos trabalhos defende ser o conceito de língua franca um contexto de uso entre falantes de inglês, principalmente entre não-nativos. Além disso, a maior parte dos contextos das pesquisas empíricas se deu com alunos de Letras, portanto, destaque como pertinentes estudos que voltem seu foco no professor de Letras/LI, uma vez que este pode buscar, por meio de sua prática, maneiras de incluir uma visão mais crítica sobre a LI e seu uso em sala de aula. Os trabalhos mapeados abordam a figura do professor como central no processo de ensino-aprendizagem de inglês pela perspectiva de língua franca. Entretanto, na ausência de investigações baseadas em análise de corpus incluindo brasileiros, a formação de professores tem como suporte uma literatura de natureza ensaística, a qual se faz predominante em nosso contexto.

**Palavras-chave:** Mapeamento de estudos. Contexto brasileiro. Inglês como língua franca.

BORDINI, Marcella. **Brazilian studies about english as a lingua franca (2005-2012)**. 2013. 227 p. Dissertation (Master Degree in Language Studies) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2013.

## ABSTRACT

It's considerable the number of studies about "English as a Lingua Franca". Global language (CRYSTAL, 1997; GRADDOL, 2006; JONES; BRADWELL, 2007), multinational language (LEFFA, 2002), international language (MODIANO, 2009; SCHMITZ, 2004; MCKAY, 2003, 2006), World English (RAJAGOPALAN, 2004, 2009a, 2009b, 2009c, 2010, 2011), a contact language, or lingua franca (JENKINS, 2003; SEIDLHOFER, 2001a, 2004, 2005, 2006, 2009; 2011; DEWEY, 2007) reflect some of the many terms used to define the English language. This work aims at presenting an overview of studies focusing on the period of 2005-2012, of Brazilian published researches about English in the globalised world and its status as a global lingua franca. The following sources were scrutinized: CAPES database of Dissertations and Thesis, Scholar Google and highly qualified Brazilian journals of Letras/Applied Linguistics (Qualis A1 and A2) focused on Language Teaching-Learning. The key words used to search the texts were: *inglês como língua franca*, *inglês como língua global*, *inglês como língua internacional e inglês como língua multinacional*. A total of 67 studies (7 Master Dissertations, 2 Doctorate Thesis, 45 articles and 2 book chapters were retrieved in the already mentioned research sources). Besides that, the book entitled *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores* (2011), with 11 chapters, was also analysed. A systematic literature review and a qualitative metasynthesis were done (SARNIGHAUSEN, 2011) and through those procedures it's possible to assert some conclusions. The year 2011 was noteworthy regarding the national productions (24). The majority of the studies advocate the *lingua franca* concept to be a context of language use, mainly between non-native speakers of English. Beyond this, the greatest part of the empirical researches' contexts refer to Letras students, therefore I assume as relevant more studies which focus on the teacher, who works in Letras courses and also specifically with the English language, because he/she can try to find ways to include a more critical perspective about English itself and its use in the classroom. The studies also approach the image of the teacher as essential in the process of teaching and learning English within the "lingua franca perspective". However, in the absence of corpus-based investigations which include Brazilians, teacher education has to rely on opinion-based literature, which predominates in our context.

**Key words:** Literature review. Brazilian context. English as a lingua franca.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Temas dos trabalhos levantados .....	16
<b>Quadro 2</b> – Temas pesquisados no campo do ILF por Seidlhofer (2009).....	48
<b>Quadro 3</b> – Levantamento de estudos sobre ILF por Jenkins, Cogo e Dewey (2011).....	49
<b>Quadro 4</b> – Contraste entre ILE x ILF (inglês global).....	54
<b>Quadro 5</b> – Quantidade de trabalhos selecionados no Banco de Dissertações e Teses da CAPES .....	71
<b>Quadro 6</b> - Trabalhos selecionados no google acadêmico na temática do ILF .....	72
<b>Quadro 7</b> - Quantidade de trabalhos selecionados nos periódicos da área .....	73
<b>Quadro 8</b> - Perguntas de pesquisa e procedimentos de análise dos dados. ....	74
<b>Quadro 9</b> - Categorias temáticas dos trabalhos mapeados .....	79
<b>Quadro 10</b> - Apresentação das categorias temáticas dos trabalhos nacionais .....	82
<b>Quadro 11</b> - Quantificação dos trabalhos mapeados .....	84
<b>Quadro 12</b> - Conceito de ILF adotado pelos autores.....	86
<b>Quadro 13</b> - Termos detectados por meio dos trabalhos mapeados.....	95
<b>Quadro 14</b> - Contextos das pesquisas empíricas.....	101
<b>Quadro 15</b> - Natureza das pesquisas.....	108
<b>Quadro 16</b> - Autores e contextos das pesquisas (26).....	111
<b>Quadro 17</b> - Apresentação das categorias (contextos das pesquisas) .....	112
<b>Quadro 18</b> - Conclusões dos trabalhos mapeados .....	114
<b>Quadro 19</b> - Categorias conclusivas das pesquisas.....	125
<b>Quadro 20</b> - Apresentação das categorias conclusivas .....	126

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> -Configuração dos trabalhos nacionais.....	76
<b>Gráfico 2</b> -Vinculação das Teses/Dissertações às regiões nacionais .....	76
<b>Gráfico 3</b> -Evolução das produções nacionais .....	78
<b>Gráfico 4</b> -Categorização dos trabalhos (ensaístico/empírico).....	85
<b>Gráfico 5</b> -Natureza das Pesquisas.....	110
<b>Gráfico 6</b> -Informantes das pesquisas empíricas mapeadas (26) .....	110
<b>Gráfico 7</b> -Categorias conclusivas das Pesquisas .....	125

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 - A LÍNGUA INGLESA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO</b> ....	20
1.1 A EXPANSÃO DO INGLÊS NO MUNDO .....	20
1.2 A LÍNGUA INGLESA E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO .....	25
1.3 DENOMINAÇÕES DA LÍNGUA INGLESA .....	33
<b>CAPÍTULO 2 - INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA: ALGUMAS PERSPECTIVAS</b> .....	39
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA (ILF) .....	39
2.2 O ILF É UMA VARIEDADE DE INGLÊS? .....	43
2.3 CARACTERÍSTICAS DE INTERAÇÕES EM ILF .....	47
2.4 ENSINO-APRENDIZAGEM DE ILF .....	50
2.4.1 Qual Variedade Ensinar? .....	51
2.4.2 Inglês como Língua Franca ou como Língua Estrangeira? .....	53
2.4.3 Formação de Professores na Perspectiva de ILF .....	60
2.4.4 Questões Avaliativas para o Contexto de ILF .....	62
<b>CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	64
3.1 NATUREZA DA PESQUISA .....	64
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	68
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	69
<b>CAPÍTULO 4 - ESTUDOS PUBLICADOS NO BRASIL SOBRE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA</b> .....	75
4.1 PESQUISAS BRASILEIRAS CONCENTRADAS NO ÂMBITO DO ILF.....	75
4.2 TEMAS E CONCEITOS DE ILF PRESENTES NOS TRABALHOS .....	79
4.2.1 O Conceito de ILF Presente nos Trabalhos.....	85
4.2.1.1 Discussão sobre o conceito de ILF presente nos trabalhos .....	94
4.3 CONTEXTOS DAS PESQUISAS E SUA NATUREZA.....	100
4.3.1 Discussão sobre os Contextos das Pesquisas e sua Natureza .....	109
4.4 CONCLUSÕES DERIVADAS DESSES ESTUDOS.....	113

4.4.1	Discussão Sobre as Implicações Pedagógicas no que Concerne o ILF.....	124
	<b>CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	132
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	137
	<b>APÊNDICES</b> .....	148
	<b>APÊNDICE A</b> - Resumo das Dissertações e Teses detectadas por meio do Banco de Dissertações e Teses da CAPES .....	149
	<b>APÊNDICE B</b> - Resumo dos trabalhos detectados no Google Acadêmico e periódicos .....	170
	<b>APÊNDICE C</b> - Resumo dos capítulos do Livro "Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores" de Gimenez; Calvo; El Kadri (2011).....	206
	<b>ANEXOS</b> .....	217
	<b>ANEXO A</b> - Levantamento dos trabalhos produzidos em âmbito nacional – 2005 - 2012 .....	218

## INTRODUÇÃO

Tornou-se senso comum a ideia de que o mundo está se tornando uma aldeia global, na qual a língua inglesa exerce o papel de uma língua franca<sup>2</sup>. Este estatuto se deve principalmente ao processo de globalização, entendido como a intensificação dos fluxos transnacionais, especialmente no campo econômico e maior conectividade no plano internacional. Na atualidade, admite-se que a expansão da língua inglesa no mundo, iniciada com a colonização britânica, foi fortalecida pela posição dos Estados Unidos principalmente no pós-guerra, dando-lhe uma posição de destaque frente às demais línguas do globo (GIMENEZ, 2009; LE BRETON, 2005).

Esta língua de comunicação global se faz presente em diversos âmbitos sociais, como nas esferas acadêmica, nos negócios, nas relações internacionais, na cultura, dentre outros. Ela é vista como necessária para os que querem participar mais ativamente dos espaços e oportunidades criados pelos processos de globalização econômica e cultural (MOITA LOPES, 2008). Isto faz com que se torne um mecanismo de inclusão ou exclusão, uma vez que saber ou não usar inglês pode funcionar como portas que se abrem ou fecham, metáfora, aliás, utilizada pelo governo chileno para identificar seu ambicioso programa de ensino daquela língua – *O Inglês abre Puertas*<sup>3</sup>, que tem como meta tornar o país bilíngue até 2020.

Não é somente o Chile que está preocupado com o seu futuro econômico, no que se refere ao aprendizado de inglês: a Colômbia também não fica atrás, com o seu Programa *Colômbia Bilíngue*<sup>4</sup>, o qual pretende se esforçar para tornar seu país bilíngue até 2019.

Não é de se espantar que governos ao redor do mundo invistam no ensino-aprendizagem de língua inglesa, a fim de angariar as benesses econômicas decorrentes da globalização econômica. São iniciativas como essa dos governantes chilenos e colombianos que acabam reforçando o caráter global da língua inglesa. Se, por um lado, a globalização se beneficia da existência de uma língua de uso

---

<sup>2</sup> Seidlhofer (2011, p. 7, tradução nossa) define o ILF como “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas, para os quais o inglês é o meio comunicativo de escolha, e frequentemente a única opção.”

<sup>3</sup> Para maiores informações, acessar: <http://www.ingles.mineduc.cl/>.

<sup>4</sup> Para maiores informações, acessar: <http://www.mineducacion.gov.co/1621/article-97495.html>.

comum, essa língua se vê reforçada pelas decisões institucionais de torná-la amplamente disseminada (GRADDOL, 2006).

Deste modo, o inglês vem sendo estudado a partir de diversas perspectivas: como língua nativa (English as a Native Language), falada nos países do chamado Círculo Interno<sup>5</sup> (KACHRU, 1985), como uma língua policêntrica, desenvolvendo diversas variedades, como é o caso dos World Englishes (WE), e como uma língua franca global. Para alguns, trata-se de um novo fenômeno linguístico – World English, ou inglês mundial (RAJAGOPALAN, 2011). O inglês como língua franca (ILF) vem sendo objeto de estudos, especialmente no contexto europeu (FIRTH, 2009) e vem ganhando terreno na Linguística Aplicada, conforme demonstram os trabalhos apresentados no 5º. Congresso internacional de Inglês como Língua Franca – ELF5, realizado em 2012 em Istambul (Turquia). Reforça a área o lançamento da *Journal of English as a Lingua Franca*, considerada a primeira revista responsável por publicar a temática por diversas perspectivas, como a linguística, a sociolinguística, a psicologia social e ciência política, conforme consta do site <<http://www.degruyter.com/view/j/jelf>>.

A respeito desses desenvolvimentos, este campo é permeado por controvérsias. A primeira delas diz respeito a sua conceituação, que será detalhada no capítulo 2. Uma segunda controvérsia diz respeito à pertinência de descrever esse fenômeno sociolinguístico como uma nova variedade de inglês. Se, por um lado há os que defendem ser esta uma nova variedade ainda a ser descrita léxico-gramaticalmente e fonologicamente (JENKINS, 2006; SEIDLHOFER, 2001a;), por outro há os que defendem ser a denominação apenas uma maneira de se referir às situações de uso da língua que envolvem falantes não-nativos, hoje em maior número que falantes nativos (BERNS et al., 2011; PRODRUMOU, 2007, 2008).

A discussão do ILF, portanto, está pautada por diversas perspectivas. A expansão da língua inglesa no mundo é parte da contextualização

---

<sup>5</sup> Para Kachru (1985), os falantes de inglês estão divididos em três círculos concêntricos- o “Inner Circle”, ou Círculo Interno, no qual estão presentes os países falantes de inglês como língua materna, como é o caso dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, etc. O “Outer Circle”, ou Círculo Externo, o qual é representado por países que adotam o inglês como segunda língua, como é o caso da Índia, Cingapura, Filipinas, dentre outros. E por fim, o “Expanding Circle”, ou Círculo em Expansão, o qual compreende os países que adotam o inglês como língua estrangeira, como é o caso do Brasil, Rússia, China, Japão, dentre outros. Como o próprio nome já diz, o círculo em expansão está num crescente aumento, ou seja, cada vez mais e mais pessoas se apropriam da língua inglesa, a fim de atender a seus interesses.

de seu uso, que não pode ser compreendida senão no quadro da globalização enquanto fenômeno econômico, político e cultural.

As reflexões sobre ILF têm sido produzidas especialmente no contexto europeu ou norte-americano, enquanto que a América Latina ainda carece de estudos, mesmo apresentando alguns dados incipientes sobre o inglês utilizado localmente (FRIEDRICH; BERNS, 2003); apenas recentemente começou a fazer parte da agenda de pesquisa no Brasil. Observa-se uma carência de reflexões sob uma perspectiva de autores brasileiros, que reflitam o olhar de usuários e aprendizes em contexto do “Círculo em Expansão” (KACHRU, 1985) a respeito da língua franca global. Nesse sentido, a adoção dessa nomenclatura é parte da filiação ao campo de estudos que conta principalmente com autores estrangeiros. A este respeito, veja-se, por exemplo, a lista de referências de Schmitz (2012), que não traz um texto sequer em língua portuguesa.

Como se trata de um campo relativamente recente não só no Brasil, como internacionalmente, este trabalho busca estabelecer o que tem sido feito em nosso país, de modo a dialogar com levantamentos já realizados em outros contextos. Nesse sentido, é oportuno citar Jenkins, Cogo e Dewey (2011, p. 285, tradução nossa), quando afirmam que:

O interesse de pesquisa da América Latina no ILF tem permanecido indiferente, provavelmente por causa da presença de uma outra língua franca “global” na região, o espanhol (embora não seja a língua nacional do Brasil). Mesmo os poucos pesquisadores da região que se empenham sobre o ILF tendem a focar em questões mais amplas, ao invés de locais (e. g. Rajagopalan 2009). Talvez, assim como ocorreu na China na época das Olimpíadas de Pequim em 2008, o interesse pelo ILF aumente na América Latina, como resultado dos Jogos Olímpicos, que serão sediados no Rio de Janeiro em 2016<sup>6</sup>.

Dado que o assunto é relativamente novo, faz-se necessária uma revisão sistemática da literatura que englobe as pesquisas realizadas no contexto brasileiro, a fim de identificar os temas por elas tratados, os contextos de pesquisa e suas implicações pedagógicas. Isto permitirá que se tenha conhecimento sobre as

---

<sup>6</sup> Latin America’s research interest in ELF has so far remained lukewarm, probably because of the presence in the region of another ‘global’ lingua franca, Spanish (albeit not the national language of Brazil). Even the few scholars in the region who do engage with ELF tend to focus on the wider rather than local issues (e.g. Rajagopalan 2009). Perhaps, though, as happened in China’s case when the 2008 Olympic Games were held in Beijing, interest in ELF will grow in Latin America as a result of the 2016 Olympic Games in Rio de Janeiro (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011, p. 285).

pesquisas realizadas em nosso país, dando-lhe visibilidade e possibilitando interlocuções com estudos realizados em outros países.

Neste sentido, é importante notar a contribuição de Calvo e El Kadri (2011), com um mapeamento de estudos nacionais sobre o inglês como língua franca, no período de 2005 a 2010. Aquelas autoras identificaram um total de 25 trabalhos: 3 dissertações de mestrado, 2 teses de doutorado, 15 artigos, além de cinco trabalhos em Anais da área de Letras/Linguística/ Linguística Aplicada. De modo a complementar a este levantamento e atualizá-lo, esta dissertação expande esta lista para 56 trabalhos, além de 11 capítulos do livro nacional *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de professores* (2011), e os aborda de modo aprofundado, uma vez que foram lidos na íntegra.

Com relação aos temas tratados, as autoras identificaram os seguintes:

**Quadro 1-** Temas dos trabalhos levantados

Temas dos Trabalhos		Quantidade de Trabalhos
a)	Ensino de LI a partir do seu estatuto como LF	5
b)	Formação inicial de professores de LI, considerando o seu estatuto como língua franca	6
c)	Discussão da língua inglesa junto ao processo de globalização	2
d)	Abordagem do estatuto e o uso da língua inglesa como língua internacional	2
e)	Olhar de outros sujeitos (profissionais), sobre a expansão da LI	3
f)	Inteligibilidade do ILF	2
g)	Multilinguismo e World English	1
h)	Análise das variedades de ingleses faladas no mundo	1
i)	Posição do inglês como língua internacional e variedades de ingleses	1
j)	Sentidos do erro no discurso de professores de LI, frente à caracterização da língua como LF	1
k)	Inglês como língua global, movimentos de inclusão e exclusão decorrentes da necessidade desta língua, questões de hegemonia, ensino e cidadania	1

**Fonte:** Calvo e El Kadri (2011)

Além desses temas, as autoras identificaram os instrumentos e fonte de dados utilizados para as pesquisas, explicitaram o conceito de língua franca nos estudos e trouxeram os resultados e conclusões dos mesmos. Ao final do

mapeamento as autoras apontaram lacunas e avanços da área. Com relação às lacunas de pesquisa, afirmam ser imperativa maior disseminação do assunto em questão fora dos muros das universidades, com publicações em jornais, revistas, televisão, enfim, meios de acesso popular. Além disso, faltam oportunidades de discussão sobre o inglês como língua franca (ILF) no contexto de formação docente inicial. Outro campo carente de pesquisas é o de análise de material didático: para as autoras, um bom começo seria olhar para os materiais online existentes. Além disso, discussões mais ampliadas e exemplificações de como trabalhar/abordar aspectos culturais, principalmente relacionadas à questão da interculturalidade, são significativas para o estatuto de ILF.

De acordo com as autoras o ILF também precisa de um tratamento prático, e não apenas teórico, uma vez que seria importante refletir sobre quais procedimentos pedagógicos representariam reconhecimento desta perspectiva. E, para finalizar, as autoras afirmam ser necessário que essas discussões alcancem os formuladores de políticas públicas educacionais, a fim de que a língua inglesa receba um tratamento diferenciado no contexto das escolas regulares. (CALVO; EL KADRI, 2011).

Com relação aos avanços no campo de estudos brasileiros voltados à temática do ILF, as autoras afirmam que esta área vem se tornando relevante para pesquisas e vem ganhando cada vez mais espaço dentro da Linguística Aplicada (LA). Além disso, esse referencial tem sido gradativamente trazido para o contexto de ensino-aprendizagem da língua e da formação docente inicial. Outras esferas, além da educacional, também têm sido alvo de pesquisas, a fim de verificar se existe ou não um reconhecimento do estatuto do ILF. Outro avanço é a atenção que se tem dado à aprendizagem da língua, levando em consideração as necessidades locais dos aprendizes.

Publicações mais recentes no plano internacional são o livro de Seidlhofer (2011) e trabalhos publicados nos ANAIS do ELF5 - *The Fifth International Conference of English as a Lingua Franca* (5ª. Conferência Internacional sobre o Inglês como Língua Franca - ILF)<sup>7</sup>. Este evento teve como propósito possibilitar a discussão de princípios subjacentes aos estudos sobre ILF e

---

<sup>7</sup> As outras conferências sobre o ILF tiveram como sede Helsinki (2008), Southampton (2009), Viena (2010) e Hong Kong (2011), respectivamente. Para mais informações, acessar: <<http://www.ied.edu.hk/elf/>>.

suas contribuições para as práticas pedagógicas no contexto de ILF. Foram apresentados cerca de 220 artigos e 30 pôsteres nesta Conferência, realizados num total de 105 sessões. Os temas organizadores das sessões foram: a) ILF e Política Linguística; b) ILF e Ensino de Língua; c) Descrição do ILF e coleta de corpora baseados no ILF; d) A Sociolinguística do ILF; e) Línguas em contato e o ILF; f) ILF e multilinguismo. Outra contribuição na área de mapeamento de estudos sobre ILF é o trabalho de Gimenez, Calvo e El Kadri (2013), publicado na seção de Anais do evento já mencionado (ELF5). Esta pesquisa representa uma atualização do estudo realizado por Calvo e El Kadri (2011), levando em consideração trabalhos mais recentes disseminados em âmbito nacional.

Em relação ao contexto nacional, tenho como objetivo principal mapear os estudos sobre inglês como língua franca no período de 2005 a 2012, de modo a identificar os temas abordados, os contextos de pesquisa e implicações para o ensino.

Como objetivos específicos, temos:

- 1) Recuperar artigos em periódicos nacionais sobre ILF, publicados entre 2005 e 2012, bem como as dissertações e teses produzidas no período de 2005-2011<sup>8</sup>;
- 2) Analisar esses estudos de modo a estabelecer seus temas, seus contextos de pesquisa, e as relações entre as conclusões e implicações pedagógicas;
- 3) Indicar rumos para futuros estudos cujos objetivos incluam encaminhamentos pedagógicos para o ensino e/ou formação de professores de língua inglesa.

Para tanto, pretendo responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Quais dissertações, teses e artigos acadêmicos qualificados publicados no Brasil no período de 2005-2012 tratam do inglês como língua franca?

---

<sup>8</sup> No Portal da CAPES estavam disponíveis apenas os trabalhos até o ano de 2011.

- b) Quais os focos dos estudos e quais entendimentos de ILF são adotados?
- c) Qual a natureza dessas pesquisas e em que contextos foram realizadas?
- d) Quais implicações pedagógicas derivam desses estudos?

Este estudo se enquadra nas perspectivas contemporâneas da Linguística Aplicada, que trata de práticas sociais ligadas a usos da língua inglesa, conforme Moita Lopes (2011).

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos: no primeiro apresento um panorama geral sobre a expansão do inglês no mundo, discorro sobre as diversas denominações associadas à língua inglesa, além de discutir sobre a relação entre inglês e globalização.

No capítulo dois, trago algumas perspectivas sobre o ILF e as controvérsias decorrentes dessa conceituação. O terceiro capítulo aborda a metodologia adotada para esta pesquisa. Foram mapeados um total de 67 estudos com foco no inglês como língua franca e o levantamento dessas pesquisas se deu por meio de algumas fontes de busca. São elas: O Banco de Dissertações e Teses da CAPES (7), o google acadêmico (41) e alguns periódicos da área de Letras/Linguística/Linguística Aplicada de estrato superior da Qualis (A1 e A2), com foco no ensino-aprendizagem e formação de professores (8). Além disso, foi analisado o único livro encontrado no período de 2005-2012 e que se enquadra na temática do ILF: *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores* (2011). Esta produção conta com 11 capítulos e foi organizada por Gimenez, Calvo e El Kadri.

Para a realização do mapeamento dos estudos realizados em contexto brasileiro, baseio-me em estudos de revisão sistemática, metassíntese (SARNIGHAUSEN, 2011) e estudos que tratam de meta-análise (LOVATTO et al., 2007).

O último capítulo traz a análise de acordo com as perguntas de pesquisa apresentadas nesta seção, seguida das considerações finais deste trabalho.

## CAPÍTULO 1

### A LÍNGUA INGLESA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Neste capítulo tratarei primeiramente de aspectos da expansão da língua inglesa no mundo e sua conexão com o processo de globalização, procurando igualmente apresentar as diferentes denominações a ela atribuídas (global, internacional, multinacional, língua franca, dentre outras nomenclaturas). Estas denominações servirão para situar o conceito de “língua franca”, a ser explorado no capítulo seguinte.

#### 1.1 A EXPANSÃO DO INGLÊS NO MUNDO

Fundamentalmente, a história do inglês se pauta no impacto e nas implicações de um mundo cada vez mais conectado, além das cadeias de pessoas, informações e capitais, as quais se estendem para além das fronteiras e entre nações<sup>9</sup> (JONES; BRADWELL, 2007, p. 17, tradução nossa).

De acordo com o acadêmico britânico David Crystal (1997), a maior expansão da língua se deu no período que vai do final do século XVI, com o reinado da Rainha Elizabeth I, em 1598, até o início do reinado da rainha Elizabeth II, em 1952. Nesse período de quase quatro séculos, o número de falantes de inglês cresceu consideravelmente – de um total de aproximadamente 5 a 7 milhões de falantes, atingiu um patamar em torno de 1,5-2 bilhões (JENKINS, 2003). Isso representa um aumento de aproximadamente 65% e os números não param de crescer.

No século XX, outro fator fundamental que contribuiu para a difusão do inglês foi o desenvolvimento do setor de turismo. O ir e vir das pessoas representava cifras altíssimas, e mais uma vez a língua inglesa foi requerida para que esta atividade mundial fosse bem sucedida. Os Estados Unidos foram um país que serviu também de refúgio para numerosos pesquisadores e intelectuais judeus, foragidos da Segunda Guerra Mundial na Alemanha, os quais auxiliaram o território estadunidense no seu avanço tecnológico e intelectual. A mundialização do inglês

---

<sup>9</sup> Fundamentally the story of English is about the impact and implications of an increasingly connected world and the enmeshed of people, information and capital that stretch across borders and between nations (JONES; BRADWELL, 2007, p. 17).

não se deu apenas por isso: dois outros grandes fatores foram essenciais para a sua disseminação, como o cinema americano e a massificação das produções musicais, os quais são considerados como fenômenos culturais (JONES; BRADWELL, 2007).

Como língua materna, segunda língua ou língua estrangeira, a língua inglesa hoje se apresenta como um fenômeno linguístico sem precedentes (RAJAGOPALAN, 2009a). Este status, construído historicamente, pode ser caracterizado pela expansão em duas grandes diásporas (JENKINS, 2003). A primeira delas refere-se às ondas migratórias oriundas da Inglaterra, Escócia e Irlanda, que levaram falantes de inglês para destinos como América do Norte, Austrália e Nova Zelândia. O contato com as populações nativas e o tráfico negreiro de escravos oriundos do oeste africano se encarregaram de promover mudanças na língua. Os processos de colonização resultaram numa mistura de dialetos locais.

A segunda diáspora, segundo Jenkins (2003), compreende o processo de colonização dos continentes africano e asiático, resultando igualmente no aparecimento de variedades de inglês, segunda língua em países como África do Sul, Nigéria, Índia, Cingapura, Filipinas, etc. Na Nova Zelândia, a língua inglesa sofreu influências do Maori, em especial no léxico. Já a África do Sul foi primeiramente colonizada pelos holandeses em 1650, e os ingleses só levantaram a sua bandeira naquele território no ano de 1795, tornando o inglês a sua língua oficial em 1822. Ele foi aprendido como segunda língua pelos negros e pelos africanos e, posteriormente, em 1860, pelos imigrantes indianos.

No continente africano ocorreram dois tipos de colonização: o do oeste e do leste. O oeste africano caracterizou-se como um polo exportador de escravos levando à criação de pidgins, línguas crioulas, pois o inglês servia como língua franca entre os colonizadores e o povo nativo. Já o leste africano (Quênia, Uganda, Tanzânia) serviu como uma espécie de protetorado britânico no período do final do século XIX e início do século XX. Nesses países o inglês funcionava como peça-chave nas instâncias governamentais, educacionais e jurídicas.

Sébille-Lopez (2005) também faz referência à colonização africana, e afirma que esta teve como auge o fim do século XVIII, especialmente com o auxílio da elite local. Dessa forma, os exploradores e missionários britânicos adentraram o continente africano a fim de explorá-lo. A Grã-Bretanha tinha como finalidade dois objetivos: o comercial e o humanista. O primeiro requeria a promoção de novos pontos de venda, enquanto que o segundo tinha como objetivo principal abolir o

tráfico negreiro. Por mais que o autor defina a segunda estratégia como humanista, é certo que se trata de interesses comerciais, pois a abolição do tráfico negreiro e a libertação dos escravos representavam pontos importantes a serem considerados, no quesito obtenção de lucro por parte da metrópole. Estar “livre economicamente” tornava-se algo desejável para as atividades comerciais.

Com relação ao continente asiático, Jenkins (2003), afirma que a diáspora em meados do século XVIII compreendia a parte sul (Índia, Bangladesh, Paquistão, Sri Lanka, Nepal e Butão), embora haja registros dessa presença já no século XVII na Índia. Outros protetorados ingleses no continente asiático se referem à porção sudeste desta área: Cingapura, Malásia, Hong Kong e Filipinas, no final do século XVIII. Papua Nova-Guiné também foi um protetorado britânico, porém, por pouco tempo.

Para Jenkins (2003), embora os aspectos históricos colonizador-colonizado tenham sido similares nos continentes, seja por povoamento, seja por exploração, o surgimento dos diferentes ingleses nessas áreas possuem características peculiares em sua essência, uma vez que as línguas locais eram distintas entre si. Essas circunstâncias históricas levaram, como seria de se esperar, a uma grande diversidade linguística, que resulta em discussões contemporâneas sobre como compreendê-la, traduzidas em perspectivas como a do World Englishes, que serão tratadas na próxima seção.

A colonização britânica no continente americano, em especial nos Estados Unidos, foi em partes diferente daquela propagada no continente africano. (SÉBILLE-LOPEZ, 2005). Os ingleses refugiados das perseguições religiosas se adentram em território norte-americano no século XVII e fundam diversas colônias, tanto no Norte do país, como no Sul. No norte, as colônias eram mais desenvolvidas devido ao seu comércio, e ficaram conhecidas como “Nova Inglaterra”. Já no sul, a situação era outra: sua colonização era de exploração, com base em mão-de-obra escrava nos latifúndios e a produção tinha como finalidade a exportação para a metrópole e monocultura.

Essa expansão do inglês e sua inserção na vida política, educacional e cultural das (ex) colônias e, mais recentemente, com sua adoção como língua de comunicação em escala mundial lhe confere um estatuto diferenciado diante de outras línguas (GRADDOL, 2006). Segundo Crystal (1997), a existência de uma língua “global” se deve à necessidade de comunicação em escala

mundial e da economia linguística, estatuto esse reforçado pelo seu ensino como língua estrangeira (LE), mesmo quando não possui um caráter oficial. Na época da publicação de seu livro, afirmava que o inglês era ensinado em mais de 100 países (CRYSTAL, 1997). Certamente, este número deve ter aumentado nas décadas seguintes. Para aquele autor, a razão de a língua ser considerada uma língua global não se refere somente ao seu grande número de falantes, e sim, quem são esses falantes. Isso tem muito mais a ver com questões econômicas, militares, políticas, enfim, questões de poder.

Um dos motivos da adoção de uma única língua global é para a redução de custos, principalmente quando se trata de comunidades multilíngues, nas quais os serviços de tradução e interpretação se fazem muitas vezes limitados.

Pela perspectiva de língua franca, Crystal (1997, p. 10, tradução nossa) argumenta que:

A necessidade de uma língua global é particularmente apreciada pelas comunidades acadêmicas/de negócios internacionais, e é aqui que a adoção de uma única língua franca se faz verdadeiramente evidente, em salas de aula e diretoria, bem como em milhares de contatos individuais realizados diariamente ao redor do mundo inteiro<sup>10</sup>.

O mesmo autor ainda traz algumas preocupações com relação a possíveis perigos trazidos por uma língua global – o primeiro deles é o poder linguístico: para Crystal (1997), os falantes nativos de inglês podem ter algumas vantagens, simplesmente por já dominarem o idioma; porém, se este for ensinado desde os anos iniciais, há uma grande possibilidade de a atenção ser voltada ao bilinguismo, ou seja, a vantagem de falantes bilíngues sobre falantes monolíngues pode se fazer mais evidente, do que simplesmente o poder linguístico dos falantes nativos de inglês.

Segundo o autor, existem duas razões pelas quais o inglês se consagrou como uma língua global: A primeira é explicada pela exploração britânica na Ásia, África e América, conforme já sintetizado, enquanto que a segunda, explica-se pela dependência das pessoas na utilização do inglês para seu bem-estar. Esta

---

<sup>10</sup>The need for a global language is particularly appreciated by the international academic and business communities, and it is here that the adoption of a single lingua franca is most in evidence, both in lecture-rooms and board-rooms, as well as in thousands of individual contacts being made daily all over the globe (CRYSTAL, 1997, p. 10).

visão positiva da expansão do inglês no mundo é contraposta aos trabalhos de Phillipson (1992), Pennycook (1994) e Holborow (1999), autores que encaram sua presença no mundo de forma mais crítica e apontam seus benefícios, bem como seus perigos.

Sob as lentes de uma leitura pós-colonial, entende-se que a expansão do inglês no mundo se deu por uma rivalidade de poderes, nos mais diferentes territórios (LACOSTE, 2005). As colônias britânicas, até a metade do século XIX, eram consideradas “colônias privadas”, ou “colônias por decreto”, as quais eram cedidas pela Coroa para uma companhia privada, a fim de que esta detivesse o monopólio de todas as atividades comerciais destinadas à exportação, como foi o caso da Companhia das Índias. A colonização da África, por exemplo, foi essencialmente exploratória e o desenvolvimento do ensino foi realizado por meio de motivações religiosas, ou missões. O interesse da metrópole era difundir a sua língua para os nativos locais, no caso a língua inglesa, a fim de facilitar o processo exploratório da região.

A rivalidade de poderes tratada por Lacoste (2005) é retomada por Le Breton (2005), quando este afirma que havia uma disputa intensa entre a língua francesa e a língua inglesa. Língua das pessoas cultas, o francês se fez mais presente no século XVII, porém, perdeu seu espaço para o inglês nos séculos seguintes (XVIII e XIX), tornando-se primeiramente uma língua imperial e, posteriormente, língua mundial.

Na mesma vertente de uma leitura pós-colonial da expansão do Inglês, Rodrigues (2011) discute os impactos da anglofonia no Quênia, na Tanzânia e no Uganda. A autora faz críticas à inserção do inglês no continente africano, argumentando que todo o processo de colonização, serviu para aumentar ainda mais a desigualdade social, uma vez que o público realmente beneficiário desta língua é e continua sendo a elite das sociedades africanas. O inglês tornou-se uma língua de exclusão em boa parte dos países anglófonos, desde os anos escolares iniciais. Além disso, é uma língua supervalorizada frente às línguas locais, fator que contribui fortemente para o alto índice de analfabetismo das populações. Outrossim, a língua inglesa é exigida para a entrada nas universidades, o que dificulta ainda mais o acesso a boas oportunidades de emprego, ficando estas para a elite social. O inglês e o francês estão intensamente presentes nas instituições governamentais, jurídicas e educacionais e, caracterizam-se por serem objeto de desejo da maioria

da população da região, fator que desvaloriza as línguas locais, podendo contribuir inclusive para o seu desaparecimento.

Tendo apresentado, de modo bastante sucinto, alguns aspectos da expansão do inglês no mundo, na seção a seguir trato da chamada globalização que, nas suas dimensões cultural, econômica e política, reforça o uso do inglês como língua de comunicação mundial.

## 1.2 A LÍNGUA INGLESA E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Com a compressão do tempo e espaço trazida pelos processos de mundialização econômica, também conhecida como globalização, nos vemos diante da possibilidade de adotarmos uma única língua para a comunicação entre os povos (GIMENEZ, 2009, p. 2).

Esta seção destina-se a discutir a relação existente entre o processo de globalização e a língua inglesa. Este processo não é recente, como vimos na seção anterior, na qual se vislumbra que a expansão do Império Britânico não pôde prescindir da disseminação da língua.

A globalização é um fenômeno bastante mencionado e que apresenta diferentes conceituações. Para os autores citados em Kumaravadivelu (2006), por exemplo, a globalização representa processos sociais de criação, multiplicação e intensificação das interdependências sociais e suas trocas, o que força as pessoas a aprofundarem os elos entre o local e o distante.

Outra definição para o processo de globalização está presente na obra de Leffa (2002, p. 29-30, tradução nossa):

A globalização pode ser definida como um processo no qual o capital, produtos, serviços e trabalho movem-se livremente ao redor do globo. Essencialmente, envolve aspectos ideológicos, econômicos e sua complexidade repousa na interação entre esses três elementos básicos<sup>11</sup>.

Para Leffa (2002), do ponto de vista ideológico, a globalização cria mercados livres, os quais estimulam a criatividade e geram prosperidade. Outra

---

<sup>11</sup> Globalization can be defined as a process by which capital, goods, services and labor are freely moved around the globe. Essentially, it involves ideological, economical and technological aspects and its complexity lies in the interaction between these three basic elements (LEFFA, 2002, p. 29-30).

interpretação seria o aumento do poderio dos países centrais, como os Estados Unidos e o grupo de países que constituem a União Europeia. Do ponto de vista econômico, este processo seria a desterritorialização das companhias mundiais, tornando-se transnacionais. A questão tecnológica é vista como essencial, senão a mais importante juntamente ao processo de globalização, uma vez que permitiu à comunicação tornar-se economicamente viável por todo o planeta.

Essa visão, aparentemente positiva da globalização encontra em Holborow (1999, p. 57, minha tradução) uma contestação:

Ao analisar minuciosamente o domínio do inglês no período que assistiu ao desenvolvimento de alguns aspectos – como a tecnologia de informação e mídia relacionada – ignora o fato de que o seu domínio é precedente desses desenvolvimentos e tem suas raízes, não numa inovação tecnológica, mas no poder do capital<sup>12</sup>.

Para ela, tomando como base o poder do capital, é possível afirmar que a expansão do inglês foi e tem sido tão desigual quanto a expansão da economia global. Logo, pensar que devido à disseminação da língua inglesa em todas as partes do globo o mundo se tornou unívoco, é pensar inocentemente e de maneira acrítica.

Pennycook (2007) afirma que o processo de globalização é antigo, porém muito mais intensificado atualmente. Tudo o que experimentamos hoje é novo. É necessário reconciliar duas visões, aparentemente distintas da globalização: a primeira delas é a continuidade histórica; a segunda é a quebra com o processo histórico, a ruptura com o passado. Enquanto que o capitalismo e o comércio foram significativos para a expansão imperial, o inglês também o foi, uma vez que a língua é intrínseca às artes, à ciência, ao comércio, civilização e liberdade religiosa. Os interesses do autor com relação à globalização não é apontá-la como força destruidora do mundo, mas sim como algo que possibilita a abertura dos fluxos globais de línguas e culturas; faz-se necessário repensar o que é língua, mais especificamente, a língua inglesa.

Kumaravadivelu (2006) apoia-se em Robertson (2003) para dividir o processo de globalização em três ondas (fases ou momentos):

---

<sup>12</sup>Telescoping the dominance of English into the period which saw the development of certain aspects of it – namely information technology and related media – ignores the fact that its dominance well precedes these developments and has its roots, not in one recent technological innovation, but in the power of capital (HOLBOROW, 1999, p. 57).

- a) A corrida/rivalidade marítima entre Espanha e Portugal, liderada por Colombo e Vasco da Gama, respectivamente, os quais estavam em busca de explorar novos territórios e por fim, conseguiram alcançar a América e as Índias, onde foi estabelecido um comércio para a troca de mercadorias. Isso ocorreu no final do século XV, um pouco antes do descobrimento do Brasil;
- b) A segunda onda refere-se ao início do século XIX, na Inglaterra, com a Revolução Industrial que implantou o desejo de outros países e territórios a aderirem ao tipo de produção “mecanizada”, o qual promovia a produtividade, diminuía os custos e aumentava o lucro;
- c) A terceira onda representa a rivalidade de poderes entre os Estados Unidos capitalista e a União Soviética, cuja política econômica era socialista. Logo após 1945 (final da Segunda Guerra Mundial), os Estados Unidos se consagraram como os vitoriosos perante seu maior rival, e assim impôs ao mundo a sua política econômica capitalista, a qual prevalece até os dias atuais. A criação do FMI (Fundo Monetário Internacional), Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (WTO) corroboraram a submissão econômica de outros países ao sistema capitalista adotado pelos Estados Unidos.

Para Kumaravadivelu (2006), o triunfo do mercado econômico sobre a ideologia política marca um dos aspectos distintivos da atual fase da globalização, caracterizada pela intensa conexão deste com o Império. Esta fase está em constante mudança e pode ser explicada em três aspectos: a) Encolhimento do espaço: tudo o que ocorre com as pessoas (trabalho, ganho financeiro e saúde), é afetado por outros eventos do outro lado do globo, ainda que possam até ser desconhecidos; b) Encolhimento do tempo: o mercado e as novas tecnologias se alteram numa velocidade até então nunca vista ou vivenciada pela humanidade; c) Desaparecimento de fronteiras: consideram-se inexistentes as fronteiras entre os

países, não somente no que concernem às trocas comerciais, mas sim às trocas culturais, e valores em geral.

Para Kumaravadivelu (2006), o aspecto mais distintivo da atual fase da globalização, na qual todos nós nos encontramos, é o que chamamos de internet, ou rede mundial de computadores, capaz de conectar todos os indivíduos do globo. As corporações transnacionais como a IBM, a Siemens, dentre outras, responsabilizam-se por controlar o investimento mundial de capital e possuem um poderio econômico muito grande.

No que se refere à globalização cultural, Kumaravadivelu (2006) busca teóricos políticos, como Barber (1996) e o sociólogo alemão Ritzer (1993), para explicar seu impacto sobre as culturas locais, na tentativa de torná-las uma única. Para eles, existe uma equação que dá conta do recado: globalização = ocidentalização = americanização = mcdonaldização (*Globalization = Westernization = Americanization = McDonaldization*). Isto representa claramente que a globalização é algo de interesse ocidental, mais precisamente um interesse americano em tornar as culturas homogêneas, principalmente do ponto de vista do consumismo. Atualmente, é grande a onda de consumismo, especialmente entre jovens, por produtos, comida e estilo de vida norte-americanos; dentre esses produtos encontra-se, naturalmente, o Inglês.

Embora se possa pensar que se trata de um fenômeno unidirecional (do Império para o resto mundo), também assistimos a uma descentralização daquele processo, como se fosse uma colonização reversa, uma vez que países do Oriente também possuem influência sobre a economia e cultura ocidentais.

Outra perspectiva sobre a globalização, representada pelo crítico cultural Appadurai (1996 apud KUMARAVADIVELU, 2006) e o sociólogo Robertson (2003), postulam que a homogeneidade e a heterogeneidade estão presentes em todas as culturas ao mesmo tempo. Robertson (2003 apud KUMARAVADIVELU, 2006) ainda cunhou um termo para explicar tal fenômeno: “glocalização”, que representa que o global está localizado e que o local está globalizado. Faz-se necessária aí uma acomodação que vá de encontro às necessidades e desejos da cultura receptora.

Semelhante maneira de categorizar as perspectivas é apresentada por Dewey (2007): a) Hiperglobalista: a globalização leva a uma homogeneização, uma vez que a economia do mercado global está se tornando transnacional, e isto

faz com que se estabeleça uma nova ordem social, política e econômica mundial; b) Cética: para aqueles que adotam esta visão, os governos nacionais retêm o poder de regular o comércio e a política e, a interdependência opera em níveis superficiais; c) Transformacionalista: define a atual época como um período de mudanças econômicas, sociais e políticas significativas, no qual a globalização se responsabiliza por transformações sociopolíticas fundamentais.

Dewey (2007) ainda afirma que a globalização não é unilateral, isto é, ultrapassa interesses ocidentais, especialmente os norte-americanos, e faz parte de um complexo sistema mundial, no qual potências emergentes se mostram cada vez mais presentes, fator que acarreta alterações socioculturais.

Deste modo, a globalização se apresenta como um fenômeno visto sob diferentes ângulos, podendo ser considerado inexorável, avassalador e destrutivo, ou como potencialidade para a emergência de novas formas de comunicação, em fluxos imprevisíveis. A língua inglesa, em conexão com esses processos, não poderia deixar de ser vista sob lentes semelhantes.

Pennycook (2007), por exemplo, defende ser preciso compreender de que forma o inglês está conectado com os fluxos globais de cultura e conhecimento, como essa língua se tornou intrínseca ao processo de globalização, enfim, ir mais além do que simplesmente dizer que é a língua dominante da homogeneização mundial. Para ele, a noção de variação presente no paradigma dos World Englishes (WE) é considerada mais adequada para a compreensão do que vem a ser *globalização*, uma vez que busca desafiar a noção de inglês monolítico: esses diferentes ingleses são valorizados como variedades locais, não como *deformações* da língua inglesa.

Schmitz (2004) pondera que não se pode esquecer das desigualdades sociais, por mais que a língua inglesa se faça presente nas sociedades e haja de certa forma uma mescla com as línguas locais. Além disso, existe uma valorização do inglês no campo ideológico, fator que corrobora a desvalorização das línguas locais em detrimento daquela. O inglês torna-se um dos responsáveis pela enorme desigualdade econômica em países africanos, por exemplo, além de contribuir para um grande índice de analfabetismo social, uma vez que a variedade de inglês de prestígio acaba por ser a mais valorizada.

Schmitz (2004) rejeita a aceitação do inglês como língua única de comunicação global, argumentando que globalização não significa o predomínio

exclusivo do inglês. Para o autor, faz-se imperativo valorizar também outras culturas e línguas, as quais também podem se mostrar produtivas e dinâmicas. O autor ainda afirma que a Torre de Babel não vai deixar de existir tão cedo no mundo, ou seja, outras inúmeras línguas vão coexistir com a língua inglesa por muito tempo.

Se, por um lado, contesta-se a noção de que o inglês seja a língua da globalização, Canagarajah (2005), por outro lado, denomina de *glottoscapes* a nova relação geopolítica estabelecida entre as línguas. A língua inglesa, segundo o autor, passa a se tornar um idioma desterritorializado, uma vez que o maior número de interações em inglês ocorre entre falantes não-nativos da língua, fator que faz com que a identidade deste idioma pertencente somente a comunidades de falantes nativos se dissolva.

Para ele, o inglês é uma língua heterogênea, constituída de um sistema plural, com diferentes padrões e normas, aderindo à ideia dos World Englishes (WE), embora defenda a necessidade de uma variedade internacional do inglês comum a todos que utilizam esta língua. Assim, o inglês pode ser homogêneo apenas enquanto uma língua comum para comunicação entre pessoas de diferentes partes do mundo, que a usam como não-nativos, e ao mesmo tempo heterogêneo, na sua diversidade de variedades.

Ao lado das considerações sobre os efeitos da globalização na vida local, a relação existente entre o inglês e sua própria geopolítica se alterou ao longo dos anos e nos dias atuais esta se torna menos geográfica, e passa a dominar o meio internacional, em escalas cada vez mais amplificadas, cada vez com um maior domínio global. É o que ressalta Biplan (2005, p. 133):

Com a globalização, o desenvolvimento do business cotidiano “em nível internacional” (como se diz hoje), as joint-ventures e as parcerias, o inglês transformou-se no esperanto dos negócios e se supõe que toda pessoa o fale ao menos se vire numa situação de urgência. Questão de eficiência e de custos, mas também relação de forças.

Pela mesma perspectiva, Yano (2009) afirma que a globalização intensificou a relação entre pessoas ao redor do mundo, e por isso houve a necessidade de uma língua em comum, que possibilitasse suas interações. Holborow rebate a ideia de que o inglês foi escolhido para as interações comunicativas e ressalta que:

O uso do inglês como uma língua mundial não é apenas um discurso; o inglês é também um produto histórico e social, o qual pode ser utilizado com diferentes significados pelos seus falantes, estes arraigados socialmente e historicamente (HOLBOROW, 1999, p. 84, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Dewey (2007) também aponta para uma interconexão entre o inglês e o acelerado processo de globalização, o que fez com que o número de falantes não-nativos desta língua ultrapassasse o número de falantes nativos, conferindo a ela o estatuto de *língua franca*. Para o autor, o inglês não pode ser comparado a nenhuma outra língua em nenhum outro momento histórico. Além disso, a língua inglesa sofreu uma extensa difusão geográfica, seus usuários apresentam enormes diferenças culturais e está presente em variados domínios da linguagem e serve para diferentes propósitos linguísticos.

Para Jones e Bradwell (2007), a globalização é uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que enfatiza a importância do inglês no mundo - traz também a sua desvalorização, uma vez que o mercado global também comporta outras economias que se encontram em destaque, como a chinesa, a indiana e a sul-americana. Dessa maneira, o inglês é igualmente vantajoso e desvantajoso para os nativos: é uma língua necessária, porém outras são muito bem-vindas, e permitem ao indivíduo participar e sobreviver diante do processo de globalização, posição também defendida por Schmitz (2004). Falar inglês se tornou uma ferramenta básica, dotada de um poder de inclusão e exclusão dos indivíduos no mercado de trabalho; falar outra língua que não o inglês tornou-se um diferencial para aqueles que pretendem assumir posições de destaque frente às economias globais. Llurda (2004) afirma que o ILI (inglês como língua internacional) deve se tornar uma variedade estabilizada, assim como as variedades padrões de prestígio que conhecemos – a americana e a britânica.

Acredito que o processo de globalização é parcialmente benéfico, uma vez que atua concomitantemente como força includente e excludente: inclui aqueles que possuem algum tipo de bem ou capital vendável ao mercado, e exclui as massas que não possuem acesso a esta língua, ou um capital que permita a sua participação econômica. Contudo, não há como negar que a globalização é um

---

<sup>13</sup>The use of English as a world language is not just a discourse; English is also a historical and social product which can be used with different meanings by its speakers, themselves socially and historically rooted (HOLBOROW, 1999, p. 84).

processo gerador de fluxos transnacionais de pessoas e produtos e está em constante evolução.

A expansão da língua inglesa, impulsionada, portanto, pela força da globalização econômica, levou a maior valorização dos falantes não-nativos, que passaram a ser quantitativamente mais significativos que os falantes nativos. Embora não se possa negar o poder do falante nativo (HOLLIDAY, 2009), tem havido crescente reconhecimento de seu papel como membro da comunidade de falantes de inglês. Graddol (1997, p. 3, tradução nossa) afirma que:

O centro da autoridade no que diz respeito à língua não será mais dos falantes nativos, uma vez que eles se tornam minoria no contexto global. Sua literatura e televisão já não oferecem o foco de uma cultura linguística inglesa global, seus professores já não fazem parte do modelo autoritário incontestável para os aprendizes<sup>14</sup>.

Sobre o uso do inglês na contemporaneidade, Crystal (2000) afirma que o inglês por ser utilizado por um grande número de pessoas ao redor do mundo, deixou de ser propriedade exclusiva dos países que o possuem como primeira língua. O autor ainda ressalta que:

Ninguém é dono do inglês agora – nem os britânicos, com os quais a língua teve seu início há 1500 anos atrás, nem os americanos, cuja comunidade linguística se caracteriza como a maior do mundo. Todos têm o poder de contribuir com o futuro do inglês, sejam estes falantes de inglês como língua materna, segunda língua ou língua estrangeira (CRYSTAL, 2000, p. 5, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Pelo mesmo prisma, Rajagopalan (2004, 2009a, 2009b, 2010, 2011), defende a ideia de que a globalização trouxe como consequência o deslocamento do falante nativo, ou seja, o inglês passou a ser considerado uma língua sem dono, não pertencente a um local pré-fixado. Como uma língua internacional, deixou de ser o monopólio de uma só nação, e passou a pertencer a todos aqueles que dela fazem algum uso. Essa situação tem levado a questionamentos sobre o futuro do

---

<sup>14</sup>The centre of authority regarding the language will shift from native speakers as they become minority stakeholders in the global resource. Their literature and television may no longer provide the focal point of a Global English language culture, their teachers no longer form the unchallenged authoritative models for learners (GRADDOL, 1997, p. 3).

<sup>15</sup>Nobody owns English now – not the British, with whom the language began 1500 years ago, nor the Americans, who now comprise its largest mother-tongue community. Everyone has a share in the future of English, first-, second-, and foreign-language speakers alike (CRYSTAL, 2000, p. 5).

inglês.

Um dos autores que têm procurado especular sobre o que acontecerá com a língua inglesa é David Graddol, que em 2006 publicou uma obra na qual apresentava aspectos que poderiam influir sobre esse futuro: questões demográficas, econômicas, sociais, tecnológicas (especialmente a Internet), que impactarão não somente a amplitude e abrangência de seu alcance, como poderá transformá-la radicalmente em outras variedades de inglês (ou outras línguas).

Pela mesma perspectiva, Crystal (2009), defende a ideia de que o desenvolvimento da internet influencia a língua inglesa, tanto em sua forma escrita, quanto em sua forma oral. O autor acredita que, com a evolução do sistema VoIP (Voice-over-Internet Protocol), seu número de usuários aumentará, o que trará como consequência o uso cada vez mais corrente do inglês como língua falada. Dessa forma, haverá o cultivo de novas formas da língua inglesa, desenvolvimento esse trazido também pelas novas identidades projetadas nas mídias digitais.

Tendo alcançado grande disseminação ao redor do mundo em função do processo de colonização britânica e, mais recentemente, por influência da globalização, a língua inglesa hoje vem sendo estudada sob diversos ângulos, com diferentes denominações para distinguir sua distribuição geográfica, seus usos e os aspectos políticos a ela relacionados. Na próxima seção tratarei dessas nomenclaturas e seus significados.

### 1.3 DENOMINAÇÕES DA LÍNGUA INGLESA

Pesquisadores interessados em compreender a expansão da língua inglesa no mundo têm procurado estabelecer parâmetros para estabelecer diferenciações importantes em sua distribuição e uso. Apresento, a seguir, algumas dessas denominações e o que está incluído/excluído quando esses termos são empregados, uma vez que as diferenças ora se vinculam à noção de que se trata de **variedades distintas** da mesma língua, ora se referem aos **usos** do inglês em múltiplas situações comunicativas. Conforme poderá ser visto adiante, há várias sobreposições de sentidos, o que contribui para a proliferação de nomenclaturas.

Rajagopalan (2012), por exemplo, lista 18 formas<sup>16</sup>, admitindo, contudo, a possibilidade de existência de muitas mais.

### **1) World Englishes (WEs- plural)**

Este paradigma é influenciado por Kachru (1985), autor que propôs que o inglês no mundo fosse entendido a partir de três círculos concêntricos<sup>17</sup>. Esses círculos se tornaram uma referência importante e são referência até hoje. Os WE podem ser entendidos tanto como variedades indigenizadas (nativizadas) do Inglês (MESTHRIE; BATT, 2008), ou como um termo “guarda-chuva” que engloba todas as variedades existentes e na qual entrariam, inclusive as variedades britânica e norte-americana (PAKIR, 2009). De modo geral, refere-se ao primeiro sentido, denotando variedades de caráter regional, com características sociais e identitárias próprias de onde é empregado como língua de comunicação. São exemplos de WEs o Inglês Indiano e o Inglês Queniano, por exemplo.

### **2) IE (International English ou English as an international language) – Inglês Internacional ou Inglês como língua Internacional**

“Inglês internacional” começou a ser utilizado a partir de 1930 (MCARTHUR, 2004) para designar seu uso ao redor do mundo, embora para alguns possa representar também a ideia de que se trata de uma variedade. A defesa de uma variedade para servir de padrão para o mundo todo encontra defensores tanto do lado britânico quanto do norte-americano. Para Seidlhofer (2004) essa variedade ainda não foi codificada e, portanto, IE refere-se a situações nas quais a língua é usada.

Como língua internacional, a) o inglês é utilizado em sentido global, para a comunicação internacional entre países e em sentido local, para a comunicação entre sociedades multilíngues; b) o inglês não está conectado culturalmente a países do Círculo Interno; c) no sentido local, o inglês está

---

<sup>16</sup> International English, English as an international language, English as a world language, English as a global language, English languages, English around the world, English as a World Language, English in Britain and overseas, Englishes, Post-imperial English, Global English, Global Englishes, Globalizing English, Lingua Franca English, English as a Lingua Franca, English as a World Language, World English, World Englishes.

<sup>17</sup> Os Círculos Interno, Externo e em Expansão já foram apresentados na Introdução desta dissertação.

incorporado na cultura do país, onde é utilizado; d) no sentido global, uma de suas funções primárias é capacitar os falantes a compartilharem com os outros suas idéias e culturas.

Para alguns autores, o IE se aproxima do conceito de língua franca, por referir-se especialmente às situações as quais envolvem falantes não-nativos em interação com nativos e não-nativos (LLURDA, 2004).

### **3) Global English (Inglês Global)**

Para McArthur (2004), esse termo começa a ser empregado no início de 1990 e seu uso está conectado à globalização socioeconômica. Reflete o reconhecimento de que se trata de uma língua utilizada em diversos domínios e esferas sociais, culturais, econômicas e políticas.

Diversos termos se assemelham a este sentido: Leffa (2002), por exemplo, prefere “multinational English”. Para ele, uma língua de status multinacional deve apresentar algumas peculiaridades, como a prevalência de um maior número de falantes não-nativos desta língua, além de incorporar novas culturas e ser tolerante à diversidade. De acordo com essas características, o inglês se faz um ótimo candidato a fim de preencher estas expectativas. O autor ressalta que:

Quando uma língua se torna multinacional, paga o preço por ter de incorporar diferentes léxicos, sotaques – e culturas. O inglês, por exemplo, transforma-se em ingleses, incluindo não somente as variedades americana e britânica, mas também variedades de outros países onde a língua é falada por falantes nativos de outras línguas (LEFFA, 2002, p. 31, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Deste modo, Leffa parece subscrever às noções dos WEs, admitindo a diversidade linguística gerada pelo seu uso em diferentes situações sociolinguísticas.

---

<sup>18</sup> When a language goes multinational it has to pay the price of incorporating different lexis, accents - and cultures. English, for example, becomes Englishes, including not only the American and British varieties, but also varieties from other countries where the language is spoken by native speakers of other languages (LEFFA, 2002, p. 31).

#### **4) World English (WE- singular)**

Para estabelecer um distanciamento da noção de WEs (plural) como variedades de Inglês nativizadas, Rajagopalan (2011) prefere “World English” (inglês mundial). Para ele trata-se de fenômeno linguístico que não distingue falantes nativos e não-nativos sem que os primeiros tenham direitos de propriedade da língua. Por isso, seria um fenômeno *sui generis*, a desafiar os tradicionais conceitos da Linguística.

Para McArthur (2004), a nomenclatura *inglês mundial* começou a ser utilizada a partir da década de 1920 e, para ele, o *World English* ou *inglês mundial* refere-se a todas as variedades existentes no globo, aproximando-se, portanto, de um dos sentidos de WEs, ou seja, aquele que considera o plural como termo “guarda-chuva”.

#### **5) Intra-RSE (Intra-regional Standard English ou Inglês Padrão Intra-regional) e RSE (Regional Standard English ou Inglês Padrão Regional)**

Para Yano (2009), o Intra-RSE representa o uso do Inglês para comunicação dentro de grandes regiões como a Europa e a Ásia, enquanto o RSE se refere ao uso em grandes regiões/blocos (Europa, Ásia, entre outros). Para ele, haverá uma divisão desta língua em 6 grandes blocos: inglês anglo-americano, inglês europeu, inglês asiático, inglês latinoamericano, inglês árabe e por fim, inglês africano.

#### **6) Euro-English (Inglês europeu)**

O Inglês usado na Comunidade Europeia é denominado “Euro English”, tendo uma função de língua franca, devido à intensificação das situações de comunicação entre os mais variados países da Europa (MESTHRIE; BHATT, 2008). Essa situação linguística fez surgir uma variedade, de acordo com pesquisadores como Seidlhofer (2001b, p. 14, tradução nossa):

Se o *Euro-English* for de fato uma variedade emergente como uma língua franca europeia, então deveria ser possível descrevê-la sistematicamente, e finalmente também disponibilizar uma codificação a qual permitiria ser traduzida em dicionários e gramáticas a serem ensinadas, com materiais apropriados de ensino.<sup>19</sup>

Dessa maneira, a autora enfatiza que com o surgimento e a aceitação desta variedade endonormativa do inglês as regras não teriam mais como base as normas do inglês americano ou britânico, e sim, as suas próprias, descritas a partir da interação das pessoas em contexto europeu. Para tanto, a autora sugere a constituição de um extenso corpus para que se tenham evidências de quais são as regularidades linguísticas encontradas na comunicação e de que maneiras seus falantes modificam a língua, a fim de acomodá-la em seu contexto de fala. A acomodação mútua e estratégias de comunicação representam aspectos a serem levados em consideração ao tomar o inglês como uma língua franca, nos seu mais variados contextos.

Em virtude dessa agenda de pesquisa, a pesquisadora Seidlhofer tem seu nome atrelado à extensa literatura sobre Inglês como Língua Franca, que será tratada no capítulo 2.

A profusão terminológica a respeito das situações comunicativas envolvendo falantes de diferentes línguas maternas pode ser compreendida à medida que diferentes autores se aliam a diferentes posicionamentos teóricos que podem ser divididos em dois grandes grupos: a) os que enfatizam a necessidade de se codificar e descrever linguisticamente a língua inglesa empregada nessas situações, e b) os que acreditam tratar-se apenas situações de usos da língua dos quais não derivariam novas variedades a serem descritas. Embora a língua inglesa possa ser estudada em inúmeros outros contextos, interessa-me aqueles nos quais ela serve como mediadora, na maioria das vezes, entre falantes não-nativos.

---

<sup>19</sup> If 'Euro-English' is indeed an emerging variety as a European lingua franca, then it should be possible to describe it systematically, and eventually also to provide a codification which would allow it to be captured in dictionaries and grammars and to be taught, with appropriate teaching materials to support this teaching (SEIDLHOFER, 2001b, p. 14).

## Considerações finais do capítulo

Neste capítulo abordei sinteticamente a expansão da língua inglesa no mundo e o modo como acadêmicos a vêm denominando para dar conta das inúmeras situações comunicativas provocadas pela sua característica de língua materna, segunda língua ou língua de comunicação internacional. Nesse sentido, apontei existirem duas tendências: uma que trata da existência de uma variedade internacional e outra que admite tratar-se apenas de diferentes usos da língua que requerem diferentes estratégias comunicativas. Tratei também das ligações entre globalização e língua inglesa, uma vez que ambos se reforçam mutuamente, produzindo necessidades e criando desejos por sua aprendizagem, ao redor do mundo.

Considerando que o Inglês se configura como uma prática de lingua(gem) globalizante e globalizada, é necessário compreender de que maneira os envolvidos com seu ensino a entendem e dela se apropriam. Para isso, no próximo capítulo tratarei do *inglês como língua franca*, conhecido como ILF, ou ELF (*English as a Lingua Franca*), uma vez que são os sentidos produzidos na literatura que adota essa terminologia que parecem mais se aproximar da noção de que falantes não-nativos são seus usuários legítimos e não apenas “eternos” aprendizes.

## CAPÍTULO 2

### INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA: ALGUMAS PERSPECTIVAS

Neste capítulo discuto a literatura que trata o Inglês como língua franca (ILF) sob diferentes lentes. Primeiramente, discorro sobre sua caracterização e abordo aspectos polêmicos nessa área. Em seguida, faço referência ao ensino-aprendizagem de Inglês sob a perspectiva do ILF, igualmente com base na literatura resenhada.

#### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DO INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA (ILF)

Não deve ser agradável para falantes nativos de inglês, os quais tomam para si o inglês como sua propriedade, não serem mais os provedores da norma, aos olhos dos falantes de inglês como língua franca. É assim que o inglês será uma língua internacional<sup>20</sup> (YANO, 2009, p. 223, tradução nossa).

“Língua franca” não é um conceito novo. Já tinha sido empregado para caracterizar uma variedade linguística utilizada no Mediterrâneo, e que servia como meio de comunicação entre os povos daquela região. Seria sinônimo de *língua de contato, língua auxiliar, língua do comércio e jargão comercial* (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011). Uma língua franca seria caracterizada por uma composição plurilíngue e híbrida.

Neste sentido, o ILF já teria essas características ao ser utilizado em situações de pluralidade linguística como uma língua comum (caso, por exemplo, da Índia). Entretanto, com a ampliação de seu uso ao redor do mundo com funções semelhantes, tornou-se uma espécie de língua franca global.

Inicialmente, Seidlhofer (2001a)<sup>21</sup> definiu-a como uma língua sem falantes nativos, o que não foi aceito sem contestação. Posteriormente, em 2005, admitiu que as interações em ILF não impedem a presença de falantes nativos da língua inglesa, embora seu interesse seja nas características da língua falada pelo

---

<sup>20</sup> It may not be pleasant for native speakers of English who feel English is their property, but the speakers of English as a lingua franca may not seek native speakers as a norm-provider any longer. That’s the way English will be as an international language (YANO, 2009, p. 223).

<sup>21</sup> Seidlhofer (2001a, p.146) define língua franca, como: “um sistema linguístico adicional que serve como um meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, ou uma língua com a qual membros de diferentes comunidades de fala podem se comunicar entre si, mas que não é língua materna de nenhum deles – uma língua que não possui falantes nativos.”

não-nativo. O ILF seria parte de um fenômeno mais geral do inglês como língua internacional (ILI) ou dos ingleses do mundo (World Englishes- WE), conforme discutido no capítulo anterior.

Seidlhofer (2009) defende que o ILF precisa ser incorporado ao paradigma do WE. A autora caracteriza o fenômeno do ILF como uma lacuna conceitual e afirma que a dificuldade de aceitação deste fenômeno reside no fato de que o ILF se refere a não-nativos. Neste ponto observam-se similaridades entre o ILF e o WE, em suas fases iniciais. Para ela, o ILF poderia ser caracterizado como uma variedade nativizada.

Segundo Seidlhofer (2009), um dos pontos em comum entre o ILF e o WE é que estes desafiaram muitos conceitos até então existentes, como por exemplo *o que é uma língua*. A autora ainda critica o termo *internacional* que serviu e ainda serve para fomentar o desejo da metrópole, ou seja, um interesse americano ou britânico de expandir os seus ingleses padrões mundo afora. Outra questão levantada pela autora é a de que pela perspectiva do ILF, o Círculo Externo acaba por ser mais valorizado que o Círculo em Expansão, uma vez que naquele a língua inglesa se apresenta como oficial e neste como estrangeira.

O ICE<sup>22</sup> (International Corpus of English – corpus internacional de inglês), por exemplo, é uma pesquisa que leva em consideração as interações ocorridas nos Círculos Interno e Externo, ficando o Círculo em Expansão excluído deste trabalho. O ILF precisa deixar de ser considerado como uma perspectiva deficiente, na qual as variações são percebidas como um desvios da norma padrão, além de serem consideradas como “erros” ou “fossilizações”.

Os processos que tornaram possível o reconhecimento das variedades nativizadas de Inglês, fortalecidas pelo paradigma dos WEs, podem servir de exemplo para os falantes não-nativos (RAJAGOPALAN, 2010). O autor afirma que: “[...] é dos países do Círculo Externo que os países pertencentes ao Círculo em Expansão atualmente podem ter uma ou duas lições a aprender”<sup>23</sup> (RAJAGOPALAN, 2010, p. 191, tradução nossa).

Em seu trabalho mais recente, Seidlhofer (2011, p. 7, minha tradução) define o ILF como “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes

---

<sup>22</sup> Para maiores informações acessar: <http://ice-corpora.net/ice/index.htm>.

<sup>23</sup> [...] it is from the outer-circle countries that the countries that belong to the expanding circle today may have a lesson or two to learn (RAJAGOPALAN, 2010, p. 191).

línguas maternas, para os quais o inglês é o meio comunicativo de escolha, e frequentemente a única opção”<sup>24</sup>.

Deste modo, a questão nativo x não-nativo toma fortes contornos em ILF. Para Sifakis (2007), o ILF representa principalmente o inglês utilizado na comunicação entre falantes não-nativos. Este tipo de interação tem sido tratado na literatura em duas categorias: a) primária: os estudos que buscam regularidades nas amostras de ILF; b) secundária: diz respeito às preocupações atitudinais, culturais, políticas, históricas, e pedagógicas desse uso. A categoria primária se refere a preocupações de cunho linguístico e comunicativo. A categoria secundária aborda preocupações mais gerais, como a) o papel hegemônico do falante nativo, b) uma única variedade de inglês em contraposição aos diversos ingleses do mundo, c) a legitimidade da variação linguística do inglês, d) as características imperialistas das políticas e pedagogias do ensino de inglês para falantes de outras línguas, e) as diferentes situações de ensino de inglês encontradas ao redor do mundo: inglês para fins específicos, inglês para crianças, abordagens metodológicas e as necessidades dos aprendizes, f) implicações para o letramento e testes.

No tipo de categoria primária se encontra Seidlhofer, com a proposta do VOICE<sup>25</sup> (Vienna-Oxford International Corpus of English), um corpus hospedado na Universidade de Viena (Áustria), que permitira buscar as regularidades do Inglês usado especialmente no contexto europeu, mas que poderia ser expandido para outros lugares<sup>26</sup>. Essa codificação contribuiria para o questionamento da hegemonia das normas dos falantes nativos nos mais variados contextos e enfatizaria a legitimidade da variedade utilizada por diferentes comunidades de fala.

Dewey e Jenkins (2010) enfatizam que o inglês como língua franca não é somente um uso legítimo da língua, mas é também um aspecto característico particular da língua no mundo globalizado. Além disso, os autores afirmam que é prematura a ideia de descrever as inovações do ILF como um tipo de variação linguística, uma vez que ainda são incipientes pesquisas que buscam caracterizar o ILF como uma variedade de inglês.

---

<sup>24</sup> ELF as any use of English among speakers of different first languages for whom English is the communicative medium of choice, and often the only option (SEIDLHOFER, 2011, p. 7).

<sup>25</sup> Para maiores informações, acessar: <http://www.univie.ac.at/voice/>.

<sup>26</sup> Este corpus tem como finalidade registrar as ocorrências frequentes das variações da língua, e conta com a participação de falantes adultos fluentes, de diversas áreas profissionais e que utilizam a língua inglesa como seu meio de comunicação, uma vez que estes possuem diferentes línguas maternas.

Ainda dentro da proposta de caracterização de ILF, Jenkins, Cogo e Dewey (2011) procuram contrastá-lo com seu ensino como língua estrangeira, por meio das seguintes comparações:

- a) O ILF faz parte do paradigma dos ingleses globais, independente em sua forma, é uma língua falada majoritariamente entre falantes não-nativos de inglês; Já o ILE faz referência ao falante nativo e as suas regras gramaticais e é utilizado na comunicação ente não-nativos e nativos;
- b) O ILF considera seus falantes como diferentes e não como usuários imperfeitos, como é o caso do ILE;
- c) O ILE é pautado em teorias de interferência e fossilização, enquanto que o ILF é pautado em teorias de contato linguístico e evolução. Além disso, para o ILE a alternância có dica é vista como uma lacuna do conhecimento linguístico por parte dos falantes não-nativos, enquanto que para o ILF, isto é visto como um recurso pragmático essencial para a comunicação.

Aqueles autores ainda enfatizam que existem diferenças entre o ILF e o chamado Globbish, uma versão arbitrariamente simplificada criada pelo pesquisador francês, Nerrière (2004) e que consiste num conjunto limitado de expressões e léxico que supostamente teria validade universal. O ILF não seria uma forma simplificada da língua, uma vez que dependendo do seu contexto de uso apresentaria variações em maior ou menor escala.

Também partilhando da visão de que ILF é uso e não variedade, Park e Wee (2011) argumentam que a língua é fluida, dependente de seus falantes para existir e, portanto, não pressupondo uma comunidade de fala específica (os falantes de inglês estão espalhados pelo mundo). Para eles, a língua é prática social, emergente da necessidade de comunicação.

Park e Wee (2011) ainda utilizam o conceito de tipo de atividade (activity type) de Levinson (1992 apud PARK; WEE, 2011) para explicar a dinamicidade do ILF como um contexto de uso da língua. De acordo com Levinson, tipos de atividade representam situações nas quais os falantes são objetivamente

definidos, socialmente constituídos em contextos limitados de participantes (por exemplo, uma aula, uma consulta médica, enfim, os diversos contextos sociais nos quais podemos estar inseridos em algum momento da vida). Assim, o ILF pode ser visto como um tipo de atividade particular, na qual participam interlocutores de diferentes bagagens linguístico-culturais.

Para eles, algumas vantagens podem ser apontadas ao considerar o ILF como um tipo de atividade: a) O ILF não fica atrelado a um grupo específico, uma vez que é um produto das interações entre falantes de diferentes línguas maternas; b) reintroduz a noção de classe social, ao invés de considerar a dicotomia falante nativo versus falante não-nativo; c) enriquece a compreensão sobre inteligibilidade ao se atentar para o uso de estratégias de acomodação e gerenciamento de mal entendidos potenciais.

Como se pode inferir do que foi apresentado até aqui, há um debate em curso sobre o ILF. A polêmica pode ser tratada em torno de duas grandes propostas: a) a de que o ILF seria uma variedade e que, portanto, poderia ser codificado; b) a de que o ILF representa o contexto de uso da língua e não uma variedade a ser codificada.

## 2.2 O ILF É UMA VARIEDADE DE INGLÊS?

Prodromou (2007, 2008) afirma que o ILF não é uma variedade distinta do inglês, e os argumentos que defendem esta variedade não passam de falácias. Com relação à primeira falácia, o autor reconhece as variedades como interligadas às normas padrão da língua inglesa. A segunda falácia refere-se à natureza da comunidade do ILF: este difere em sua essência das comunidades de fala onde o inglês se faz presente como segunda língua (L2) e é difícil ver como esses grupos podem convergir linguisticamente. Outra falácia detectada pelo autor refere-se à ideia de codificação do ILF: para ele é muito prematura a ideia de sistematizar um núcleo linguístico para este inglês utilizado em sua maioria entre falantes não-nativos. Outro ponto detectado pelo autor é a questão de que o ILF exclui os falantes nativos, considerando apenas as interações que ocorrem entre não-nativos.

Prodromou (2008) defende a ideia de que numa situação de comunicação, seja esta entre falantes não-nativos, ou falantes nativos versus não-

nativos, é necessária uma linguagem suficiente que facilite sua negociação, fator que requer um uso mais rico de recursos linguísticos, do que os explanados por alguns pesquisadores da área como Seidlhofer (2001a) e Jenkins (2000).

Prodromou (2008, p. 246, minha tradução) ainda afirma que:

Esta visão alternativa do inglês como língua internacional (ILI) no mundo não pende nem para o falante nativo, nem para o ILF como uma variedade específica; não é uma escolha entre modelos competitivos, mas como o usuário deseja empregar a língua no processo de (co)construção de múltiplas identidades no mundo moderno<sup>27</sup>.

Assim, para o autor, é nítido que o ILF não representa uma entidade fixa, e sim, uma resposta dinâmica às necessidades locais das pessoas envolvidas, não como um produto monológico e sim, dialógico, o qual modula a escolha e uso linguísticos. A diversidade existente entre os falantes de inglês no mundo é imensa, o que impossibilita a codificação do inglês como língua franca, uma vez que existem processos variados de interação. O ILF significa cruzar de uma comunidade e espaço linguísticos a outro, o qual se caracteriza como “o terceiro espaço”, citado por Jones e Bradwell (2007).

Numa tentativa de esclarecer algumas críticas ao seu trabalho, como por exemplo a questão sobre o ILF como uma variedade, e o desejo de codificação da língua inglesa, Seidlhofer (2006) faz alguns apontamentos como contra-respostas aos olhares opostos a sua pesquisa neste campo. O primeiro conceito mal compreendido refere-se ao fato do ILF ignorar a natureza polimórfica do inglês mundo afora. Para a autora, é exatamente o fato de o inglês possuir uma natureza polimórfica que fez com que ela e outros pesquisadores se adentrassem no campo do ILF, a fim de buscar algumas respostas empíricas. A autora afirma que, para perceber os aspectos inerentes às interações em ILF, faz-se necessário documentá-los, ou seja, descrevê-los.

Muitas pesquisas já foram produzidas levando em conta os falantes do Círculo Interno e Externo do inglês, porém o Círculo em Expansão foi de certa forma esquecido, ou excluído, pelo fato de utilizarem a língua inglesa como uma

---

<sup>27</sup>This alternative view of EIL sees English in the world as neither ‘native-speaker’- driven nor ELF-driven; it’s not a choice between competing models but a question of how the user wishes to deploy the language in the process of constructing and co-constructing multiple identities in the modern world. (PRODROMOU 2008, p. 246).

língua estrangeira (LE), inclusive em seu aprendizado. Seidlhofer (2006) ressalta que o Círculo em Expansão também é importante quando se trata de documentar e analisar interações. A natureza polimórfica não deixa de existir em nenhum dos Círculos, sejam estes Interno, Externo ou em Expansão.

De acordo com a autora, o segundo conceito mal compreendido é o de que o ILF nega a tolerância à diversidade e apropriação de seu uso em contextos sociolinguísticos específicos. Seidlhofer (2006) afirma que seu trabalho é justamente captar tudo que for relativo à questão da diversidade, e investigar como o ILF é utilizado apropriadamente, sem necessidade de seguir as regras dos falantes nativos, e sim deixar que sua bagagem cultural e identitária fale por si só em todos os contextos sociolinguísticos. Com relação a qual tipo de falante é interessante para análise, a autora afirma que todos são, uma vez que as interações em ILF são autorreguláveis.

Seidlhofer (2006) afirma que o terceiro conceito mal interpretado é o de que a descrição do ILF objetiva à aplicação precisa de um conjunto de regras prescritas. A autora ressalta que o objetivo não é prescrever uma norma linguístico-gramatical para as interações em ILF, e sim, oferecer uma possibilidade alternativa. Além disso, a autora ainda afirma que nunca ditou o que deveria ser ensinado e o que não seria, uma vez que isso faz parte de um complexo pedagógico, e a decisão sobre o ensino deverá ser tomada pelos professores em seus respectivos contextos.

Para a autora, o quarto conceito mal compreendido é o de que os pesquisadores de ILF estão sugerindo que deveria existir uma variedade monolítica. Seidlhofer (2006) afirma que ainda é um assunto em aberto se o inglês como língua franca é ou não uma variedade. Além disso, tanto a autora quanto Jenkins não são adeptas à ideia de variedade monolítica, uma vez que defendem o ILF e os “ingleses do mundo” - WE. Assim, muito mais interessante e útil seria tentar encontrar processos subjacentes comuns de como os falantes fazem uso do ILF.

E por fim, o quinto e último conceito mal interpretado, segundo a autora, é o de que os pesquisadores de ILF sugerem que este deveria ser ensinado a todos os falantes não-nativos de inglês como segunda língua. Seidlhofer (2006) ressalta que é cabível somente aos aprendizes e usuários de inglês decidirem qual tipo de inglês estes necessitam e almejam e para isso é preciso se conscientizar dos papéis globais da língua inglesa na atualidade. Os falantes de inglês precisam fazer um esforço a fim de se comunicarem globalmente.

Para Holliday (2009), o movimento que defende a ideia de inglês como língua franca (ILF), embora tenha como finalidade buscar uma solução cosmopolita para a hegemonia do falante nativo, pode não se conectar com outros tipos de realidades cosmopolitas que sustentam as experiências dos educadores denominados “não-nativos”. Para o autor, este movimento é mais um instrumento para manter o domínio dos países do Círculo Interno, ou centrais. O autor descreve o ILF como uma conveniência criada pelos países do Centro<sup>28</sup>: o movimento de codificar uma língua, a fim de reduzir as dificuldades linguísticas, em especial a dos falantes não-nativos, pode não ser desejado por eles mesmos, por já sofrerem um certo preconceito linguístico e cultural. Talvez os próprios falantes não-nativos também queiram se equiparar em nível de proficiência, aos falantes nativos, a fim de mostrar a sua própria capacidade linguística.

Com relação às denominações de “centro” e “periferia”, Singh e Han (2008) defendem a mesma perspectiva de Holliday (2009) ao afirmarem que o movimento do ILF, paradoxalmente, reforça a noção de variedade padrão ao se opor a ela. Além disso, não se pode negar que em muitas situações seus falantes nativos possuem vantagens sobre aqueles que aprendem o inglês como segunda ou terceira língua; em escala global, o domínio do inglês fortalece o anglocentrismo.

Visão semelhante tem Ferguson (2009) ao afirmar que a codificação não é a mais apropriada para a legitimação do falante não-nativo como usuário competente do inglês. Para o autor, codificar o ILF significa criar outro mecanismo de exclusão, assim como faz o inglês padrão. Logo, a forma de resistência mais eficaz à ideologia da língua padrão não significa necessariamente a construção de um padrão alternativo.

Uma das pesquisadoras que defendem ser ILF uma questão de uso e não uma variedade específica é Margie Berns. Ela afirma o ILF não representa uma variedade em si mas sim contextos de uso da língua, definidos por fatores extra-linguísticos. Ela ressalta que é necessário considerar alguns aspectos das interações em ILF, se este for tomado como um contexto de uso: a) quem está interagindo?; b) por que estão interagindo?; c) qual o assunto em pauta?; d) qual o gênero desta amostra comunicativa? Para essa autora, são os aspectos

---

<sup>28</sup> O autor utiliza o termo embora não se sinta confortável com palavras como “centro” e “periferia”, uma vez que estas representam desigualdades de riqueza e poder, além de serem termos generalizadores.

pragmáticos que deveriam constituir o cerne das pesquisas no campo do ILF (BERNS, et al. 2009, 2011). Na próxima seção tratarei deste aspecto.

### 2.3 CARACTERÍSTICAS DE INTERAÇÕES EM ILF

Seidlhofer (2001a) afirma que, para uma pesquisa empírica de situações de fala em inglês, faz-se necessário considerar alguns aspectos, como por exemplo: a) nível linguístico; b) a bagagem linguístico-cultural dos interlocutores ou; c) domínio. Com relação ao nível linguístico, os campos pesquisados referem-se ao fonológico e pragmático, enquanto que o léxico-gramatical está em vias de produção. Na questão fonológica, Seidlhofer (2004) cita Jenkins (2000) para explicar o LFC - *Lingua Franca Core* – o qual representa uma espécie de núcleo linguístico responsável por focar nas regularidades da língua falada por não-nativos, ou seja, quais aspectos interferem ou não na inteligibilidade da comunicação. Para Jenkins (2009), nas interações em ILF, faz-se necessário o ajuste da variedade local, a fim de se tornar inteligível no momento da comunicação com os outros interlocutores. No entanto, não há ainda evidência suficiente para se saber qual a extensão do que constitui o núcleo do ILF.

Seidlhofer (2004) faz alguns apontamentos sobre recorrências linguísticas nas interações em inglês como língua franca (ILF), como por exemplo a ausência do *-s* na terceira pessoa do presente singular, a confusão entre os pronomes relativos (*who/which*), omissão dos artigos definido/indefinido quando eles existem, e sua inserção quando estes não ocorrem nas normas do inglês nativo, uso das *tag questions* de forma inadequada pelas lentes do falante nativo, inserção de preposições redundantes, uso excessivo de verbos de alta generalização semântica, substituição de construções infinitivas por “*I want that*”, excesso de explicitação como em “*black color*”, ao invés de simplesmente utilizar *black*.

Alguns pontos são importantes quando se trata de inglês como língua franca: não existe uma preocupação em se adequar às normas do falante nativo. Além disso, as interações em ILF parecem ser cooperativas e ricas em mútuo suporte; estas se configuram como situações nas quais os participantes podem expressar a sua identidade e a sua bagagem cultural. Firth (2009) afirma que a maioria dos trabalhos embasados no ILF, com foco em características discursivas e pragmáticas, mostraram haver um alto grau de interação, cooperação,

comportamento na busca por um consenso e filiação, e as situações de mal entendidos se apresentam como raras nos contextos nos quais o inglês funciona como uma língua franca.

Ao elencar alguns trabalhos já realizados, Seidlhofer (2009) identificou focos de investigação conforme o Quadro 2 abaixo:

**Quadro 2** – Temas pesquisados no campo do ILF por Seidlhofer (2009)

<b>Categorias Temáticas</b>	<b>Autor(es)</b>
a)Acomodação comunicativa	Giles; Coupland (1991), Cogo (2007, 2009) e Seidlhofer (2009)
b)Fonologia	Jenkins (2000)
c)Aspectos léxico-gramaticais, interdependência de formas e funções da língua	Breiteneder (2005), Hülmbauer (2007, 2009), Dewey (2007a), Ranta (2006) Seidlhofer (2009b)
d)Resolução de instâncias de má-interpretação	Pitzl (2005)
e)Estabelecimento de harmonia na comunicação	Kordon (2006)
f)Emprego de estratégias comunicativas, como “repetição”	Lichtkoppler (2007)
g)Emprego de estratégias comunicativas, como “silêncios”	Böhringer (2007)
h) Comportamento comunicativo global e solidário	Hüttner (2009); Kaur (2008); Kirkpatrick, 2008); Pullin-Stark (2009)
i)Expressão da identidade, alternância códica, criação de suas próprias expressões idiomáticas e sua intercultura	Klimpfinger (2007, 2009); (Pitzl (2009); Seidlhofer; Widdowson (2007); Pölzl; Seidlhofer (2006); Thompson (2008)

**Fonte:** Seidlhofer (2009)

É perceptível que a maioria dos temas abordados nos trabalhos possuem seu foco em instâncias discursivas, com a finalidade de solucionar os problemas de interpretação (vide itens d, e, f, g, h). Este campo de estudo se faz essencial para as pesquisas em ILF, uma vez que o objetivo das situações comunicativas em língua inglesa é a compreensão mútua, ou seja, o sucesso dos interlocutores envolvidos nas interações de fala.

Jenkins, Cogo e Dewey (2011) também fizeram uma revisão bibliográfica, citando como aspectos pesquisados o léxico, a léxicogramática, pronúncia e pragmática, especialmente em contextos de interação oral, embora existam algumas pesquisas com foco na escrita. O quadro 3 a seguir traz um apanhado dos trabalhos resenhados pelos autores:

**Quadro 3 – Levantamento de estudos sobre ILF por Jenkins, Cogo e Dewey (2011)**

<b>ÁREA</b>	<b>Foco de estudo</b>	<b>Autores</b>
Pragmática	Negociação e a resolução da não-compreensão.	Firth (1996); House (1999); Meierkord (2002),
Pragmática	Compreender o sentido das conversas em ILF, em termos de co-construção, orientação com base no ouvinte, além das questões não-normativas.	Cogo; Dewey (2006).
Interação entre não-nativos	Inteligibilidade baseada na pronúncia; Acomodação fonológica	Jenkins (2000, 2002)
Pragmática	Repetição, como estratégia comum de vários estudos e contextos.	Lichtkoppler, 2007; Watterson, 2008; Cogo, 2009
Léxicogramática	Apresentar resultados empíricos das características do discurso do falante não-nativo de inglês (ausência do –s 3ª pessoa singular, confusão entre pronomes relativos – <i>who</i> e <i>which</i> -, etc.	Seidlhofer (2004)
Pragmática	A tomada de turnos pelos falantes, os marcadores discursivos e metadiscurso	Kaur (2011); Wolfartsberger (2011); House (2009a); Baumgarten; House (2010); Mauranen (2010); Penz (2011).
Atitudes e percepções	Atitudes e percepções de profissionais do mercado de trabalho, sobre o ILF.	Kankaanranta; Planken's (2010); Ehrenreich (2010); Charles (2007); Chew (2005); Erling; Walton (2007); Ehrenreich (2009, 2010, 2011); Charles; Marschan-Piekkari (2002); Sweeney; Zhu's (2010)
Pragmática	Contexto Acadêmico – ELFA (Finlândia)-compreender a fala acadêmica atual na LI, e verificar como esta língua funciona como LF, não fazendo comparações a falantes nativos	Mauranen (2003)
Atitudes e percepções	Discussão de questões complexas sobre atitude e identidade em relação ao ILF e aos professores de línguas	Jenkins (2007)

**Fonte:** Jenkins, Cogo e Dewey (2011).

Ao concluir sua resenha, aqueles autores indicam a necessidade de mais pesquisas, especialmente nas áreas de escrita e avaliação.

O campo da pesquisa no nível fonológico se apresenta ainda escasso, com contribuições – até então de referência – apenas de Jenkins (vide item b no quadro 2). Ao meu ver, se os contextos europeu e leste asiático estão se desenvolvendo exponencialmente no campo do ILF, em suas mais variadas abordagens, por que não aprofundar ainda mais na seção fonológica e motivar pesquisadores a se adentrarem no contexto latino-americano, africano e asiático (no seu todo), setores esses que carecem de pesquisas em todos os níveis? Se no campo dos estudos já houve avanços em relação a descrições das interações em ILF, no campo do ensino-aprendizagem de Inglês a discussão em nosso país está em fase inicial, conforme já apontei. Na seção seguinte tratarei de algumas questões que têm permeado esse campo.

## 2.4 ENSINO-APRENDIZAGEM DE ILF

### 2.4.1 Qual Variedade Ensinar?

No quadro de referência ao ILF é consenso que as variedades tradicionalmente ensinadas (britânica ou norte-americana) precisam ser questionadas. Para Seidlhofer (2004), a ausência de trabalho descritivo suficiente em ILF é fator impeditivo para que professores adotem as normas do ILF em sala de aula, e assim, continuam adotando materiais que seguem o padrão americano ou britânico de ensino de língua inglesa.

Para a autora, é necessário levar em consideração a natureza intercultural do uso do inglês em comunidades multilíngues. Assim, os professores necessitarão de uma educação mais abrangente que os permita julgar as implicações do ILF em seus próprios contextos de ensino e adaptá-lo às realidades de seus alunos. (SEIDLHOFER, 2004).

A mesma pesquisadora (Seidlhofer, 2001a, p. 135, tradução nossa) faz uma crítica ao modelo atual de ensino de línguas, o qual tem como responsabilidade alterar a sua visão monocêntrica, monocultural, monolíngue, para uma educação que aborde aspectos relativos ao pluricentrismo, multiculturalismo, multilinguismo, ou seja, já é tempo de modificar os moldes tradicionais de ensino:

Uma questão que deve ser urgentemente explorada é a de qual “inglês” está sendo ensinado nesta era global emergente, como esta se enquadra nas preocupações sócio-políticas e socioeconômicas discutidas na profissão, e qual a sua relevância para o ensino nas salas de aula do mundo inteiro<sup>29</sup>.

Jenkins (2006) afirma que parece existir um consenso entre professores e aprendizes sobre qual variedade de inglês se deve ensinar e aprender: não apenas uma variedade (padrão – americana ou britânica), mas sim, outras variedades que não são disseminadas amplamente ao redor do globo. Há necessidade de uma abordagem mais pluricêntrica em oposição à monocêntrica. Dessa maneira, é possível fazer com que aprendizes e falantes de inglês reflitam sobre sua realidade sociolinguística.

Ao ressaltar que o campo do ensino ainda permanece distante dessas proposições, aquela autora salienta que muito ainda precisa ser feito para conscientizar os aprendizes sobre a diversidade do inglês, a fim de que estes ganhem confiança para expressar sua própria identidade. Por isso as abordagens que priorizam a interculturalidade ganham terreno, com a inserção de estratégias de acomodação na comunicação, uma vez que se faz mais válido o ajuste da fala para o alcance da inteligibilidade mútua do que o falar uma variedade monolítica do inglês. No mundo de hoje, novas competências são requeridas para a comunicação e letramento; logo, uma única variedade torna-se falha diante das necessidades reais dos estudantes.

Erling (2005) se alia a essa visão e afirma que uma comunicação bem sucedida, na visão do ILF, não pode mais partir das normas dos falantes nativos, uma vez que estes são minoria se comparados aos falantes de inglês do mundo. Para Jenkins (2000), a inteligibilidade mútua é o objetivo maior a ser alcançado e representa um avanço perante a ideia de imitação do falante nativo, no que tange a sua pronúncia. Uma abordagem pedagógica baseada nas normas do ILF pode mais bem preparar os usuários desta língua para que alcancem uma comunicação eficiente.

Para Rajagopalan (2009b), a pergunta sobre qual variedade (americana ou britânica) deveria ser levada em consideração no ensino de Inglês

---

<sup>29</sup> [...] a question in urgent need of exploration is just what the ‘English’ is that is being taught and learnt in this emerging global era, how it squares with the socio-political and socioeconomic concerns discussed in the profession, and what its relevance is for the subject taught in classrooms all over the world (SEIDLHOFER, 2001a, p. 135).

não é relevante em tempos globais. Para desempenhar um bom papel como falante de inglês em tempos atuais, faz-se necessário aprender uma “nova língua” marcada pelo hibridismo, ou seja, o aprendiz deve se dar conta de que as estratégias de acomodação linguística são muito bem-vindas durante o processo comunicativo.

O autor ressalta que:

Como professores de inglês, é nosso dever preparar nossos alunos para serem cidadãos do mundo novo que se descortina diante dos nossos olhos e sobre o qual temos apenas uma ideia ainda muito vaga. Para atuar nesse admirável novo mundo, os nossos alunos têm de aprender a lidar com *todas* as formas de falar inglês (RAJAGOPALAN, 2009b, p. 45).

Os argumentos até aqui apresentados apontam para a necessidade de professores irem além da promoção do monocentrismo linguístico nas aulas de Inglês. Embora sem apontar procedimentos pedagógicos, as sugestões caminham no sentido de expor os alunos a diferentes variedades e para maior destaque às estratégias comunicativas voltadas para contextos inter e multiculturais.

Não é minha pretensão indicar esta ou aquela variedade ou mesmo que ILF seja uma variedade a ser ensinada. Quando se trata de ensino, as soluções envolvendo ILF ainda são muito incipientes e controversas.

Assim como Berns et al. (2011), compreendo o ILF como um contexto de uso de uso da língua inglesa, ou seja, não é uma variedade em si. Isso não significa que desconsidero o trabalho de pesquisadores que trabalham com dados empíricos para descrevê-lo. Estas pesquisas são relevantes para mostrar características da língua inglesa em contextos *específicos* de uso e seus resultados podem subsidiar professores em salas de aula.

O ensino de inglês pautado na perspectiva de língua franca traz a ideia de descentralização do falante nativo, ou seja, as variedades americana e britânica devem deixar de ser o centro das atenções ou o suporte do professor para ensinar. Prodromou (2008), por exemplo, afirma que o professor deve preparar o aluno para todos os tipos de situações interacionais, as que incluem falantes nativos e as que incluem não-nativos ou ambos. A questão para muitos professores não-nativos ao redor do mundo é o acesso a essas diferentes variedades e a descrições suficientes para auxiliar a criação de materiais próprios. Um grande aliado para a adoção do ILF como perspectiva orientadora do ensino é o livro didático, que serve

de suporte para a grande maioria dos professores de inglês. Enquanto este não permitir acesso a essa diversidade, cabe aos profissionais buscarem fontes relevantes. Neste sentido, a internet é hoje uma ferramenta fundamental para essa produção. Entretanto, ela apenas não basta: sem as condições necessárias para o desenvolvimento de materiais didáticos a tendência será a reprodução dos modelos predominantes nos livros didáticos adotados.

#### 2.4.2 Inglês como Língua Franca ou como Língua Estrangeira?

O ensino de Inglês como Língua Estrangeira (ILE) tem sido predominante ao redor do mundo. Graddol (2006) sinaliza para o provável fim do ILE com o advento do que denomina “Global English”. Futurologia à parte, o fato é que cada vez mais acadêmicos em diferentes partes do mundo buscam questionar os modelos vigentes a partir de perspectivas similares à do ILF. O contraste entre um e outro pode ser visto no quadro elaborado por aquele autor:

#### Quadro 4 – Contraste entre ILE x ILF (inglês global)

Aprendizagem de LI	Inglês como língua estrangeira	Inglês global
Variedade	Nativa, geralmente americana ou britânica	Foco na inteligibilidade internacional, mais do que uma variedade específica; interferência da língua materna; expectativa de manutenção da identidade nacional por meio do inglês; necessidade de habilidades de recepção em uma gama de variedades nacionais
Habilidades	Foco na compreensão e produção oral, currículo comunicativo	Todas as habilidades, incluindo alfabetização; habilidades de tradução e interpretação geralmente necessárias; ênfase em estratégias de comunicação intercultural.
Habilidade de professores	Proficiente, treinado em metodologia	Bílingue com conhecimento de conteúdo e dos exames locais ou de como orientar alunos no desenvolvimento de habilidades de estudo
Motivações dos alunos	Mista, geralmente pouca motivação	Geralmente instrumental
Idade para início de aprendizagem	10-13 anos, escola secundária	Assentada nos fundamentos fornecidos pelo aprendizado para crianças
Objetivos principais	Para comunicar-se com falantes nativos; Para satisfazer necessidades do mercado profissional, para entrar na universidade	Conseguir emprego no próprio país, comunicar-se com falantes não-nativos de outros países
Valores	Liberais; melhorar a tolerância e entendimento de outras culturas	Materiais secundários podem incluir questões globais, tais como direitos humanos, meio ambiente, pobreza, desigualdade de gênero
Cidadania	Na Europa, vista como um componente da cidadania europeia.	Crescente noção de “cidadão global”; Inglês pode ser necessário para atuar em algumas áreas da vida nacional; tem papel relevante na “cidadania europeia”
Ambiente de aprendizagem	Foco na sala de aula: matéria na escola, visitas ocasionais a país onde a língua é falada como língua nativa	Sala de aula é um contexto importante, mas insuficiente. O setor público e aulas particulares podem ter papel relevante
Conteúdos/materiais	Livro didático fornecido pelo governo, editora internacional	Conteúdo geralmente relacionado a outras áreas do currículo no estilo do CLIL <sup>30</sup> (GRADDOL, p. 86, tradução nossa)
Avaliação	Tanto exames locais como internacionais (IELTS, Cambridge ESOL, TOEFL, TOEIC, etc) <sup>31</sup>	Exames atuais geralmente não são adequados; avaliação geralmente via habilidades para realizar tarefas em inglês ou avaliação de conteúdo via inglês
Padrão de fracasso	Baixa proporção de aprendizes que alcançam boa proficiência	Processo de “missão crítica” onde a educação geral ou emprego são dependentes de habilidades reais (mais do que apenas certificação)

Fonte: Graddol (2006, p. 90-91)

Mckay (2003) entende que o ILF permite a redefinição de objetivos para o ensino: o aprendizado de inglês pode preparar tanto para interação com

<sup>30</sup> Content and language integrated learning – Abordagem para a educação bilíngue na qual os conteúdos curriculares – como Ciência e Geografia – e inglês são ensinados juntos (GRADDOL, 2006, p. 86).

<sup>31</sup> Exames de avaliação de proficiência linguística: IELTS – International English Language Testing System; Cambridge ESOL – English for Speakers of Other Languages; TOEFL – Test of English as a Foreign Language; TOEIC – Test of English for International Communication.

falantes nativos como não-nativos. Ela examina alguns pressupostos comumente aceitos no ensino de língua inglesa (ELT), tais como:

- a) A pedagogia do ELT deveria ser informada pelos modelos do falante nativo;
- b) O conteúdo cultural para o ELT deveria ser derivado de culturas dos falantes nativos;
- c) A cultura de aprendizado que informa o ensino comunicativo de línguas fornece o método mais eficiente.

Com relação ao item a) a autora afirma que o desenvolvimento do currículo de língua deve atender às necessidades dos aprendizes, além de reconhecer que muitos falantes bilíngues (não-nativos), não almejam competência nativa de inglês. O currículo de Inglês para fins de comunicação internacional deve considerar as funções específicas para as quais os aprendizes necessitam de inglês na atualidade. Além disso, a autora enfatiza que o uso primário do inglês se dá entre falantes bilíngues (não-nativos); logo, uma pedagogia informada pelos modelos do falante nativo seria inadequada. Assim, para se determinar metas de aprendizado, é preciso examinar os usos de inglês específicos individuais dos aprendizes dentro de sua comunidade de fala particular.

O segundo item também é questionado, pois as razões principais dos aprendizes para aprender a língua inglesa residem no fato de que estes objetivam fornecer informações de sua própria comunidade e cultura e não somente conhecer a cultura dos falantes nativos.

Com relação ao terceiro pressuposto, a pesquisadora ressalta que a maneira como a língua inglesa é ensinada não deveria estar ligada a uma metodologia particular, influenciada culturalmente: “uma metodologia apropriada para o ensino de ILI pressupõe uma sensibilidade ao contexto cultural local, no qual os educadores locais determinam o que ocorre na sala de aula” (MCKAY, 2006, p. 125).

Para tanto, o desenvolvimento dos currículos, com base nos objetivos de aprendizagem, deve tratar das necessidades de seus aprendizes, além de levar em consideração que muitos destes não necessariamente desejam adquirir

a competência relativa ao falante nativo da língua, como já foi afirmado. É preciso considerar, porém, que em muitos lugares e em muitos contextos de ensino-aprendizagem de Inglês, o desejo de comunicar-se com falantes nativos não pode ser descartado (BECKER, 2009; JORDÃO, 2011). Assim, os objetivos precisam ser estabelecidos com sensibilidade para os desejos e necessidades dos aprendizes.

Também para Tomlinson (2006) um currículo pautado no ensino de inglês para a comunicação global deve identificar as necessidades e os desejos que seus aprendizes possuem sobre a língua, englobar contextos de uso da mesma, além de ensiná-los a adquiri-la e desenvolvê-la de uma maneira mais fácil, a fim de desenvolver a sua voz pessoal e global.

Além das questões de definição de objetivos, a metodologia de ensino de Inglês tem sido objeto de reavaliação. A “Abordagem Comunicativa” é tida como uma forma de imperialismo (CAMERON, 2002), pois também se pautou em moldes ocidentais, promovido especialmente em países do Círculo Interno, além de institutos privados de línguas nos países do Círculo Externo e em Expansão. A disseminação desta abordagem não se deu apenas pela promoção deste método por especialistas ocidentais, mas também, porque educadores nestes países – Círculo Externo e em Expansão - defenderam a adoção deste método. Assim, o ILE se vincula a uma abordagem específica, tida como homogeneizante e não sensível às especificidades locais.

Em contraste com essa abordagem, uma pedagogia inspirada no ILF respeita as formas locais de ensino-aprendizagem. É importante lembrar que o que ocorre numa sala de aula específica tem influências políticas, sociais e culturais de uma comunidade maior, e cada sala de aula é única, na qual alunos e professores interagem entre si no aprendizado de inglês.

Entretanto, pode ser interessante comercialmente privilegiar-se uma metodologia ou uma variedade específica. Os editores de livros e instituições internacionais voltadas para o ensino de inglês possuem fortes razões comerciais para a adoção da variedade nativa, a fim de alcançar todo o globo: uma única variedade de inglês representa a redução de custos e a produção em massa de materiais educacionais. Existe, portanto, uma controvérsia: por um lado, o mercado editorial, em sua maioria, abraça a variedade nativa como o parâmetro a ser seguido. Por outro, existem pesquisas que defendem o ensino de inglês pela

perspectiva de língua franca, ou seja, um destronamento do falante nativo (JENKINS, 2006; KIRKPATRICK, 2006; MCKAY, 2006; SEIDLHOFER, 2004).

Widdowson (2003 apud SEIDLHOFER, 2005, p. 340, tradução nossa) vê a necessidade de se levar em conta o professor como tomador de decisões quanto a essas questões:

Devo enfatizar que as descrições linguísticas por si só não podem, certamente, determinar o que precisa ser ensinado e aprendido para fins e contextos particulares - estas providenciam uma orientação necessária, mas não suficiente para o que sempre será uma decisão pedagógica<sup>32</sup>.

É evidente que diferentes contextos educacionais exibirão diferentes modos de se lidar com essas decisões. Não faltam, porém, sugestões de como proceder.

Segundo Tomlinson (2006) o planejamento linguístico para o ensino de língua inglesa deve se embasar em algumas questões, como: a) quem deve ser capaz de/ quem precisa ser capaz de/ quem deseja usar o Inglês, b) com quem/ para que deseja usar o Inglês, c) quais variedades deverão ser compreendidas por aqueles que utilizam esta língua, e qual deverá ser (re)produzida por eles?

Aquele autor ainda afirma que para essa elaboração curricular faz-se necessário considerar as funções que esta língua desempenha no globo (por exemplo, no comércio, nos negócios, na indústria, no transporte, no entretenimento, etc), e que cada aprendiz desejará ser competente num número limitado dessas funções. Seu posicionamento revela uma visão instrumental da língua, que no caso dos aprendizes brasileiros, não se revela totalmente adequada, pelo menos não no contexto da educação básica. Neste caso, são consideradas razões de enriquecimento cultural, de consciência identitária e de cidadania, ausentes da proposta colocada por Tomlinson (2006).

Entretanto, Kirkpatrick (2006) afirma que os verdadeiros consumidores, aprendizes e professores desta língua não são consultados sobre a escolha do modelo de ensino que se deseja adotar. Para ele, estão disponíveis pelo menos quatro modelos. O primeiro modelo é o do falante nativo. Kirkpatrick elenca

---

<sup>32</sup> It should be stressed, however, that linguistic descriptions alone cannot, of course, determine what needs to be taught and learnt for particular purposes and in particular settings—they provide necessary but not sufficient guidance for what will always be pedagogical decisions (WIDDOWSON, 2003 apud SEIDLHOFER, 2005, p. 340).

quatro razões favoráveis à adoção do modelo de ensino pautado no falante nativo: a) Os modelos do falante nativo foram codificados: existem gramáticas e dicionários para serem tomados como ponto de referência, seja por professores, seja por alunos; b) Devido à codificação, estes modelos são vistos como variedades padrão do inglês; c) Estas variedades representam poder; d) Estas também possuem autoridade histórica.

Para Kirkpatrick (2006), esses pressupostos são falhos, ao menos, do ponto de vista da linguística aplicada. As vantagens no ensino de inglês pautado no falante nativo se voltam para o professor nativo, o qual é considerado um modelo a ser seguido, além de que servem para que o aprendiz desta língua se adentre neste universo, a fim de compreender os costumes e a cultura do povo falante de língua inglesa, como sua língua nativa. Porém, vale uma ressalva: estas vantagens são da minoria, uma vez que a maioria dos professores de inglês são não-nativos, além de que seus aprendizes almejam esta língua, para fins comunicativos com outros falantes não-nativos, no geral.

A ideia de que o padrão codificado do falante nativo tende a ser universalmente inteligível mostrou ser falho, uma vez que as variedades nativizadas do inglês foram consideradas mais inteligíveis do que as variedades padrão do Círculo Interno – a variedade britânica, por exemplo, para os aprendizes chineses (KIRKPATRICK, 2006). No que se refere à ideia do inglês padrão – americano ou britânico – conferir aos seus falantes um empoderamento causa uma certa dúvida: empoderamento a quem? É impossível soar como um falante nativo, por mais que se tenha vivido um longo tempo no local, em contato direto com a língua. As questões de identidade sempre prevalecem, por mais sutis que sejam.

A quarta asserção sobre a autoridade histórica do modelo do falante nativo é certa: as variedades nativas foram codificadas precisamente pelo fato de possuírem uma história, porém isso não leva à existência de um padrão, uma vez que durante todo o processo histórico, as línguas representaram consequências de uma intensa mescla, e o padrão americano ou britânico não foram diferentes disso. Juntamente ao padrão, vêm as variedades e isto é inegável, devido ao caráter vivo de todas as línguas, fator que corrobora sua alteração, seja na língua falada, seja na língua escrita. Kirkpatrick (2006) ainda argumenta que se faz necessário apresentar argumentos favoráveis à linguística aplicada, uma vez que já existem diversas opiniões por parte de políticos e burocratas.

O segundo possível modelo de ensino de língua inglesa discutido pelo autor é o nativizado localmente, ou seja, o falante nativo não mais seria uma autoridade inquestionável, e sim, os professores de inglês locais. As variedades localmente nativizadas forneceriam a norma padrão. É preciso pensar que um modelo localmente nativizado também legitima outros modelos nativizados: isto corrobora o empoderamento dos professores, bem como sua transformação em modelos para seus próprios alunos, além de que sua bagagem cultural se torna valorizada, e não mais ignorada. Em suma, a escolha de um modelo localmente nativizado em sobreposição ao modelo do falante nativo é questão de democracia sobre o imperialismo.

O autor ainda argumenta que para alguns países do Círculo Externo, a adoção de um modelo localmente nativizado ainda passa por algumas tensões. A Indonésia, por exemplo, poderia adotar o mesmo modelo da Malásia ou Cingapura, devido a sua proximidade territorial e as suas similaridades culturais. Então, por que adotar o modelo australiano de ensino? Porém, para outros países, como a China, por exemplo, a adoção de um modelo nativizado não é desejável, uma vez que esta prefere o falante nativo a questões referentes ao multilinguismo e multiculturalismo. Vale ressaltar que cada contexto sugerirá um modelo específico de ensino. (KIRKPATRICK, 2006).

Com relação ao modelo pautado no conceito de língua franca, Kirkpatrick (2006) defende a ideia de que, para quem aprende o inglês para fins comunicativos, este seria o modelo ideal, uma vez que o objetivo é comunicar-se, mais do que adquirir uma norma idealizada. Além disso, a questão da cultura poderia ser muito mais ampliada, do que simplesmente se embasada na cultura do falante nativo de inglês. Para o autor, o inglês como língua franca se tornou propriedade de todos que dela fazem algum uso, logo, isto sugere que a reflexão sobre as normas culturais dos usuários desta língua tende a ser flexível. O autor ainda afirma que não encara o inglês como língua franca, como um padrão único, mas sim, culturalmente influenciado. Dessa forma, se o objetivo maior é se comunicar ao redor do globo, nem o modelo do falante nativo, nem aquele localmente nativizado dão conta do recado, por não serem internacionalmente aplicáveis a todos os contextos de uso da língua inglesa – o modelo de ensino pautado no inglês como língua franca parece ser o mais razoável.

No entanto, é preciso considerar que em muitos centros de formação de professores esta perspectiva não encontra espaço, tópico que será objeto da próxima seção.

#### 2.4.3 Formação de Professores na Perspectiva de ILF

Um dos autores que têm procurado subsidiar processos formativos é Sifakis (2007). Para ele, a formação de professores para o ensino de ILF deveria passar por profundas transformações. Aponta a necessidade de se adotar uma abordagem transformativa, ou seja, deveria haver uma mudança na visão tradicional no campo do ensino de língua inglesa. Alguns tópicos são levantados pelo autor, como pontos de partida para uma discussão acerca desta temática: a) a importância do inglês padrão, b) o papel dos falantes nativos, c) a negociação das identidades dos falantes não-nativos na comunicação intercultural, d) a imposição de uma atitude imperialista, e) as decisões pedagógicas particulares que devem ser tomadas.

Para Sifakis (2007), os professores podem facilmente reconhecer a necessidade de haver inteligibilidade na comunicação entre não-nativos, mas isso não significa que irão alterar a sua metodologia de ensino, adotando uma pautada no ILF. Para a emergência de novos esquemas e perspectivas, é necessário que os adultos se engajem numa reflexão crítica – a qual envolve uma discussão e avaliação de crenças e experiências pessoais, por meio de um discurso racional, a fim de se tornarem veículo de transformação de perspectivas de significado - considerando seus valores, crenças e pressupostos.

A abordagem baseada em Mezirow (1991 apud SIFAKIS, 2007) tem como foco o aprendizado transformativo, que objetiva fazer com que os aprendizes confrontem e transformem suas visões, fornecendo-lhes informação e pedindo que: a) percebam e examinem criticamente seus pressupostos; b) explorem novos terrenos ao experimentarem novos papéis; c) planejem um curso de ação; d) adquiram conhecimento e habilidades para implementar este plano; e) construam autoconfiança; f) tornem-se reintegrados nas bases das condições ditadas pela nova perspectiva. Para o autor, um aprendizado transformativo na formação de professores resultará não apenas num pleno engajamento com as questões

levantadas pelas pesquisas produzidas sobre ILF, mas também no empoderamento de seus usuários.

A relação entre o aprendizado transformativo e o ensino de ILF pode ser benéfica, na medida em que demanda um engajamento com a prática reflexiva e a pesquisa-ação, de modo a corroborar as perspectivas do indivíduo sobre um assunto, neste caso, sobre o ILF.

A proposta de Sifakis se coaduna com perspectivas reflexivas de formação de professores e sugere que o mais importante no campo de ensino não recai no fato do professor ser nativo ou não-nativo, e sim, se é capaz de olhar criticamente para as questões emergentes nas situações de ILF e se demonstra abertura suficiente para a diversidade inerente aos diversos contextos de uso da língua.

Enquanto essa proposta não direciona para procedimentos didáticos, outro autor trata especificamente de propor que a metodologia para o ensino de ILF deve ser flexível (TOMLINSON, 2006). Ele propõe uma série de objetivos, princípios, procedimentos, materiais e avaliação. Como objetivos centrais, o autor afirma ser necessário auxiliar os aprendizes a: a) desenvolver atitudes positivas perante o ILF e seu contexto de aprendizagem; b) desenvolver a autoestima; c) desenvolver estratégias de comunicação tanto entre falantes nativos como não-nativos, além de acomodar o seu uso com o intuito de atingir uma comunicação bem sucedida, ao incluir as variedades existentes de inglês; d) desenvolver habilidades para a compreensão de diferentes variedades do inglês.

A definição da base de conhecimentos para professores que desejem abraçar a perspectiva do ILF, portanto, está sendo construída. Jenkins (2006) afirma ser necessário o conhecimento por parte dos professores de língua inglesa sobre a questão do imperialismo linguístico, por exemplo, para que haja uma maior compreensão sobre este fenômeno e de que maneira este pode interferir em seu trabalho em sala de aula. O ensino de língua inglesa se espalhou devido a interesses de falantes nativos, e é preciso compreender de que forma isto implica na visão que temos sobre os falantes não-nativos, ficando estes muitas vezes marginalizados aos olhos da sociedade em geral.

Via de regra, nesta discussão aparece também a distinção entre professores nativos e não-nativos. Holliday (2009) ressalta que essas questões são puramente de cunho ideológico, mais do que linguístico, uma vez que a imagem do

falante nativo tem sido construída, ao longo do tempo, como um ser superior àqueles que não possuem o inglês como primeira língua.

No capítulo 4 trarei referências brasileiras que têm discutido a questão da formação de professores.

#### 2.4.4 Questões Avaliativas para o Contexto de ILF

McNamara (2010) afirma que a avaliação linguística, antes de mais nada, é uma atividade política e social, porém, construtos avaliativos atuais se fazem inadequados para o mundo globalizado, na medida em que a comunicação em ILF torna-se cada vez mais necessária. As pontuações dos testes avaliativos são interpretados em relação a padrões pré-determinados de conhecimento e capacidade. O QCER (Quadro Comum Europeu de Referência), por exemplo, agrupa as habilidades comunicativas em 6 níveis a saber: A1, A2, B1, B2, C1, C2. A primeira classificação representa a proficiência mais baixa e a última, a mais alta. O autor aponta para as diferenças entre os níveis A2 e B2, sendo que este último classifica o indivíduo como “apto” a interagir de forma regular com o falante nativo. Este quadro tem sido utilizado como um ponto de referência crucial em todos os níveis, além do contexto europeu, como as Américas do Norte e Sul, a Austrália e Ásia.

McNamara (2010) enfatiza que as línguas são diferentes, variam em seu papel sócio-político, seu alcance e propósito de uso e carregam consigo divergentes histórias de contato com outras comunidades de fala. Portanto, para o autor, o QCER enquadra todos os falantes de inglês, por exemplo, na mesma categoria, descartando o perfil sócio-histórico dos usuários de LI. A evolução das noções de proficiência linguística só poderá ser observada nos construtos dos testes (exames), uma vez que estão incorporados de processos políticos e administrativos. Ou seja, muda-se a política e o quadro administrativo, muda-se (possivelmente) o modelo avaliativo de línguas.

O autor aponta para uma possível e necessária mudança neste quadro avaliativo, ao conceber o inglês como uma língua franca (ILF), estando este construto ausente do QCER, como já era de se esperar, uma vez que esta referência avaliativa toma o falante nativo como modelo a ser seguido. Segundo este quadro, a responsabilidade de garantia de sucesso comunicativo está das mãos dos

falantes não-nativos, afinal são eles que estão sendo convocados a se adaptar aos moldes nativos, se quiserem “se enquadrar” nas exigências de referência europeia. O profundo impacto da globalização na LI, como já detalhado no capítulo anterior, conferindo-lhe o estatuto de língua franca, apresenta-se como um desafio poderoso para alguns pressupostos, como a autoridade do falante nativo, neste caso, consagrada nos construtos de testes (exames) de proficiência. O movimento de globalização demanda uma certa flexibilidade, a qual não é observada no QCER, por exemplo.

Para McNamara (2010), é preciso muito mais do que buscar apenas uma mudança conceitual, mas sim buscar politizar os construtos de testes em LI, a fim de que se tornem ferramentas democráticas de uso, ou seja, carreguem consigo uma flexibilidade, valorizem as esferas local e global, e não somente esta última, para se coadunarem com a ideologia do ILF.

#### Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, discorro sobre a caracterização do ILF pelas lentes dos especialistas da área, com base principalmente na literatura estrangeira. Após apresentar os diferentes modos de se entender ILF abordo as questões pedagógicas resultantes dessa conceituação da língua inglesa. Tendo em vista meu interesse em adotar como foco questões educacionais decorrentes dessa perspectiva no contexto brasileiro, no próximo capítulo explicito a metodologia de pesquisa e no seguinte, apresento os trabalhos publicados no Brasil, no período 2005-2012.

## CAPÍTULO 3

### PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Até o momento apresentei uma revisão de literatura sobre a língua inglesa na contemporaneidade, explorando discussões sobre globalização, terminologia e suas implicações, bem como me detendo nas reflexões acadêmicas sobre ILF. Embora esses dois capítulos iniciais também se constituam revisão bibliográfica, neste capítulo apresento o percurso metodológico da pesquisa que teve como foco os estudos brasileiros sobre ILF, pois eles terão um tratamento específico e mais detalhado.

#### 3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Com base no objetivo principal deste trabalho – *mapear os estudos sobre inglês como língua franca no contexto brasileiro no período de 2005 a 2012, de modo a identificar os temas abordados e suas implicações para o ensino* – precurso aos estudos que abordam a Revisão Sistemática de Literatura como forma de produção e construção do conhecimento (SARNIGHAUSEN, 2011), estudos de meta-análise (LOVATTO et al., 2007) e a metassíntese como um dos procedimentos de análise da Revisão Sistemática (SARNIGHAUSEN, 2011).

Este estudo se caracteriza como pesquisa de cunho bibliográfico. Lima e Mioto (2007) ressaltam que este tipo é geralmente equiparado ao termo “revisão de literatura” ou “revisão bibliográfica”, porém, é importante frisar que geralmente a revisão de literatura tem como objetivo contextualizar o trabalho empírico e, como tal, faz parte de toda pesquisa. Estudos bibliográficos pautados por análises de textos publicados, por outro lado, se baseiam em um conjunto ordenado de procedimentos de busca não-aleatória, tendo por objetivo a constituição de um amplo panorama do objeto estudado. São estudos que buscam aprofundar questões de modo a fornecer uma espécie de mapa para outros estudiosos do mesmo objeto.

Para as autoras, “reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 44). Para as autoras, este tipo de pesquisa possibilita um

amplo alcance de informações, bem como a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, possibilitando delinear o perfil de uma determinada área de estudo. Além disso, é preciso que o pesquisador esteja atento aos objetos propostos e aos pressupostos que envolvem o estudo, a fim de possibilitar a vigilância epistemológica, ou seja, permitir que ocorra a investigação do conhecimento presente no material escolhido para análise.

Para tanto, Lima e Mioto (2007) propõem uma sequência de procedimentos que devem ser cumpridos na realização de uma pesquisa bibliográfica:

- Elaboração do projeto de pesquisa - formulação da problemática de pesquisa;
- Investigação das soluções: Coleta de dados, a qual envolve dois momentos distintos: levantamento da bibliografia e levantamento das informações contidas nesta;
- Análise explicativa das soluções: Capacidade crítica do pesquisador para explicar ou justificar dados;
- Síntese integradora (Metassíntese): Produto final do processo de investigação, resultante da análise e reflexão dos documentos.

O procedimento de coleta de dados referente à investigação das soluções acima descrita é denominado por Sarnighausen (2011) de *Revisão Sistemática* – método de busca de textos - a qual possibilita sintetizar informações relevantes, referentes a um assunto de interesse, pautadas em procedimentos específicos. Esta requer a identificação da literatura relevante para determinado assunto, devendo ser explícita, com objetivo, material e método bem definidos. O resultado deste trabalho deve ser uma obra de consulta que apresente vantagens aos seus usuários. Em suma, a Revisão Sistemática refere-se às estratégias de recuperação de textos em bases de dados e critérios de inclusão. Os procedimentos de análise pautados nesta metodologia podem ser de duas formas: meta-análise e metassíntese.

Lovatto et al. (2007) explicam que a meta-análise é uma das alternativas utilizadas para análise e sistematização das informações, configurando-se como um procedimento que combina resultados de vários estudos com a finalidade de criar uma síntese reproduzível e quantificável dos dados. Essa síntese contribui para a potência estatística na pesquisa dos efeitos dos tratamentos, incluindo aí precisão na estimativa e tamanho do efeito. Por meio da meta-análise, é possível obter uma visão geral da situação, em caso de resultados aparentemente discordantes.

Meta-análises surgiram a partir de Smith e Glass (1977 apud LOVATTO, et al., 2007), que reuniram estatisticamente resultados de 375 pesquisas em psicoterapia, com a finalidade de provar que esta surtia efeitos, e dessa maneira, este método foi classificado de *meta-análise*. Diversas disciplinas passaram então a fazer uso desse tipo de análise em ciências sociais, na educação, na medicina e posteriormente nas ciências agrárias.

Por meio da meta-análise, é possível obter novos resultados e evidenciar diferenças entre os tratamentos dos trabalhos tomados como base. Esta metodologia representa um meio muito interessante para justificar a necessidade de um experimento (FAGARD et al., 1996 apud LOVATTO; et al., 2007). A meta-análise permite fazer uma síntese dos dados contraditórios, independentemente do tamanho de sua potência analítica ou de sua amostra. Porém, o reagrupamento de vários experimentos corrobora uma maior precisão na avaliação do efeito do tratamento. Quanto maior a quantidade de informação, maior o aumento de comparações entre os temas, facilitando dessa forma o aumento da precisão analítica. Esta metodologia permite uma melhor representatividade dos dados, além de auxiliar na planificação e geração de uma nova hipótese.

Ainda no campo da meta-análise, Rodrigues (2002) afirma que existem dois tipos referentes a esta metodologia: a meta-análise quantitativa e a meta-análise qualitativa. A primeira objetiva a generalidade dos resultados encontrados, enquanto que a segunda tem por finalidade identificar, por meio de categorias, as semelhanças e controvérsias numa quantidade de estudos da mesma área de pesquisa; é um processo de descrição interpretativa, orientado por determinadas categorias teóricas.

No que se refere à metassíntese, há também duas formas de compreender o seu caráter de pesquisa: qualitativo e quantitativo. Existe a

denominação metassíntese qualitativa (SARNIGHAUSEN, 2011), a qual se configura como uma integração interpretativa das informações qualitativas, com o objetivo de realizar uma síntese do conjunto de dados e os resultados oriundos dessa metodologia não são analisados estatisticamente como numa pesquisa quantitativa.

Sarnighausen (2011, p. 98) ainda enfatiza que:

A estrutura da metassíntese é construída ao longo da análise de dados e, sendo assim difere dos demais trabalhos da literatura por ser único quando relacionado a determinado assunto. Parte da definição de um conjunto de referências, mas é moldado conforme a necessidade da pesquisa. Delinear o perfil de uma área, ou tema de pesquisa, é subjetivo e envolve a construção contínua de nuances que devem ser descartadas ou incorporadas à análise.

A metassíntese representa o tratamento dos resultados qualitativos de uma revisão sistemática, possibilitando a interpretação desses resultados, sejam de natureza qualitativa ou quantitativa, por meio da metassumariação e metarresumos. O primeiro reúne detalhes que caracterizam o texto científico em foco, enquanto que o segundo sintetiza e proporciona ampla compreensão conceitual dos resultados. A metassíntese é, em suma, a análise crítica das informações contidas nos textos.

Embora estudos de meta-análise e metassíntese sejam mais comuns nas áreas que publicam estudos empíricos de base quantitativa, nota-se que em pesquisas qualitativas este procedimento também pode ser útil (vide, por exemplo, trabalhos publicados em periódicos como *Review of Educational Research*).

Nesta pesquisa adotei os parâmetros da metassíntese qualitativa, método que tem como objetivo recuperar as informações cruzadas de diversos textos, visando indicar fatos, fenômenos e perfis da área estudada. A metassíntese qualitativa é dividida em duas etapas:

- Metarresumo - roteiro para leitura/leitura reflexiva: Descrição informativa dos estudos, identificação da obra no tempo e espaço, sua caracterização (tema central, objetivos, etc); São apresentados alguns quadros na seção de Apêndices desta Dissertação, contendo aspectos relativos às obras – a) natureza

do trabalho (artigo de periódico, Dissertação de Mestrado, Tese de Doutorado), b) autor (es) do trabalho, c) título do trabalho, d) objetivos, e) metodologia, f) referencial teórico, g) resultados e h) tema - para facilitar ao pesquisador a análise dos dados das obras.

- Metassíntese (Leitura interpretativa): Compreensão da obra no seu todo, relacionando aspectos dos textos com o objetivo da pesquisa bibliográfica. Nesta parte, inclui a associação de ideias, comparações, destaque para considerações relevantes e conclusivas, além da contribuição da obra para o estudo.

Trabalhos de revisão bibliográfica são realizados na Linguística Aplicada (LA), como por exemplo, os trabalhos de Quevedo-Camargo e Ramos (2008). Calvo e El Kadri (2011), El Kadri (2010c), Santos (2013), dentre outros. Em comparação com o escopo de artigos em periódicos, uma dissertação permite, por razões de espaço, maior profundidade e abrangência.

### 3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A partir de um levantamento inicial de fontes sobre ILF a partir da bibliografia de curso de pós-graduação do programa ao qual esta dissertação se vincula, foram feitas leituras de obras de autores seminais da área. Esses autores e suas obras foram apresentados nos capítulos iniciais e fornecem o pano de fundo para situar o debate sobre os trabalhos brasileiros no panorama das reflexões em nível internacional. Paralelamente, iniciou-se a busca de publicações no contexto brasileiro.

Este estudo aborda o levantamento de trabalhos nacionais realizados no campo da Linguística Aplicada, cuja temática é o ILF, no período de 2005 a 2012. O levantamento desses trabalhos foi realizado de julho a agosto/2012, porém refeito em fevereiro/2013. Como estratégias de busca em todas as fontes pesquisadas, utilizei as palavras-chave: “inglês como língua franca” (ILF), “inglês

como língua global” (ILG), “inglês como língua internacional” (ILI) e “inglês como língua multinacional” (ILM).

Embora ciente da multiplicidade de termos adotados (e.g. RAJAGOPALAN, 2012), meu interesse específico era com a nomenclatura língua franca que, como visto no capítulo 2, representa uma visão particular da língua inglesa, na qual os falantes não-nativos são alçados à condição análoga a de falantes nativos. As demais formas (global, internacional e multinacional) foram também investigadas em função de seus sentidos poderem se aproximar ao de ILF, conforme já discutido.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O procedimento de coleta de dados (levantamento bibliográfico) é feita por meio de uma revisão sistemática dos trabalhos. Para tanto, tomo como base o protocolo de ações baseado em Sarnighausen (2011):

- Parâmetro Temático: ILF;
- Critérios de inclusão: Textos com foco no contexto de uso do inglês ou no ensino-aprendizagem pela perspectiva de ILF. Os textos que tratavam do inglês de forma periférica foram excluídos. Foram somente considerados textos produzidos em âmbito nacional, inseridos nos focos mencionados;
- Parâmetro linguístico: Português ou Inglês.
- Fontes bibliográficas: Neste caso, recorro a três fontes de busca: O Banco de Dissertações e Teses da CAPES, Revistas Brasileiras de Letras e Linguística Aplicada classificadas como Qualis A1 e A2, com foco em Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores, e o Google Acadêmico (*Scholar Google*). Foi analisado também o livro intitulado *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*, organizado por Gimenez, Calvo e El Kadri (2011).

- Parâmetro Cronológico: Período de 2005-2012.

Foram feitas basicamente duas leituras para a recuperação dos textos adicionados à pesquisa:

- Leitura de reconhecimento/exploratória: rápida e objetiva para a identificação dos textos relevantes a partir dos títulos, palavras-chave, etc;
- Leitura seletiva: integral a fim de delimitar o material que realmente interessa, relacionando-o com o objetivo da pesquisa.

O resultado desta etapa se refere a um conjunto de textos que obedecem aos critérios iniciais de inclusão, descritos no protocolo de ações.

Os procedimentos de pesquisa adotados para o **Banco de Dissertações e Teses da CAPES** foram:

- Os termos pesquisados foram colocados entre aspas (“”) para que a busca se restringisse mais à temática em questão;
- Foi selecionada a opção “expressão exata” para a busca dos textos;
- Os itens pesquisados foram de 2005 a 2011, ano mais recente disponível;
- Foram recuperadas dissertações e teses para cada ano.

Segue abaixo o quadro contendo a quantidade de trabalhos selecionados na fonte supracitada:

**Quadro 5 –** Quantidade de trabalhos selecionados no Banco de Dissertações e Teses da CAPES

Banco de Dissertações e Teses da CAPES	Termos Pesquisados	Quantidade de Trabalhos	Trabalhados encontrados	Trabalhos selecionados	Total de trabalhos selecionados
Dissertações/ Mestrado	ILF	6	21	3	7
	ILG	2		2	
	ILI	5		0	
	ILM	1		0	
Teses/Doutorado	ILF	0		0	
	ILG	1		1	
	ILI	6		1	
	ILM	0		0	

Fonte: o próprio autor

Os procedimentos de pesquisa adotados no “**google acadêmico**” foram:

- Os termos pesquisados foram colocados entre aspas (“”) para que a busca se restringisse mais à temática em questão;
- Foi selecionado o item “Pesquisar na Web”;
- Foram desmarcadas as opções “incluir patentes” e “incluir citações”;
- O período de 2005 a 2012 foi selecionado.

Durante o levantamento dos trabalhos por meio do google acadêmico, foram encontrados 4 dissertações produzidas em Portugal<sup>33</sup>, que se enquadravam nos critérios de inclusão (foco no contexto de uso do inglês ou no ensino-aprendizagem pela perspectiva do ILF). Porém, devido ao fato de não terem sido produzidas em âmbito nacional, não foram analisadas. Segue abaixo o quadro contendo a quantidade de trabalhos selecionados na fonte acima mencionada:

<sup>33</sup> Estes estão citados em nota de rodapé na seção de Anexos (ANEXO A, p. 206). Em contexto internacional, foram encontrados trabalhos somente de Portugal, segundo o protocolo de ações adotado nesta dissertação.

**Quadro 6** - Trabalhos selecionados no google acadêmico na temática do ILF

Google Acadêmico	Termos Pesquisados	Quantidade de Trabalhos	Trabalhos encontrados	Trabalhos selecionados	Trabalhos selecionados
Google Acadêmico	ILF	172	364	22	41
	ILG	43		8	
	ILI	149		11	
	ILM	0		0	

Fonte: o próprio autor

Os procedimentos de pesquisa adotados para as **Revistas Brasileiras de Letras/Linguística Aplicada** foram:

Primeiramente, foram selecionadas Revistas Brasileiras de Letras e Linguística Aplicada classificadas como Qualis A1 e A2, com foco em Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores. Assim, temos um total de 10 periódicos: a) Revista DELTA-PUC/SP; b) Revista de Estudos da Linguagem/UFMG; c) Revista Brasileira de Linguística Aplicada/UFMG; d) Trabalhos em Linguística Aplicada/UNICAMP; e) Gragoatá/UFF- Universidade Federal Fluminense; f) Revista de Estudos Linguísticos/Veredas/UFJF - Online/Impresso; g) Revista Signum-Estudos da Linguagem/UEL; h) Calidoscópico/UNISINOS; i) Ilha do Desterro/UFSC; j) Linguagem e Ensino, UCPel.

- Os termos pesquisados foram colocados entre aspas (""") para que a busca se restringisse mais à temática em questão;
- Foi necessária uma busca ano a ano, volume a volume para a seleção dos textos que mais se enquadrassem na temática do ILF, uma vez que a busca pelos termos não gerou resultados satisfatórios. Apenas a Revista Linguagem e Ensino/UCPel gerou resultados na pesquisa pelo termo "inglês como língua franca": 2 textos, dos quais apenas um foi selecionado<sup>34</sup>. Por este motivo, foi criada uma tabela contendo apenas a quantidade de trabalhos selecionados para análise;

<sup>34</sup> Os dois textos encontrados na pesquisa por meio da palavra-chave "inglês como língua franca" foram: Mott-Fernandez e Fogaça (2009), *Inglês como língua internacional na universidade: rejeição e objeto de desejo* e El Kadri, Gamero e Gimenez (2012), *Material didático para a educação tecnológica de professores de inglês: uma experiência no âmbito do programa 'novos talentos'*. Este último não se enquadrava na temática desta pesquisa e, portanto, não foi selecionado para leitura.

- Não foram consideradas para a análise, resenhas e notas sobre livros.

Segue abaixo o quadro referente à quantidade de trabalhos selecionados nos periódicos brasileiros de Letras/LA:

**Quadro 7-** Quantidade de trabalhos selecionados nos periódicos da área

Revistas Pesquisadas	Qualis	Trabalhos selecionados	Total de trabalhos selecionados
Revista DELTA PUC/SP	A1	2	8
Revista de Estudos da Linguagem/UFMG	A1	0	
Revista Brasileira de Linguística Aplicada/UFMG/Impresso	A1	1	
Trabalhos em Linguística Aplicada/UNICAMP	A1	1	
Gragoatá/UFF - Universidade Federal Fluminense	A1	0	
Revista de Estudos Linguísticos/Veredas/UFJF-Online/Impresso	A2	0	
Revista Signum-Estudos da Linguagem/UJEL	A2	0	
Calidoscópio/UNISINOS	A2	1	
Ilha do Desterro/UFSC	A2	2	
Linguagem e Ensino/ UCPel	A2	1	

**Fonte:** o próprio autor

Ao todo, foram selecionados 56 trabalhos, dentre os quais 7 são Dissertações de Mestrado, 2 são Teses de Doutorado, e o restante (47) estão distribuídos entre os trabalhos encontrados no *google acadêmico* e nas próprias revistas brasileiras da área de Letras/LA. Vale ressaltar que também foi lido na íntegra o livro organizado por Gimenez, Calvo e El Kadri (2011) - *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Este livro é constituído por 11 capítulos, logo, o total de trabalhos analisados nesta pesquisa é de 67.

Dentre as denominações encontradas nos trabalhos, temos: a) inglês como língua franca; b) inglês como língua internacional; c) inglês como língua global; d) World Englishes; e) World English ou inglês como língua mundial; f) língua de fronteira; g) língua glocal e h) língua multinacional. A nomenclatura ILM – inglês como língua multinacional – não gerou resultados em nenhuma das buscas realizadas nas fontes mencionadas, porém, este termo aparece em um trabalho<sup>35</sup> recuperado com o termo “inglês como língua franca”. Algumas denominações foram encontradas, porém não representaram objeto de busca. São elas: World Englishes, World English ou inglês como língua mundial, língua de fronteira e língua glocal. Os trabalhos identificados estão listados na seção de Anexos (A) e resumidos na seção de Apêndices (A, B, C) desta dissertação.

Abaixo, encontra-se o quadro com as perguntas de pesquisa e os procedimentos de análise adotados:

**Quadro 8 - Perguntas de pesquisa e procedimentos de análise dos dados**

PERGUNTA	PROCEDIMENTOS
Quais dissertações, teses e artigos acadêmicos qualificados publicados no Brasil no período de 2005-2012 tratam do inglês como língua franca?	Busca de dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos acadêmicos nas principais fontes disponíveis na web.
Quais os focos dos estudos e quais entendimentos de ILF são adotados?	Análise dos objetivos e referenciais teórico adotados.
Qual a natureza dessas pesquisas e em que contextos foram realizadas?	Análise da seção de metodologia dos trabalhos, a fim de verificar se incluíram estudos empíricos, e quem foram os participantes da pesquisa.
Quais implicações pedagógicas derivam desses estudos? - resultados	Análise das conclusões dos trabalhos, de modo a discutir as implicações pedagógicas.

**Fonte:** o próprio autor

Neste capítulo, discorri sobre a natureza desta pesquisa, bem os procedimentos de análise dos dados (textos recuperados por meio das fontes citadas) e a quantidade de trabalhos selecionados, os quais foram lidos na íntegra para a produção do próximo capítulo. Este trata da análise dos textos abordados por este mapeamento.

<sup>35</sup> O trabalho que contém a nomenclatura “inglês como língua multinacional” é de Calvo et al. (2009) – “Percepções de estudantes e profissionais chineses sobre o status do inglês como língua franca”. As autoras utilizaram o conceito de Leffa (2002): uma língua que não possui falantes nativos, independe de uma cultura e é utilizada para propósitos específicos.

## CAPÍTULO 4

### ESTUDOS PUBLICADOS NO BRASIL SOBRE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA

Neste capítulo, apresento os resultados da análise quantitativa e qualitativa do mapeamento de estudos realizados em contexto brasileiro, referente à temática do ILF. Procuo apresentar ao leitor um olhar crítico sobre os trabalhos vigentes no Brasil nesta área, suas lacunas e avanços, exemplificando quais aspectos poderiam ser passíveis de futuras pesquisas em âmbito nacional.

Este capítulo está organizado em 4 tópicos principais, a fim de acompanhar a sequência das perguntas de pesquisa: 4.1 Pesquisas brasileiras concentradas no âmbito do ILF; 4.2 Temas e conceitos de ILF presentes nos trabalhos; 4.3 Contextos das pesquisas; 4.4 Implicações pedagógicas derivadas desses estudos.

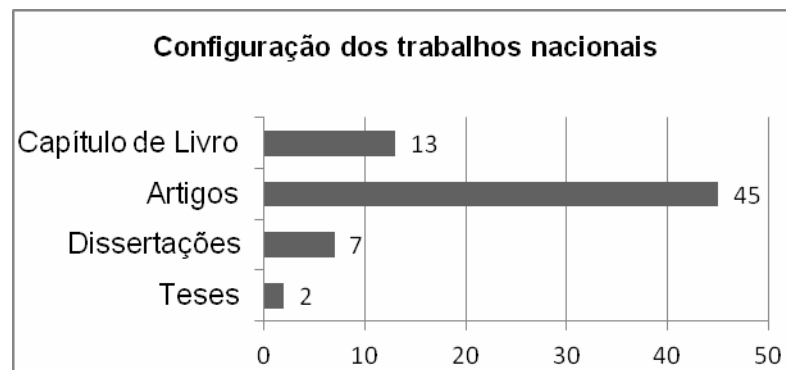
#### 4.1 PESQUISAS BRASILEIRAS CONCENTRADAS NO ÂMBITO DO ILF

Foram localizados 56 trabalhos os quais foram lidos na íntegra, inclusive os 11 capítulos do livro *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*, organizado por Gimenez, Calvo e El Kadri (2011), como já mencionado no capítulo anterior. Se somados os trabalhos detectados pelas fontes de busca citadas e os capítulos do livro, temos então um total de 67 estudos. Estes trabalhos estão destacados no Anexo A.

Com relação à natureza das pesquisas, constato que a maior parte dos trabalhos detectados encontra-se em formato de artigo (total 45<sup>36</sup>: 37 artigos do google acadêmico + 8 artigos recuperados dos periódicos mencionados), conforme mostra o gráfico abaixo:

---

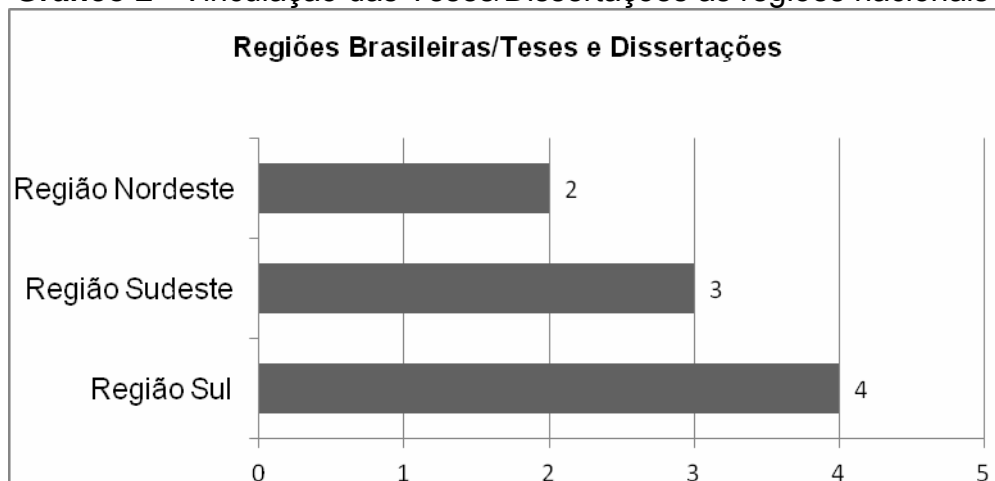
<sup>36</sup> Além dos 11 capítulos do livro já mencionado, foram recuperados mais 2 capítulos de livro, por meio do google acadêmico: Lacoste (2005) e Leffa (2006).

**Gráfico 1- Configuração dos trabalhos nacionais**

Fonte: o próprio autor

A concentração em artigos pode ser indicativa da adoção recente da terminologia língua franca, global, internacional ou multinacional em nosso país. Dissertações e teses geralmente configuram-se como pesquisas a longo prazo (2 a 4 anos) e por isso aparecem em menor número.

Com relação às IES (Instituições de Ensino Superior) nas quais foram defendidas as pesquisas recuperadas, temos que a maior parte desses trabalhos (4) foi produzida na região sul (UCS, UEL, UEPG e UFRS), enquanto que 3 foram realizados na região sudeste (2 PUC-RJ e 1 USP) e 2 na região Nordeste (UFS e UFBA). É o que mostra o gráfico a seguir:

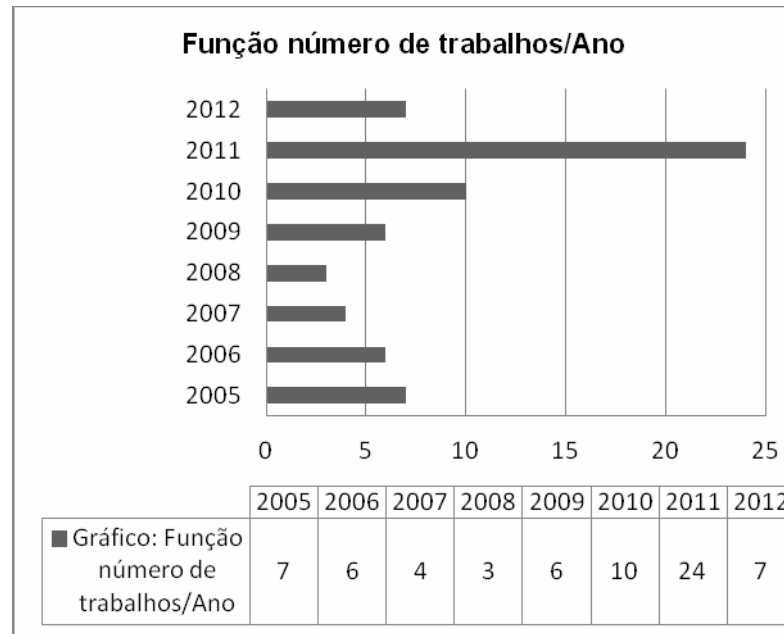
**Gráfico 2 - Vinculação das Teses/Dissertações às regiões nacionais**

Fonte: o próprio autor

De acordo com os dados, a região Sul se mostra mais presente, no que tange às publicações de dissertações e teses na área do ILF. Isso pode ser justificado pelos conteúdos disciplinares dos programas de pós-graduação presentes nas universidades. Na UEL (Universidade Estadual de Londrina), por exemplo, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, era ministrada uma disciplina intitulada *Ensino-Aprendizagem de Inglês como Língua Franca*, da qual participei como aluna regular. Nesta foram debatidos assuntos referentes ao “novo” estatuto da língua inglesa, e que repercussões o mesmo tinha para o ensino-aprendizagem de inglês. Na UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), o foco do programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade volta-se para questões de linguagem e identidade, formação de professores de língua, interação e ensino de línguas e estudos sobre cultura e linguagem. Estas questões podem ser bem trabalhadas em conjunto, como é o caso da dissertação de Kalva (2012), que será abordada mais adiante.

O Programa da UCS (Universidade Caxias do Sul) é mais voltado à área de Educação, fugindo um pouco do campo dos estudos da linguagem. Já na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), faz-se presente a linha de pesquisa em estudos da linguagem, com concentração em aquisição da linguagem.

Logo abaixo, apresento um gráfico referente à evolução das produções nacionais sobre o ILF, para o período de 2005-2012:

**Gráfico 3 - Evolução das produções nacionais**

**Fonte:** o próprio autor

Como se pode observar, houve um crescimento significativo do número de produções de trabalhos referentes à temática do ILF, entre os anos de 2008 a 2011, decrescendo no ano de 2012. O ano de 2011 foi o maior responsável pela disseminação de trabalhos na área. Se considerarmos o número de produções e o livro de ILF, já mencionado, temos o total de 24 trabalhos. Isto significa que o interesse por este campo de pesquisa sob a denominação ILF está se tornando cada vez mais crescente em âmbito nacional.

Do total de 67 estudos (considerando todas as fontes de busca) detectados por meio deste levantamento e o livro nacional sobre ILF já mencionado, 15<sup>37</sup> são coincidentes ao mapeamento de Calvo e El Kadri (2011). Os trabalhos foram categorizados segundo o seu foco de discussão. Na próxima seção apresento os focos/temáticas e os entendimentos sobre ILF tratados nos trabalhos.

<sup>37</sup> Barros (2005); Schütz (2005); Nunes (2006); Mott-Fernandez; Fogaça (2009); El Kadri (2010a); Siqueira (2008); Longaray (2009); Salles; Gimenez (2010); Rajagopalan (2009); Assis-Peterson; Cox (2007); Moita Lopes (2008); Calvo et al. (2009), Becker (2009); Cruz (2006); Silva, H. M. (2009).

## 4.2 TEMAS E CONCEITOS DE ILF PRESENTES NOS TRABALHOS

Nesta seção apresento as temáticas dos 67 trabalhos, além de discorrer sobre o conceito de ILF presente nos mesmos. Segue abaixo o quadro contendo os temas específicos de todos os trabalhos mapeados:

**Quadro 9 - Categorias temáticas dos trabalhos mapeados**

Autor	Título do Trabalho	Tema
BERGER (2005)	O papel da língua inglesa no Contexto de Globalização e as Implicações do Uso das NTICs no processo de Ensino/Aprendizagem desse idioma	Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês
PESCADOR (2010)	Ações de aprendizagem empregada pelo nativo-digital para interagir em redes hipermediáticas tendo o inglês como língua franca	Ferramentas tecnológicas no ensino de inglês
DE PAOLA (2010)	Encontros de serviço em contextos do uso de inglês como língua franca: sobreposições como estratégias de solidariedade	Questões pragmáticas
ZACCHI (2006)	Discursos da Globalização nas vozes de professores e professoras de língua inglesa	Crenças e atitudes de professores do setor público
MESQUITA; MELLO (2007)	Sociedade global, Englishes e Bilinguismo Glocal	Discussão da língua inglesa no contexto da globalização
EL KADRI (2010b)	Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês	Currículo de LI
GOMES (2010)	Uma reflexão sobre o inglês como língua franca e os novos rumos para o ensino de pronúncia com a linguística probabilística	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
UR (2010) <sup>38</sup>	English as a Lingua Franca: A Teacher's perspective	Crenças e atitudes de professores do setor público
LONGARAY & LIMA (2010)	Os vários nomes do inglês na era global	Discussão conceitual
BARBOSA (2011)	Nem britânico, nem americano: O ensino da pronúncia do inglês como língua internacional	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
BECKER (2011)	A questão da inteligibilidade do inglês como língua franca	Inteligibilidade
DUTRA & COSTA (2011)	A pronúncia do ILF e o respeito à identidade linguística	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
KALVA & FERREIRA (2011)	Inglês como língua franca e a concepção de identidade nacional por parte do professor de inglês: uma questão de formação	ILF e identidade
SHOEMAKER (2011)	Regionalismo e identidade cultural: o inglês como língua internacional	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
KALVA (2012)	Identidade nacional e língua franca: negociações no processo de ensino e aprendizagem de inglês	ILF e identidade
MENONCIN & VON BORSTEL (2012)	A competência comunicativa na língua inglesa por funcionários em duas empresas comerciais	Questões pragmáticas
SILVEIRO (2012)	Ensino de Pronúncia e Inglês para aviação: uma interseção possível e necessária	Inteligibilidade
SIQUEIRA & ANJOS (2012)	Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom)	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF

<sup>38</sup> Este trabalho foi recuperado por meio do google acadêmico, com a palavra-chave “inglês como língua franca”, foi publicado no periódico Cadernos de Letras (UFRJ) e inserido nesta pesquisa, uma vez que se enquadrava dentro do critério referente ao protocolo de ações (o trabalho poderia estar em língua inglesa ou portuguesa, produzido no Brasil).

	funcionamento	
SCHMITZ (2012)	"To ELF or not to ELF"? (English as a Lingua Franca): That's the question for Applied Linguistics in a globalized world.	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
DAVID (2005)	O inglês no mundo: Língua de Prestígio	Discussão conceitual
MOITA LOPES (2005)	Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação	Discussão conceitual
LACOSTE (2005)	Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês	Discussão conceitual
BERGER (2007)	A Globalização da Economia, a Internet, e o Ensino de Língua Inglesa como Idioma Global	Ferramentas tecnológicas no ensino de inglês
BERGER (2010)	Língua inglesa, globalização e o processo de formação do profissional docente	Discussão conceitual
FORTES; SALEM (2011)	The "Englishes": An approach of the learning of English language as a global language	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
MOTTER; CATAPAN (2011)	A formação do professor de inglês no contexto do idioma como língua global	Formação (inicial) do professor de inglês
SILVA, V. E. S. (2011)	A interculturalidade nos livros didáticos de inglês	Materiais didáticos
SIQUEIRA (2005)	O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
LEFFA (2006)	Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional	Discussão conceitual
CRUZ; PEREIRA (2006)	Pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês e inteligibilidade: um estudo com dois grupos de ouvintes	Inteligibilidade
SANTOS (2007)	Relações culturais internacionais e teoria crítica: estudando a legitimação do inglês como língua internacional	Discussão conceitual
REIS & CRUZ (2010)	(Un)intelligibility in the context of English as a Lingua Franca: A study with French and Brazilian Speakers	Inteligibilidade
FESTINO (2011)	The importance of the literary text in the teaching of English as an International Language	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
SILVA, E. R. (2011)	O conceito de "World Englishes" em um livro didático de inglês utilizado na escola pública	Materiais didáticos
GONÇALVES E MOTTER (2012)	Sobre o ensino de língua inglesa no contexto global: Língua Franca, Hibridismo Linguístico e Homogeneização Cultural	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
SILVA, J. M. (2012)	Implicações culturais e didáticas do inglês como língua internacional: o livro didático	Materiais didáticos
SALOMÃO (2011)	Vizinhança global ou proximidade imposta? Impactos da comunicação intercultural mediada por computador sobre o papel da cultura no ensino de língua inglesa	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
DUBOC (2011)	Redesenhando currículos de língua inglesa em tempos globais	Currículo de LI
SKYBINA (2006)	English across cultures: adapting to new realities	Discussão conceitual
CRUZ (2008)	Vowel insertion in the speech of Brazilian learners of English: a source of unintelligibility?	Inteligibilidade
FIGUEREDO (2011)	O falante nativo de inglês <i>versus</i> o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês	Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública
CALVO E EL KADRI (2011)	Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços	Revisão bibliográfica de estudos
RAJAGOPALAN	O "World English"- Um Fenômeno muito mal	Discussão conceitual

(2011)	compreendido	
PEDERSON (2011)	English as a Lingua Franca, World Englishes and Cultural Awareness in the classroom	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
SIQUEIRA (2011)	Inglês como Língua Franca: O Desafio de ensinar um idioma desterritorializado	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
COSTA E GIMENEZ (2011)	Lady Gaga vai à aldeia Kaingang	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
BERTO (2011)	English Language Teaching in Brazil: Pursuing a Pluricentric Approach	Crenças e Atitudes de estudantes de Letras
EL KADRI (2011)	Inglês como Língua Franca: Atitudes de Formadores de Professores	Crenças e Atitudes de formadores de professores
SOUZA, BARCARO E GRANDE (2011)	As representações de Alunas-Professoras de um Curso de Letras sobre o Estatuto do Inglês como Língua Franca	Crenças e atitudes de estudantes de Letras
MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009)	Inglês como língua internacional na universidade: rejeição e objeto de desejo	Crenças e Atitudes de estudantes de Letras
JORDÃO (2011)	A posição do inglês como língua internacional e suas implicações para a sala de aula	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
ROCHA; SILVA (2011)	World English no contexto do ensino fundamental-1 público	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
BERNS et al. (2011) - Entrevista	English as a Lingua Franca: A Conversation with Margie Berns	Discussão conceitual
BARROS (2005)	O inglês, língua global dos dias atuais	
SCHÜTZ (2005)	O inglês como língua internacional	
SILVA, H. M. (2009)	Língua Franca no Brasil: Inglês, globês ou inglês brasileiro?	
NUNES (2006)	Afinal, que história é essa de inglês internacional?	Crenças e atitudes de professores do setor público
EL KADRI (2010a)	Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em curso de formação inicial de professores	
SIQUEIRA (2008)	Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica	Reflexões sobre ensino de inglês no contexto de ILF
LONGARAY (2009)	Globalização, antiimperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna	
SALLES E GIMENEZ (2010)	Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão	
RAJAGOPALAN (2009)	A exposição de crianças ao inglês como língua estrangeira: o papel emergente do World English	
ASSIS-PETERSON E COX (2007)	Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal	Discussão da língua inglesa no contexto da globalização
MOITA LOPES (2008)	Inglês e Globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia Linguística para Tempos Híbridos	
CALVO ET AL. (2009)	Percepções de estudantes e profissionais chineses sobre o status do inglês como língua franca	Crenças e atitudes de estudantes Crenças e atitudes de profissionais
BECKER (2009)	ELF: Inglês como língua franca	Inteligibilidade
CRUZ (2006)	Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional	

Fonte: o próprio autor

O Quadro 10 a seguir apresenta as categorias temáticas:

**Quadro 10 - Apresentação das categorias temáticas dos trabalhos nacionais**

Tema	Apresentação
Crenças e Atitudes de estudantes de Letras	Crenças e Atitudes de estudantes de Letras (atitudes e opiniões de 24 graduandos brasileiros de Letras sobre a LI no mundo; representações de alunas-professoras do 4º ano de um curso de Letras da UEL, sobre o estatuto do ILF; reflexões do 1º. e último ano de duas instituições de ensino, acerca do ensino de ILI).
Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública	Reflexão sobre algumas representações em torno do falante nativo e não-nativo de inglês, para compreender as práticas discursivas de um professor de inglês e de seus alunos.
Crenças e Atitudes de formadores de professores	Investigar as atitudes de formadores de professores em relação ao estatuto de ILF.
Crenças e atitudes de professores de inglês do setor público	Entrevista com cinco professoras e três professores de língua inglesa que atuam no Ensino Médio e Fundamental em duas escolas municipais de Belo Horizonte – uma central e outra periférica, sobre o estatuto do ILF; Revisão sobre Inglês Internacional, nativo e não-nativos de inglês, materiais de ensino, professor de inglês e futuro da LI; Questionário aberto com 42 situações-problema aplicados a alunos (29) do 4. ano de Letras de uma universidade de Londrina, Paraná; questionário/entrevista semi-estruturada com professores formadores (6) do referido curso; Trazer discussões acerca da literatura de pesquisa (ILF), tomando como base o ponto de vista de um professor.
Crenças e atitudes de estudantes; Crenças e atitudes de profissionais	Dez estudantes e profissionais chineses de diversas áreas (quatro deles são vendedores, dois trabalham na área de marketing, dois são professores, um estudante e o outro trabalha com negócios internacionais. Cinco com graduação na área de línguas estrangeiras (sendo que quatro especificamente na área de inglês), dois com graduação em Economia, dois em Comércio Exterior e um em Administração) acerca do <i>status</i> da língua inglesa como língua franca.
Currículo de LI	Estudo comparativo entre dois documentos curriculares: OCEM-LE (âmbito nacional; Menezes de Souza; Monte-Mór, 2006) e a Proposta Curricular do Estado de SP – Inglês (Borges; Shimoura; Rodrigues; Hayama; Fidalgo, 2008); Corpus - Os programas das disciplinas do curso de Letras (fonte documental do tipo oficial primária - documentos oficiais da instituição).
Discussão conceitual	Nomenclaturas da LI; Relato da situação do inglês no mundo; Reflexões sobre o inglês, globalização e educação linguística; a geopolítica da difusão do inglês no mundo; Reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizagem de LI como idioma global, e do papel do profissional docente; Discussão sobre a LI no mundo e descrição das propriedades de uma língua internacional; Imposição de cultura e legitimidade; Estudo dos mecanismos de adaptação da LI a novas realidades; Esclarecer o significado da expressão World English; Revisão sobre a história da expansão do inglês, ILF e variedades da LI; Análise sobre o caminho percorrido pelo inglês; Panorama histórico da expansão da LI no mundo.
Discussão da língua inglesa no contexto da globalização	Discussão da mundialização do inglês no contexto da globalização; Leituras sobre o fenômeno “globalização”; Compreensão sobre como a LI passou a ser conhecida como língua franca global.
Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês	Aplicação das NTICs (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação) no ensino de inglês; Identificação de ações de aprendizagem por nativo digitais (jogos computacionais da internet).

Formação inicial de professores	Reflexão sobre a formação do professor de inglês na era das Tecnologias de Comunicação Digital.
ILF e identidade	Percepção do professor e alunos sobre sua identidade no contexto do ILF; formação da identidade do aprendiz de LI.
Inteligibilidade	Discussão sobre LF e inteligibilidade; Discussão sobre questões fonológicas d LI, considerando o Inglês para Aviação; Foco na pronúncia de graduandos brasileiros de ILE; Investigação de aspectos impeditivos da comunicação entre falantes brasileiros/franceses de LI; Teste da eficácia do LFC proposto por Jenkins (2000); Verificar de a inserção de vogais na fala de aprendizes brasileiros de LI pode afetar a inteligibilidade.
Materiais didáticos	Análise de duas coleções de livros didáticos de inglês do ensino médio; análise de livro didático com a finalidade de verificar se este está incorporando a questão das variedades linguísticas; Análise de LD com foco em aspectos culturais.
Questões pragmáticas	Investigação dos esforços de participantes na obtenção de sucesso nas comunicações em LI; Análise da competência de funcionários de duas empresas comerciais (município de Medianeira, Paraná).
Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF	Discussão sobre ensino de pronúncia de LI na era da língua franca; Percurso histórico de métodos/abordagens para o ensino de LI; Opinião de professores acerca do NLF; reflexões sobre ensino-aprendizagem pela perspectiva do ILF; Análise da expansão da LI no mundo e o conseqüente interesse pelo seu aprendizado; Discussão do papel do professor de LI nos dias atuais; Discussão da importância das narrativas literárias no ensino de LI; Análise de aspectos do ILI; Discussão da necessidade de reformulação do componente cultural no ensino/aprendizagem de línguas; Discussão de alguns aspectos pertinentes ao estatuto do ILF (língua, cultura e identidade); Percepção do professor de inglês de diversos contextos educacionais sobre sua atuação no contexto do ILI, defendendo uma pedagogia intercultural crítica; Representação da LI no contexto global/nacional; Implicações do ILI para a sala de aula; Reflexão da LI por meio das perspectivas críticas; Contraste entre o paradigma de ensino pautado no ILE x ILI.
Revisão bibliográfica de estudos	Mapeamento de estudos brasileiros sobre o ILF

**Fonte:** o próprio autor

O Quadro 11 a seguir traz a quantificação desses temas:

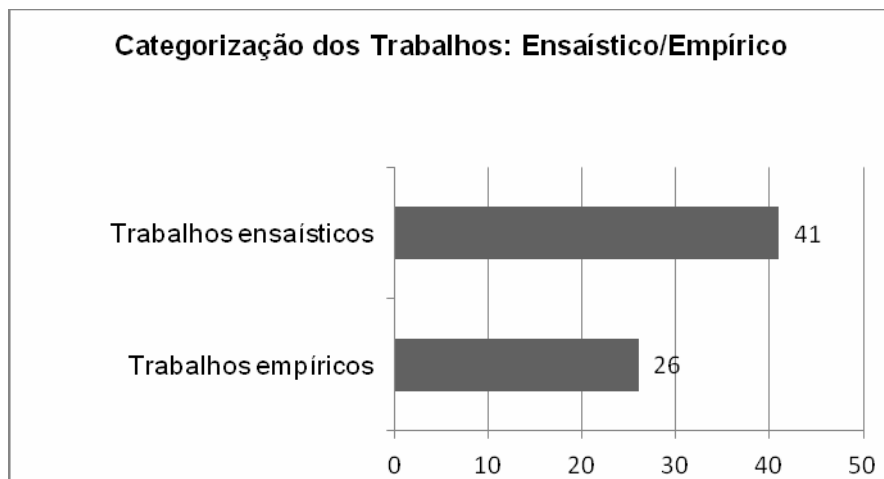
**Quadro 11 - Quantificação dos trabalhos mapeados.**

<b>Tema</b>	<b>Autores</b>	<b>Qtde Trabalhos</b>
Crenças e Atitudes de estudantes de Letras	BERTO (2011); SOUZA, BARCARO; GRANDE (2011); MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009)	3
Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública	FIGUEREDO (2011)	1
Crenças e Atitudes de formadores de professores	EL KADRI (2011)	1
Crenças e atitudes de professores de inglês do setor público	ZACCHI (2006); NUNES (2006); EL KADRI (2010a); UR (2010)	4
Crenças e atitudes de estudantes; Crenças e atitudes de profissionais	CALVO et al. (2009)	1
Currículo de LI	DUBOC (2011); EL KADRI (2010b)	2
Discussão conceitual	LONGARAY; LIMA (2010); DAVID (2005); MOITA LOPES (2005); LACOSTE (2005); BERGER (2010); LEFFA (2006); SANTOS (2007); SKYBINA (2006); RAJAGOPALAN (2011); SILVA, H. M. (2009); BARROS (2005); SCHÜTZ (2005); BERNS et al. (2011)	13
Discussão da língua inglesa no contexto da globalização	MESQUITA; MELLO (2007); ASSIS-PETERSON; COX (2007); MOITA LOPES (2008)	3
Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês	BERGER (2005, 2007); PESCADOR (2010)	3
Formação inicial de professores	MOTTER; CATAPAN (2011)	1
ILF e identidade	KALVA; FERREIRA (2011); KALVA (2012)	2
Inteligibilidade	BECKER (2009, 2011); SILVEIRO (2012); CRUZ; PEREIRA (2006); REIS; CRUZ (2010); CRUZ (2006, 2008)	7
Materiais didáticos	SILVA, V. E. S. (2011); SILVA, E. R. (2011); SILVA, J. M. (2012)	3
Questões pragmáticas	DE PAOLA (2010); MENONCIN; VON BORSTEL (2012)	2
Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF	GOMES (2010); BARBOSA (2011); DUTRA; COSTA (2011); SCHMITZ (2012); FORTES; SALEM (2011); SIQUEIRA (2005); FESTINO (2011); GONÇALVES; MOTTER (2012); SALOMÃO (2011); PEDERSON (2011); SIQUEIRA (2008, 2011); COSTA; GIMENEZ (2011); JORDÃO (2011); ROCHA; SILVA (2011); SALLES; GIMENEZ (2010); RAJAGOPALAN (2009); LONGARAY (2009); SHOEMAKER (2011); SIQUEIRA; ANJOS (2012)	20
Revisão bibliográfica de estudos	CALVO; EL KADRI (2011)	1

**Fonte:** o próprio autor

De acordo com o quadro acima, é possível observar que a temática “Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF” é a mais frequente. Isso pode ser indício de que a maioria dos trabalhos em nível nacional, ao menos no período definido para este mapeamento, apresenta-se mais em formato ensaístico, de reflexões pessoais a respeito do ILF do que pesquisas empíricas, conforme se vê a seguir. Uma possível lacuna, portanto, é a de trabalhos investigando as características de interações envolvendo brasileiros e falantes de outras línguas. Esses seriam dados que poderiam compor o acervo do VOICE, por exemplo, permitindo que pesquisadores buscassem regularidades, de modo a subsidiar professores. Logo abaixo, apresento um gráfico (4) sobre a caracterização dos trabalhos acima mencionados:

**Gráfico 4-** Categorização dos trabalhos (ensaístico/empírico).



Fonte: o próprio autor

#### 4.2.1 O Conceito de ILF Presente nos Trabalhos

Nesta seção abordo as categorias temáticas como ponto de partida para o tratamento do conceito de ILF presente nos trabalhos, a fim de contrastar, comparar, enfim, relacionar os dados presentes nos trabalhos. Logo abaixo segue um quadro contendo os temas e as discussões sobre o referido conceito:

**Quadro 12** - Conceito de ILF adotado pelos autores.

<b>Categoria Temática</b>	<b>Autor</b>	<b>Termo(s) usado</b>	<b>Definição</b>
Crenças e Atitudes de estudantes de Letras	BERTO (2011)	Língua franca global	Inglês utilizado, na maioria das vezes, entre falantes não-nativos de diferentes perfis linguísticos. A propriedade do inglês passou a pertencer a todos que desta língua fazem uso (WIDDOWSON, 1994)
	SOUZA, BARCARO; GRANDE (2011)	ILF	Jenkins (2006) – LF é uma língua de contato usada principalmente entre falantes não-nativos de LI, mas que pode também se referir aos círculos interno e externo, no engajamento da comunicação intercultural.
	MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009)	ILI	ILI - Smith (1976 apud MCKAY, 2002) afirma ser uma língua usada por diferentes nações para se comunicarem não necessariamente com falantes nativos (equiparada ao sentido de LF).
Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública	FIGUEREDO (2011)	Língua global; língua internacional	“Ninguém mais a tem, aliás, todos aqueles que a aprenderam a possuem – e podem compartilhar dela, o que seria mais correto afirmar – e, além disso, possuem o direito de utilizá-la da maneira como quiserem (Crystal, 2003, p. 3)”.
Crenças e Atitudes de formadores de professores	EL KADRI (2011)	ILF	Seidlhofer (2001)- sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, não sendo língua materna de nenhum deles.
Crenças e atitudes de professores do setor público	ZACCHI (2006);	ILF	Esta língua tem penetrado profundamente nas áreas internacionais da vida política, dos negócios, segurança, comunicação, entretenimento, mídia e educação, estando disponível para servir as relações e as necessidades humanas (CRYSTAL, 1998, p. 24-25)
	NUNES (2006)	ILI	O ILI (WIDDOWSON, 1990, 1994a) desloca a propriedade dos falantes nativos, não mais possuindo estes a propriedade sobre a LI, ou seja, não têm mais o direito de determinar como ela deve ser falada no mundo. Jenkins (2003) - língua internacional que serve a uma gama de comunidades diferentes e a seus propósitos institucionais que transcendem barreiras culturais e tradicionais da comunidade. O ILI é usado especialmente entre os falantes de inglês como L2, sem a presença de um falante nativo.
	EL KADRI (2010a)	ILF	Seidlhofer (2001): “um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas - uma língua que não possui falantes nativos’
	UR (2010)	ILF	O usuário de ILF pode ser definido como qualquer pessoa que utiliza o inglês com propósitos de LF, independente da variedade empregada (SEIDLHOFER, 2004), incluindo

			nativos em suas interações.
Crenças e atitudes de estudantes; Crenças e atitudes de profissionais	CALVO ET AL. (2009)	ILF = língua multinacional	Seidlhofer (2001) – um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas. LF ou multinacional, para Leffa (2002), é uma língua que não possui falantes nativos, independe de uma cultura e é utilizada para propósitos específicos. Para McKay (2003) o estatuto de LF foi adquirido pelo inglês devido ao crescente número de pessoas que começaram a utilizar esta língua
Currículo de LI	DUBOC (2011)	Inglês global	LI em tempos de mudança devido à globalização (porém não traz uma definição para inglês global)
	EL KADRI (2010b);	ILF	Seidlhofer (2001): “um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas - uma língua que não possui falantes nativos’
Discussão conceitual	LONGARAY; LIMA (2010)	Inglês mundial (WE), ILI, inglês global,  ILF, WEs	Vide Longaray (2009)
	DAVID (2005)	ILI/ILF	Não define o conceito de ILF
	MOITA LOPES (2005)	ILF	A necessidade do inglês envolve razões de natureza diversa das relativas ao comércio até as relativas à aprendizagem e ao conhecimento.
	LACOSTE (2005)	Inglês global ou língua da globalização	Não define o conceito de ILF
	BERGER (2010)	Inglês mundial	Língua mundial (ORTIZ, 2000) - sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior desse espaço transglóssico, uma vez que a natureza global da sociedade pede uma postura de respeito às diferenças culturais.
	LEFFA (2006)	ILI	Língua internacional - um instrumento utilizado para diferentes objetivos, servindo a diferentes interesses Representa uma variedade do inglês, ou seja, falantes nativos terão de aprendê-la (MODIANO, 1999)-modificado
	SANTOS (2007)	ILI	ILI - uma língua utilizada por pessoas de diversas origens, para comunicação, porém, não traz um respaldo teórico para tal afirmação. Apenas afirma que a mundialização do inglês é compreendida

			como diglossia, ou seja, uma convivência de duas línguas na mesma sociedade em escala mundial (ORTIZ, 1998).
	SKYBINA (2006)	Inglês mundial; WEs	Não define o conceito de ILF
	RAJAGOPALAN (2011)	WE	O WE (World English) não possui falantes nativos e é utilizado notavelmente em contextos de bilinguismo/multilinguismo societal, pertencendo a todos que dele se utilizam de alguma forma, não podendo ser compreendido como uma língua monocêntrica. O WE coloca a necessidade de se comunicar em primeiro lugar e vai se moldando conforme as exigências da comunicação.
	SILVA, H. M. (2009)	Inglês mundial, LF	Língua mundial - idioma falado por uma grande quantidade de pessoas em todo o mundo que o utiliza como um meio de efetiva comunicação internacional, o que faz com que seja adotado como primeira língua estrangeira a ser ensinada nas escolas. Uma LF é “[...] uma língua para a comunicação rotineira entre (grupos de) pessoas que possuem línguas maternas diferentes” (CARTER; NUNAN, 2005), ou uma língua falada apenas entre falantes de línguas diferentes (JENKINS, 2006).
	BARROS (2005)	Inglês global	Crystal (2003) - houve/há uma necessidade de comunicação entres as nações, portanto o inglês foi “escolhido” como a língua global. Uma língua global é aquela que desempenha um papel especial, reconhecido em todos os países do mundo. Esse reconhecimento é feito de dois modos: a) língua considerada oficial de um país - geralmente descrita como segunda língua (serve para a comunicação, para os negócios, sistema educacional); b) A língua tem prioridade no ensino de LE.
	SCHÜTZ (2005)	ILI	Inglês como meio de comunicação por excelência tanto do mundo científico, como do mundo de negócios (Não traz um autor específico)
	BERNS et al. (2011)	ILF	O ILF é um construto abstrato, um meio de instrução, a combinação de ingleses e não representa uma nova variedade de inglês, e sim, um contexto de uso internacional da língua, visando à comunicação.
Discussão da língua inglesa no contexto da globalização	MESQUITA; MELLO (2007);	Inglês mundial	inglês como língua mundial (ORTIZ, 1994), língua que coloca em contato grupos de falas distintas, além de estar permeada de interesses políticos e econômicos
	ASSIS-PETERSON; COX (2007);	Inglês mundial	Ortiz (2006) - “inglês como língua mundial”, afirmando que sua mundialidade se dá no interior de um universo transglóssico habitado por outros idiomas. Uma vez mundializado, o inglês passa a ser um idioma desterritorializado, fator contribuinte para que

			o inglês seja atravessado por várias línguas maternas (português brasileiro, japonês, etc)
	MOITA LOPES (2008)	Língua de fronteira	Moita Lopes (2008) defende o pensamento das margens e ressalta que estar na fronteira significa estar além dos limites de uma língua nacional específica, e é neste atravessamento de fronteira em que a identidade é construída (ANZALDÚA, 1999).
Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês	BERGER (2005)	Inglês global	Língua de comunicação global (IANNI, 1999b). Idioma da tecnologia, compreendendo a produção, a distribuição, a troca e o consumo de mercadorias, serviços, notícias e fantasias de todo tipo
	BERGER (2007)	Inglês global	Língua de comunicação global (IANNI, 1999b). Idioma da tecnologia, compreendendo a produção, a distribuição, a troca e o consumo de mercadorias, serviços, notícias e fantasias de todo tipo
	PESCADOR (2010)	ILF	McArthur (apud CRYSTAL, 1997) - linguagem comum/compartilhada entre muitas culturas e comunidades, em qualquer/todos os níveis sociais/educacionais e usada como ferramenta internacional.
Formação inicial de professores	MOTTER; CATAPAN (2011)	Língua global, internacional ou franca	Trazem a definição apenas de LF. Os autores revisitam Seidlhofer (2004), a qual afirma que uma língua franca é uma língua utilizada por falantes de diferentes línguas maternas para a comunicação
ILF e identidade	KALVA; FERREIRA (2011)	Língua glocal	Língua glocal - língua de comunicação com pessoas que não têm línguas em comum, porém preservam suas identidades locais (PAKIR, 1997).
	KALVA (2012)	Língua glocal = LF	Língua glocal = LF (ênfatisa a pluralidade de ingleses, buscando o reconhecimento das variedades)
Inteligibilidade	BECKER (2009)	ILF	Jenkins, (2007) - a LF uma língua de contato entre povos que não compartilham uma primeira língua ou uma segunda ou subsequente língua de seus falantes. O ILF não exclui falantes nativos, porém, estes não são incluídos na coleta de dados (JENKINS, 2000).
	BECKER (2011)	ILF	Jenkins (2007, p. 1) - o termo <i>lingua franca</i> , de origem latina, "simbolicamente remove o sentido de propriedade da língua dos falantes nativos
	SILVEIRO (2012)	ILF	O ILF se refere à interação entre falantes de diferentes nacionalidades, com idiomas maternos bastante diversos entre si, atuando como um veículo de comunicação (Jenkins, 1998, 2011).
	CRUZ; PEREIRA (2006)	ILI/ILF	ILI- contexto de interação entre falantes de diferentes línguas maternas usando o inglês como língua franca (JENKINS, 2000).

	REIS; CRUZ (2010)	ILF	ILF - um meio linguístico de comunicação entre pessoas de diferentes línguas maternas, para quem o inglês é uma segunda língua (SAMARIN, 1987 apud SEIDLHOFER, 2004), implicando numa mudança dos objetivos e necessidades dos aprendizes.
	CRUZ (2006)	ILI	ILI - inglês utilizado nas interações entre não-nativos que têm línguas maternas diferentes (sem referência)
	CRUZ (2008)	-	Não define o conceito de ILF
Materiais didáticos	SILVA, V. E. S. (2011);	ILI, WEs	Richards e Schmidt (2002) - o inglês com o estatuto de língua internacional varia de acordo com a língua materna dos usuários da LI. Além disso, cita Kachru (1985), a fim de afirmar que os World Englishes são um resultado de diversos contextos socioculturais e diversos usos da língua em contextos internacionais culturalmente distintos.
	SILVA, E. R. (2011);	<i>língua mundi</i> , língua internacional, WEs	língua inglesa - serve de meio de comunicação entre os diferentes povos do mundo hoje e não pode ser confundida com a língua que se fala nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália ou onde quer que seja (RAJAGOPALAN, 2005, pp. 150-151). World Englishes - representa uma outra língua (RAJAGOPALAN, 2005), pertencendo a todos que a usam (inglês local) e não mais aos falantes nativos do inglês padrão
	SILVA, J. M. (2012)	ILI, inglês mundial, inglês global	ILI se define como a desvinculação entre a língua e os espaços geográficos restritos a países ou nações específicas, passando o idioma a ser apropriados nos mais diversos contextos e para diferentes propósitos. O estatuto de língua "internacional" destaca o uso do inglês entre pessoas de diferentes nações, falantes nativos de inglês ou não (MCARTHUR, 2004). Esta faz parte de uma perspectiva na qual a língua pertence a todos os seus falantes, oriundos de diferentes nações ou culturas e que possuem diferentes línguas maternas. McArthur (2004) – o World English (língua mundial) se apresenta como língua padrão, ou conjunto de todas as variedades e usos da LI. O inglês também é conhecido como língua global (CRYSTAL, 2003), porém não são todos que o dominam.
Questões pragmáticas	DE PAOLA (2010)	ILF	House (2003) - LF significa língua do comércio, tendo a estabilidade como característica principal, não deixando espaço para uma variante individual; é um veículo para a comunicação, caracterizado por sua negociabilidade, variabilidade em termos de proficiência do falante e abertura para integração de formas de outras línguas. A comunicação em ILF incluirá a interferência

			de diferentes línguas e culturas: a) da sua língua materna; b) da variante inglesa adquirida/aprendida; c) de outras línguas do conhecimento do falante. Seidlhofer (2005), - veículo de comunicação entre falantes que não possuem a mesma L1, pois estes não compartilham nem a mesma forma linguística, nem dividem a mesma experiência cultural.
	MENONCIN; VON BORSTEL (2012)	ILI	não trazem uma definição de ILI, pautada em algum especialista da área de LF, porém, afirmam ser esta uma língua que vem sendo amplamente difundida por todo o mundo e utilizada em diversas áreas.
Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF	GOMES (2010)	Inglês como língua global	Língua global (CRYSTAL, 2010) - deixou de ser propriedade dos britânicos, passou a ser segunda língua em muitos países, além de estar em constante expansão entre falantes de ILE.
	BARBOSA (2011)	ILI	ILI - uma língua que não é vista como propriedade dos americanos/ingleses (PENNYCOOK, 1994). Também cita Crystal (1997, 2005), o qual afirma que a LI sofre um processo de transcendência às fronteiras dos países que se julgam “donos” da língua, priorizando a negociação de significados
	DUTRA; COSTA (2011)	ILF	O ILF representa a renacionalização e democratização da LI (MCKAY, 2002) e valorização do sotaque (Jenkins, 2007).
	SCHMITZ (2012)	ILF	Jenkins (2007) - LF como uma língua emergente que existe por direito próprio, e está sendo descrita em seus próprios termos – língua de contato entre falantes de diferentes línguas maternas, e o inglês não é língua materna de nenhum deles. Segundo a autora, o ILF serve para a comunicação especialmente entre falantes do círculo externo, representando um produto das interações de todos que da LI fazem algum uso. Para Schmitz (2012), o ILF é uma realidade diária, representando especialmente instâncias comunicativas entre não-nativos.
	FORTES; SALEM (2011)	Inglês como língua global	Crystal (2003) - Inglês como língua global: uma língua presente em todas as instâncias da vida contemporânea. É preciso respeitar as diversas culturas, mesmo utilizando uma língua em comum (inglês).
	SIQUEIRA (2005)	Inglês mundial=ILI	O inglês é uma língua mundial, porém não traz uma definição para tal termo. O inglês se torna uma língua internacional devido ao poder político de seus falantes e especialmente o militar (CRYSTAL, 1997).
	FESTINO (2011)	ILI	Não define o conceito de ILF

	GONÇALVES; MOTTER (2012)	Língua global, ILF	Língua global (CRYSTAL, 2008) - a LI desempenha um papel especial nos países em que coexiste; Outra definição apresentada em seu trabalho é a de Seidlhofer (2004) - ILF: qualquer meio linguístico de comunicação entre pessoas de diferentes línguas maternas, para as quais o inglês é a segunda língua, sendo, e as interações, ocorrem em sua maioria, entre não-nativos.
	SALOMÃO (2011)	-	Rajagopalan (2010) – a língua inglesa passa a pertencer a todos “aqueles milhões de pessoas que fazem dela uso diário no mundo inteiro”. Assim, a ideia de que a aprendizagem da língua inglesa deve visar a interação com o falante nativo passa a ser desafiada e os aspectos culturais a serem enfocados já não são mais previsíveis.
	PEDERSON (2011)	ILF	Seidlhofer (2001): “um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas - uma língua que não possui falantes nativos”.
	SIQUEIRA (2008)	ILF = ILI	LF = idioma de contato e comunicação entre grupos/membros de grupos linguisticamente distintos em relações de comércio internacional e outras interações mais extensas. Não é uma língua neutra, mas sim, possuidora de cargas política, ideológica e cultural. Widdowson (1994)- ILI = serve a uma quantidade significativa de comunidades diferentes e seus objetivos institucionais transcendem limites tanto comunitários, quanto culturais. Smith (1976), afirma que uma língua internacional é aquela falada por indivíduos de diferentes nações com o objetivo de se comunicar uns com os outros; o inglês é também uma língua auxiliar, ou seja, esta não é língua materna e é usada por habitantes de um determinado país para se comunicarem internamente.
	SIQUEIRA (2011)	ILF=ILI	ILF - exemplo de mestiçagem linguística que marca nossos dias pós-modernos (RAJAGOPALAN, 2010). Jenkins (2000, 2007), uma LF é um idioma de contato utilizado por pessoas que não compartilham a mesma língua materna, e assim, funciona como segunda língua de todos esses falantes, possuindo uma natureza híbrida. A LF não possui falantes nativos, não é língua materna de ninguém (ALPTEKIN, 2010, RAJAGOPALAN, 2004, SIQUEIRA, 2008b). ILI – Widdowson (1994): a língua ao se internacionalizar, liberta-se de antemão da custódia de nações e culturas, tornando-se independente (caráter dinâmico, multicultural e político), servindo a uma quantidade significativa de comunidades diferentes e seus objetivos institucionais transcendem limites tanto comunitários, quanto culturais.
	COSTA; GIMENEZ (2011)	ILF	Não definem o conceito de ILF

	JORDÃO (2011)	ILF	Não define o conceito de ILF
	ROCHA; SILVA (2011)	LF=ILI=WE=inglês global/ WEs	língua estrangeira escolhida para a comunicação, ou um meio de nos referirmos à comunicação em inglês, entre falantes de diferentes primeiras línguas, representando assim, uma língua de contato entre pessoas que não compartilham uma língua/cultura em comum (SEIDLHOFER, 2005).
	SALLES; GIMENEZ (2010)	ILF	Não definem o conceito de ILF
	RAJAGOPALAN (2009c)	WE	World English possui o hibridismo como seu traço característico. O WE é uma língua sem regras fixas, sendo estas negociadas, mesmo o jogo estando em progresso. O WE é algo completamente diferente do inglês, uma nova língua, um fenômeno linguístico, pertence a todos que o falam.
	LONGARAY (2009)	Inglês mundial (WE), ILI, inglês global, ILF, WEs	Inglês mundial – world English (1920): standard English/qualquer outra variedade do inglês (todo e qualquer tipo de inglês). O World English é uma variedade democrática do inglês: pertencente a todos os seus usuários, mas que não constitui língua materna de nenhum deles (RAJAGOPALAN, 2004); inglês internacional - international English (1930): uso multinacional do inglês, e está relacionado ao ensino de línguas - estratégias de cooperação e acomodação para garantir a inteligibilidade entre os falantes. Para Holliday (2005), a versão internacionalizada do inglês contribui para que o falante nativo perca o seu status de modelo ideal de falante da língua. Seidlhofer (2003) se apoia na definição de McKay (2002) – inglês como língua internacional: língua que propicia a interação local/global entre falantes nativos e não-nativos (bilíngues); e inglês global – global English (1990): múltiplos usos do inglês e sua relação com a globalização socioeconômica mundial (McArthur, 2004). O termo “global English” aparece nas produções de Crystal (2003a) e Graddol (2006). A língua global depende da conquista de um espaço especial dentro das comunidades – o inglês conta com um tipo especial de status em muitos países do globo. E por fim, o ILF – a comunicação entre indivíduos de culturas distintas exige o desvencilhamento das normas da língua de um único padrão linguístico; ILF (JENKINS, 2006) – língua de comunicação entre falantes nativos e não-nativos. Para Bolton (2004), os World Englishes se referem a 3 possibilidades de interpretação: a) rotular, descrever e analisar as variedades de inglês; b) ref. ao inglês falado na Ásia, África e Caribe; c) abordagem pluricêntrica do estudo da LI (remete ao círculo de Kachru) Longaray (2009) afirma que para o contexto brasileiro é suficiente adotar a nomenclatura ILE – inglês como língua estrangeira.
	SHOEMAKER (2011)	ILI/ILF	Não define o conceito de ILF.

	SIQUEIRA; ANJOS (2012)	ILF	Jenkins (2007), afirma ser o ILF um idioma de contato utilizado por pessoas que não compartilham a mesma língua materna, e assim, funciona como segunda língua desses falantes.
Revisão bibliográfica de estudos	CALVO; EL KADRI (2011)	ILF	O ILF representa diferentes usos da língua na comunicação global. Canagarajah (2006) - o ILF pode facilitar a expressão de identidades e culturas locais e talvez fosse necessário aceitar que as características e os efeitos de práticas linguísticas não podem ser descritos de maneira universal e absoluta.

**Fonte:** o próprio autor

#### 4.2.1.1 Discussão sobre o conceito de ILF presente nos trabalhos

O Quadro 13 abaixo apresenta a relação entre os termos relacionados à LI (língua franca, língua internacional, língua global, WE ou língua mundial, WEs (World Englishes), língua glocal, língua de fronteira e língua multinacional) e os autores dos trabalhos mapeados.

**Quadro 13 – Termos detectados por meio dos trabalhos mapeados**

<b>Termo (s) detectado</b>	<b>Autores relacionados aos termos detectados</b>	<b>Total de aparições</b>
<b>ILF</b>	BECKER (2009, 2011); BERNS et al. (2011); BERTO (2011); CALVO et al. (2009); CALVO; EL KADRI (2011); COSTA; GIMENEZ (2011); CRUZ; PEREIRA (2006); DAVID (2005); DE PAOLA (2010); DUTRA; COSTA (2011); EL KADRI (2010a, 2010b, 2011); GONÇALVES; MOTTER (2012); JORDÃO (2011); KALVA; FERREIRA (2011); KALVA (2012); LONGARAY (2009); LONGARAY; LIMA (2010); MOITA LOPES (2005); MOTTER; CATAPAN (2011); PEDERSON (2011); PESCADOR (2010); REIS; CRUZ (2010); ROCHA; SILVA (2011); SALLES; GIMENEZ (2010); SCHMITZ (2012); SHOEMAKER (2011); SILVA, H. M. (2009); SILVEIRO (2012); SIQUEIRA (2008, 2011); SIQUEIRA; ANJOS (2012); SOUZA; BARCARO; GRANDE (2011); UR (2010); ZACCHI (2006)	37
<b>ILI</b>	BARBOSA (2011); CRUZ (2006); CRUZ; PEREIRA (2006); DAVID (2005); FESTINO (2011); LEFFA (2006); LONGARAY (2009); LONGARAY; LIMA (2010); MENONCIN; VON BORSTEL (2012); MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009); MOTTER; CATAPAN (2011); NUNES (2006); ROCHA; SILVA (2011); SANTOS (2007); SCHÜTZ (2005); SHOEMAKER (2011); SILVA, J. M. (2012); SILVA, E. R. (2011); SILVA, V. E. S. (2011); SIQUEIRA (2005, 2008, 2011); SKYBINA (2006)	23
<b>ILG</b>	BARROS (2005); BERGER (2005, 2007); DUBOC (2011); FIGUEREDO (2011); FORTES; SALEM (2011); GOMES (2010); GONÇALVES; MOTTER (2012); LACOSTE (2005); LONGARAY (2009); LONGARAY; LIMA (2010); MOTTER; CATAPAN (2011); ROCHA; SILVA (2011); SILVA, J. M. (2012)	14
<b>“WE” ou inglês como língua mundial</b>	ASSIS-PETERSON; COX (2007); BERGER (2010); LONGARAY (2009); LONGARAY; LIMA (2010); MESQUITA; MELLO (2007); RAJAGOPALAN (2009c; 2011); ROCHA; SILVA (2011); SILVA, E. R. (2011); SILVA, H. M. (2009); SILVA, J. M. (2012); SIQUEIRA (2005); SKYBINA (2006)	13
<b>WEs ou World Englishes</b>	LONGARAY (2009); LONGARAY; LIMA (2010); ROCHA; SILVA (2011); SILVA, E. R. (2011); SILVA, V. E. S. (2011); SKYBINA (2006)	6
<b>Língua glocal</b>	KALVA; FERREIRA (2011); KALVA (2012)	2
<b>Língua de fronteira</b>	MOITA LOPES (2008)	1
<b>Língua multinacional</b>	CALVO et al. (2009), baseado em Leffa (2002)	1

Fonte: o próprio autor

Quantitativamente, as expressões que apareceram relacionadas ao conceito de ILF foram as seguintes, em ordem decrescente de uso: a) inglês como língua franca (37 vezes); b) inglês como língua internacional (23 vezes); c) inglês como língua global (14 vezes); d) inglês como língua mundial ou “World English” (13 vezes); e) World Englishes (WEs) (6 vezes); f) língua glocal (2 vezes). Esses números representam o número de vezes que tal termo apareceu nos trabalhos mapeados. Outros 2 termos foram utilizados na mesma proporção, ou seja, apareceram de forma equitativa nos estudos nacionais: g) língua de fronteira (1 vez) e h) língua multinacional (1 vez). Esta ordem denota a preferência da maioria dos autores pelo termo “língua franca” ao invés dos outros, talvez por expressar de forma mais abrangente a função da LI no mundo. Obviamente, o mecanismo de busca utilizado para a recuperação dos textos também pode ter contribuído para este resultado.

No que concerne o termo “inglês como língua franca”, alguns autores (GONÇALVES; MOTTER, 2012; MOTTER; CATAPAN, 2011; UR, 2010) se apoiam na definição de Seidlhofer (2004), autora que afirma ser o ILF uma língua utilizada por falantes de diferentes línguas maternas para a comunicação, e que apesar das interações ocorrerem especialmente entre falantes não-nativos, os nativos também estão inclusos nesta definição. Pescador (2010) afirma que o ILF é compreendido como uma língua falada por pessoas de vários lugares do mundo com o objetivo de comunicação e negociação (GRADDOL, 2006), além de ser uma linguagem comum/compartilhada entre muitas culturas e comunidades, em qualquer/todos os níveis sociais/educacionais e usada como ferramenta internacional (MCARTHUR apud CRYSTAL, 1997).

Siqueira e Anjos (2012) e Schmitz (2012) se apoiam em Jenkins (2007), com intuito de afirmar que o ILF é um idioma de contato utilizado por pessoas que não compartilham a mesma língua materna, e assim, funciona como segunda língua desses falantes; o ILF é uma língua de contato entre pessoas que não compartilham uma língua nativa (SEIDLHOFER, 2005 apud SIQUEIRA; ANJOS, 2012). El Kadri (2010a, 2010b, 2011) e Pederson (2011) trazem uma definição antiga de Seidlhofer (2001) para o conceito de ILF, sendo este um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas - uma língua que não possui falantes nativos. Como se pode notar, na introdução desta dissertação, esta definição já foi desafiada para “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas”, incluindo, portanto, os falantes nativos (SEIDLHOFER, 2011).

Rocha e Silva (2011) e Siqueira (2011) utilizam da definição de Seidlhofer (2005): o ILF emergiu como uma forma de se referir às interações em LI e pode significar a língua estrangeira escolhida para a comunicação, ou um meio de nos referirmos à comunicação em inglês, entre falantes de diferentes primeiras línguas, representando assim, uma língua de contato entre pessoas que não compartilham uma língua/cultura em comum. Para Longaray (2009), o ILF é uma língua de comunicação entre falantes nativos e não-nativos (JENKINS, 2006). Siqueira (2011) também utiliza o conceito de Jenkins (2000, 2007) - uma LF é um idioma de contato utilizado por pessoas que não compartilham a mesma língua materna, e assim, funciona como segunda língua de todos esses falantes, possuindo uma natureza híbrida. Para Calvo e El Kadri (2011), o ILF representa diferentes usos

da língua na comunicação global, podendo facilitar a expressão de identidades e culturas locais (CANAGARAJAH, 2006). E para finalizar os autores que são adeptos a este termo, Berns et al. (2011) enfatizam que o ILF é um construto abstrato, um meio de instrução, a combinação de ingleses e não representa uma nova variedade de inglês, e sim, um contexto de uso internacional da língua, visando à comunicação.

No que se refere ao termo “inglês como língua internacional”, Schütz (2005) afirma que este estatuto é consequência da busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial. Leffa (2006) ressalta que o inglês não é LE, pertence ao mundo e é considerado uma língua internacional, ou seja, um instrumento utilizado para diferentes objetivos, servindo a diferentes interesses. Para o autor, o ILI representa uma variedade do inglês, ou seja, falantes nativos terão de aprendê-la (MODIANO, 1999). Siqueira (2008) em sua tese de doutorado utiliza da definição Widdowson (1994): a língua ao se internacionalizar, liberta-se de antemão da custódia de nações e culturas, tornando-se independente. Mott-Fernandez e Fogaça (2009), por sua vez, também definem o ILI, apoiando-se em Smith (1976 apud MCKAY, 2002) e afirmam ser esta uma língua usada por diferentes nações para se comunicarem não necessariamente com falantes nativos, equiparando-se esta definição ao sentido de LF.

Ao considerarem a LI como uma “língua global” (BARROS, 2005; BERGER, 2005, 2007; FORTES; SALEM, 2011; GONÇALVES; MOTTER, 2012; GOMES, 2010; LONGARAY, 2009; SILVA, 2012), buscam como suporte teórico os estudos de Crystal (2003, 2008, 2010), McArthur (2004), Graddol (2006), salientando que houve uma necessidade de comunicação entre as nações, desempenhando a LI, em muitos casos, um papel especial nos países em que coexiste. Barros (2005) concorda com o fato de que o inglês foi “escolhido” como a língua global (CRYSTAL, 2003), o que denota uma postura um tanto quanto acrítica da autora, uma vez que defende um tom triunfalista para o aparecimento do inglês, sem levar em consideração as relações de poder impostas pelos países hegemônicos (PHILLIPSON, 1992). Fortes e Salem (2011) afirmam que a língua se faz presente em todas as instâncias da vida contemporânea (CRYSTAL, 2003). Longaray (2009) afirma que esta língua depende da conquista de um espaço especial dentro das comunidades (GRADDOL, 2006) e que o termo “inglês como língua global”

representa múltiplos usos do inglês e sua relação com a globalização socioeconômica mundial (MCARTHUR, 2004).

Para Gomes (2010), esta língua deixou de ser propriedade dos britânicos, passou a ser segunda língua em muitos países, além de estar em constante expansão entre falantes de ILE (CRYSTAL, 2010). Esta questão de propriedade é um tanto quanto complexa. Não acredito que a língua deixa de ser propriedade dos nativos, mas sim, que esta também adquire o seu espaço entre os não-nativos, tornando-se propriedade de todos que a usam para qualquer que seja a finalidade. Porém, como destaca Silva (2012), não são todos que dominam esta língua, apesar do seu estatuto de língua global (CRYSTAL, 2003).

O termo “inglês como língua mundial ou World English” é encontrado em alguns trabalhos (ASSIS-PETERSON; COX, 2007; BERGER, 2010; LONGARAY, 2009; MELLO, 2007; MESQUITA; RAJAGOPALAN, 2009, 2011; SILVA, 2009; SILVA, 2012). Longaray (2009) e Silva (2012) apoiam-se em McArthur (2004), afirma que o inglês como língua mundial representa todo e qualquer tipo de inglês. A autora também toma como suporte Rajagopalan (2004) para definir o “World English”, ou inglês mundial, como uma variedade democrática do inglês: pertencente a todos os seus usuários, mas que não constitui língua materna de nenhum deles. Mesquita e Mello (2007) se referem ao inglês como língua mundial (ORTIZ, 1994), como uma língua que coloca em contato grupos de falas distintas, além de estar permeada de interesses políticos e econômicos. Assis-Peterson e Cox (2007) e Berger (2010) também buscam respaldo em Ortiz (2006) para definir “inglês como língua mundial”, afirmando que sua mundialidade se dá no interior de um universo transglóssico habitado por outros idiomas, tornando-se desterritorializado, fator contribuinte para que o inglês seja atravessado por várias línguas maternas (português brasileiro, japonês, etc).

Rajagopalan (2009c, 2011) explica que o WE (World English) não possui falantes nativos e é utilizado notadamente em contextos de bilinguismo/multilinguismo societal, pertencendo a todos que dele se utilizam de alguma forma, não podendo ser compreendido como uma língua monocêntrica, ou seja, possui o hibridismo como seu traço característico. Para Silva, (2009) uma língua mundial é um idioma falado por uma grande quantidade de pessoas em todo o mundo que o utiliza como um meio de efetiva comunicação internacional, o que faz com que seja adotado como primeira língua estrangeira a ser ensinada nas escolas.

Outro termo presente nos trabalhos, “World Englishes” (WEs), foi utilizado pelos seguintes autores: Rocha e Silva (2011) asseveram que o conceito de World Englishes tem se tornado cada vez mais popular, na medida em que a diversidade linguística é inevitável e a variação já tem sido abarcada sob a perspectiva dos círculos em expansão (KUO, 2006). Longaray (2009) e Longaray e Lima (2010) se baseiam em Bolton (2004): os World Englishes se referem a 3 possibilidades de interpretação: a) rotular, descrever e analisar as variedades de inglês; b) refere-se ao inglês falado na Ásia, África e Caribe; c) abordagem pluricêntrica do estudo da LI (remete ao círculo de Kachru). Silva, V. E. S. (2011) cita Kachru (1985), a fim de afirmar que os World Englishes (ingleses do mundo) são um resultado de diversos contextos socioculturais e diversos usos da língua em contextos internacionais culturalmente distintos. SILVA, E. R. (2011) afirma que os WEs representam uma outra língua (KACHRU, 1985; RAJAGOPALAN, 2005), pertencendo a todos que a usam (inglês local) e não mais aos falantes nativos do inglês padrão.

O termo “língua glocal” foi utilizado em dois trabalhos (KALVA, 2012; KALVA; FERREIRA, 2011). Kalva e Ferreira (2011) e Kalva (2012) entendem “língua glocal” como uma língua de comunicação com pessoas que não têm línguas em comum, porém preservam suas identidades locais (PAKIR, 1997). E para finalizar esta seção de discussão, outros 2 termos se fizeram presentes na mesma proporção (1:1): língua de fronteira (MOITA LOPES, 2008) e língua multinacional (LEFFA, 2002 apud CALVO et al., 2009). Moita Lopes (2008) afirma que uma língua de fronteira é aquela que se situa nas margens e está além dos limites de uma língua nacional, sendo a identidade (re)construída neste espaço (ANZALDÚA, 1999). Para Leffa (2002 apud CALVO et al., 2009), língua multinacional, ou língua franca é uma língua que não possui falantes nativos, independe de uma cultura e é utilizada para propósitos específicos.

Sobre esta proliferação de termos utilizados nos trabalhos produzidos em âmbito nacional, é possível afirmar que no geral o sentido conferido à LI em tempos de globalização é similar, ou seja, o entendimento dos autores no que concernem as nomenclaturas se assemelha. A língua inglesa seja compreendida como uma língua franca, língua internacional, língua global, língua mundial, enfim, “língua glocal”, como as autoras acima a denominam, trazem os sentidos de comunicação internacional da língua, principalmente devido ao número de falantes

não-nativos ter ultrapassado o número de falantes nativos, fator que também confere àqueles o direito de posse e uso do inglês. O termo “língua glocal” se faz bastante interessante uma vez que traz em sua carga semântica a ideia de uso global e local da LI, contribuindo assim para a expressão das identidades dos mais variados povos do mundo.

Apesar da grande proliferação de termos, é possível afirmar que seus sentidos convergem num sentido maior que é o de “língua franca”, ou seja, “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas, para os quais o inglês é o meio comunicativo de escolha, e frequentemente a única opção” (SEIDLHOFER, 2011, p. 7). Acredito que o estatuto do ILF carrega consigo todos os outros sentidos embutidos nas outras nomenclaturas, desde a função da LI como LF, até questões identitárias de seus falantes, sejam estes nativos e não-nativos.

#### 4.3 CONTEXTOS DAS PESQUISAS E SUA NATUREZA

Nesta seção trato dos contextos de pesquisa, juntamente a seus instrumentos de coletas de dados (se houver) tomando como base a ordem das categorias temáticas pertencentes aos trabalhos detectados. Assim, aponto somente os trabalhos empíricos, uma vez que o contexto de pesquisa se faz relevante. Início, portanto, com a primeira categoria seguindo a ordem já apresentada:

**Quadro 14 – Contextos das pesquisas empíricas.**

<b>Categoria Temática</b>	<b>Autor</b>	<b>Foco do Trabalho</b>	<b>Contexto da Pesquisa</b>
Crenças e Atitudes de estudantes de Letras	BERTO (2011)	Explorar o estatuto atual da LI, tanto no contexto mundial, quanto nacional, levantando algumas questões referentes ao modo como ensino de inglês é feito em nosso país e discutir as preocupações de professores de inglês brasileiros sobre o assunto	Coleta de dados referentes às atitudes e opiniões de 24 graduandos brasileiros (pertencentes a cursos de Letras – dupla/plena habilitação - de Universidades do Rio Grande do Sul), os quais já ensinavam inglês, levando em consideração o estatuto da LI no mundo e suas implicações, além dos programas de Formação de Professores no Brasil.
	SOUZA, BARCARO; GRANDE (2011)	Verificar as representações de alunas do 4º ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL) sobre o estatuto do ILF	4 alunas-professoras do 4º ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL)
	MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009)	Analisar as crenças de alunos de Letras acerca do ensino da LI como língua internacional.	1. Ano (31 alunos) e último (20 alunos) ano do curso de Letras de duas instituições de ensino superior; -um questionário de perguntas abertas e outro de perguntas fechadas, tomando como base de análise o paradigma interpretativista
Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública	FIGUEREDO (2011)	Investigar, de forma contextualizada, o comportamento comunicativo e cultural de alunos de Letras e professores da rede pública de ensino	Alunos de Letras dentro do curso “Oral/Written Communication in English” oferecido pelo Projeto de Extensão Comunitária de Educação Continuada em Línguas Estrangeiras (PECEC/LEs) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Foi analisada 1 turma de nível avançado, contendo 7 alunos brasileiros e um professor de origem irlandesa. Foram feitas gravações em vídeo, diários, questionários e entrevistas
Crenças e Atitudes de formadores de professores	EL KADRI (2011)	Investigar as atitudes de formadores de professores em relação ao estatuto de ILF	6 Formadores de professores universitários
Crenças e atitudes de professores do setor público	ZACCHI (2006);	Analisar os discursos de professores(as) sobre a relação entre Inglês como língua franca internacional,.	Entrevista cinco professoras e três professores de língua inglesa que atuam no Ensino Médio e Fundamental em duas escolas municipais de Belo Horizonte (MG) – uma central e outra periférica (entrevista semi-estruturada)
	EL KADRI (2010a)	Verificar se o estatuto do ILFG (inglês como língua franca global) é reconhecido/tratado em um curso de formação de professores de inglês.	-4. ano de Letras (29 alunos) de uma universidade de Londrina, Paraná (questionário aberto de situações-problema); -6 professores formadores (entrevista semi-estruturada) do referido curso; -análise dos programas das disciplinas
Crenças e atitudes de estudantes; Crenças e atitudes de profissionais	CALVO et al. (2009)	Investigar as percepções de dez profissionais e estudantes chineses sobre o estatuto do ILF	Sobre seus perfis, quatro deles são vendedores, dois trabalham na área de marketing, dois são professores, um estudante e o outro trabalha com negócios internacionais. Com relação ao curso universitário, cinco possuem graduação na área de línguas estrangeiras (sendo que quatro especificamente na área de inglês),

			dois na área de Economia, dois em Comércio Exterior e um em Administração
Currículo de LI	DUBOC (2011)	Refletir acerca de duas propostas curriculares para o ensino de LI na EB brasileira diante das recentes transformações das sociedades contemporâneas (análise de suas epistemologias e suas interfaces com questões globais)	Estudo comparativo entre dois documentos curriculares: OCEM-LE (âmbito nacional: MENEZES DE SOUZA; MONTE-MÓR, 2006) e a Proposta Curricular do Estado de SP – Inglês (BORGES; SHIMOURA; HAYAMA; FIDALGO, 2008).
	EL KADRI (2010b);	Verificar se um curso conceituado de formação de professores de LI no Brasil tem acompanhado/incorporado as discussões acerca da temática do ILF no seu currículo.	Análise documental - técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUKE; ANDRÉ, 1986). As disciplinas selecionadas para análise foram aquelas que se relacionavam com a LI
Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês	PESCADOR (2010)	Identificar as ações de aprendizagem utilizadas por jovens nativos digitais em sua interação com redes hipermediáticas, em especial jogos computacionais da internet (games), os quais têm o inglês como língua franca. A autora não estava interessada em saber sobre a LI, e sim sobre os jogos, afirmando que sua investigação não está ligada à área de LA; assim o foco central não recai na aquisição/aprendizagem de uma LE e sim, nas ações de aprendizagem e como seu entendimento poderá contribuir para os educadores das mais diversas áreas, fazendo-se as transposições necessárias, ao identificar as ações na busca de soluções (PESCADOR, 2010, p. 62).	LALI (Laboratório Multimídia de Línguas) da Universidade Caxias do Sul (UCS), com o apoio do NPD (Núcleo de Processamento de Dados). Por meio de uma entrevista individual, a autora seleciona 4 estudantes do 3. Semestre de um curso universitário (não especificado no trabalho), usuários de meios digitais e redes hipermediáticas e, que possuíam conhecimento em LI, tendo passado por prova de nivelamento (parte deste conhecimento linguístico deveria ser atribuído às interações em jogos eletrônicos e navegação na Internet).
ILF e identidade	KALVA; FERREIRA (2011)	Analisar como a abordagem do ensino do ILF é entendida e como o professor (acadêmico do curso de Letras - UEPG) percebe sua identidade nacional dentro deste processo, e se a formação acadêmica colabora com esta nova abordagem. Pretende-se entender se a identidade nacional do professor é valorizada.	Entrevista semi-estruturada. Centro de ensino de línguas estrangeiras voltado para a comunidade (CLEC), tendo como professores os acadêmicos de Letras da instituição. Apenas uma professora foi entrevistada e esta atua nos níveis iniciais de inglês e cursa o segundo ano de licenciatura em Letras Português/Inglês de uma universidade do sul do Brasil

	KALVA, J. M. (2012)	Verificar como alunos e alunos-professores de LI se veem dentro do contexto onde a identidade nacional é expressa através da língua, e como se dá a formação da identidade do aprendiz de língua num contexto de ensino de ILF.	CLEC (Centro de Línguas Estrangeiras para a Comunidade – UEPG), com professores (1 acadêmico do 3. Ano de Letras Português/Inglês, tem 24 anos e teve experiência com americanos que vieram ao Brasil na função de missionários) e alunos (11) de nível intermediário desse curso
Inteligibilidade	SILVEIRO (2012)	Discutir questões sobre a fonologia da LI, considerando o ensino de Inglês para a Aviação e respondendo aos seguintes questionamentos: a) quais aspectos da fonologia devem ser priorizados em contexto brasileiro? b) qual a forma mais eficaz de abordá-los em sala de aula, visando o público-alvo? c) Que conhecimentos são necessários para professores de inglês para Aviação?	Formação periódica em ensino de pronúncia, realizado desde 2010, com professores de uma escola especializada no ensino de Inglês para Aviação em São Paulo. 11 professores iniciaram o curso, e somente 4 continuaram.
	CRUZ; PEREIRA (2006)	Focalizar a inteligibilidade da pronúncia de graduandos brasileiros de ILE para dois grupos de ouvintes familiarizados com o falar em inglês dos brasileiros.	5 graduandas do curso de Letras da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) para discorrerem 2 de 4 tópicos (produções orais). Foram selecionadas 11 amostras dessas produções - com desvios de pronúncia (não foram selecionadas as que continham erros gramaticais/lexicais). Havia 2 grupos de ouvintes: o primeiro grupo era formado por 8 ouvintes nativos (7 americanos e 1 britânico) e tinham que escrever o que tinham ouvido e , após serem apresentados à transcrição ortográfica da amostra, identificar palavras que tivessem achado difícil/muito difícil/impossível entender. Foram realizadas gravações de entrevistas individuais com os ouvintes, para que eles pudessem explicar sobre a compreensão das amostras, com mais detalhes. O segundo grupo era constituído por 8 graduandos de ILE do curso de Letras da UFCG, os quais passaram pelo mesmo processo anterior.

	REIS; CRUZ (2010)	Investigar os aspectos que impediram a inteligibilidade entre três brasileiros e três franceses na LI e verificar como os fatores identificados são abordados no modelo de pronúncia fornecido por Jenkins (2000)	Gravação de 5 interações entre Fev/2007 e Fev/2009 em Campina Grande/Paraíba. Foram analisados os excertos que apresentavam quebras de comunicação. Logo após, foram realizadas entrevistas para obter explicações dos participantes sobre os problemas de comunicação nas interações. Em seguida, vem a transcrição dos dados. As comunicações eram improvisadas - o pesquisador levantava a temática a ser abordada pelos participantes. A inteligibilidade foi analisada como a primeira impressão/reação do ouvinte. Foram escolhidos 9 excertos para a análise, sendo divididos em 4 categorias: a) consoantes; 2) vogais; 3) ditongos; 4) consoantes e vogais.
	CRUZ (2006)	Pretende testar a eficácia (confiabilidade) do LFC de Jenkins (2000).	Gravação de interações entre 5 falantes de ILI - brasileiro, alemão, japonês e 2 tailandeses, além de produzir anotações sobre as mesmas. A coleta de dados ocorreu entre junho/2002 a junho/2003. A seleção dos dados tinha como foco os trechos nos quais havia quebra de comunicação
	CRUZ (2008)	Verificar se a inserção da vogal na fala de aprendizes brasileiros de inglês provavelmente representam uma fonte de ininteligibilidade.	10 brasileiros matriculados em cursos extracurriculares da UFSC e com níveis de proficiência variados na LI, foram entrevistados por um inglês. Trinta amostras contendo desvios de pronúncia (derivados da inserção de vogal nas palavras) foram selecionadas e apresentadas a 25 ouvintes britânicos, vivendo na Inglaterra e que não possuem familiaridade com o sotaque brasileiro. As mesmas amostras foram apresentadas a um segundo grupo composto por britânicos (4) e americanos (8) residentes no Brasil (Paraíba - Campina Grande e João Pessoa) e com familiaridade ao sotaque brasileiro; Cinco graduandos brasileiros de uma Universidade do Nordeste brasileiro tiveram que discorrer espontaneamente sobre 2 de 4 assuntos. Onze amostras foram coletadas e apresentadas a um terceiro grupo de britânicos (1) e americanos (7), também com familiaridade ao sotaque brasileiro, e que também viviam em Campina Grande e João Pessoa. Dentre os ouvintes, nenhum era envolvido com estudos linguísticos, nem possuíam uma profissão relacionada à linguística. Os ouvintes tinham que escrever o que ouviam e, logo após, dizer como reconheceram as palavras que haviam escrito.
Materiais	SILVA, V. E. S.	Apresentar uma análise de	Análise de duas coleções de livros

didáticos	(2011)	duas coleções de livros didáticos de inglês do ensino médio (Upgrade- editora Richmond, Prime- editora MacMillan) - estas fazem parte do PNLD 2011, para serem utilizados em 2012	didáticos de inglês do ensino médio ("Upgrade" - editora Richmond, "Prime" - editora MacMillan).
	SILVA, E. R. (2011)	Discutir como o conceito de World Englishes (Kachru, 1985, 1990; Rajagopalan, 2004, 2005) está sendo incorporado em materiais didáticos de inglês como LE produzidos no Brasil. Objetivos: (i) compreender como a indústria brasileira de livros didáticos de inglês incorporou ou está incorporando o discurso do WE aos materiais produzidos; e (ii) discutir as possíveis implicações da abordagem do tema pelo livro didático para alunos e professores	Análise de um livro didático amplamente utilizado em escolas da Rede Pública de Ensino (FERRARI; RUBIN, 2000)- ensino médio (Inglês- Ensino Médio)
	SILVA, J. M. (2012)	Analisar os aspectos culturais, bem como seu tratamento didático, em uma coleção de livros didáticos de inglês desenvolvidos para atender os critérios do PNLD (produzida por autores brasileiros);- Verificar se as questões sobre a expansão da língua inglesa no mundo e a necessidade do falante possuir uma competência intercultural (BYRAM, 1997), influenciam de alguma forma a produção dos LDs.	Realiza uma análise qualitativa/quantitativa, uma pesquisa bibliográfica sobre a LI e seu papel no Brasil e no mundo e a leitura de documentos oficiais, para verificar a presença de diretrizes para trabalho com cultura no ensino de LEs (PCN - LE), bem como na elaboração de LD (edital e guia do PNLD-LEM-2010/2011). O livro adotado para análise é o "Links - English for teens" e as categorias de análise do LD foram embasadas em Risager (1991)

Questões pragmáticas	DE PAOLA (2010)	Investigar os esforços dos participantes de um encontro de serviço que usam o inglês como língua franca para serem bem sucedidos (identificar quais são os mecanismos utilizados pelos falantes nesses encontros para sinalizar esforços de cooperação e até que ponto a sobreposição ocorre em contextos de cooperação ou de conflito?). Como objetivos específicos, a autora pretende a) identificar a estrutura do tipo de atividade realizada no do encontro de serviço analisado e b) mapear os tipos de sobreposição que ocorrem em lugares relevantes e não relevantes para a transição de turnos	Os dados de sua pesquisa foram retirados da base online oferecida pelo projeto VOICE (Vienna-Oxford International Corpus of English) e escolhidos a partir de uma série de características em comum: a) domínio-negócios profissionais; b) tipo de evento de fala: encontro de serviço; c) Cidade/país: Viena/Áustria; d) Local: escritório prestador de serviços (estadia/alojamento aos estudantes de uma universidade); e) participantes: estudantes/estrangeiros/homens; atendente-mulher – os 2 participantes não se conhecem; f) Idade: 17 - 32; g) Gravação feita pelo mesmo pesquisador (R16); 4 (17 excertos) situações de fala foram escolhidas para a análise da pesquisa (estudante X atendente); 1 situação- prorrogação de estadia na Áustria (japonês/cliente - alemão/atendente); 2- resolução do visto dos familiares (urdo/cliente - alemão/atendente); 3- necessidade de imprimir um endereço (japonês/cliente – alemão/atendente); 4- aluguel de um quarto (grego/cliente – alemão/atendente).
	MENONCIN; VON BORSTEL (2012)	Analisar a competência comunicativa de funcionários de duas empresas comerciais do município de Medianeira, Paraná, por meio de entrevistas direcionadas.	Aplicação de roteiro de entrevista aos funcionários de 2 empresas comerciais de Medianeira (Paraná)
Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF	DUTRA; COSTA (2011)	Apresentar a nova sugestão promovida pelo NLF (LFC) - Núcleo de Língua Franca – e averiguar o conhecimento de futuros professores de inglês acerca das mudanças que o NLF promove para o ensino da pronúncia, além de identificar o que eles valorizam com relação a isso, bem como seus objetivos em termos de sotaque a ser seguido.	Pesquisa de opinião com 36 acadêmicos do curso de Letras-Português/Inglês da Universidade de Feevale)
	SIQUEIRA (2008)	Investigar como o professor de LI de 3 realidades educacionais de Salvador se percebe no contexto de inglês como língua internacional (ILI) e de que forma ele/ela conduz a sua prática, levando-se em consideração suas crenças, condições de trabalho, limitações e os objetivos específicos de	15 professores de inglês (de Salvador/BA), sendo estes 5 de instituições de ensino superior (público e privado), 5 da EB (escolas públicas federais, estaduais e municipais) e 5 de cursos livres. A coleta de dados se deu por meio dos seguintes instrumentos de pesquisa: a) questionário individual; b) observações de aula (observações etnográficas); c) entrevista do tipo livre-narrativa em grupo (falar livremente a respeito do tema pesquisado, 2 encontros, totalizando 6 horas de

		programas; 2- Discutir, tomando como base os dados coletados, a necessidade de se conceber o processo de ensino e aprendizagem do inglês a partir de uma perspectiva intercultural crítica, apontando a(s) pedagogia(s) adequada(s) à realidade local	2 aulas de cada professor-informante
	LONGARAY (2009)	Discutir a expansão do inglês no âmbito internacional e as implicações de tal difusão nas instâncias global e local ao mesmo tempo em que analisa questões identitárias referentes ao ensino de inglês como LE no Brasil.	Alunos do primeiro ano (duas turmas, 100 e 103) do Ensino Médio de uma escola estadual do Rio Grande do Sul (esta em pouco ou quase nada se difere das muitas outras escolas públicas do estado do RS, segundo a autora). Estes grupos (adolescentes de 15 a 18 anos) receberam: -25 visitas: 4 destinadas às entrevistas individuais, 1 para aplicação de questionários e 3 para sessões de visionamento. A geração de dados se deu em 5 estágios: a) observação das ações dos alunos e professora em diário de campo; b) participação colaborativa e registro das aulas em vídeo/áudio (7 encontros; as aulas são centradas na professora e o método é o de gramática e tradução); c) realização de entrevistas semi-estruturadas (22 alunos concordam em participar da entrevista que ocorre no espaço cedido pela biblioteca; gravadas em vídeo/áudio); d) aplicação de questionário (para aqueles que por medo/receio deixam de participar das entrevistas gravadas); e) sessões de visionamento (registradas em vídeo, representam os 3 encontros finais entre pesquisadora e aprendizes, e os alunos podem assistir a si mesmos nos eventos gravados em sala de aula pela pesquisadora).

Fonte: o próprio autor.

Logo abaixo, apresento um quadro contendo a natureza de todas as pesquisas (ensaísticas; empíricas). Vale ressaltar que foi preciso inferir pelo contexto, na maioria dos casos, a natureza das pesquisas, uma vez que boa parte não possui seção metodológica, nem menciona a sua natureza.

**Quadro 15 - Natureza das pesquisas**

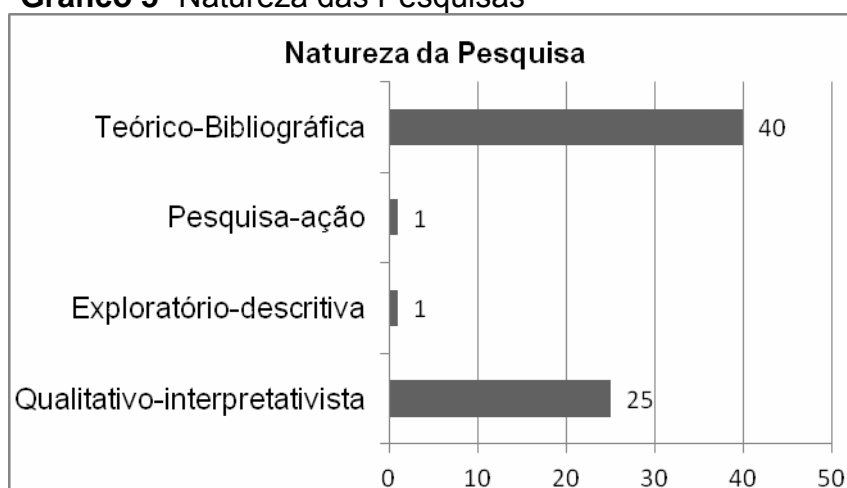
<b>Categoria Temática</b>	<b>Autor</b>	<b>Natureza da Pesquisa</b>
Crenças e Atitudes de estudantes de Letras	BERTO (2011)	Qualitativo-interpretativista
	SOUZA, BARCARO; GRANDE (2011)	Qualitativo-interpretativista
	MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009)	Qualitativo-interpretativista
Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública	FIGUEREDO (2011)	Qualitativo-interpretativista
Crenças e Atitudes de formadores de professores	EL KADRI (2011)	Qualitativo-interpretativista
Crenças e atitudes de professores do setor público	ZACCHI (2006)	Qualitativo-interpretativista
	NUNES (2006)	Teórico-Bibliográfica
	EL KADRI (2010a)	Qualitativo-interpretativista
	UR (2010)	Teórico-Bibliográfica
Crenças e atitudes de estudantes; Crenças e atitudes de profissionais	CALVO et al. (2009)	Qualitativo-interpretativista
Currículo de LI	DUBOC (2011)	Qualitativo-interpretativista
	EL KADRI (2010b)	Qualitativo-interpretativista
Discussão conceitual	LONGARAY; LIMA (2010)	Teórico-Bibliográfica
	DAVID (2005)	Teórico-Bibliográfica
	MOITA LOPES (2005)	Teórico-Bibliográfica
	LACOSTE (2005)	Teórico-Bibliográfica
	BERGER (2010)	Teórico-Bibliográfica
	LEFFA (2006)	Teórico-Bibliográfica
	SANTOS (2007)	Teórico-Bibliográfica
	SKYBINA (2006)	Teórico-Bibliográfica
	RAJAGOPALAN (2011)	Teórico-Bibliográfica
	SILVA, H. M. (2009)	Teórico-Bibliográfica
	BARROS (2005)	Teórico-Bibliográfica
	SCHÜTZ (2005)	Teórico-Bibliográfica
	BERNS et al. (2011)	Qualitativo-interpretativista
Discussão da língua inglesa no contexto da globalização	MESQUITA; MELLO (2007)	Teórico-Bibliográfica
	ASSIS-PETERSON; COX (2007)	Teórico-Bibliográfica
	MOITA LOPES (2008)	Teórico-Bibliográfica
Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês	BERGER (2005)	Teórico-Bibliográfica
	BERGER (2007)	Teórico-bibliográfica
	PESCADOR (2010)	Exploratório-descritiva
Formação inicial de professores	MOTTER; CATAPAN (2011)	Teórico-Bibliográfica
ILF e identidade	KALVA; FERREIRA (2011)	Qualitativo-interpretativista
	KALVA (2012)	Qualitativo-interpretativista
Inteligibilidade	BECKER (2009)	Teórico-Bibliográfica
	BECKER (2011)	Teórico-Bibliográfica
	SILVEIRO (2012)	Qualitativo-interpretativista
	CRUZ; PEREIRA (2006)	Qualitativo-interpretativista
	REIS; CRUZ (2010)	Qualitativo-interpretativista
	CRUZ (2006)	Qualitativo-interpretativista

	CRUZ (2008)	Qualitativo-interpretativista
Materiais didáticos	SILVA, V. E. S. (2011)	Qualitativo- interpretativista
	SILVA, E. R. (2011)	Qualitativo- interpretativista
	SILVA, J. M. (2012)	Qualitativo- interpretativista
	DE PAOLA (2010)	Qualitativo-interpretativista
Questões pragmáticas	MENONCIN; VON BORSTEL (2012)	Qualitativo-interpretativista
Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF	GOMES (2010)	Teórico bibliográfica
	BARBOSA (2011)	Teórico bibliográfica
	DUTRA; COSTA (2011)	Qualitativo-interpretativista
	SCHMITZ (2012)	Teórico-Bibliográfica
	FORTES; SALEM (2011)	Teórico-Bibliográfica
	SIQUEIRA (2005)	Teórico-Bibliográfica
	FESTINO (2011)	Teórico-Bibliográfica
	GONÇALVES; MOTTER (2012)	Teórico-Bibliográfica
	SALOMÃO (2011)	Teórico-Bibliográfica
	PEDERSON (2011)	Teórico- Bibliográfica
	SIQUEIRA (2008)	Qualitativo-interpretativista
	SIQUEIRA (2011)	Teórico-Bibliográfica
	COSTA; GIMENEZ (2011)	Teórico-Bibliográfica
	JORDÃO (2011)	Teórico-Bibliográfica
	ROCHA; SILVA (2011)	Teórico-Bibliográfica
	SALLES; GIMENEZ (2010)	Teórico-Bibliográfica
	RAJAGOPALAN (2009)	Teórico-Bibliográfica
LONGARAY (2009)	Pesquisa-ação qualitativa	
SHOEMAKER (2011)	Teórico-Bibliográfica	
SIQUEIRA; ANJOS (2012)	Teórico-Bibliográfica	
Revisão bibliográfica de estudos	CALVO; EL KADRI (2011)	Teórico-Bibliográfica

**Fonte:** o próprio autor

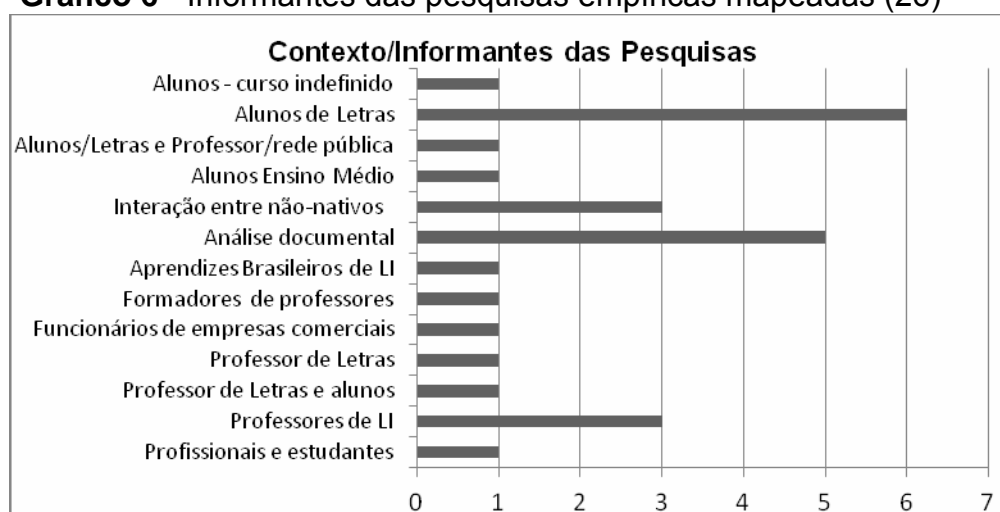
#### 4.3.1 Discussão sobre os Contextos das Pesquisas e sua Natureza

Nesta seção, opto por criar dois gráficos para melhor representar os contextos e a natureza de pesquisa presente dos trabalhos. O primeiro deles aborda a natureza da pesquisa presente nos trabalhos e o segundo faz referência aos contextos das pesquisas em si (informantes). Logo abaixo, apresento um gráfico contendo a natureza das pesquisas (alguns trabalhos não deixam explícita a sua natureza, porém, é possível inferi-las pelo contexto dos estudos).

**Gráfico 5- Natureza das Pesquisas**

Fonte: o próprio autor

A maior parte dos trabalhos (40) foi enquadrada dentro da categoria “teórico-bibliográfica”, uma vez realizaram uma revisão bibliográfica sobre um aspecto do ILF, ou seja, o estudo é de cunho teórico com realização de pesquisa bibliográfica. Este número se justifica também pelo resultado apresentado no Gráfico 4 (trabalhos ensaísticos/empíricos), sendo possível observar que a maioria dos estudos se configuram como ensaios, enquanto que outros são fruto de pesquisas empíricas. Também apresento um gráfico sobre o contexto (informantes) das pesquisas mapeadas, para uma melhor visualização:

**Gráfico 6 - Informantes das pesquisas empíricas mapeadas (26)**

Fonte: o próprio autor

Os dados presentes no gráfico se referem aos seguintes estudos, seguindo a ordem acima descrita:

**Quadro 16- Autores e contextos das pesquisas (26)**

<b>Categorias</b>	<b>Estudos</b>
Alunos - curso indefinido	PESCADOR (2010)
Alunos de Letras	MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009); EL KADRI (2010a), DUTRA; COSTA (2011); CRUZ; PEREIRA (2006); BERTO (2011); SOUZA; BARCARO; GRANDE (2011)
Alunos de Letras e professores da rede pública	FIGUEREDO (2011)
Alunos- Ensino Médio	LONGARAY (2009)
Interação entre não-nativos	DE PAOLA (2010), REIS; CRUZ (2010), CRUZ (2006)
Análise documental	EL KADRI (2010b); SILVA, V. E. S. (2011); SILVA, E. R. (2011); SILVA, (2012); DUBOC (2011)
Aprendizes brasileiros de LI	CRUZ(2008)
Formadores de professores	EL KADRI (2011)
Funcionários de empresas comerciais	MENONCIN; VON BORSTEL (2012)
Professor de Letras	KALVA; FERREIRA (2011)
Professor de Letras e alunos	KALVA (2012)
Professores de LI	SIQUEIRA (2008); ZACCHI (2006); SILVEIRO (2012)
Profissionais e estudantes	CALVO et al. (2009)

**Fonte:** o próprio autor

Abaixo, apresento o Quadro 17, que contém a apresentação das categorias acima mencionadas:

**Quadro 17- Apresentação das categorias (contextos das pesquisas)**

<b>Categorias</b>	<b>Apresentação das categorias</b>
Alunos - curso indefinido	Estudantes universitários (2. ou 3 semestre de um curso universitário), usuários de meios digitais e redes hipermediáticas, e que possuíam conhecimento em LI, tendo passado por prova de nivelamento.
Alunos de Letras	Reflexões do 1º. e último ano de duas instituições de ensino, acerca do ensino de ILI; Questionário aberto com 42 situações-problema aplicados a alunos (29) do 4. ano de Letras de uma universidade de Londrina, Paraná sobre o estatuto do ILF; Teste da eficácia do LFC proposto por Jenkins (2000), tomando como base futuros professores de inglês; Foco na inteligibilidade de graduandos brasileiros de Letras; Atitudes e opiniões de 24 graduandos brasileiros, os quais já ensinavam inglês, levando em consideração o estatuto da LI no mundo; Verificar as representações de alunas do 4º ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL) sobre o estatuto do ILF.
Alunos de Letras e professores da rede pública	Representações em torno do falante nativo e não-nativo de inglês, para compreender as práticas discursivas de um professor (irlandês) de inglês e seus alunos ( 7 alunos de Letras do curso Oral/ Written Communication in English).
Alunos- Ensino Médio	alunos do primeiro ano (duas turmas, 100 e 103, faixa etária: 15-18 anos) do Ensino Médio de uma escola estadual do Rio Grande do Sul.
Interação entre não-nativos	Base projeto VOICE (participantes: estudantes/estrangeiros/homens; atendente-mulher- 2 participantes que não se conhecem; f) Idade: 17-32); 3 falantes brasileiros/3 falantes franceses de inglês; 5 falantes de ILI- brasileiro, alemão, japonês e 2 tailandeses.
Análise documental	Corpus - Os programas das disciplinas do curso-Letras - Inglês/UEL (fonte documental do tipo oficial primária - documentos oficiais da instituição); análise de duas coleções de livros didáticos de inglês do ensino médio (Upgrade- editora Richmond, Prime- editora MacMillan); Análise de um livro didático amplamente utilizado em escolas da Rede Pública de Ensino (Ferrari e Rubin, 2000); Análise de aspectos culturais em um LD (Links – English for tens); Estudo comparativo entre dois documentos curriculares: OCEM-LE (âmbito nacional; Menezes de Souza; Monte-Mór, 2006) e a Proposta Curricular do Estado de SP – Inglês (Borges; Shimoura; Rodrigues; Hayama; Fidalgo, 2008).
Aprendizes brasileiros de LI	10 brasileiros matriculados em cursos extra-curriculares de inglês (UFSC); 5 graduandos em vias de se especializarem em LI
Formadores de professores	Dados obtidos em um curso de Letras, contando com a participação de 6 professores formadores.
Funcionários de empresas comerciais	Análise da competência comunicativa de funcionários de duas empresas comerciais do município de Medianeira, Paraná
Professor de Letras	Análise da abordagem do ensino do ILF com foco na compreensão de como o professor (acadêmico do curso de Letras) percebe sua identidade nacional dentro deste processo

Professor de Letras e alunos	Pesquisa no CLEC (Centro de Línguas Estrangeiras para a Comunidade) da UEPG, com professores (acadêmicos do 3. ou 4. Ano de Letras) e alunos (11) de nível intermediário desse curso
Professores de LI	15 professores de inglês) = 5 de instituições de ensino superior (público e privado), 5 da EB (escolas públicas federais, estaduais e municipais) e 5 de cursos livres; cinco professoras e três professores de língua inglesa que atuam no Ensino Médio e Fundamental em duas escolas municipais de Belo Horizonte – uma central e outra periférica; Professores de uma escola especializada no ensino de Inglês para Aviação em São Paulo.
Profissionais e estudantes	Dez estudantes e profissionais chineses de diversas áreas (quatro deles são vendedores, dois trabalham na área de marketing, dois são professores, um estudante e o outro trabalha com negócios internacionais. Cinco com graduação na área de línguas estrangeiras (sendo que quatro especificamente na área de inglês), dois com graduação em Economia, dois em Comércio Exterior e um em Administração) acerca do <i>status</i> da língua inglesa como língua franca.

**Fonte:** o próprio autor

Destaco como interessante a realização de mais pesquisas com o Professor de Letras e também especificamente com o professor de LI, uma vez que o professor se faz presente como mediador do conhecimento e é necessário investigar de que maneira este concebe o ensino desta língua. Uma pesquisa que poderia ser melhor explorada é a pesquisa-ação (como já demonstrada no gráfico anterior – LONGARAY, 2009): o professor pode, através de sua prática, procurar maneiras de incluir uma visão mais crítica do que vem a ser a LI em tempos globais e como empregá-la em sala de aula, desvencilhando-se aos poucos dos moldes tradicionais de ensino.

#### 4.4 CONCLUSÕES DERIVADAS DESSES ESTUDOS

Assim como nas seções anteriores, esta também está subdividida nas já referidas categorias temáticas. Após ser feita a leitura integral dos 67 trabalhos mencionados, é possível tecer alguns comentários sobre suas implicações pedagógicas, a partir das conclusões dessas pesquisas. Segue abaixo, portanto, as conclusões desses trabalhos, e logo após, a discussão sobre as implicações pedagógicas que podem derivar dessas seções conclusivas.

**Quadro 18 - Conclusões dos trabalhos mapeados.**

Categoria Temática	Autor	Conclusão dos Trabalhos
Crenças e Atitudes de estudantes de Letras	BERTO (2011)	Afirma que um modelo pluricêntrico de ensino de inglês seria mais relevante aos falantes não-nativos, os quais têm maior probabilidade de encontrar outros não-nativos, ao se comunicarem em inglês, além do que a inteligibilidade deveria ser o foco do ensino, ao invés da forma. Os resultados dos dados baseados nos informantes da pesquisa mostraram que estes professores: a) desejam aprender mais sobre o ILF e b) acreditam que a ênfase na comunicação ao invés da precisão nas práticas de ensino de LI aprimorarão o desempenho de seus alunos, como falantes não-nativos fluentes. Uma pequena proporção de participantes envolvidos na pesquisa defendeu fortemente o modelo do falante nativo para o ensino de LI. A autora defende que é preciso haver discussões sobre variedades não-nativas nos cursos de Letras.
	SOUZA, BARCARO; GRANDE (2011)	Buscam verificar as representação de alunos –professores de Letras (4. Ano) e concluem que as informantes estão em um processo de apropriação de conceitos que subjazem a concepção de ILF. No que concernem às implicações para o ensino, as informantes referem-se a aspectos pedagógicos mais amplos, além de questões de cunho linguístico-gramatical (aspectos culturais, econômicos, históricos, etc). Faz-se, portanto, necessário um espaço para debate e reflexão sobre a questão do ILF, a fim de estruturar e constituir o perfil destes professores em pré-serviço.
	MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009)	O ILI representa ao mesmo tempo objeto de rejeição e desejo por parte dos alunos (informantes da pesquisa): uns defendem a valorização de um ensino pragmático, enquanto outros desejam aprender a norma padrão culta do falante nativo. Para os autores, o ensino deve preparar o aluno para a interação com outras culturas e valorizar a identidade cultural do estudante, além de trazer também o conhecimento das culturas do centro (e suas variantes linguísticas). Os autores também ressaltam ser preferível a elaboração de materiais pelos próprios professores que dêem conta das realidades locais e das condições de ensino existentes, além de fazer os alunos refletirem desde o primeiro ano sobre o papel da língua inglesa no mundo globalizado.
Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública	FIGUEREDO (2011)	Durante a interação dos alunos com o professor irlandês (Jack) houve uma desconstrução da representatividade do falante nativo como detentor absoluto de todo o conhecimento de LI. Foi possível identificar a preocupação em representar o falante não-nativo de inglês, como um falante legítimo, que deve dar atenção ao desenvolvimento de sua competência linguística-comunicativa, sem se deter nos moldes do falante nativo. Faz-se necessário, portanto, problematizar a dicotomia (nativo x não-nativo) nos mais variados contextos, especialmente dentro de sala de aula a fim de desconstruir concepções errôneas acerca das relações língua/cultura, língua/ideologias, língua/poder, etc.
Crenças e Atitudes de formadores de professores	EL KADRI (2011)	Com relação aos formadores de professores, faz-se necessário seu reposicionamento a esta perspectiva, uma vez que reconhecem e julgam este estatuto importante, porém, ainda se sentem pouco preparados para incorporá-lo ao ensino..
Crenças e atitudes de professores do setor público	ZACCHI (2006);	A maioria dos professores(as) apresentam ao mesmo tempo discursos hegemônicos (crença na neutralidade do inglês e de que este está livre de conotações políticas) e contra-hegemônicos sobre a relação LI x globalização. Apenas 2 (1/4) dos entrevistados se aproximam de discursos contra-hegemônicos.

	NUNES (2006)	A distinção entre nativos e não-nativos não se faz mais válida, uma vez que ao abordarmos a perspectiva do ILF, o que existem são falantes de vários contextos internacionais. Para a autora, existe uma necessidade de ajustes na metodologia de ensino de LI, pois seu foco está pautado no falante nativo. Mesmo assim, percebe-se um movimento favorável aos professores não-nativos, uma vez que dominam a língua materna de seus alunos, fator que corrobora o ensino-aprendizagem de LI em contextos locais.
	EL KADRI (2010a)	No geral, os futuros professores, apesar de reconhecerem o estatuto do ILF, não se sentem preparados para lidar com tal questão. El Kadri (2010a) sugere, portanto, que a problematização do ILF e dos WE (World Englishes - ingleses do mundo) deva ser privilegiada nos cursos de formação inicial, para que futuros professores possam fazer parte dessa discussão. Com relação aos formadores de professores, faz-se necessário seu reposicionamento a esta perspectiva, uma vez que reconhecem e julgam este estatuto importante, porém, ainda se sentem pouco preparados para incorporá-lo ao ensino.
	UR (2010)	As vozes dos professores pouco aparecem, no que diz respeito aos debates sobre os aspectos do ILF. Estes devem inserir em suas aulas momentos de tomada de consciência sobre as variedades de inglês existentes, e não somente ensinar a língua. Para a autora, alguns assuntos merecem mais atenção: a) formação de professores; b) produção de materiais e c) avaliação.
Crenças e atitudes de estudantes; Crenças e atitudes de profissionais	CALVO et al. (2009)	Concluem que os entrevistados (profissionais e estudantes chineses) demonstram considerar a LI como uma LF, uma vez que a utilizam para importar/exportar informações (uso da língua para propósitos específicos). Acreditam que a abordagem cultural tenha como base a sua própria cultura, além da cultura de diferentes países e não somente as relacionadas aos países do círculo interno. Porém, possuem preferência pelo falante nativo como professor, pois este, segundo os informantes da pesquisa, representa o modelo correto/adequado a ser seguido.
Currículo de LI	DUBOC (2011)	Ao realizar um estudo comparativo entre dois documentos curriculares (OCM-LE; Proposta Curricular do Estado de SP), conclui que a primeira representa a proposta mais interessante, uma vez que aborda orientações globais (gerais para toda a nação), cabendo à escola desenhar seus próprios quadros de conteúdo, porém, alguns aspectos precisam ser pensados/esclarecidos: sua complexidade conceitual, sua alta dependência do trabalho local, seu caráter “desorientador”.
	EL KADRI (2010b);	A autora ressalta que de modo geral, a maioria dos programas de disciplinas do curso não problematizam a questão do ILF, exceto em 3 disciplinas: LA, Prática de Ensino (estágio) e LI para sala de aula, sendo esta última a mais completa de referências. Para a autora, 2 frentes poderiam problematizar o estatuto do ILF: 1) implantação de um projeto de ensino/extensão que procurasse discutir este estatuto, além de trabalhar com a produção de material didático, por meio deste viés; 2) o oferecimento de uma disciplina voltada para o estudo do ILF; A segunda frente se refere aos pequenos movimentos que cada disciplina poderia fazer, com o intuito de enquadrar esta discussão.
Discussão conceitual	LONGARAY; LIMA (2010);	As autoras afirmam que as nomenclaturas da LI refletem o posicionamento dos pesquisadores perante o fenômeno “inglês”, porém, nenhuma delas é adequada para a realidade brasileira, podendo esta se contentar com a nomenclatura ILE – inglês como língua estrangeira. Todas as nomenclaturas de alguma forma estão relacionadas à comunicação internacional por meio do inglês.
	DAVID (2005);	Adota uma postura acrítica afirmando que o inglês é símbolo de prestígio e poder (faz referência principalmente aos EUA e

		Inglaterra), e que portanto, o Círculo Externo procura “imitar” os países do Círculo Interno, por falarem a língua “bonita”, o inglês padrão. A palavra “imitar” poderia ser substituída por “tomar como base”, uma vez que é impossível falar como um nativo, já que as identidades permeiam as línguas. Além disso, a autora afirma que a LI é uma realidade em nosso país, porém, não especifica quem são esses falantes brasileiros de LI, e onde esta língua está mais presente, principalmente no que se refere à produção oral.
	MOITA LOPES (2005)	Acredita fortemente na ideia de que o inglês representa um dos caminhos a ser seguido, com o objetivo de alterar as desigualdades sociais. Para tanto, é preciso qualificar a educação linguística brasileira, para que esta possa ir de encontro às necessidades do mundo contemporâneo.
	LACOSTE (2005)	Narra a difusão do inglês de maneira triunfalista, como se apenas os Estados Unidos estivessem no poder na atualidade, e como se influenciasse integralmente todas as culturas ao redor do globo. Acredito que atualmente existe espaço para que outras culturas se expressem, influenciem e sejam influenciadas por outras. Além disso, estas são também responsáveis pela difusão da LI no mundo.
	BERGER (2010)	Revela ser necessária uma postura consciente (ajuste de suas práticas pedagógicas às demandas sociais) por parte do educador de LI, uma vez que o ensino de inglês como idioma global requer uma mudança nas metodologias de ensino, a fim de focar no desenvolvimento da proficiência linguística do aprendiz. Esta língua não deve mais ser ligada somente a duas culturas principais (americana e britânica), mas sim, a todas as culturas do globo.
	LEFFA (2006);	O ensino de LE deve objetivar a solidariedade internacional. O ILI possui duas vertentes de funcionamento: contestação e submissão; World English/ILI deve servir como espaço de contestação (RAJAGOPALAN, 2005).
	SANTOS (2007);	A expansão do inglês pelos norte-americanos não foi um mero acontecimento do acaso e a aprendizagem desta língua se deu devido a sua importância. O autor ainda ressalta que não só as políticas norte-americanas foram responsáveis pela difusão do inglês, mas sim as nações interessadas em aprendê-lo e colher frutos desse aprendizado. A expansão do modelo capitalista gerou a expansão do idioma, tendo este uma posição hegemônica nas RIs (Relações Internacionais) atuais.
	SKYBINA (2006)	A língua se modifica para atender a novas demandas e recuperar a sua estabilidade. O modelo apresentado da evolução semântica (modificações da variante britânica para a constituição da variante australiana) da palavra mostrou que não é um mecanismo de desenvolvimento, mas sim um fator perpétuo da língua. Para a autora, a operação de mecanismos de adaptação linguística, em sua maioria de acordo com o esquema internalizado, é um dos principais fatores da restauração do equilíbrio. Dessa forma, as variantes nacionais (americana, canadense, australiana, neozelandesa e sul-africana) da LI devem ser percebidas como modificações culturalmente estipuladas da entidade linguística inicial. A pesquisa da autora é interessante na medida em que mostra como a variante se adapta ao seu contexto, com base em sua entidade linguística inicial. Porém, a autora discorre apenas sobre a variação linguística australiana (pertencente ao círculo central), não exemplificando as formas de adaptação de outras variáveis pertencentes ao círculo externo/em expansão.
	RAJAGOPALAN (2011)	É difícil oferecer uma caracterização do WE (“World English”) em termos positivos, uma vez que se trata de um fenômeno linguístico ainda em formação.
	SILVA, H. M. (2009)	Defende que o ILF é influenciado pela língua materna de cada comunidade e representa variedades da língua inglesa, as quais devem atender às necessidades próprias de cada região. Para o autor, ao tomar como base o ILF, o foco recai

		na comunicação. Além disso, afirma que o inglês falado no Brasil é o inglês brasileiro, língua que sofre influências fonológicas e estruturais da língua portuguesa.
	BARROS (2005)	Apresenta a LI de uma forma triunfalista, como a língua que dominou o mundo e nada mais. Acredito ser este um trabalho falho para a área da LA, pois não problematiza nem a questão linguística, nem o ensino-aprendizagem de língua inglesa. A autora afirma que o poder de alcance do inglês é incontestável. Graddol (2006) traz algumas previsões de sua evolução e afirma que o futuro desta língua, como de qualquer outra, é incerto. Além disso, a autora ainda ressalta que aquele quiser ficar em sintonia com as exigências do mundo terá de aprender a língua global da atualidade (BARROS, 2005).
	SCHÜTZ (2005)	A proficiência linguística em inglês se faz <i>essencial</i> para alcançar sucesso (formação acadêmica, mercado de trabalho e voz política).
	BERNS et al. (2011)	A formulação do currículo destinado a países pertencentes ao círculo em expansão (no caso, o Brasil) deve dar espaço para as variedades múltiplas de inglês. Segundo a autora, as políticas públicas poderiam fazer mais no que se refere à promoção do ILF, levando em consideração aspectos como tolerância, compreensão e aceitação. É necessário encorajar a visão (a qual auxilia promover a consciência pública geral) de que todos falamos inglês, com nossas identidades regionais, culturais e sociais.
Discussão da língua inglesa no contexto da globalização	MESQUITA; MELLO (2007);	Pelo fato do inglês ser a língua base para o funcionamento das relações capitalistas em âmbito global, logo o passaporte para a compra e venda de mercadorias, o ensino deveria adotar uma atitude bilíngue glocal, ou seja, tanto universal, quanto particular.
	ASSIS-PETERSON; COX (2007);	Apontam em seu trabalho alguns depoimentos de pais de alunos de escola pública (DIAS, 2006), desvalorizando o ensino de LI nas mesmas, uma vez que os alunos “não aprendem”, ou “aprendem muito pouco”. Porém, é preciso ter consciência de que nem todos os cursos de idiomas oferecem um padrão de qualidade ao cliente-consumidor (mesmo sendo estes, os mais bem vistos pela sociedade em geral, em comparação à escola pública). As escolas de idiomas agora disputam mercado com cursos livres de línguas oferecidos por Universidades, além das escolas que oferecem um ensino bilíngue - assim, alunos das classes mais abastadas já não precisam mais buscar nos cursos livres de idiomas a eficiência do ensino de inglês, elevando-se ainda mais as diferenças entre o público que pode pagar e ter acesso ao ensino bilíngue e pais de alunos que estão fadados a não conseguirem proporcionar ao filho um curso de idiomas a par da escola pública. Para os autores, portanto, como a maioria da população brasileira tem acesso somente ao inglês ensinado nas escolas públicas, é preciso buscar meios de transformar este ambiente em espaço atrativo para o ensino-aprendizagem de LI pautado numa educação de qualidade.
	MOITA LOPES (2008)	Defende o ILI como uma língua de fronteira (língua descentrada) na qual as pessoas se apropriam para agir na vida social (não como uma mímica de designs globais, mas sim, na expressão de performances identitárias). Para tanto, faz-se necessária uma negociação entre vida local e designs globais e a busca por outra globalização, a fim de recriar uma anti-hegemonia nos fluxos da fronteira.
Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês	BERGER (2005)	Discorre sobre dois assuntos distintos: a) LI e globalização; b) NTICs no processo de ensino e aprendizagem, tentando fazer alguma correlação entre os mesmos. O ILF não é o centro de seu estudo. Para a autora, as NTICs (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação) só servem como ferramentas relevantes se atuarem para facilitar o ensino-aprendizagem. Faz-se importante a criação de uma consciência por parte do educando, para que ele se perceba como membro de uma

		sociedade local/global, bem como desvincular a LI das culturas americana/britânica, somente. Segundo a autora, a internet deve ser usada como uma ferramenta útil ao ensino-aprendizagem, e não como um método em si. A relação inglês x NTICs contribui para com a formação do cidadão para o mercado de trabalho, além de ampliar o acesso a um conjunto de informações disponíveis na internet.
	BERGER (2007)	É importante ter consciência sobre os métodos possíveis de serem aplicados em sala de aula; Ensino de inglês- tipo de ensino efetivo que pode levar os aprendizes ao desenvolvimento de competências comunicativas, especialmente na troca de informações por meio das NTICs; Inglês X NTICs = ampliação de acesso a um conjunto de informações na net, neste idioma- inserção mais eficaz nas relações globais; O foco deste trabalho não recaiu na LI como idioma global, mas sim, na evolução do modelo de trabalho, nas NTICs (pressupõe o uso da Internet) e superficialmente no ensino de LI.
	PESCADOR (2010)	Afirma que sua investigação não está ligada à área de LA, assim o foco central não recai na aquisição/aprendizagem de uma LE e sim, nas ações de aprendizagem e como seu entendimento poderá contribuir para os educadores das mais diversas áreas, fazendo-se as transposições necessárias (identificar as ações na busca de soluções). Conclui o seu trabalho afirmando que a aprendizagem é baseada nas descobertas - o nativo digital (jogador) aprende jogando e de que há indícios de aprendizagem enquanto o indivíduo está envolvido com o game, uma vez que identifica momentos em que os nativo-digitais atingem seus objetivos por meio de ações colaborativas e cooperativas (entre os jogadores). O inglês funciona como LF na comunicação dos participantes do jogo, além de servir para a compreensão das regras do mesmo. A autora defende que é necessário utilizar as características dos nativo-digitais a favor da prática pedagógica do professor (este deve aprender a ensinar com a tecnologia como sua aliada) a fim de propor atividades que valorizem a interação/formação de redes de cooperação/colaboração.
Formação inicial de professores	MOTTER; CATAPAN (2011)	Devido ao distanciamento entre a escola e o uso real da língua, no que concerne o inglês X Tecnologia de Comunicação Digital, a escola precisa focar nas habilidades orais, e não somente leitura e escrita (como já discutido nesta dissertação), além de mostrar que aprender uma LE gera uma abertura para outras culturas. O professor deve passar por uma formação continuada, a fim de que este possa contribuir para mudanças nos moldes de ensino-aprendizagem; os professores precisam identificar os problemas de ensino e trabalhá-los localmente. Os autores apontam o Letramento Crítico como um caminho possível para a educação, a fim de contribuir para uma educação consciente e transformadora.
ILF e identidade	KALVA; FERREIRA (2011)	O falante nativo, de acordo com as crenças obtidas como resultado de seu trabalho, ainda parece ser tido como o padrão a ser seguido, portanto é necessário repensar as crenças sobre o que vem a ser um bom professor, além de trabalhar a competência de negociação e interação com falantes de diferentes línguas maternas. Existe também uma necessidade de refletir sobre a formação de professores, bem como saber lidar com a pluralidade em sala de aula de forma a respeitar as identidades. Dessa forma, os professores deverão adaptar seus métodos de ensino às necessidades dos alunos.
	KALVA (2012)	Os discentes (11 alunos do curso de inglês intermediário) possuem a vontade de inclusão do local no ensino, porém ainda valorizam o professor nativo em detrimento do não-nativo. Os respondentes vão contra os estereótipos do livro, porém se sentem confortáveis, mesmo o nativo se apresentado em peso no LD – livro didático). Tanto para o

		professor (acadêmico do 3. Ano de Letras) quanto para os alunos, não está claro o que vem a ser ILF, e dessa maneira os sujeitos parecem acostumados à condição de imperialismo linguístico (PENNYCOOK, 1999; PHILLIPSON, 1992). Para a autora, é necessário repensar a formação de professores, bem como o material didático utilizado (foco no global e local), além de desfazer as crenças sobre ensino de inglês. Outros pontos a serem focados são: a inteligibilidade no ato da conversação e abordagem da identidade nacional em sala de aula.
Inteligibilidade	BECKER (2009)	Apesar de ser necessidade a promoção de uma inteligibilidade mútua entre falantes não-nativos, é preciso levar em consideração falantes que queiram soar como nativos.
	BECKER (2011)	Em experimentos controlados, é importante observar que o conhecimento da língua alvo (inglês) por parte dos informantes e dos ouvintes, deve ser o mais próximo possível, para garantir um grau maior de inteligibilidade. A autora ainda afirma que os estudos sobre inteligibilidade ainda se mostram incipientes, pelo menos a nível nacional.
	SILVEIRO (2012)	Por meio da prática é possível perceber que nem todos os aspectos da pronúncia considerados relevantes, pois não afetam a comunicação. O professor deve focar na tonicidade, especialmente em palavras semelhantes (injuries/endurance), além de trabalhar a distinção entre os fonemas /h/ e /r/ com maior cautela. O ensino de pronúncia de uma instituição precisa ser focado na equipe pedagógica, para então ser levado para a sala de aula: é preciso ter conhecimento sobre conceitos fundamentais como inteligibilidade, LF, fonética/fonologia básica do inglês.
	CRUZ; PEREIRA (2006)	Cruz e Pereira (2006) defendem que a familiaridade do ouvinte com um falante em particular pode contribuir para que haja inteligibilidade, e o professor de LI é responsável por tomar conhecimento de aspectos de pronúncia que podem afetar a inteligibilidade da fala para diferentes grupos de ouvintes, contribuindo assim para o estabelecimento de critérios de avaliação de pronúncia.
	REIS; CRUZ (2010)	Reis e Cruz (2010), assim como Cruz e Pereira (2006), apontam o quesito familiaridade com o sotaque do ouvinte/falante é importante para a inteligibilidade. O resultado de sua pesquisa, na tentativa de investigar os aspectos que impediram a inteligibilidade entre três falantes brasileiros/franceses de inglês, comprova estar de acordo com o modelo fonológico de Jenkins (LFC, 2000), no qual consoantes são importantes para a compreensão mútua, exceto /θ/ e /ð/; grupos consonantais; quantidade de vogais (curtas e longas, exceto a diferença entre /e/ e /æ/;) e ditongos (o som da vogal /ɪ/ na palavra <i>reactions</i> não está incluso no LFC); acento tônico; consoantes e vogais (could). Na fala dos informantes, os autores identificam 4 categorias presentes no núcleo de língua franca de Jenkins (2000): a) consoantes (spirit; what); b) vogais (working, reactions - esta palavra pode ser incluída no núcleo de língua franca, uma vez que apresentou problemas na inteligibilidade entre falante/ouvinte); c) ditongos (identity; hope); d) vogais e consoantes (could; here).
	CRUZ (2006)	A acentuação de palavras pode ser um item a ser inserido no NLF e não excluído, segundo Jenkins (2000), uma vez que causa problema de inteligibilidade entre os falantes (caso estudado: interação entre 5 falantes não-nativos: brasileiro, alemão, japonês e 2 tailandeses). A autora aponta que a ausência de controle de variáveis do ouvinte pode ser outro fator que aponte dúvidas à confiabilidade do NLF.
	CRUZ (2008)	Detectou com seu estudo (ouvintes britânicos e americanos que tinham ou não familiaridade com o sotaque brasileiro) que existe uma probabilidade da inserção de vogais nas palavras em LI serem aspectos impedidores do alcance da inteligibilidade, porém não é certeza. É necessário especificar

		o tipo de vogal inserida. Para a autora, faz-se necessário realizar outros estudos a fim de investigar a ordem de inteligibilidade.
Materiais didáticos	SILVA, V. E. S. (2011);	Faz uma comparação entre duas coleções didáticas (Upgrade - editora Richmond, 2010; Prime – Macmillan, 2010) e chega aos seguintes resultados: o primeiro vai de encontro aos objetivos do EM (Ensino Médio) - preparação para o trabalho. O livro aborda a cultura geral brasileira de maneira relevante e traz a participação de brasileiros em contextos orais, porém ainda existem alguns vestígios do tradicionalismo, ao utilizar a variedade americana como padrão. Já o segundo (Prime, 2010), representa em maior escala que o primeiro, grupos étnicos diferentes em contextos socioculturais diversificados, além da diversidade cultural e a reflexão sobre hábitos culturais dos diversos grupos humanos. Esta coleção traz uma proposta bem mais harmônica com a perspectiva da interculturalidade no ensino de inglês; Porém, o áudio se assemelha ao da coleção Upgrade, cuja versão está no inglês americano. Ainda assim, cabe dizer que os LDs precisam se adequar às novas perspectivas, e que estas sejam respaldadas pelos textos oficiais que regem a educação brasileira.
	SILVA, E. R. (2011);	Após realizar a análise de um livro didático amplamente utilizado em escolas da Rede Pública de Ensino ( <i>Inglês: volume único: ensino médio</i> . FERRARI; RUBIN, 2000), conclui que alguns elementos verbais e não-verbais corroboram a ideia da existência de ingleses locais e não somente das variedades padrões - americana e britânica. Porém, o texto presente no livro mascara as realidades linguísticas dos países mencionados (EUA, Reino Unido, etc) e, portanto, as variedades apresentadas no livro didático remetem-se à americana/britânica, assim como no livro Upgrade analisado por Silva, V. E. S. (2011), não apresentando referência a fatos históricos sobre o estatuto alcançado pela LI. Para o autor, no imaginário brasileiro ainda prevalece o vínculo inglês - EUA/Inglaterra e, a análise aponta que o LD não assume de fato o conceito de WE (World Englishes).
	SILVA, J. M. (2012)	Na tentativa de analisar os aspectos culturais, bem como seu tratamento didático, em uma coleção de livros didáticos de inglês (Links – English for teens, produzida por autores brasileiros e destinada aos professores do Ensino Fundamental II) desenvolvidos para atender os critérios do PNL D/2010, além de verificar se as questões sobre a expansão da língua inglesa no mundo, e a necessidade de uma competência intercultural (BYRAM, 1997), influenciam de alguma forma a produção dos LDs, conclui que é baixa a quantidade de seções com referências a culturas específicas, e quando esta aparece inclui a cultura-alvo. A quantidade de referências culturais americanas se equipara às brasileiras e existe uma predominância da perspectiva ocidental. Poucas vezes são apresentadas relações interculturais enquanto diferença, uma vez que a coleção ignora questões de variedade linguística, sendo estas tomadas de forma generalizante no LD. Existe uma tentativa de reconhecer a LI como internacional, embora a presença do Brasil e EUA estejam marcadas de forma equilibrada no livro. O desenvolvimento da competência intercultural não representa o foco desta coleção didática (grande foco na cultura local), destacando-se, portanto, como problema a neutralidade sociocultural. Para a autora, o trabalho com a interculturalidade neste livro mostrou-se superficial/inconsistente, cabendo ao professor realizar esforços para compensar a ausência de atividades.
Questões pragmáticas	DE PAOLA (2010)	Aponta que em interações interculturais de sucesso (ordenação e sequencialidade), os participantes são solidários uns com os outros, uma vez que nos encontros de serviço, os participantes mostram-se dispostos na co-construção de

		sentido para alcançar o objetivo final. O movimento de estabelecimento e resposta ao pedido é marcado por ajustes até o entendimento do pedido; neste movimento foi localizada a maioria das sobreposições. Há nos dados estudados, situações de comunicação solidária, nas quais as sobreposições são marcadas pelo uso de palavras/expressões/continuadores que sinalizam o acompanhamento e o fato do ouvinte/próximo falante compreenderem o que está sendo dito; compreender que o turno corrente não está completo.
	MENONCIN; VON BORSTEL (2012)	Enfatizam que o ensino de inglês não deve ser pautado apenas na gramática, uma vez que alcançou o status de língua internacional e depende de fatores sociais, históricos e culturais para ser utilizada. Os funcionários bilíngues (informantes) das empresas de Mendianteira/Paraná têm adquirido conhecimento desses fatores, uma vez que estão em constante contato com falantes de inglês, oriundos de diferentes países.
Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF	GOMES (2010)	É preciso ser flexível com a complexidade engendrada pela LI como ILI e defende a Fonologia de Uso e o Modelo de Exemplares, em busca de uma metodologia de ensino de pronúncia nas aulas de LI. O primeiro explica a aquisição da fonologia de forma gradual e cada vez mais precisa em detalhes fonéticos, percepção e produção das palavras e frases da língua, dependendo do uso; a segunda é compatível com a primeira e propõe que a aquisição de detalhes fonéticos requer habilidades para formar generalizações estatísticas entre padrões fonotáticos - para a produção, o falante escolhe o item, conforme sua força de ativação.
	BARBOSA (2011)	Faz-se necessário um paradigma para o ensino da pronúncia de inglês que a perceba como língua internacional, bem como o empoderamento dos aprendizes, conferindo-lhes liberdade de expressão na LI, sem ter de imitar os nativos.
	DUTRA; COSTA (2011)	Os acadêmicos (36) do curso de Letras (Feevale-RS) desconhecem a proposta do NLF (núcleo de língua franca, proposto por JENKINS, 2000), porém mostram uma preocupação com a globalização da língua, no que se refere à necessidade de haver uma exposição aos seus diversos sotaques. Os informantes demonstram uma preferência pelo sotaque americano, porém, a aproximação do falar nativo não se faz imprescindível. Os autores defendem que o NLF deve ser visto como uma ferramenta aos professores que querem combinar um conjunto de elementos ensináveis e aprendíveis. Além disso, é preciso reavaliar os objetivos do ensino de pronúncia, bem como conceitos de proficiência, acurácia e fluência.
	SCHMITZ (2012)	Com base em Canagarajah (2006), o autor afirma que o ILF apresenta desafios significativos para a LA. Além disso, algumas áreas ainda se apresentam como deficientes em pesquisas, como por exemplo, a fonologia/fonética/pronúncia (JENKINS). O ILF, na esperança de oferecer uma maior tolerância especialmente no que tange o falante não-nativo, pode contribuir para uma maior visibilidade e aceitação por parte da LA.
	FORTES; SALEM (2011)	Defendem que o uso do inglês como língua franca deve preservar as identidades culturais.
	SIQUEIRA (2005)	Siqueira (2005), assim como Berger (2010) também carrega consigo a opinião de que se fazem emergenciais as discussões acerca da suposta alienação dos professores, como deveria ser sua prática em sala de aula, etc. É preciso valorizar a voz do professor e do aluno (MOTA, 2004), visando a uma prática pedagógica com foco nas possibilidades de transformação social (GIROUX, 1997), uma vez que o ILI representa a possibilidade de abraçar a diversidade linguística/cultural de povos do mundo todo.

	FESTINO (2011)	Festino (2011), ao analisar trechos do livro <i>Sozaboy: A Novel in Rotten English</i> , escrito pelo nigeriano Ken Saro-Wiwa (1985), expõe o uso do inglês vernáculo (inglês nativizado) e do padrão (GUNN, 2008). A língua se mostra como um instrumento de poder, ferramenta de inclusão/exclusão entre as culturas, além de ser uma prática linguística e sócio-cultural. O autor afirma que o uso de narrativas literárias contribui para uma reflexão crítica, sendo o vocabulário e a sintaxe ensinados como prática culturalmente situada. É preciso entender a cultura do outro por meio de suas próprias lentes.
	GONÇALVES; MOTTER (2012)	Ressaltam que é necessário ver a escola como âmbito de pluralização linguístico-cultural, além de fornecer aos educandos, atividades informatizadas em LI, língua que sofre tamanha influência pelas TCDs e propicia contato com diferentes saberes, formas de cultura e variantes da língua.
	SALOMÃO (2011)	É necessário questionar a visão de cultura dentro da própria história do ensino de línguas, além de entender a cultura como híbrida, em movimento, dinâmica e sua relação com a língua. É preciso examinar de modo mais significativo, o impacto da "globalização cultural" no mundo atual. O título deixa a desejar, porque não focou no computador como facilitador da competência comunicativa intercultural, nem no ensino de língua inglesa, e sim, no ensino de línguas, no geral.
	PEDERSON (2011)	Em seu relato de experiência em 3 países, onde a LI é uma LE e em seu próprio país (EUA), onde o inglês funcionou como segunda língua em seu contexto de atuação, afirma que na França havia um receio de convidar a professora nativa (PEDERSON), para participar das aulas, uma vez que eles desvalorizavam seus próprios sotaques. No Japão, era perceptível a preferência ao nativo, pelo fato deste trazer uma dinâmica diferenciada para a sala de aula. No Brasil, houve um momento de confrontação dos alunos com o estereótipo brasileiro criado pelos americanos (os alunos dizem ser este estereótipo apenas uma fração de sua bagagem cultural). Nos EUA (contexto de ISL, contexto este que merece mais atenção), havia uma necessidade promover espaço tanto para a identidade cultural norte-americana (regras, formas de escrita), quanto para a identidade cultural do estudante. Para a autora, faz-se necessário reavaliar a maneira pela qual os educadores consideram os objetivos no ensino de LI, a fim de oferecer uma pedagogia mais apropriada e relevante para o século XXI. Pederson (2011) não acredita ser necessária a completa separação/marginalização das normas dos falantes nativos. Os professores deveriam considerar estratégias de comunicação intercultural que permitam nativos/não-nativos participarem da nova face dos ingleses globais, trazendo para a sala de aula práticas de ensino mais concretas.

	SIQUEIRA (2008)	A triangulação dos dados obtidos por meio de um questionário, de um registro etnográfico e entrevista do tipo livre-narrativa gera alguns resultados importantes: os professores de todos os contextos (EB e ensino superior) apresentam dificuldade de colocar em prática peculiaridades que rompem com procedimentos tradicionais de ensino de LI. A prática de sala de aula revela um distanciamento entre ensino de língua e cultura, apesar dos professores possuírem um vasto embasamento teórico sobre o conceito “cultura”. Estes demonstram a importância de estarem atentos à questão do desenvolvimento da competência intercultural, mas não deixam de apontar que esta é ainda uma tarefa de difícil concretização em nosso contexto. Em suma, os informantes se mostram mais críticos na teoria do que na prática, e que independentemente do contexto em que atuam estão se dando conta da posição central que ocupam no ensino de inglês como LI. O contexto universitário parece ser o mais promissor na implantação de uma pedagogia crítica de ILI. Para o autor, a pedagogia de ILI mais coerente ao contexto, é aquela que reconhece e procura refletir na prática de sala de aula às complexidades inerentes à condição do inglês como uma língua de alcance global. Esta pedagogia deve estar atenta aos objetivos de cada programa, assumir seu caráter local. Faz-se necessária uma revisão e reformulação dos objetivos curriculares de cada programa específico.
	SIQUEIRA (2011)	Uma pedagogia de ILF deve assumir sua condição mestiça, seu caráter local, buscando contar com professores formados e constantemente (re)qualificados em programas de educação linguística. As decisões pedagógicas devem ser tomadas, levando em conta os mais variados contextos sociais em que se ensina e se aprende inglês (MCKAY; BOKHORST-HENG, 2008). É preciso considerar a adoção de práticas pedagógicas apropriadas e materiais instrucionais que venham contribuir para que nossos aprendizes tornem-se indivíduos bilíngues e interculturais bem sucedidos, capazes de funcionar com competência tanto em ambientes locais quanto internacionais.
	COSTA; GIMENEZ (2011)	O modo como as culturas locais serão (re)criadas no contato com a LI e os efeitos de seu ensino dependerão em boa medida da própria compreensão dos professores, dos objetivos que procurarão desenvolver, e quais identidades procurarão construir com seus alunos.
	JORDÃO (2011)	A LI na escola pode se tornar um espaço de construção de cidadania participativa e oferecer a alunos/professores a possibilidade de construir alternativas de posicionalidade na estrutura social, cultural e econômica.
	ROCHA; SILVA (2011)	Defendem que o ensino de LI com fins emancipatórios que visa à (trans)formação de cidadãos do mundo precisa instaurar o conflito em sala, promover a confluência de diferentes línguas, linguagens sociais, identidades e culturas (RAJAGOPALAN, 2009). É importante desenvolvermos um olhar múltiplo e polifônico de se compreender o inglês na contemporaneidade, e uma das propostas é conceber o “World English” como um fenômeno sui generis, em constante transformação, a fim de (re)construir uma sala de aula de línguas que se mostre plurilíngue e transcultural nos mais diversos contextos educacionais presentes em nosso país. Os alunos devem ser capazes de dominar a LI, sem deixar que esta os domine (RAJAGOPALAN, 2005).
	SALLES; GIMENEZ (2010)	Ressaltam que há a necessidade de uma política linguística mais igualitária, além do papel do professor tornar-se central no processo de alterações de objetivos e metodologias e nas políticas governamentais.

	RAJAGOPALAN (2009c)	Faz uma revisão sobre o fenômeno “World English” e afirma ser esta uma língua sem regras fixas, estas são negociadas, mesmo o jogo estando em progresso. Para o autor, o World English é algo completamente diferente do inglês e representa uma nova língua, um fenômeno linguístico, pertence a todos que o falam. Porém, este trabalho está desalinhado com o título ( <i>A exposição de crianças ao inglês como língua estrangeira: o papel emergente do World English</i> ), uma vez que não focou nas crianças como seu objeto, e sim, no World English como um todo.
	LONGARAY (2009)	O professor deve incumbir-se da tarefa de discutir com seus alunos questões mais amplas (questões político-econômicas, por exemplo), relacionadas à aprendizagem de inglês. Sobre os informantes da pesquisa (alunos do ensino médio), acredito que a importância em se conhecer o que eles pensam sobre a LI está pautada na questão de que este ensino representa o primeiro nível preparatório para o mercado de trabalho. Segundo os dados da pesquisa, estes demonstram investir nesta língua, devido à crença no inglês como língua do desenvolvimento e das possibilidades futuras, porém pouco conseguem aproveitar das aulas de LI, uma vez que há uma baixa produtividade, sendo este aspecto caracterizado como ensino deficitário/repetitivo (verbo “to be”). Os aprendizes demonstram que a força da hegemonia da LI está principalmente atrelada ao poderio dos EUA - a LI surge quase sempre como uma imagem de sucesso e desenvolvimento econômico (ideologia hegemônica). As identidades dos aprendizes parecem estar à mercê dos fluxos econômicos e culturais (a grande maioria sonha com um futuro melhor, representando a LI uma moeda corrente na busca pela ascensão social).
	SHOEMAKER (2011)	O inglês deve ser moldado de acordo com seu contexto de uso, uma vez que a identidade da língua é a identidade da cultura, logo, todos os moldes devem ser respeitados, inclusive o molde americano de fala, apesar deste não servir completamente às necessidades dos falantes não-nativos do inglês.
	SIQUEIRA; ANJOS (2012)	A finalidade do ensino de LI está atrelada com o comprometimento social através da aquisição de uma ferramenta semiótica transcultural de alcance global, a qual é capaz de empoderar e transformar aquele que dela se apropria. Para os autores, existe uma necessidade de investir na formação inicial/continuada do professor (UR, 2010). A escola pública deve servir de palco de mudanças, por menor que sejam.
Revisão bibliográfica de estudos	CALVO; EL KADRI (2011)	Defendem que o ILF precisa ser disseminado fora dos muros da universidade, além da necessidade de ser tratado de forma prática.

Fonte: o próprio autor

#### 4.4.1 Discussão sobre as Implicações Pedagógicas no que Concerne o ILF

Nesta seção abordo o cruzamento dos dados referentes às conclusões dos trabalhos presentes nas categorias temáticas apresentadas, a fim de traçar algumas implicações pedagógicas no que concerne o ILF. Início com um quadro contendo as categorias conclusivas e seus respectivos autores, e logo após,

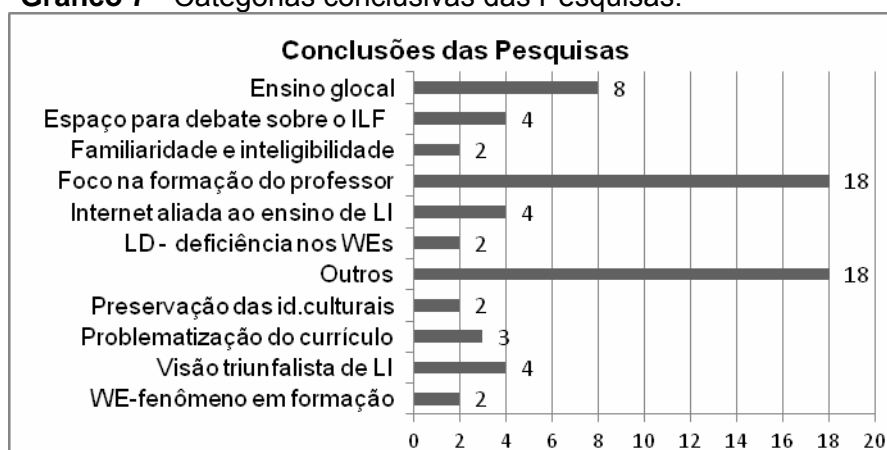
um gráfico representando estes números, relativos aos resultados convergentes das pesquisas:

**Quadro 19 – Categorias conclusivas das pesquisas.**

<b>Categorias Conclusivas</b>	<b>Autor(es)</b>
Ensino glocal	ASSIS-PETERSON; COX (2007); BARBOSA (2011); MESQUITA; MELLO (2007); MOITA LOPES (2005, 2008); ROCHA; SILVA (2011); SILVA, H. M. (2009); SILVA, V. E. S. (2011)
Espaço para debate sobre o ILF	BERTO (2011); CALVO; EL KADRI (2011); JORDÃO (2011); SOUZA; BARCARO; GRANDE (2011)
Familiaridade e inteligibilidade	CRUZ; PEREIRA (2006); REIS; CRUZ (2010)
Foco na formação do professor	BERGER (2010); COSTA; GIMENEZ (2011); EL KADRI (2010a, 2011); KALVA; FERREIRA (2011), KALVA (2012); LONGARAY (2009); MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009); MOTTER; CATAPAN (2011); PEDERSON (2011); SALLES; GIMENEZ (2010); SILVEIRO (2012); SIQUEIRA (2005, 2008, 2011); SIQUEIRA; ANJOS (2012); UR (2010); ZACCHI (2006)
Internet aliada ao ensino de LI	BERGER (2005, 2007); GONÇALVES; MOTTER (2010); PESCADOR (2010)
LD - deficiência nos WEs	SILVA, J. M. (2012); SILVA, E. R. (2011)
Outros	BECKER (2009, 2011); CALVO et al. (2009); CRUZ (2006, 2008); DE PAOLA (2010); DUTRA; COSTA (2011); FESTINO (2011); FIGUEREDO (2011); GOMES (2010); LEFFA (2006); LONGARAY; LIMA (2010); MENONCIN; VON BORSTEL (2012); NUNES (2006); SALOMÃO (2011); SANTOS (2007); SCHMITZ (2012); SKYBINA (2006)
Preservação das identidades culturais	FORTES; SALEM (2011); SHOEMAKER (2011)
Problematização do currículo	BERNS et al. (2011); DUBOC (2011); EL KADRI (2010b);
Visão triunfalista de LI	BARROS (2005); DAVID (2005); LACOSTE (2005); SCHÜTZ (2005)
WE-fenômeno em formação	RAJAGOPALAN (2009c, 2011)

Fonte: o próprio autor

**Gráfico 7 - Categorias conclusivas das Pesquisas.**



Fonte: o próprio autor.

**Quadro 20 – Apresentação das categorias conclusivas**

<b>Categorias Conclusivas</b>	<b>Apresentação das categorias conclusivas</b>
Ensino glocal	O ensino precisa se moldado para a realidade do aluno. Por exemplo, no momento em que o professor tratar de questões mais gerais sobre a LI, pode também incluir questões locais no ensino desta língua.
Espaço para debate sobre o ILF	Ainda são escassos espaços para debate sobre o estatuto do ILF, nos diversos âmbitos sociais.
Familiaridade e inteligibilidade	O quesito “familiaridade” é um aspecto a ser levado em consideração quando se trata de inteligibilidade, uma vez que pode contribuir na comunicação entre duas pessoas. Quando se é familiar de alguém, a voz torna-se conhecida, podendo a identidade da fala ser facilmente detectada pelo ouvinte.
Foco na formação do professor	A formação de professores precisa ter seu espaço garantido no que tange o ensino de inglês pela perspectiva de língua franca. O professor precisa se capacitar a fim de se tornar mais crítico com relação ao que ocorre com a LI no mundo.
Internet aliada ao ensino de LI	A internet pode ser uma ferramenta útil ao trabalho do professor, principalmente no que tange a preparação de materiais em LI. É uma ferramenta que poderia contribuir para melhorar o trabalho do professor em sala de aula.
LD - deficiência nos WEs	Os livros didáticos (LDs) analisados pelos autores se apresentam como falhos no que tange a questão das variações da LI, questões culturais, enfim. O livro ainda não se mostra apto para atender às necessidades locais dos alunos.
Outros (18)	Respeito aos aprendizes de LI (BECKER, 2009); Proximidade do conhecimento da língua-alvo entre ouvinte/falante, a fim de garantir a inteligibilidade (BECKER, 2011); Preferência pelo falante nativo como professor (CALVO et al., 2009); Entonação de palavras como um item a ser incluído no LFC (CRUZ, 2006); Inserção de vogal como possibilidade de impedimento da inteligibilidade (CRUZ, 2008); Solidariedade nas interações interculturais de sucesso (DE PAOLA, 2010); NLF (LFC) como ferramenta de ensino aos professores (DUTRA; COSTA, 2011); Narrativas literárias como suporte ao ensino de ILI (FESTINO, 2011); Preocupação em representar o falante não-nativo de inglês, como um falante legítimo (FIGUEREDO, 2011); Flexibilidade com a complexidade do ILI (GOMES, 2010); O ILI como solidariedade internacional (LEFFA, 2006); Nomenclatura “ILE” como a mais adequada ao contexto nacional (LONGARAY; LIMA, 2010); Ensino de ILI além da gramática (MENONCIN; VON BORSTEL, 2012); Movimento favorável ao professor não-nativo (NUNES, 2006); Questionamento da cultura no ensino (SALOMÃO, 2011); Difusão do inglês por todas as nações interessadas em seu ensino (SANTOS, 2007); O ILF como um desafio e a deficiência de algumas áreas: a fonologia/fonética/pronúncia (SCHMITZ, 2012); Variedades do círculo interno como culturalmente estipuladas da entidade linguística inicial (SKYBINA, 2006).
Preservação das identidades culturais	Um aspecto crucial de toda a discussão sobre a LI no mundo globalizado é a questão da preservação da identidade cultural. Esta precisa continuar fazendo parte da vida de todo e qualquer aprendiz de LI, uma vez que este também possui sua língua materna, a qual deve ser respeitada.
Problematização do currículo	Tomando como base a perspectiva do ILF, o currículo de LI em todos os níveis, básico e superior precisa de ser repensado a fim de poder tratar destas questões relacionadas ao estatuto conferido a esta língua no mundo contemporâneo.
Visão triunfalista de LI	Alguns trabalhos trazem uma visão pouco crítica acerca da temática do ILF, apresentando a LI como uma língua neutra, benéfica em todos os sentidos, deixando de considerar aspectos históricos e sociais de toda a expansão desta língua.
WE-fenômeno em formação	O “World English”, ou inglês mundial, representa um fenômeno em formação, ou seja, não é algo acabado, fixo (rígido), mas sim uma língua em constante transformação nos contextos onde ela é utilizada.

**Fonte:** o próprio autor.

Ao observar o gráfico é possível tecer algumas conclusões sobre os resultados dos trabalhos. Em sua maioria, tratam da formação do professor como aspecto central do ILF a ser encarado com seriedade, a fim de formar cidadãos críticos de si e do mundo em que vivem. As vozes dos professores se fazem importantes na tomada de consciência sobre as variedades de inglês existentes (UR, 2010) e, portanto, um investimento maciço na formação inicial/continuada de professores precisa ter seu espaço garantido (SIQUEIRA; ANJOS, 2012), para que a escola pública seja um palco de mudanças. O objetivo de ensino de LI precisa ser reconfigurado a fim de alcançar uma pedagogia apropriada (PEDERSON, 2011), e esta necessita estar atenta aos objetivos de cada programa, no intuito de assumir seu caráter local (SIQUEIRA, 2008). O professor é, na maior parte das vezes, o espelho para seu aluno, por isso é importante que construa uma visão crítica sobre o que vem a ser a LI, e principalmente o seu ensino, no contexto local.

Com relação ao ensino glocal, Rocha e Silva (2011) afirmam que é importante desenvolvermos um olhar múltiplo e polifônico de se compreender o inglês na contemporaneidade e seu ensino poderia adotar uma postura bilíngue glocal, ou seja, tanto universal, quanto particular (MESQUITA; MELLO, 2007), a fim de atender às necessidades dos aprendizes de LI. Para tanto, o ensino deve ser atrativo e de qualidade, visando suprir principalmente a deficiência do sistema escolar público (ASSIS-PETERSON; COX, 2007), buscando a negociação entre a vida local e os designs globais por meio da LI, também conhecida, como língua de fronteira (MOITA LOPES, 2008), ou ainda “World English”, um fenômeno inacabado, dotado de hibridismo, e pertencente a todos que o utilizam (RAJAGOPALAN, 2009c, 2011).

A Internet poderia se configurar como uma ferramenta útil ao ensino de LI, a fim de formar o cidadão para o mercado de trabalho (BERGER, 2005), e o professor deve se atualizar visando ter a tecnologia como peça aliada do processo de ensino-aprendizagem de seu aluno. Como a LI sofre bastante influência das TCDs (Tecnologias de Comunicação Digitais), é importante que o professor se adeque a este contexto virtual, a fim de proporcionar aos alunos atividades informatizadas em LI (GONÇALVES; MOTTER, 2010).

A expansão da LI precisa ser tratada de maneira crítica, e isto não é observado em alguns trabalhos (BARROS, 2005; DAVID, 2005; LACOSTE, 2005; SCHÜTZ, 2005), os quais abordam uma visão triunfalista da LI, como algo que veio

somente para o bem, fator que não deve ser tomado como extremo e sim, deve ser balanceado. A fim de adotarmos uma postura crítica sobre o ILF, são necessários espaços para tal debate (BERTO, 2011; CALVO; EL KADRI, 2011; SOUZA, BARCARO; GRANDE, 2011; JORDÃO, 2011), principalmente no que tange o professorado, a fim de estruturar e constituir seu perfil em pré-serviço e em serviço.

No que constitui a categoria “problematização do currículo”, Berns et al. (2011) afirma que existe a necessidade de inclusão das variedades múltiplas da LI nos currículos dos países em expansão (Brasil). A autora se refere ao currículo de maneira geral, podendo este ser destinado à Educação Básica ou ao Ensino Superior em âmbito nacional. Como se pode observar, El Kadri (2010b) afirma que a maioria dos programas das disciplinas do curso analisado (Letras) não problematiza esta questão. Para Duboc (2011), orientações curriculares, sejam estaduais ou nacionais, precisam ter um caráter orientador, para que o professor tenha uma visão mais ampla e compreenda de que maneira ele pode inserir o global no local e vice-versa.

Sobre a categoria “familiaridade e inteligibilidade”, Cruz e Pereira (2006) e Reis e Cruz (2010) apontam para o quesito “familiaridade” ser também um fator decisivo na inteligibilidade entre ouvinte/falante, tornando-se o professor o agente responsável por tomar o conhecimento de aspectos de pronúncia que interferem na compreensão de interlocutores, além de estabelecer critérios de avaliação de pronúncia. Outra categoria “LD- deficiência nos WEs” apresenta um ponto importante para o ensino: Silva, E. R. (2011) e Silva, J. M. (2012) apontam para uma falta de exemplos referentes aos ingleses do mundo, bem como referências culturais específicas nos livros didáticos analisados. Ora, se a LI está a cada dia mais se expandindo, tornando necessário o seu ensino, os materiais que o acompanham também precisariam passar por mudanças, a fim de se adequarem à realidade global e local.

O uso expansivo da LI pode gerar a ideia de homogeneização linguística/cultural. Autores como Shoemaker (2011) e Fortes e Salem (2011), defendem que o uso do ILF permite a preservação das identidades culturais e pode ser moldado de acordo com seu contexto de uso, uma vez que a identidade da língua é a identidade da cultura.

Deste parágrafo em diante, concentro-me na categoria “outros”, a qual se refere a 18 conclusões/sugestões distintas, ou seja, não se enquadram

diretamente nas outras categorias já discriminadas no quadro 19. São elas: a) O ILF como um desafio e a deficiência de algumas áreas: a fonologia/fonética/pronúncia; b) o ILI como solidariedade internacional; c) Preocupação em representar o falante não-nativo de inglês, como um falante legítimo; d) Flexibilidade com a complexidade do ILI; e) Proximidade do conhecimento da língua-alvo entre ouvinte/falante, afim de garantir a inteligibilidade; f) NLF<sup>39</sup> (LFC) como ferramenta de ensino aos professores; g) Respeito aos aprendizes de LI; h) Entonação de palavras como um item a ser incluído no LFC; i) Nomenclatura “ILE” como a mais adequada ao contexto nacional; j) Difusão do inglês por todas as nações interessadas em seu ensino; k) Narrativas literárias como suporte ao ensino de ILI; l) Questionamento da cultura no ensino; m) Movimento favorável ao professor não-nativo; n) Solidariedade nas interações interculturais de sucesso; o) Ensino de ILI além da gramática; p) Variedades do círculo interno como culturalmente estipuladas da entidade linguística inicial; q) Preferência pelo falante nativo como professor; r) inserção de vogal como possibilidade de impedimento da inteligibilidade.

Algumas categorias se fazem mais relevantes para debate, como por exemplo, “preocupação em representar o falante não-nativo de inglês, como um falante legítimo”. Cabe ao professor a tarefa de valorizar a fala de seu aluno, mesmo esta não seguindo à risca os moldes de correção linguística pautados no falante nativo. O quesito “inteligibilidade” presente em algumas categorias também é passível de discussão, uma vez que é um aspecto crucial do ILF: segundo Becker (2011), tanto o ouvinte, quanto o falante devem ter aproximadamente o mesmo nível de proficiência linguística a fim de garantir a inteligibilidade da interação entre ambos. No que se refere ao ensino de LI com foco na inteligibilidade, Dutra e Costa (2011) defendem a possibilidade de uso do NLF pelos professores, que podem combinar um conjunto de elementos ensináveis/aprendíveis. Para tanto, é preciso que os professores tomem conhecimento dos aspectos pertencentes a este núcleo.

Cruz (2008) faz um adendo ao NLF, afirmando que a inserção de vogais em palavras de língua inglesa podem afetar a inteligibilidade, porém isso não é uma regra. Cruz (2006) ressalta que é preciso adicionar ao invés de excluir, o item

---

<sup>39</sup> O NLF ou LFC (Língua Franca Core) representa um modelo fonológico criado por Jenkins (2000), a fim de enfatizar os aspectos de pronúncia considerados essenciais/desnecessários para a inteligibilidade mútua. Para a autora, as consoantes são importantes para a compreensão mútua, exceto /θ/ e /ð/; As vogais também são importantes (curtas e longas), exceto a diferença entre /e/ e /æ/; ditongos; consoantes e vogais (por exemplo, could). Este aspecto já foi brevemente discutido na seção 2.3 do capítulo 2 desta dissertação.

“acentuação/entonação de palavras” no NLF, uma vez que este aspecto representou quebra de compreensão, ou ainda, impediu a inteligibilidade dos falantes. Com relação à categoria “questionamento da cultura”, esta representa um tópico importante a ser negociado, principalmente em sala de aula, uma vez que o ILF abre o leque para várias culturas e não somente a do nativo. Acredito ser importante equilibrar aspectos da cultura do aluno juntamente à cultura do outro (esta pode ser qualquer uma/internacional).

A questão da “preferência pelo falante nativo como professor” recai na questão da não-aceitação de forma plena do ILF, além da crença de que somente porque os falantes nativos possuem um arsenal linguístico mais amplo que os não-nativos, aqueles se fazem habilitados a lecionar. Esta é outra questão que poderia ser debatida entre os muros da escola e fora deles, a fim de valorizar todo e qualquer profissional do ensino, independente de ser nativo ou não.

## Comentários conclusivos do capítulo

O levantamento dos trabalhos produzidos em âmbito nacional mostrou que os autores se fazem mais interessados em promover uma reflexão sobre a LI na contemporaneidade do que uma análise comunicativa em inglês entre brasileiros, por exemplo, e outros falantes. Porém, vale ressaltar que os dois capítulos teóricos (1 e 2) foram importantes na medida em que contribuíram para o entendimento sobre a expansão da língua inglesa, sua relação com a globalização e as diversas nomenclaturas atribuídas à LI, temas resenhados por Lacoste (2005), Moita Lopes (2008) e Longaray e Lima (2010), respectivamente.

Sobre a literatura resenhada no capítulo 2 e sua relação com este levantamento apresentado, é possível afirmar que o conceito de língua franca é defendido pela maioria dos autores como um contexto de uso entre falantes de inglês, principalmente entre não-nativos, uma vez que estes representam maior número que os nativos. Uma grande parte dos autores brasileiros faz referência à pesquisadora austríaca Seidlhofer (2001, 2004, 2005), a fim de definir o que vem a ser uma LF. Além disso, alguns trabalhos defendem uma postura mais pluricêntrica, a fim de abarcar todas as outras culturas que não são trazidas numa sala de aula tradicional de inglês (SILVA, E. R., 2011; SILVA, V. E. S., 2011; SILVA, 2012).

O professor precisa assumir o papel de tomador de decisões e isto está presente na metassíntese das conclusões dos estudos brasileiros pautados no ILF. No capítulo 2, deixo explícita uma citação de Widdowson (2003 apud SEIDLHOFER, 2005), autor que enfatiza a posição do professor como agente de mudanças pedagógicas na sala de aula para a adoção de uma postura coerente com o referido conceito. Portanto, o foco maior está na figura do professor, e a este é incumbida a tarefa de aproximar seus alunos do que vem a ser o ILF e como compreendê-lo na contemporaneidade.

## CAPÍTULO 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu da curiosidade e da necessidade, pelo menos pessoal, de me aprofundar nas questões referentes ao ILF e compreender de que maneira estas podem repercutir no ensino-aprendizagem de LI. Para tanto, na introdução desta dissertação apresento a trajetória a ser percorrida pela pesquisa, com início nos objetivos (principal e específicos) culminando na análise dos estudos nacionais sobre a temática em pauta.

O objetivo desta pesquisa foi mapear os estudos sobre inglês como língua franca no contexto brasileiro no período de 2005 a 2012, de modo a identificar os temas abordados, os contextos de pesquisa e implicações para o ensino. Para tanto, foram elaboradas 4 questões, a fim de alcançar o objetivo proposto:

1) Quais dissertações, teses e artigos acadêmicos qualificados publicados no Brasil no período de 2005-2012 tratam do inglês como língua franca? 2) Quais os focos dos estudos e quais entendimentos de ILF são adotados? 3) Qual a natureza dessas pesquisas e em que contextos foram realizadas? 4) Quais implicações pedagógicas derivam desses estudos?

Respondendo, portanto, a primeira pergunta de pesquisa, foram recuperados 56 trabalhos, por meio de 3 fontes de busca: Banco de Teses da CAPES, Google acadêmico e alguns periódicos da área de Letras/Linguística Aplicada com foco na formação de professores (Revista Delta PUC/SP, Revista de Estudos da Linguagem/UFMG, Revista Brasileira de Linguística Aplicada/UFMG/Impresso, Trabalhos em Linguística Aplicada/UNICAMP, Gragoatá/UFF- Universidade Federal Fluminense, Revista de Estudos Linguísticos/Veredas/UFJF- Online/Impresso, Revista Signum-Estudos da Linguagem/UEL, Calidoscópio/UNISINOS, Ilha do Desterro/UFSC, Linguagem e Ensino, UCPel). Como apresentado na seção metodológica, não foram encontrados trabalhos nas seguintes revistas: Revista de Estudos da Linguagem/UFMG, Gragoatá/UFF- Universidade Federal Fluminense, Revista de Estudos Linguísticos/Veredas/UFJF- Online/Impresso, Revista Signum - Estudos da Linguagem/UEL.

Como demonstrado na seção metodológica desta dissertação (capítulo 3), além dos 56 trabalhos encontrados nas respectivas fontes, foi

considerado também o livro (11 capítulos) publicado nacionalmente intitulado *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores* (2011), organizado por Gimenez, Calvo e El Kadri. Logo, contamos com um total de 67 pesquisas sobre ILF produzidas no Brasil entre o período de 2005-2012. Estes trabalhos foram lidos na íntegra e, como já mencionado no capítulo metodológico, foi criado um quadro contendo os seguintes elementos: a) natureza do trabalho; b) autor(es); c) título do trabalho; d) objetivos; e) metodologia; f) referencial teórico; g) resultados; h) tema, para melhor visualização do conteúdo das pesquisas abordadas. A maioria dos trabalhos se apresenta em forma de artigo, o que representa o caráter breve dos estudos nacionais, principalmente pelo fato, do ILF ser um assunto de pesquisa relativamente recente. No contexto nacional, a região sul está liderando o setor de produção de Teses/Dissertações, como se pode observar no gráfico 2 (capítulo 4), o que significa que seus programas de pós-graduação têm se preocupado com esta questão a nível local para o entendimento do que ocorre no global. O ano de 2011 mostrou-se o mais profícuo em termos de produção científica na área (24 estudos). A produção do livro descrito acima (2011) justifica de certa forma o aumento crescente de pesquisas neste campo.

Sobre a segunda pergunta de pesquisa, os trabalhos foram agrupados em 17 categorias para fins analíticos, como podemos observar no capítulo 4 e os conceitos de ILF mostraram-se, em sua maioria, convergentes na questão semântica. O termo ILF (inglês como língua franca), foi o mais utilizado, seguido dos termos “inglês como língua internacional”, “inglês como língua global”, “inglês como língua mundial” ou “World English”, “World Englishes (WEs)” e “língua glocal” (KALVA; FERREIRA, 2011) em ordem decrescente. Outros 2 termos foram utilizados na mesma proporção (1:1): f) língua de fronteira (MOITA LOPES, 2008) e língua multinacional (LEFFA, 2002 apud CALVO et al., 2009), contando apenas com um trabalho para cada termo. Acredito que isto se deve, principalmente, à quantidade de trabalhos encontrados na busca pelos referidos termos (seção metodológica). Foram recuperados, somente no google acadêmico, 22 trabalhos, ao selecionar a palavra-chave “inglês como língua franca”, sendo este um dos fatores de tamanha aparição nos trabalhos, como conceito central.

Com relação à natureza e contextos das pesquisas, é possível observar que a maioria dos trabalhos é de cunho reflexivo, logo, o número de estudos empíricos se faz menor, fator que corrobora a citação de Jenkins, Cogo e

Dewey (2011, p. 285) presente na introdução deste trabalho: “[...] Mesmo os poucos pesquisadores da região que se empenham sobre o ILF tendem a focar em questões mais amplas, ao invés de locais” (RAJAGOPALAN, 2009).” Estes trabalhos realizam, em sua maioria, uma discussão da LI junto ao processo de globalização. São poucos os trabalhos que realmente se preocupam com as questões locais, ou quando muito, defendem o falante não-nativo como legítimo (FIGUEREDO, 2011). Mas e o falante brasileiro de inglês? Como ele se vê dentro do complexo engendrado pelo ILF? Acredito que mais pesquisas são necessárias a fim de mapear o perfil do falante brasileiro de outras áreas. Logicamente esta pesquisa se configurará como “localmente situada”, uma vez que não é possível traçar um único perfil brasileiro de fala.

Pela perspectiva de Silva (2009), falamos o inglês brasileiro, porém esta variedade ainda não foi descrita. Contudo, seria interessante pensar de onde provém o falante, uma vez que no próprio português (brasileiro) é possível observar variações linguísticas, as quais certamente são transpostas para a LI, de forma a manter ou apenas expressar a identidade nacional (KALVA; FERREIRA, 2011; KALVA; 2012). O foco maior dos trabalhos se deu com alunos de Letras, e logo em seguida, o professor. Acredito que as pesquisas com professores se fazem tão importantes quanto com alunos, uma vez que os primeiros são responsáveis pela desenvoltura dos últimos, no que tange a proficiência linguística, os entendimentos sobre a LI no mundo globalizado, enfim, as questões linguísticas relacionadas à LI, ou ILF, ou ILI, ou língua mundial, ou língua global, ou língua de fronteira, enfim, os termos parecem infinitos!

Apesar do pequeno número de trabalhos sobre livros didáticos (LDs) no que se refere à temática (3 trabalhos; ver gráfico 6, capítulo 4), já representa um avanço nas pesquisas dentro deste campo de estudos. Como em muitos locais de trabalho o livro se faz um grande aliado do professor, é preciso reavaliar este material, a fim de compreender de que maneira este situa a LI no mundo, se está ou não relacionada à cultura do aprendiz. Se o LD se mostra falho pela perspectiva do ILF, como nas pesquisas realizadas por Silva, E. R. (2011), Silva, V. E. S. (2011), e Silva (2012), há 2 possibilidades: ou se adota o mesmo livro, porém, buscando alternativas de complementação com outros materiais adequados aos ensino de ILF, ou se busca outro livro que seja capaz de lidar com tal prisma educacional.

Acredito que a primeira opção é a mais viável, já que pesquisas comprovam que o LD de LI precisa de uma transformação, readaptação aos contextos locais, a fim de priorizar o indivíduo, como falante legítimo de LI, dotado de sua própria cultura, sendo esta merecedora de respeito.

No que tange às implicações pedagógicas, a maioria das pesquisas aponta para a formação continuada de professores de LI, como a saída para a miscelânea ideológica/cultural/identitária trazida pelo inglês para o mundo contemporâneo. Zacchi (2006), por exemplo, como resultado de sua pesquisa, afirma que os professores navegam entre discursos hegemônicos (inglês como língua neutra, livre de conotações políticas) e contra-hegemônicos (forma de resistência à ideologia dominante). Isto implica, por exemplo, no fato de que seus alunos poderão levar consigo os mesmos discursos, ao invés de defenderem uma única posição. Logo, o campo da formação de professores deve se fazer cada vez mais presente, a fim de qualificar profissionais críticos para atuarem no mercado de trabalho, e que não definam a LI apenas como a língua “da moda”, mas sim, como uma ferramenta útil ao ensino-aprendizagem ao empoderamento dos aprendizes (BARBOSA, 2011).

É tempo de mudanças: mudanças no olhar que lançamos à LI (ROCHA; SILVA, 2011), ao seu ensino no setor público (ASSIS-PETERSON; COX, 2007), ao mundo virtual e a LI (GONÇALVES; MOTTER, 2010), ao currículo (BERNS et al., 2011; EL KADRI, 2010b), no que respeita os aspectos de inteligibilidade (CRUZ, 2006, 2008), ao ILF como um todo. E que a língua inglesa se faça sempre mais presente, principalmente nas redes públicas de educação, onde todos têm maior acesso e que esta educação seja de qualidade (ASSIS-PETERSON; COX, 2007).

E para finalizar, discorro sobre os lacunas e avanços e das pesquisas em foco. Com relação às lacunas das pesquisas, ainda se fazem escassos trabalhos empíricos na área de ILF, especialmente, os que investiguem interações envolvendo brasileiros e falantes de outras línguas. As pesquisas-ações poderiam possibilitar ao professor o desenvolvimento de uma postura crítica perante o estatuto do ILF, no entanto, estas também se fazem escassas. A questão cultural/variedades da LI não são trabalhadas de forma prática, mas sim, teorizadas. Exemplos do inglês utilizado no mundo em contraste com o inglês utilizado por

falantes brasileiros, por exemplo, poderiam começar a fazer parte da agenda de pesquisa dos pesquisadores de nossa área.

Com relação aos avanços das pesquisas nacionais, é importante frisar que 52 trabalhos não são coincidentes ao mapeamento de Calvo e El Kadri (2011). Foram analisados 3 trabalhos que tratam do LD, afim de investigar se estão enquadrados na perspectiva do ILF. Porém, a análise destes materiais voltados para o ensino fundamental e médio comprova que o LD é falho no que diz respeito à valorização da cultura local/global na sua totalidade. Alguns trabalhos investigados trazem uma visão particular de uso da internet no ensino de LI. Esta poderia se tornar uma ferramenta de trabalho do professor, bem como auxiliar produção de materiais destinados ao ensino-aprendizagem de LI.

Destaco também como um avanço algumas pesquisas, como as de Cruz (2006, 2008), Cruz e Pereira (2006) e Reis e Cruz (2010), as quais têm muito a contribuir no campo dos estudos sobre inteligibilidade, no que respeita o cenário brasileiro de uso da LI. Estas representam testes dos aspectos que realmente afetam a inteligibilidade de ouvintes/falantes, dentre eles, brasileiros, fator contribuinte no entendimento de quais elementos são ou não importantes de serem incorporados/excluídos à fala.

Apesar desta dissertação de mestrado se apresentar de maneira limitada, assim como toda e qualquer pesquisa, espero ter contribuído para a área de estudos do ILF, apontando trabalhos de interesse, especialmente para alunos e professores da área de LI. O período de recuperação dos trabalhos (2005-2012) poderia ser expandido, a fim de recuperar outros textos que não foram abordados neste trabalho para fornecer um panorama mais completo do “olhar brasileiro” para o ILF.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 5-14, 2007.
- BARBOSA, J. R. A. Nem britânico, nem americano: o ensino da pronúncia do inglês como língua internacional. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 30, n.1/4, p. 82-92, 2011.
- BARROS, C. D. B. R. **O inglês, língua global dos dias atuais**. 2005. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.
- BECKER, M. R. A questão da inteligibilidade do inglês como língua franca. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011. p. 2789-2801.
- \_\_\_\_\_. ELF: inglês como língua franca. **Eletras**, Curitiba, v. 19, n. 19, p. 1-10, 2009.
- BERGER, M. A. F. A globalização da economia, a internet, e o ensino de língua inglesa como idioma global. **Revista da Fapese**, Aracaju, v. 3, n. 1, p. 37-56, 2007.
- \_\_\_\_\_. A língua inglesa, globalização e o processo de formação do profissional docente. **CPeDeC** (Cadernos de Pesquisa e Extensão Desafios), Aracaju, v. 5, n. 5, p. 119-125, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O papel da língua inglesa no contexto de globalização e as implicações do uso das NTICs no processo de ensino/aprendizagem de ensino/aprendizagem desse idioma**. 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2005.
- BERNS, M. et al. English as a lingua franca: a conversation with Margie Berns. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 293-303.
- BERNS, M. et al. Perspectives on English as a lingua franca. In: HOFFMAN, T.; SIEBERS, L. (Ed.). **World englishes: problems, properties and prospects**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 369-384.
- BERTO, P. L. English language teaching in Brazil: pursuing a pluricentric approach. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 139-161.
- BIPLAN, P. O. Esperanto dos negócios. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 133-134.

CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. Mapeamento de Estudos Nacionais sobre Inglês como Língua Franca. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 17-44.

CALVO, L. C. S.; RIOS-REGISTRO, E. S.; OHUSHI, M. C. G.; EL KADRI, M. S. Percepções de estudantes e profissionais chineses sobre o status do inglês como língua franca. **Revista X**, Curitiba, v. 2, n. 0, p. 1-21, 2009.

CAMERON, D. Globalization and the teaching of "communication skills". In: BLOCK, D.; CAMERON, D. **Globalization and language teaching**. London: Routledge, 2002. p. 67-82.

CANAGARAJAH, A. S. From babel to pentecost: postmodern glottoscapes and the globalization of English. In: FAAPI CONFERENCE, 30<sup>th</sup>, Argentina, Sep. 2005. **Proceedings...** Argentina: British Council, 2005. p. 22-33.

COSTA, G. J. M. M.; GIMENEZ, T. Lady Gaga vai à aldeia Kaingang. . In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 117-135

CRUZ, N. C. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 15, p. 1-11, 2006.

\_\_\_\_\_. Vowel insertion in the speech of Brazilian learners of English: a source of unintelligibility? **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 2, n. 55, p. 133-152, 2008.

CRUZ, N. C.; PEREIRA, M. A. Pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês e inteligibilidade: um estudo com dois grupos de ouvintes. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL**, v. 4, n. 7, p. 1-26, 2006.

CRYSTAL, D. Emerging englishes. **English Teaching Professional**, Cambridge, n. 14, p. 3- 6, Jan. 2000.

\_\_\_\_\_. Emerging englishes. In: MULVEY, C.; LUCAS, B. **English language trends: an English project report**. Winchester: University of Winchester publisher, 2009. p. 1-12.

\_\_\_\_\_. **English as a global language**. Cambridge: CUP, 1997.

DAVID, P. D. O inglês no mundo: língua de prestígio. **Revista Trama**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 209-215, 2005.

DE PAOLA, A. L. O. **Encontros de serviço em contextos do uso de inglês como língua franca: sobreposições como estratégias de solidariedade**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio, Rio de Janeiro. 2010.

DEWEY, M. English as a lingua franca and globalization: an interconnected perspective. **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 17, n. 3, p. 332-354, 2007.

DEWEY, M.; JENKINS, J. English as a lingua franca in the global context: interconnectedness, variation and change. In: SAXENA, M.; OMONIYI, T. (Org.). **Contending with globalization in world englishes**. Bristol: Multilingual Matters, 2010. p. 72-92.

DUBOC, A. P. M. Redesenhando currículos de língua inglesa em tempos globais. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 727-745, 2011.

DUTRA, C. C.; COSTA, A. A pronúncia do inglês como língua franca e o respeito à identidade linguística. In: SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2011, Novo Hamburgo, RS. **Anais...** Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2011. p. 60-66.

EL KADRI, M. S. **Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em curso de formação inicial de professores**. 2010. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010a.

\_\_\_\_\_. Atualização de estudo sobre a identidade profissional de professores de língua inglesa no contexto brasileiro. **Revista X**, Curitiba, v. 1, p. 72-88, 2010c.

\_\_\_\_\_. Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês. **Entretextos**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 64-91, 2010b.

\_\_\_\_\_. Inglês como língua franca: atitudes de formadores de professores. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 163-192.

ERLING, E. J. The many names of English: a discussion of the variety of labels given to the language in its worldwide role. **English Today**, Cambridge, v. 21, n. 1, p. 40-44, 2005.

FERGUSON, G. Issues in researching English as a lingua franca: a conceptual enquiry. **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 19, n. 2, p. 117-135, 2009.

FESTINO, C. G. The importance of the literary text in the teaching of English as an international language. **Todas as Letras Q**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 54-62, 2011.

FIGUEREDO, C. J. O falante nativo de inglês *versus* o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 12, n. 1, p. 195-225, 2011.

FIRTH, A. The lingua franca factor. **Intercultural Pragmatics**, v. 6, n. 2, p. 147–170, 2009.

FORTES, R. A.; SALEM, M. M. The “englishes”: an approach of the learning of English language as a global language. **Trivium**, Pitanga, v. 2, n. 1, p. 93-100, jan./jun. 2011.

FRIEDRICH, P.; BERNS, M. Introduction: english in south america, the forgotten continent. **World Englishes**, Oxford, v. 22, n. 2, p. 83-90, 2003.

GIMENEZ, T. Antes de Babel: inglês como língua franca global. In: ENCONTRO DE LETRAS: LINGUAGEM E ENSINO - ELLE, 7., 2009, Londrina. **Anais...** Londrina: UNOPAR, 2009. p. 1-10.

GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. English as a lingua franca: a brazilian perspective. In: BAYYURT, Y.; AKCAN, S. (Org.). ELF5. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF ENGLISH AS A LINGUA FRANCA, 5., 2013, Istanbul. **Proceedings...** Istanbul: Bogazici University, 2013. p. 241 - 248.

GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores.** Campinas: Pontes, 2011.

GOMES, M. L. C. Uma reflexão sobre o inglês como língua franca e os novos rumos para o ensino de pronúncia com a linguística probabilística. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010, Palhoça. **Anais...** Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. p. 1-10.

GONÇALVES, A. R.; MOTTER, R. M. B. Sobre o ensino de língua inglesa no contexto global: língua franca, hibridismo linguístico e homogeneização cultural. **E-escrita: Revista do Curso de Letras da Uniabeu, Nilópolis**, v. 3, n. 3A, p. 1-14, 2012.

GRADDOL, D. **English next.** London: British Council, 2006.

\_\_\_\_\_. **The future of English?** London: British Council, 1997.

HOLBOROW, M. Money talks: the politics of World English. In: \_\_\_\_\_. **The politics of English.** London: SAGE Publications, 1999. p. 53-96.

HOLLIDAY, A. English as a Lingua Franca, 'Non-native Speakers and Cosmopolitan Realities. In: SHARIFIAN, F. (Org.). **English as an international language: perspectives and pedagogical issues.** Monach: New Perspectives on Language Education, 2009. p. 21-33.

INDEPENDÊNCIA dos Estados Unidos. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/estadosunidos/>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

JENKINS, J. Current perspectives on teaching world English and English as a lingua franca. **TESOL Quarterly**, Washington, v. 40, n. 1, p. 157-181, 2006.

JENKINS, J. The historical, social and political context. In: JENKINS, J. **World Englishes: a resource book for students.** London: Routledge, 2003. p. 2-8.

\_\_\_\_\_. **The phonology of English as an international language.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

JENKINS, J; COGO, A.; DEWEY, M. State-of-the-art article: review of developments in research into English as a lingua franca. **Language Teaching**, Cambridge, v. 44, n. 3, p. 281-315, 2011.

JONES, S.; BRADWELL, P. **Catching up in an age of global English.** London: Demos, 2007.

JORDÃO, C. M. A posição do inglês como língua internacional e suas implicações para a sala de aula. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 221-252.

KACHRU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Ed.). **English in the world: teaching and learning the language and literatures**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 11-30.

KALVA, J. M. **Identidade nacional e língua franca: negociações no processo de ensino e aprendizagem de inglês**. 2012. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa. 2012.

KALVA, J. M.; FERREIRA, A. J. Inglês como língua franca e a concepção de Identidade nacional por parte do professor de inglês: uma questão de formação. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 165-176, jul./dez. 2011.

KIRKPATRICK, A. Which model of English: Native-speaker, nativized or lingua franca? In: RUBDY, R.; SARACENI, M. (orgs). **English in the world: global rules, global roles**. London: Continuum, 2006. p. 71-83.

KUMARAVADIVELU, B. Dangerous liaison: globalization, empire and TESOL. In: EDGE, J. (Org.). **(Re)Locating TESOL in an age of empire**. London: Palgrave, Macmillan, 2006. p. 1-26.

LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 7-11.

LE BRETON, J-M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 12-26.

LEFFA, V. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: KARWOSKI, A. M.; BONI, V. F. C. V. (Org.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória: Kaygangue, 2006. p. 10-25.

\_\_\_\_\_. Teaching English as a multinational language: **The Linguistic Association of Korea Journal**, Seul, v. 10, n. 1, p. 29-53, 2002.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007.

LLURDA, E. Non-native-speaker teachers and English as an international language. **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 14, n. 3, p. 314-323, 2004.

LONGARAY, E. A. **Globalização, antiimperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna**. 2009. 247 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

LONGARAY, E. A.; LIMA, M. S. Os vários nomes do inglês na era global. **Revista do Gelne**, Teresina, v. 12, n. 1, p. 38-53, 2010.

LOVATTO, P. A. et al. Meta-análise em pesquisas científicas: enfoque em metodologias. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Viçosa, v. 36, p. 285-294, 2007.

MCARTHUR, T. Is it world or international or global english, and does it matter? **English Today**, Cambridge, v. 20, n. 3, p. 3-15, 2004.

MCKAY, S. L. Toward and appropriate EIL pedagogy: re-examining common ELT assumptions. **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 13, n. 1, p. 1-22, 2003.

\_\_\_\_\_. EIL curriculum development. In: RUBDY, R.; SARACENI, M. (Org.). **English in the world: global rules, global roles**. London: Continuum, 2006. p. 114-129.

MCNAMARA, T. Managing learning: authority and language assessment. In: INTERNATIONAL CELC SYMPOSIUM "GLOBAL PERSPECTIVES, LOCAL INITIATIVES: REFLECTIONS AND PRACTICES IN ENGLISH LANGUAGE TEACHING", 3., 2010, Singapore. **Proceedings...** Singapore: National University, 2010. p. 39-52.

MENONCIN, C.; VON BORSTEL, C. N. A competência comunicativa na língua inglesa por funcionários em duas empresas comerciais. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL - CELSUL, 10. 2012, Cascavel. **Anais...** Cascavel: UNIOESTE, 2012. p. 1-10.

MESQUITA, D. N. C.; MELLO, H. A. B. Sociedade global, englishes e bilinguismo glocal. **Polifonia**, Cuiabá, v. 13, n. 13, p. 45-58, 2007.

MESTHRIE, R.; BHATT, R. Conclusion: Current trends in the spread of english. In: \_\_\_\_\_. **World englishes: the study of new varieties**. New York: Ed. CUP, 2008. p. 200- 223.

MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **DELTA**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 309-340, 2008.

\_\_\_\_\_. Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação. In: INTERNATIONAL RESEARCH FOUNDATION FOR ENGLISH LANGUAGE EDUCATION – TIRF, 2005, São Paulo. **Texto base...** São Paulo, 2005. Mimeo.

\_\_\_\_\_. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2011. v. 1.

MOTTER, R. M. B.; CATAPAN, A. H. A formação do professor de inglês no contexto do idioma como língua global. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 54-65, 2011.

MOTT-FERNANDEZ, C.; FOGAÇA, F. C. Inglês como língua internacional na universidade: rejeição e objeto de desejo. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 12, n. 1, p. 195-225, 2009.

NUNES, Z. A. A. Afinal, que história é essa de inglês internacional? **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 95-108, 2006.

PAKIR, A. English as a lingua franca: analyzing research frameworks in international English, World English and ILF. **World Englishes**, Oxford, v. 8, n. 2, p. 224-235, 2009.

PARK, J. S.; WEE, L. A practice-based critique of English as a lingua franca. **World Englishes**, Oxford, v. 30, n. 3, p. 360-374, 2011.

PEDERSON, M. English as a lingua franca, world englishes and cultural awareness in the classroom. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 59-85.

PENNYCOOK, A. Other englishes. In: \_\_\_\_\_. **Global englishes and transcultural flows**. Abingdon: Routledge, 2007. p.17-35.

\_\_\_\_\_. The world in english. In: \_\_\_\_\_. **The cultural politics of English as an international language**. Sydney: Longman, 1994. p. 1-37.

PESCADOR, C. M. **Ações de aprendizagem empregada pelo nativo-digital para interagir em redes hipermediáticas tendo o inglês como língua franca**. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2010.

PHILLIPSON, R. Linguistic imperialism: theoretical foundations. In: \_\_\_\_\_. **Linguistic imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 1992. p. 38-77.

PRODROMOU, L. Implications for ELF. In: \_\_\_\_\_. **English as a lingua franca: a corpus-based analysis**. London: Continuum, 2008.

\_\_\_\_\_. Is ELF a variety of english? **English Today**, Cambridge, v.23, n.2, p. 47-53, 2007.

QUEVEDO-CAMARGO, G.; RAMOS, S. M. Reconsiderando pesquisas sobre a identidade profissional do professor de língua inglesa no contexto brasileiro. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, Maringá, v. 30, n. 4, p. 189-196, 2008.

RAJAGOPALAN, K. “World english” and the Latin analogy: where we get it wrong. **English Today**, Cambridge, v. 25, n. 2, p. 46-50, 2009a.

\_\_\_\_\_. A exposição de crianças ao inglês como língua estrangeira: o papel emergente do world english. **Trabalhos em Linguística Aplicada - TLA**, Campinas, v. 48, n. 2, p. 185-196, 2009c.

\_\_\_\_\_. O “world english”: um fenômeno muito mal compreendido. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 45-57.

\_\_\_\_\_. O inglês como língua internacional na prática docente. In: LIMA, D. C. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009b. p. 39-46. (Estratégias de Ensino, 11).

\_\_\_\_\_. The concept of World English and its implications for ELT. **ELT Journal**, London, v. 58, n. 2, p. 111-117, 2004.

\_\_\_\_\_. The English language, globalization and Latin America: possible lessons from the ‘Outer Circle’. In: SAXENA, M.; OMONIYI, T. (Org.). **Contending with globalization in world englishes**. Bristol: Multilingual Matters, 2010. p. 175-195.

\_\_\_\_\_. World english or world englishes? Does it make any difference? **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 22, n. 3, p. 374-391, 2012.

REIS, F. S.; CRUZ, N. C. (Un)intelligibility in the context of English as a Lingua Franca: A study with French and Brazilian Speakers. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 22, p. 35-55, 2010.

ROCHA, C. H.; SILVA, K. A. World English no contexto do ensino fundamental-1 público. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 253-292.

RODRIGUES, A. L. **A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2011.

RODRIGUES, C. A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 10, p. 23-57, 2002.

SALLES, M. R.; GIMENEZ, T. Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão. **BELT Journal**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 26-33, 2010.

SALOMÃO, A. C. B. Vizinhança global ou proximidade imposta? Impactos da comunicação intercultural mediada por computador sobre o papel da cultura no ensino de língua inglesa. **DELTA**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-256, 2011.

SANTOS, L. M. A. Panorama das pesquisas sobre TDIC e formação de professores de língua inglesa em LA: um levantamento bibliográfico a partir da base de dissertações/teses da CAPES. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 15-36, 2013.

SANTOS, S. M. A. Relações culturais internacionais e teoria crítica: estudando a legitimação do inglês como língua internacional. In: SIMPÓSIO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS SAN TIAGO DANTAS. 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, UNICAMP, PUC-SP, 2007, p. 1-26.

SARNIGHAUSEN, V. C. R. **Revisão sistemática e metassíntese: medições de gases de efeito estufa (GEE) emitidos pela pecuária bovina brasileira.** 2011. 149 f. Tese (Física do Ambiente Agrícola) - Escola Superior de Agricultura – “Luiz de Queiroz” – ESALQ, Piracicaba. 2011.

SCHMITZ, J. R. “To ELF or not to ELF”? (English as a lingua franca): that’s the question for applied linguistics in a globalized world. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 249-284, 2012.

\_\_\_\_\_. O inglês como língua internacional, globalização e o futuro de outras línguas e culturas: uma reflexão. **Investigações**, Recife, v. 17, n. 2, p. 223-242, 2004.

SCHÜTZ, R. **O inglês como língua internacional.** 2005. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-ingl.html>>. Acesso em: 3 jul. 2012.

SÉBILLE-LOPEZ, P. Os britânicos e a língua inglesa na África em geral e na Nigéria em particular In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). **A geopolítica do inglês.** São Paulo: Parábola, 2005. p. 94-110.

SEIDLHOFER, B. Closing a conceptual gap: the case for a description of english as a lingua franca. **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 11, n. 2, p. 133-158, 2001a.

\_\_\_\_\_. Common ground and different realities: world englishes and english as a lingua franca. **World Englishes**, Oxford, v. 28, n. 2, p. 236-245, 2009.

\_\_\_\_\_. English as a lingua franca in the Expanding Circle: what it isn’t. In: RUBDY, R.; SARACENI, M. (Org.). **English in the world: global rules, global roles.** London: Continuum, 2006. p. 40-50.

\_\_\_\_\_. English as a Lingua Franca. **ELT Journal**, London, v. 59, n. 4, p. 339-341, 2005.

\_\_\_\_\_. Research perspectives on teaching english as a lingua franca. **Annual Review of Applied Linguistics**, Cambridge, v. 24, p. 209-239, 2004.

\_\_\_\_\_. Towards making “euro-english” a linguistic reality. In: JENKINS, J.; MODIANO, M.; SEIDLHOFER, B. Euro-English. **English Today**, Cambridge, v. 17, n. 4, p. 14-16, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Understanding English as a lingua franca.** Oxford: Ed. OUP, 2011.

SHOEMAKER, A. Regionalismo e identidade cultural: o inglês como língua internacional. **Antares**, Caxias do Sul, v. 3, n. 5, p. 20-37, jan./jun. 2011.

SIFAKIS, N. The education of teachers of English as a lingua franca: a transformative perspective. **International Journal of Applied Linguistics**, Oslo, v. 17, n. 3, p. 355-375, 2007.

SILVA, E. R. O conceito de “world englishes” em um livro didático de inglês utilizado na escola pública. **Anais do Seta**, Campinas, v. 5, p. 280-291, 2011.

SILVA, H. M. Língua franca no Brasil: Inglês, globês ou inglês brasileiro? **Veredas Favip**: Revista Eletrônica de Ciências, Campina Grande, v. 2, n.1-2, p. 35-42, jan.-dez. 2009.

SILVA, J. M. **Implicações culturais e didáticas do inglês como língua internacional**: o livro didático. 2012. 128 f. Dissertação (Linguagem e Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

SILVA, V. E. S. A interculturalidade nos livros didáticos de inglês. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, n. 3, p. 1-18, 2011.

SILVEIRO, A. Ensino de pronúncia e inglês para aviação: uma interseção possível e necessária. In: ENCONTRO DO CELSUL- CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 10., 2012, Cascavel. **Anais...** Cascavel, 2012. p. 1-11.

SIQUEIRA, D. S. P. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca**: ensino-aprendizagem e formação de professores. Campinas: Pontes, 2011. p. 87-115.

\_\_\_\_\_. **Inglês como língua internacional**: por uma pedagogia intercultural. 2008. 361 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. **Revista Inventário**, Salvador, v. 4, p. 1-27, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/04/pdf/ssiqueira.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2012.

SIQUEIRA, D. S. P.; ANJOS, F. A. Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 127-149, 2012.

SKYBINA, V. English across cultures: adapting to new realities. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 1, n. 50, p. 127-154, 2006.

SOUZA, A. G. F.; BARCARO, C. F.; GRANDE, G. C. As representações de alunas-professoras de um curso de letras sobre o estatuto do inglês como língua franca. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como língua franca**: ensino-aprendizagem e formação de professores. Campinas: Pontes, 2011. p. 193-220.

TOMLINSON, B. A multi-dimensional approach to teaching english for the world. In: RUBDY, R.; SARACENI, M. (Org.). **English in the world**: global rules, global roles. London: Continuum, 2006. p.130-150.

UR, P. English as a lingua franca: a teacher's perspective. **Cadernos de Letras**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 27, p. 85-92, dez. 2010.

YANO, Y. The future of english: beyond the kachruvian three circle model? In: MURATA, K.; JENKINS, J. (Org.). **Global englishes in asian contexts**: current and future debates. London: Palgrave, Macmillan, 2009. p. 208-225.

ZACCHI, V, J. Discursos da Globalização nas vozes de professores e professoras de língua inglesa. **Trabalhos em Linguística Aplicada - TLA**, Campinas, v. 45, n. 1, p. 9-27, 2006.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A<sup>40</sup>

### Resumo das Dissertações e Teses detectadas por meio do Banco de Dissertações e Teses da CAPES

<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Dissertação de Mestrado
<b>AUTOR (ES)</b>	Barros/PUCRJ (2005)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O inglês, língua global dos dias atuais
<b>OBJETIVOS</b>	<p>a) Analisar o caminho percorrido pelo inglês até alcançar seu status atual;</p> <p>b) Mostrar a importância de haver num mundo plurilíngüe, uma língua comum a todos;</p> <p>c) Reforçar a importância de conscientização dos povos, no sentido de preservação das inúmeras culturas;</p> <p>d) Mostrar até que ponto o inglês como língua global interfere na existência/prestígio de outras línguas;</p> <p>e) evidenciar a importância de se aprender outras línguas;</p> <p>f) destacar as novas tendências no ensino de LES= fator facilitador ao alargamento dos horizontes e exercício pleno da cidadania.</p>
<b>METODOLOGIA</b>	Não existe capítulo metodológico; Não houve coleta de dados. Trabalho de revisão bibliográfica, apanhado de ideias relacionadas ao estatuto do inglês hoje no mundo.
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Heye (2004)- língua como expressão de identidade; É inevitável uma língua que atenda às necessidades da vida moderna; Störig (2003)- o século XVI vivenciou grandes descobertas de terras, povos e culturas; Crystal (2003)- necessidade de comunicação entres as nações; necessidade urgente de uma língua global= é aquela que desempenha um papel especial, reconhecido em todos os países do mundo. Esse reconhecimento é feito de dois modos: a) língua considerada oficial de um país- geralmente descrita como segunda língua (serve para a comunicação, para os negócios, sistema educacional); b) A língua tem prioridade no ensino de LE; Hamel (2003)- conflito linguístico global e externo- relacionamento entre inglês como língua global e línguas nacionais/regionais; No Brasil (país pertencente ao Mercosul), o inglês representa o idioma de maior prestígio, comparado ao espanhol; A autora diz ser necessário aumentar a importância do português/espanhol, especialmente para que países do Mercosul possam ficar mais alinhados em termos de comunicação. 2 causas para o alcance do status de língua global: Crystal (2003): a) histórico-geográfica (expansão); b) sócio-cultural (como as pessoas no mundo dependem do inglês para seu bem-estar)</p> <p>Sevcenko (2001)- era da globalização: grande alteração em todo o quadro da economia mundial; Hobsbawn (2000)- século XX- século americano- papel cada vez mais importante da LI e da difusão da informática. A autora aponta os diversos usos do inglês:</p> <p>a) relações internacionais;</p> <p>b) Imprensa;</p> <p>c) Propaganda e consumo;</p> <p>d) transmissões radiofônicas e televisivas;</p> <p>e) Cinema;</p> <p>f) Música popular;</p> <p>g) Educação;</p> <p>h) Informática;</p>

<sup>40</sup> Os trabalhos seguem a ordem apresentada na seção de Anexos desta dissertação.

	<p>i)Viagens internacionais, hotelaria e turismo; j)segurança internacional; O não domínio da língua é um fator de exclusão (pode ser); O inglês é apresentado como idioma de extrema necessidade; Os profs precisam ter uma visão crítica quanto ao ensino de inglês e do seu papel a nível internacional. É necessário que os profs incentivem seus alunos na produção de contra-discursos frente à hegemonia do inglês</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Para a autora, o poder de alcance do inglês é incontestável (existe uma supervalorização da LI); Pode contribuir para o desaparecimento de línguas minoritárias; Não são todas as pessoas que aceitam o inglês com tranquilidade (antiamericanismo); Pouca probabilidade do inglês perder a sua posição hegemônica para outras línguas (Hegemonia do inglês: fator determinante na inserção/exclusão social); Para a autora, aquele que quiser ficar em sintonia com as exigências do mundo terá de aprender a língua global da atualidade. O inglês serve como fonte para o desenvolvimento de cidadãos conscientes dos valores de suas próprias línguas e culturas. Algumas Críticas: Revisão de literatura é falha; Repetição de senso comum; Não traz uma contribuição para a área; Não problematiza a questão; Um trabalho deficiente</p>
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Dissertação de Mestrado
<b>AUTOR (ES)</b>	Berger/UFS (2005)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O papel da língua inglesa no Contexto de Globalização e as Implicações do Uso das NTICs no processo de Ensino/Aprendizagem desse idioma
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir as formas de aplicação das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) ao ensino de inglês; Analisar o papel que a LI assume hoje no contexto de globalização da economia e as implicações do uso das NTICs no processo de ensino-aprendizagem deste idioma.
<b>METODOLOGIA</b>	<p>Não houve capítulo para abordar a questão da metodologia (sendo esta explicitada na Introdução); Trabalho de cunho teórico, baseado em pesquisa bibliográfica (documental) - (Lakatos e Markoni, 1990)- compreende algumas fases: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação e redação- foco na descrição e explicação do conhecimento sobre um determinado tema; Pesquisa qualitativa, de caráter descritivo (analítico-descritivo). Resultados da pesquisa de Warschauer (1999) (mudanças que as habilidades de leitura e escrita vêm sofrendo face às evoluções tecnológicas e como os profissionais de ensino lidavam com tal situação- EUA-Havaí-O`ahu), paralelos à análise do Portal desenvolvido pela escola Yázigi Internexus- House of English (série de atividades que deverão ser feitas individualmente- promoção da autonomia do aprendiz)- juntamente ao material didático de nível intermediário usado no curso de inglês; Estabelecer paralelos entre o ensino de LI, por meio da Abordagem Comunicativa- e o uso da Internet; Análise de 2 cursos: O primeiro para melhorar as habilidades de escrita de alunos não falantes de inglês; Segundo: melhorar as habilidades de escrita/leitura (Warschauer): a)base estruturalista; b) base socioieracional; Em ambas havia a aplicação das NTICs. a-instruções fechadas/limitadas de como navegar na internet- redução a exercícios gramaticais, para a prática da escrita (criticado pelo público alunado)- não teve como foco a comunicação espontânea; (Miller`s College); b- Universidade do Havaí (diferentemente do primeiro caso).</p>
<b>REF. TEÓRICO</b>	Harvey (1992) . Para a autora, a LI, por ser o idioma mais utilizado nas trocas de informações em todo o mundo está aliada à aplicação das NTICs nas diversas instâncias da sociedade (inglês como língua da comunicação global e a mais presente no universo das tecnologias);

	<p>Harvey (1992)- capitalismo: organizado através da dispersão, da mobilidade geográfica e das respostas flexíveis do mercado de trabalho, acompanhados de inovação tecnológica de produto, e institucional. Giddens (1991)- globalização: intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes- acontecimentos locais e globais se correlacionam- nível de distanciamento tempo-espço é muito maior; Berman (2001)- divisão da história da modernidade em 3 fases: a) séc XVI ao XVIII- valorização da razão em detrimento do divino; b) Idéias iluministas séc XVIII; c) séc. XX: expansão global da modernização; Globalização- avanços na área da tecnologia; Ortiz (2000)- cultura mundializada (não homogênea): civilização cuja territorialidade se globalizou; Giddens (1997)- globalização como uma questão do “aqui” que afeta até os aspectos mais íntimos de nossas vidas; Para a autora, a LI utilizada para a comunicação e troca de informações em âmbito global- resultado dos efeitos dos fenômenos de internacionalização e globalização da economia em todas as instâncias da sociedade; Ianni (2001)- globalização: repercussão do global no local (vida e trabalho de indivíduos, famílias, grupos sociais, etc); O mesmo autor fala sobre globalização da mídia (impressa e eletrônica)-povo a imaginário de muitos e modifica as relações que indivíduos, grupos, classes, coletividades, povos guardam consigo); Indústria Cultural (Adorno e Horkheimer, 1940)- Formas de entretenimento (filmes, músicas, revistas), principalmente da cultura norte-americana, uma vez que este é o país que mais investe e lucra com este tipo de negócio; A globalização contribui para uma padronização de produtos que visam a atender um mercado que se configura como mundial; Ianni (1999b) – NTICs - “o idioma dessas tecnologias, tem sido o inglês, compreendendo a produção, a distribuição, a troca e o consumo de mercadorias, serviços, notícias e fantasias de todo tipo. (...). Nesse percurso (...) o inglês adquire todas as características de língua global” (p. 58); Indústria Cultural- LI como produto de consumo; Importância dada às LEs em nosso país data do séc. XIX, com a chegada da família real (Histórico da LI no Brasil); Histórico das diferentes metodologias de ensino até a atual (Abordagem Comunicativa); 1-Gramática e Tradução- 1840-1940 (Richards e Rodgers, 2001)- regras gramaticais e frases desconexas da realidade; O foco não recai na fala/compreensão oral; O vocabulário é baseado nos textos a serem lidos; A frase como unidade básica do ensino/prática da linguagem; Ênfase na precisão; Ensino dedutivo de gramática; A língua do aprendiz era o meio para alcançar a língua-alvo; 2-Método Direto (Sauveur, 1826-1907)- uso direto/espontâneo de línguas na sala de aula (Richards e Rodgers, 2001); gramática indutiva; exigência de um corpo docente formado por falantes nativos, ou por profissionais que tivessem a proficiência muito próxima dos nativos; 3-Método Audio-Lingual centrado na psicologia behaviorista de Skinner- largamente utilizado; 4- Contribuições do construtivismo- Piaget e Vygotsky- todo ser humano constrói a sua própria ideia dentro do grupo ao qual pertence; Piaget- desenvolvimento cognitivo individual- ato praticamente solitário; Vygotsky: sócio-interacionismo- todos os indivíduos têm co-participação na aprendizagem; 5-Abordagem Comunicativa- importância dada à comunicação funcional; Pode se valer de técnicas e estratégia de diferentes métodos (Richards e Rodgers, 2001); Metodologia que melhor se enquadra às necessidades da sociedade; PCN (1998, p. 38)- a preocupação com o aprendizado de outra língua, sob a perspectiva da comunicação; Era da Informação (Hobsbawn, 2001; Castells, 2002)- era permeada pela informação e todas as suas instâncias; Definição de LF- RICHARDS, PLATT e WEBER (1985 apud PHILLIPSON, 1997, p.42): linguagem usada para a comunicação entre diferentes grupos de pessoas, cada uma falando uma língua diferente; A LI ainda domina o ranking das línguas mais utilizadas na internet; Séc XXI- Warschauer (1999)- o desenvolvimento atual que mais afeta a leitura e a escrita é o desenvolvimento/expansão da internet- acesso global instantâneo;</p>
--	--

	Tedesco (2004)- resultados de pesquisas sobre os investimentos/avanços na área das NTICs na América Latina- Brasil- PROINFO- programa oficial de informática educativa em nível nacional; Análise do portal House of English- Yázigi- a Internet a favor do ensino, como forma de ferramenta facilitadora e integradora na relação professor-aluno.
<b>RESULTADOS</b>	NTICs só servem como ferramentas relevantes se atuarem para facilitar o ensino-aprendizagem; Importância da criação de uma consciência por parte do educado, para que ele se perceba como membro de uma sociedade local/global; Necessidade de desvinculação da LI às culturas Americana/britânica, somente; A internet deve ser usada como uma ferramenta útil ao ensino-aprendizagem, e não como um método em si; Inglês x NTICs- contribui para com a formação do cidadão para o mercado de trabalho, além de ampliar o acesso a um conjunto de informações disponíveis na net; Crítica: A autora entra em dois assuntos distintos: a) LI e globalização; b) NTICs no processo de ensino e aprendizagem, tentando fazer alguma correlação entre os mesmos. O ILF NÃO É O CENTRO-implicações ao aprendizado - colocar isso na análise.
<b>TEMA</b>	Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Dissertação de Mestrado
<b>AUTOR (ES)</b>	Pescador/UCS (2010)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Ações de aprendizagem empregada pelo nativo-digital para interagir em redes hipermediáticas tendo o inglês como língua franca
<b>OBJETIVOS</b>	Identificar as ações de aprendizagem utilizadas por jovens nativos digitais em sua interação com redes hipermediáticas, em especial jogos computacionais da internet (games), os quais têm o inglês como língua franca
<b>METODOLOGIA</b>	Pesquisa de cunho exploratório-descritivo (uma vez que não existem muitas pesquisas com relação à questão de como os jogos conseguem fazer com que as crianças aprendam sem perceber que estão aprendendo- Johnson, 2005); necessidade de entrelaçar os conceitos apresentados no RF- games, nativos digitais, interação, aprendizagem e ILF; pesquisa de natureza qualitativa; A pesquisa se deu no Laboratório Multimídia de Línguas (LALI) da Universidade Caxias do Sul (UCS), com o apoio do NPD (Núcleo de Processamento de Dados); Uma etapa pré-investigação foi feita, a fim de saber os jogos e os games favoritos dos alunos, seu funcionamento e compatibilidade com os recursos técnicos do laboratório (alguns alunos procuraram a pesquisadora, a fim de contribuir com informações para a pesquisa, como fóruns e comunidades de discussão de games); A seleção dos sujeitos para a pesquisa se deu por meio de uma entrevista individual com estudantes universitários, usuários de meios digitais e redes hipermediáticas, e que possuíam conhecimento em LI, tendo passado por prova de nivelamento; Foi solicitado aos profs de LI do programa que indicassem alunos que atendessem as seguintes características: a) estarem frequentando o 2. ou 3 semestre de um curso universitário; b) atribuíssem parte de seu conhecimento em LI às suas interações em jogos eletrônicos, navegação na Internet; c) estivessem na faixa etária de 18-21 anos; 6 alunos foram entrevistados individualmente; As questões norteadoras da entrevista foram fundamentadas nos pressupostos dos descritores correspondentes aos níveis A2 e B1 do QCER; Dos 6 entrevistados - 1 foi escolhido para testar o instrumento de pesquisa (nível B1, familiaridade com a ferramenta de gravação Camtasia, habitualmente explora novos jogos) e 4 foram selecionados para fazer parte do corpus da pesquisa (3 indivíduos sexo masculino e 1 sexo feminino - 21 anos de idade- alunos do 3. Semestre de um curso (não especificado) da UCS; a participação de 1 dos indivíduos foi descartada, por este apresentar nível B2 (acima do desejado no critério); A pesquisadora pediu que os alunos lhe fornecessem uma lista com seus games favoritos; Necessidade da escolha de um game gratuito- Perfect World- foi escolhido, porém, descartado, devido à necessidade de fazer

	<p>download de atualizações; Foi escolhido o jogo Adventure Quest (jogo de RPG- Role Playing Game)- comandos e interações entre os personagens foram representados apenas em LI, e dispunha de fórum de discussão/chat, no ambiente do game para a troca de ideias entre os jogadores; O software Camtasia era utilizado para as gravações da tela do computador (gravar a interação dos indivíduos durante o jogo no computador); Ao término de cada sessão era feita uma transcrição descritiva das gravações da interação participante x game (expressão facial e gestual) - cruzar e comparar dados da interação do sujeito na tela do computador, com suas expressões faciais, mímica, etc., por meio do uso de 2 monitores de computador; Observação não-dirigida in situ = observador não-participativo nas sessões (30 minutos cada); não havia interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa; Durante a observação, as ações dos sujeitos foram registradas pela pesquisadora em uma planilha, de acordo com os objetivos da pesquisa (identificar e descrever algumas ações de aprendizagem, empregadas pelos estudantes nativo-digitais; Essas ações foram elencadas 3 categorias: a)Ações de interação/cooperação/colaboração; Antes do início de cada sessão, cada sujeito deveria ler uma folha de instruções;</p> <p>Ao assistir à videogravação das sessões, a pesquisadora selecionou momentos do jogo, para posterior discussão com o jogador daquela sessão de observação; Ao término de cada sessão de observação (sendo esta individual para cada um dos sujeitos), agendou-se novo encontro para a Entrevista semi-estruturada de autoconfrontação (Vieira e Faïta, 2003) = possibilita que os sujeitos observados possam reviver, refletir e descrever as situações observadas, analisando seus próprios comportamentos e expressando tudo isso através da fala (o conteúdo das entrevistas foi registrado e transformado em MP3 para posterior transcrição integral e análise); A pesquisadora optou por fazer a transcrição a partir de segmentos/porções das imagens obtidas por meio da observação e das videogravações, as quais evidenciassem algum tipo de ação de interação/colaboração/cooperação; Esses segmentos foram selecionados e exibidos para cada indivíduo durante a entrevista de autoconfrontação; Cada sujeito da pesquisa escolheu um nome para seu personagem: Josefina, SeYa e MrWar (foi perdido o contato com um dos sujeitos, devido à gripe H1N1, e não foi possível agendar a entrevista de confrontação); <u>Análise descritiva-interpretativa de todos os procedimentos.</u></p>
REF. TEÓRICO	<p>LI no meio digital- língua comum aos que fazem uso desta- Crystal (1997) e Graddol (2006)-inglês com o status de LF=língua falada por pessoas de vários lugares do mundo com o objetivo de comunicação e negociação; Para Santaella (2009)- TICs=TIIs (tecnologias de interação); Imigrante digital (pesquisadora que possuía pouco conhecimento na área de games- Prensky, 2001b-linguagem analógica, típica da era pré-digital) x nativo digital (Prensky 2001a, 2001b)- geração que passou a sua infância em meio a recursos tecnológicos e digitais; Kenski (2004)- o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias- estas afetam seu modo de sentir, pensar, relacionar-se, e adquirir conhecimentos; Bohn (2000)- proposta de mudança no pensamento e organização do conhecimento- uma escola que abordasse a interação do aluno com o objeto de conhecimento; Libâneo (2002)-os meios de comunicação têm impacto sobre as formas de aprender/ensinar; Dudeney e Hockly (2007)-necessidade de mudança na abordagem em sala de aula, a fim de aproximar a escola na nova geração; Oblinger e Oblinger (2005) e Mattar (2010)- ao jogar em computadores, os alunos desenvolvem algumas habilidades e competências cognitivas e metacognitivas: alfabetização digital, conexão, imediatismo, estilo exploratório, sociabilidade, trabalho em equipe, envolvimento e experiência, visuais e sinestésicos, envolvimento em coisas significativas; Palfrey e Gesser (2008)- cultural global emergente- rede utilizada por jovens para comunicar, conhecer e</p>

	<p>compartilhar (informações); Turkle (1997)- vida na tela- as interações no ciberespaço permitem que os jovens se sintam e se façam presentes tanto no mundo físico e real, quanto no virtual; Hipertexto- cunhado por Nelson nos anos 60- descrever a ideia de escrita/leitura não-linear em um sistema de informática (Lévy, 2006)- dispositivo para a aprendizagem; Graddol (2006)- indício do surgimento de uma língua comum usada como língua franca, para servir de modelo de comunicação entre comunidades específicas com interesses em comum buscando a generalização e a unificação do saber; Almeida (2005)- necessidade da alfabetização junto à apreensão da tecnologia, a fim de desenvolver a autonomia; Hipertexto- o leitor escolhe a sequência de sua leitura; Culin (apud Ranhel, 2009)- os jogos faziam parte do desenvolvimento cultural dos povos; Huizinga (2007)- 5 características para identificar o jogo: a) atividade deve ser livre, sem imposição; b) hiato das atividades da vida real; c) limitação de espaço; d) fenômeno cultural; e) cria ordem e é ordem; Callois (apud Ranhel, 2009) também apresenta estas características, acrescentando a finalidade lucrativa do jogo (jogos de azar), enquanto Huizinga (2007) afirma ser a finalidade do jogo apenas lúdica; Santaella (2009)- conceito de imersão- estado de concentração perceptiva e psicológica que o transporta para dentro do ciberambiente, a ponto de se sentir dentro de um mundo paralelo; Prensky (2001a)- elementos-chave estruturais: a) regras; b) metas e objetivos; c) resultados e feedback; d) conflito, competição, desafio, oposição; e) Interação; f) Representação e história; O mesmo autor (op. cit.) afirma que os jogos permitem situações de aprendizagem e o desenvolvimento de competências cognitivas e transversais, uma vez que quando imersos, os jovens são obrigados a refletir e manipular sobre sistemas complexos; Oblinger e Oblinger (2005)- a prática de jogar online encoraja hábitos de aprendizagem colaborativa e a emergência de comunidades de aprendizagem formadas entre pares; Wiersema (2002)- trata de aprendizagem colaborativa (trabalhar juntos, construir juntos, aprender juntos, mudar juntos, aperfeiçoar juntos, etc)- Esta filosofia pode ser aplicada a vários contextos: o game é um deles (Pescador, 2010); Prensky (2006)- todo jogador está envolvido profundamente em um grande sistema social e de aprendizagem; Vygotsky (2001)- a aprendizagem é mais do que a aquisição de capacidades para pensar, é a aquisição de muitas capacidades para pensar sobre várias coisas- a interação social exerce um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, cabendo ao educador ampliar os conhecimentos do aprendiz de forma a integrá-lo história-socialmente no mundo; Língua global ou língua franca- parece ter atingido o status de ferramenta internacional de comunicação; McArthur (apud Crystal, 1997)= LF= uma linguagem comum/compartilhada entre muitas culturas e comunidades, em qualquer/todos os níveis sociais/educacionais e usada como ferramenta internacional; Jenkins (2006) e Seidlhofer (2005)- uso internacional da LI entre pessoas que possuem diferentes línguas maternas; Seidlhofer (2005)- os profs precisam oferecer oportunidades aos alunos para que tenham contato com diferentes contextos de uso da LI, não somente o americano/britânico.</p>
<p><b>RESULTADOS</b></p>	<p>O modo com que os sujeitos passam o mouse sobre as informações do jogo diz muito sobre o jogador: este se configura como um novo tipo de leitor, que surge em função da interatividade presente na leitura no ciberespaço; A aprendizagem é baseada nas descobertas- o nativo digital aprende jogando; Uma ação de aprendizagem detectada pela pesquisadora foi a de tentativa/erro- na verdade esta é caracterizada por Mattar (2010), como “aprendizagem tangencial”, pois o sujeito aprende sem ter a intenção de aprender- o sujeito constrói sentido em coisas a partir do contexto em que está envolvido; A habilidade em pensar/buscar soluções para os problemas propostos pelo game e suas escolhas para buscar informações/soluções foram interpretados como indícios do modo com que esses sujeitos interagem com novos conhecimentos e como</p>

	<p>aprendem; Um sujeito de pesquisa faz referência à “união de forças com os outros”, durante o game - alusão à possibilidade de colaboração/cooperação, para que se consiga atingir um fim comum a todos; Outro exemplo de colaboração/cooperação é o fórum, criado pelos jogadores, a fim de trocar informações/dicas sobre o jogo e como melhorar sua performance; Santaella (2009)- reação/interação com o computador = processo de dupla-interação (tanto um processo que está presente em todos os games, quanto no sentido mais estrito da interação ser-humano/máquina; O estudo apresenta indícios de que há aprendizagem enquanto o indivíduo está envolvido com o game; O inglês funciona como língua franca na comunicação dos participantes do jogo, além de servir para a compreensão das regras do mesmo; Há aprendizagem enquanto o indivíduo está envolvido com o game (busca pela cooperação, associação dos sentidos/significados em função dos erros cometidos); Os games parecem se constituir em sistemas imersivos capazes de promover a socialização e a aprendizagem experimental; Os nativo-digitais atingem seus objetivos por meio de ações colaborativas e cooperativas; Necessidade de utilizar as características dos nativo-digitais a favor da prática pedagógica do professor (este deve aprender a ensinar com a tecnologia como sua aliada) – propor atividades que valorizem a interação/formação de redes de cooperação/colaboração.</p>
<b>TEMA</b>	Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Dissertação de Mestrado
<b>AUTOR (ES)</b>	De Paola/PUCRJ (2010)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Encontros de serviço em contextos do uso de inglês como língua franca: sobreposições como estratégias de solidariedade
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Investigar os esforços dos participantes de um encontro de serviço que usam o inglês como língua franca para serem bem sucedidos; (identificar quais são os mecanismos utilizados pelos falantes nesses encontros para sinalizar esforços de <b>cooperação</b>); (Até que ponto a sobreposição ocorre em contextos de cooperação ou de conflito?)</p> <p>Objetivos específicos:</p> <p>(i) Identificar a estrutura do tipo de atividade realizada no do encontro de serviço analisado e;</p> <p>(ii) Mapear os tipos de sobreposição que ocorrem em lugares relevantes e não relevantes para a transição de turnos.</p>
<b>METODOLOGIA</b>	<p>Dados coletados da base online oferecida pelo projeto VOICE (Vienna-Oxford International Corpus of English); Os dados analisados foram escolhidos a partir de uma série de características em comum: a) domínio-negócios profissionais; b) tipo de evento de fala: encontro de serviço; c) Cidade/país: Viena/Áustria; d) Local: escritório prestador de serviços (estadia/alojamento aos estudantes de uma universidade); e) participantes: estudantes/estrangeiros/homens; atendente-mulher- 2 participantes que não se conhecem; f) Idade: 17-32; g) Gravação feita pelo mesmo pesquisador (R16); 4 (17 excertos) situações de fala foram escolhidas para a análise da pesquisa (estudante X atendente); 1 situação- prorrogação de estadia na Áustria; 2- resolução do visto dos familiares; 3- Necessidade de imprimir um endereço; 4- aluguel de um quarto; O aparelho utilizado para a gravação foi um mini-disc portátil com um microfone externo; Metodologia qualitativa interpretativista; Teoria da ACE (Análise de Conversa Etnometodológica – visa a articulação dos métodos de ação social humana segundo a perspectiva dos participantes dessa ação (Garcez, 2008); Procedimentos usados pelos participantes são descritos (para a produção do próprio comportamento/para entender, lidar com o comportamento dos outros na interação)- descobrir, descrever e analisar ocorrências usadas pelos participantes em uma fala em interação, para alcançar suas ações sociais cotidianas;</p>

	<p>Análise dos dados</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- em geral, busca por evidências de cooperação/solidariedade, com foco nas sobreposições;</li> <li>-escolha pelo fenômeno da sobreposição como evidência de cooperação/solidariedade;</li> <li>-identificação das sobreposições nos encontros de serviço;</li> <li>-análise das sobreposições segundo as teorias da ACE;</li> <li>-busca por padrões estruturais nos encontros;</li> <li>-identificação da estrutura dos encontros analisados.</li> </ul>
REF. TEÓRICO	<p>Schiffrin (1994)- a interpretação da comunicação é baseada nas dimensões social, emocional e referencial; Seidlhofer (2005)- em suas pesquisas situa o seu foco na variação linguística; Jenkins (2000)- foco na fonologia e seu uso baseado em padrões de L1 ou não; Firth (1996)- análise de conversas telefônicas de negócios (falantes de diferentes línguas européias); Meierkord (2000)- ferramentas do discurso em uma atividade de fala específica (small talk); Schegloff (2000)- algumas sobreposições não são consideradas problemáticas, como as sobreposições terminais, os continuadores, os fenômenos classificados como de acesso condicional para o turno e o coro; Conceitos de LF- House (2003), Seidlhofer (2005), Jenkins (2005), McKay e Bokhorst-Heng (2008); LF- língua do comércio, tendo a estabilidade como característica principal, não deixando espaço para uma variante individual (House, 2003); Seidlhofer (2005)- possui uma visão mais expandida da anterior (House, 2003)- uma LF é vista como um veículo de comunicação entre falantes que não possuem a mesma L1, pois estes não compartilham nem a mesma forma linguística, nem dividem a mesma experiência cultural; LF- língua de veículo para a comunicação (House, 2003); Cook (1993 apud House, 2003)- um falante de ILF- deve ter uma multicompetência= estado de mente distintivo; Na comunicação entre não-nativos, cada combinação de participantes parece negociar e governar suas próprias variedades do uso de LF em termos de proficiência, code-mixing, nível de pidginização (Andersen, 1993 apud House, 2003); House (2003)- LF- caracterizada por sua negociabilidade, variabilidade em termos de proficiência do falante e abertura para integração de formas de outras línguas; A comunicação em ILF- incluirá a interferência de diferentes línguas e culturas: a) da sua língua materna; b) da variante inglesa adquirida/aprendida; c) de outras línguas do conhecimento do falante; Marcondes (1997)- o significado parece ser visto como indeterminado, só podendo ser compreendido através da consideração de jogo de linguagem; Levinson (1992)- atividade de fala como qualquer atividade cultural reconhecida- membros de foco objetivamente definidos, socialmente construídos, ligados em contribuições que são permitidas; Duas abordagens sobre inferência no discurso (Levinson, 1992) são utilizadas neste trabalho: 1) a) o emprego das máximas deve ser flexível, diferenciando os graus de aplicações e fazendo os ajustes necessários nas implicaturas; 1)b) considerados como próprios de contexto não marcado; 2) Análise da Conversa Etnometodológica- ênfase nas informações estruturais da organização conversacional; Levinson (1992)- 2 pontos relevantes para a atividade de fala: a) inferência como atividade específica-o autor leva em consideração as dimensões estruturais, estilísticas e interacionais do uso da língua; b) enquadre que abarque a intenção do falante e o design da audiência; Sarangi (2000)- atividade de fala- um meio que caracteriza cenários e tipo de discurso- caracteriza as formas da fala; Encontro de serviço-forma de relação institucional presente na sociedade moderna, tendo uma constância na vida dos indivíduos; Lovelock e Wright (2001 apud Reis, 2004)- serviço: ação/desempenho oferecido por uma parte a outra; Reis (2004)- 3 características que precisam estar presentes nos encontros de serviço: a) os participantes devem projetar os papéis de atendentes/clientes; b) A interação deve ser conduzida em um ambiente institucional pré-determinado; c) A interação deve acontecer em torno de</p>

	<p>um/dois objetivos institucionais; Goffman (2002)- a interação face-a-face tem seus próprios regulamentos e não é de natureza intrinsecamente linguística (perspectiva situacional-dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro); A noção de sequência possui 2 elementos: a) elocuições produzidas sucessivamente; b) alternância (ordenada) dos participantes na vez de tomar a palavra (Lodder, Salimen e Muller, 2008); Sacks, Schegloff e Jefferson ([1974], 2003)- modelo de troca de turnos; Foco da pesquisa- sobreposições identificadas como não-problemáticas; Jefferson (1981)- os casos de sobreposição nem sempre ocorrem pela fala de “pessoas não escutando as outras”, mas sim, por uma questão de “atenção refinada”; Jefferson (1984)- sobreposições onset (iniciais): 3 tipos: a) transição (monitoramento, orientação e ação do recipiente/próximo- sintática; b) reconhecimento (orientação do recipiente/próximo para a adequação- o alvo pode ser um item ou o senso geral; c) progressão (o recipiente/próximo falantes está sendo orientado e agindo para o próximo movimento da elocução em andamento); Ocorrências de sobreposições não-problemáticas (Schegloff, 2000)- a) sobreposições terminais: um falante começa seu turno por considerar o outro terminado; b) continuadores (uh huh, mm hm, etc)- compreensão do falante corrente e seu turno não está completo; c) acesso condicional para o turno; d) coro- ações simultâneas, como risadas, cumprimentos coletivos, despedidas, etc; Sobreposições: a) ocorrem em lugares relevantes: têm como pistas elementos, como pausas, completude sintática, entonação, etc; b) lugares não relevantes: não devem ser sempre classificadas como interrupções; Encontro de serviço- os participantes criam algumas expectativas, as quais seguem durante toda a interação; Estrutura dos encontros de serviço: A 1- abertura pode ser observada através de 3 aspectos: a) quem inicia a abertura da interação; b) quais línguas são utilizadas nos turnos da abertura e por quais participantes elas são usadas; c) a apresentação do par adjacente do cumprimento; 2-Estabelecimento e resposta ao pedido (cliente faz o pedido- negociação- atendido/não-atendido (cliente recebe as instruções necessária para a realização num outro momento); 3-Fechamento: os elementos encontrados nos fechamentos de serviço analisados são os seguintes: a) fim da conversa/atendimento; b) agradecimento; c) despedida; 2 ocorrências de abertura: a) turnos que podem ser realizados em série, um após o outro; b) turnos que podem ser realizados simultaneamente (tipo de sobreposição - coro); A grande maioria das sobreposições ocorre no movimento de estabelecimento e resposta aos pedidos (ocorrem em lugares relevantes – o piso conversacional permanece com o falante- e não relevantes para a transição de turnos); Um indício de solidariedade acontece quando o cliente opta por utilizar a mesma língua da atendente em alguma situação (neste caso a língua alemã);</p>
<p><b>RESULTADOS</b></p>	<p>A pesquisa mostra que mesmo diante de interações interculturais, os participantes são solidários uns com os outros, sendo estas interações consideradas de sucesso; Nos encontros de serviço, os participantes mostram-se dispostos na co-construção de sentido para alcançar o objetivo final; Há um padrão de ocorrência nas quatro interações estudadas (abertura, estabelecimento e resposta ao pedido, e fechamento); Nas aberturas das interações de fala foram encontrados somente cumprimentos que abrem a interação; O fechamento é caracterizado por agradecimento e pelo movimento de despedida; O movimento de estabelecimento e resposta ao pedido é marcado por ajustes até o entendimento do pedido; neste movimento foi localizada a maioria das sobreposições; As sobreposições presentes nos dados analisados mostram que não possuem um caráter competitivo; Há nos dados estudados, situações de comunicação solidária, através de sobreposições marcadas pelo uso de palavras/expressões/continuadores</p>

	que sinalizam o acompanhamento e o fato do ouvinte/próximo falante compreender o que está sendo dito; compreender que o turno corrente não está completo; Interação formada por ordenação e sequencialidade; As interações ocorrem com sucesso e solidariedade.
<b>TEMA</b>	Questões pragmáticas
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Dissertação de Mestrado
<b>AUTOR (ES)</b>	EL KADRI/UDEL (2010a)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em curso de formação inicial de professores
<b>OBJETIVOS</b>	Verificar se o estatuto do ILFG é reconhecido/tratado em um curso de formação de professores de inglês, buscando responder as seguintes perguntas de pesquisa: a) Quais são as atitudes de futuros professores de LI e professores formadores diante de questões problematizadas pelo estatuto do ILF?; b) Os programas das disciplinas do curso de Letras-ínglês analisados abordam a perspectiva de ILF?
<b>METODOLOGIA</b>	Questionário aberto com 42 situações-problema aplicados a alunos (29) do 4. ano de Letras de uma universidade de Londrina, Paraná; questionário/entrevista semi-estruturada com professores formadores (6) do referido curso e análise dos programas das disciplinas (para a constituição do corpus da pesquisa). Pesquisa de natureza qualitativa (Luke; André, 1986), de base interpretativista (Cohen, Manion e Morrison, 1997). Este tipo de pesquisa supõe a obtenção de dados descritivos e o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação de investigação. Adoção do paradigma qualitativo de análise. Para categorização dos dados, a autora apoiou-se na AC (Análise de Conteúdo) do tipo temático-classificatório de Bardin (1977).
<b>REF. TEÓRICO</b>	ILF (Seidhofer, 2001) – sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, não sendo LM de nenhum deles- uma língua que não possui falantes nativos. LI no Brasil é predominantemente vista como LE (Brasil, 1998- PCN e OCEM); Berto (2009b)- para que mudanças aconteçam no contexto de ensino brasileiro, é importante que os cursos de Letras sofram algumas modificações, incluindo variedades não-nativas como um dos tópicos do curso; Conceito de atitude: baseado nos estudos da Psicologia Social (define-se pela tendência ou predisposição adquirida e relativamente estável para agir, pensar ou sentir de uma determinada forma (positiva ou negativa) face a um objeto, pessoa, situação, grupo social, instituição, conceito ou valor e é composta por 3 componentes ou dimensões principais: um cognitivo (elaboração de pensamentos), um afetivo (emoções/sentimentos em relação ao objeto/fato) e um comportamental/conativo: probabilidade/tendência do indivíduo em comportar-se de uma maneira específica (agir). Graddol (2006)- tanto a LI, quanto a globalização se reforçam; Yano (2009)- a globalização tem afetado a relação das pessoas com a LI; Dewey (2007)- defende a visão transformacionista, uma vez que esta define a época em que vivemos, período este de mudança política, social e econômica; para este autor, situar o ILF em uma perspectiva mais interconectada que o relacione com as posições teóricas sobre a globalização, levando em conta o contexto maior onde os debates da expansão do inglês ocorrem, permite compreender melhor os argumentos a seu favor. Visão do ILF= o inglês é visto como uma língua de comunicação entre falantes de diferentes línguas, sem seguir modelos de língua e cultura dos países do círculo interno; as implicações pedagógicas desta visão são: língua e cultura no círculo em expansão se desenvolvem por conta própria- ingleses pluricêntricos podem ser ensinados, porém deve ser levada em consideração “uma LF nuclear”, ou seja, que procure garantir a inteligibilidade a nível mundial (Jenkins, 2000). WE x LF – o foco do primeiro recai sobre a realidade sociolinguística e na variedade da LI

	<p>especialmente nos países do círculo externo; LF- encontrar características comuns nas interações entre falantes de diferentes línguas maternas ao se usar o inglês como meio de comunicação. Crystal (1997)- necessidade de repensar as políticas linguísticas existentes e construir novas políticas que garantam a apropriação pela maioria da população de uma LFG. Rajagopalan (2005)- no que se refere à atual conjuntura da LI, faz-se necessário aceitar nossos próprios valores, utilizar a língua para fins específicos e conscientizar-se da ideologia que se esconde por trás dessa expansão. Canagarajah (2006)- o ILF pode facilitar a expressão de identidades e culturas locais; McKay (2002, Pennycook (1994), LIn e Martin (2005), advogam que o inglês funciona como acirrador das posições de prestígio; Rajagopalan (2010a) afirma que talvez fosse interessante países do círculo em expansão, no caso o Brasil, olhar para as experiências daqueles do círculo externo como modelos para criar suas próprias políticas linguísticas.</p> <p>Rajagopalan (2009a) concorda parcialmente com a proposta de Jenkins (2000), acima citada, uma vez que é preciso questionar “inteligibilidade para quem?”, sendo que esta deve ser encarada em termos relativos, como se fosse uma escala. El Kadri (2010), entende o ILF não como uma variedade fixa, mas sim, como um fenômeno que privilegia a diversidade cultural/linguística dos diferentes ingleses e que foca nas habilidades/estratégias de comunicação comum para que sirva como uma língua de comunicação intercultural. Rajagopalan (2010b)- WE (World English)- multicultural em sua essência- refere-se ao que as variedades têm em comum, para servir como uma língua comum/LF. Gimenez (2009)- implicações educacionais da consideração do ILF: a) maior explicitação dos aspectos políticos da aprendizagem de línguas, b) ampliação do leque de decisões sobre as variedades de inglês a serem ensinadas, c) menor ênfase do ensino de pronúncia do falante nativo, d) desenvolvimento de habilidades de expressão oral/escrita, e) conscientização sobre o papel da LI no processo de globalização e manutenção de desigualdades sociais, f) articulação entre o global e o local, g) inclusão de perspectivas críticas no seu aprendizado, h) ampliação da base de conhecimentos para professores de inglês. Gimenez (2006)- necessidade de desenvolver a chamada competência intercultural, ou seja, a capacidade de lidar com uma situação em que não ocorra a compreensão esperada na comunicação em função de diferenças culturais. McKay (2003)- 3 perspectivas de ensinar cultura (a cultura do aluno, a cultura da língua alvo e a cultura internacional), sendo esta última a mais adequada, visto que posiciona o falante bilíngue como proprietário da língua. Leffa (2002)- a cultura do próprio falante poderia ser trabalhada, mas não exclusivamente. Seidlhofer (1999)- a vantagem do professor não-nativo é já ter passado pelo processo de aprendizado da mesma língua de seus alunos. McKay (2002)- o termo não-nativo deve ser substituído pelo “bilíngue”. Fernandes (2006)- em sua tese, ao investigar as representações de professores de 4 professores de inglês, estes revelam ter sua identidade como falante da língua construída por uma posição de desprestígio/desconforto perante falantes nativos. Falantes não-nativos: no contexto de ILF, devem ser vistos como usuários competentes (falante bilíngue competente) do inglês. Seidlhofer (2004)- mudanças na formação de professores: a educação de professores baseada no ILF alimentaria uma compreensão do processo de variação linguística e mudança, o relacionamento entre língua e identidade, a importância dos fatores sócio-psicológicos na comunicação intercultural. Dewey (2007)- necessidade de reavaliar nossas práticas atuais em relação a seleção de materiais didáticos, métodos e abordagens avaliativas. Matsuda (2003): proposta de currículo- a) exposição dos alunos a falantes de inglês de vários backgrounds; b) foco na eficácia da comunicação; c) integração de materiais que representam as diferentes variedades dos WE; d) necessidade de privilegiar a referência cruzada de temas-chave de diferentes assuntos, para aumentar a consciência sobre o</p>
--	--

	<p>mundo e a LI.</p> <p>Obs: O capítulo 4 desta Dissertação (Professores formadores e suas atitudes) foi publicado no livro (“ILF: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores”, sob o título “ILF: Atitudes de Formadores de Professores”) também lido na íntegra e resumido para este trabalho. O capítulo 5 da Dissertação (“Um olhar sobre os programas disciplinares”) foi publicado na Revista Entretextos, sob o título “ILF: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês”. Como estes trabalhos já foram analisados, faz-se necessário verificar o quadro pertencente ao apêndice de Trabalhos encontrados no google acadêmico e o apêndice referente ao livro acima mencionado.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Para os alunos-professores a LI possui status diferenciado perante as outras línguas, a maioria possui uma atitude que privilegia o caráter da LI como LF; Para os respondentes, os documentos oficiais (LDB/Orientações Curriculares) não valorizam o estatuto da LI como LF. Os futuros professores concebem o inglês como LE e dele se aproximam, vinculando esta língua a países do círculo interno (Estados Unidos e Inglaterra, especialmente). Apesar de reconhecerem o estatuto do ILF, parecem não estar atentos às implicações que este enseja (os países do centro ainda exercem forte influência na opinião dos alunos-professores; Com relação ao ensino de cultura, os alunos-professores se mostram conscientes sobre a diversidade, mas não sabem como lidar com isso.</p> <p>Importante ressalva (p. 76/213- Paiva, 2000- com relação ao foco na habilidade de leitura, ao invés de oral); Com relação aos objetivos, os alunos-professores parecem não apresentar dúvidas em relação aos objetivos gerais da aprendizagem desta língua (construção de uma cidadania planetária, que reconheça que a LI é uma língua mundial). Os alunos-professores julgam que, como professores, necessitam conhecer outras variedades. No geral, os futuros professores, apesar de reconhecerem o estatuto do ILF, não se sentem preparados para lidar com tal questão; existe, portanto, uma necessidade de ampliação da base de conhecimento do professor de LI, e o aumento de oportunidades que privilegiem esta problematização no curso (os alunos se sentem numa zona de conflito: ao mesmo tempo em que querem valorizar outras variedades/normas, ainda sentem que necessitam das normas/valores do círculo interno). Formadores- reconhecem e julgam este estatuto importante, mas não sabem como tal se apresenta no currículo; Programas do curso- a maioria das disciplinas não leva em consideração este estatuto.</p> <p>A autora sugere que a problematização do ILF e dos WE deva ser privilegiada nos cursos de formação inicial, para que futuros professores possam fazer parte dessa discussão; além disso, faz-se necessário um reposicionamento de professores formadores em relação a esta perspectiva, visto que futuros professores terão que lidar com a mesma.</p> <p>Obs: Os resultados mais detalhados sobre as atitudes de formadores e a análise dos programas do curso estão representadas no apêndice referente ao capítulo do livro de ILF e no apêndice referente às pesquisas do google acadêmico, respectivamente.</p>
<b>TEMA</b>	Crenças e atitudes de professores de inglês do setor público
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Tese de Doutorado
<b>AUTOR (ES)</b>	SIQUEIRA/UFBA(2008)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Objetivos principais:</p> <p>1- Investigar como o professor de LI de 3 realidades educacionais de Salvador se percebe no contexto de inglês como língua internacional (ILI) e de que forma ele/ela conduz a sua prática, levando-se em consideração suas crenças, condições de trabalho, limitações e os objetivos específicos de seus respectivos programas;</p>

	<p>2- Discutir, tomando como base os dados coletados, a necessidade de se conceber o processo de ensino e aprendizagem do inglês a partir de uma perspectiva intercultural crítica, apontando a(s) pedagogia(s) adequada(s) à realidade local, assim como os desafios que a adoção desta(s) pedagogia(s) apresenta para o professor contemporâneo.</p> <p>Perguntas de Pesquisa:</p> <p>1-Como o professor se posiciona e conduz a sua prática no contexto de ensino de ILI em Salvador, Brasil?</p> <p>2-O contexto de atuação (curso livre, escola pública regular e ensino superior), com seus objetivos curriculares e suas idiossincrasias, determina a adoção de diferentes posturas por parte do professor no exercício de sua prática diária de sala de aula?</p> <p>3-O professor que atua em Salvador entende sua prática de ensino de inglês como um ato político-ideológico?</p> <p>4-O professor de inglês reconhece as particularidades e implicações metodológicas de se ensinar uma língua internacional?</p> <p>5-Qual seria o perfil de professor mais adequado ao ensino de inglês como língua internacional em contextos como o nosso?</p> <p>6-Qual(ais) é(são) a(s) pedagogia(s) adequada(s) ao ensino de ILI em Salvador, Bahia, Brasil, e quais os desafios que a adoção desta(s) pedagogia(s) representa para o professor contemporâneo?</p> <p>Siqueira (2008) já parte de algumas <b>hipóteses</b> a serem testadas com esta pesquisa:</p> <p>Hipótese 1- O prof de inglês de Salvador, de maneira geral, ainda está distanciado e/ou alheio dos (aos) últimos desenvolvimentos extralinguísticos e das (às) implicações de se ensinar ILI; (parcialmente verdadeira)</p> <p>Hipótese 2- O professor de inglês atuando em Salvador não enxerga a sua prática como atividade político-ideológica; (verdadeira)</p> <p>Hipótese 3- O professor de inglês de Salvador, não importando o contexto em que atua, está descontente com a prática de repetição de padrões pedagógicos ultrapassados e assentados em um vácuo social;(Está descontente com a prática, em termos de discurso; em termos práticos isto não está explícito).</p> <p>Hipótese 4- O professor de inglês em Salvador não adota uma postura interculturalmente sensível e pouco trabalha com materiais que fomentem tal atitude; ( esta postura intercultural crítica se mostra, em sua maioria, de forma incidental).</p> <p>Hipótese 5- A adoção de uma PIC (pedagogia intercultural crítica) para o ensino de ILI em Salvador, aparece como um grande desafio para o professor. (verdadeira)</p>
<p><b>METODOLOGIA</b></p>	<p>Motivação do autor para a realização deste trabalho: experiência de ensino na escola regular no interior da Bahia e em cursos livres na capital, Salvador. Etnografia crítica de sala de aula (pesquisa etnográfica com 15 professores de inglês) = 5 de instituições de ensino superior (público e privado), 5 da EB (escolas públicas federais, estaduais e municipais) e 5 de cursos livres; Etnografia crítica de sala de aula- dispõe de instrumentos e técnicas de observação que privilegiam uma perspectiva mais holística de análise e interpretação. Etnografia (Watson-Gegeo, 1988)- estudo do comportamento das pessoas em situações naturais e recorrentes, tendo como foco a interpretação cultural do comportamento humano. A etnografia se orienta por 2 princípios básicos: a)ênico – é necessário que o observador deixe de lado visões pré-estabelecidas, padrões de medição, etc; b)holístico: examina a sala como um todo, sendo assim, todos os aspectos têm relevância para a análise da interação. A etnografia tem como objetivo entender o mundo para transformá-lo. Etnografia crítica- capaz de penetrar a objetividade e o cientificismo descompromissados da atitude empírica positivista. Cançado (1994)- para uma maior confiabilidade dos dados, é necessário que o pesquisador lance mão da triangulação, ou seja, uso de diferentes corpora, a partir da</p>

	<p>mesma situação-alvo, com diferentes métodos. Neves (1996)- métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional/intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos. Pesquisa qualitativa- espécie de multimétodo. Informantes da pesquisa: 15 professores e 3 realidades educacionais distintas, selecionados de acordo com o seguinte critério: ter demonstrado interesse pelos temas da pesquisa em conversas informais, encontros de professores, etc. Coleta de dados: a)questionário individual; b)observações de aula (observações etnográficas); c)entrevista do tipo livre-narrativa em grupo (falar livremente a respeito do tema pesquisado, 2 encontros, totalizando 6 horas de gravação de vídeo). Foram observadas 2 aulas de cada professor-informante; O questionário (orientado pelos temas presentes na literatura desta pesquisa) continha 35 questões, na sua maioria, perguntas abertas (este foi aplicado antes das observações das aulas). Todo o material foi digitalizado e passado para DVD (foram transcritas as partes mais relevantes dos dados). Coleta de dados- questionário individual, observações de aula (registro etnográfico) e entrevistas do tipo livre-narrativa;</p>
REF. TEÓRICO	<p>LF- idioma de contato e comunicação entre grupos/membros de grupos linguisticamente distintos em relações de comércio internacional e outras interações mais extensas. O autor (Siqueira, 2008) trata em seu trabalho do ILF não como uma língua neutra, mas sim, possuidora de cargas política, ideológica e cultural. Widdowson (1994)- a língua ao se internacionalizar, liberta-se de antemão da custódia de nações e culturas. Uma língua internacional tem que se uma língua independente (caráter dinâmico, multicultural e político). Pedagogia de apropriação: são os educadores locais que determinam o que acontecem em sala de aula, promovendo assim o aprendizado da língua de forma socialmente responsável e visando ao empoderamento do aprendiz (Kramsch; Sullivan, 1996, Canagarajah, 1999b). Moita Lopes (2003)- para combater os rótulos comportamentais do prof de inglês, é preciso que este tome consciência do mundo em que está situado, para transformá-lo, agindo politicamente. Motta-Roth (2001)- formar professores é desenvolver capacidades de refletir, criticar e discursar. É preciso trazer o professor para o centro das discussões. McKay (2002)- o ILI gera implicações no processo de ensino-aprendizagem desta língua, demandando a promoção de uma pedagogia que re-examine os objetivos/abordagens para se aproximar da realidade dos diversos usuário de ILI, privilegiando o ensino da língua a partir de uma perspectiva intercultural crítica. Inglês como língua de prestígio, poder, língua da moda (Lacoste, 2005). Graddol (2006)- o inglês acentua o processo de globalização e este acelera o uso daquele. World English- sistema linguístico híbrido, desprovido de falantes nativos, capaz de servir a todos os seus falantes (Rajagopalan, 2004, 2005). Crystal (1996)- o inglês alcançou a condição de língua global, por 2 motivos: a)colonização britânica, com seu auge no século XIX; b) a consolidação dos EUA como a principal potência econômica do século XX. Phillipson (1992)- a expansão do inglês é fruto de um plano patrocinado por forças poderosas. Brutt-Griffler (2002)- denomina a expansão linguística de migração do falante. Para a autora, o tipo de expansão linguística que forma o processo essencial do desenvolvimento do inglês mundial é o processo de aquisição de segunda língua por comunidades de fala, denominadas de macroaquisição. O avanço do inglês se também a um movimento antiimperialista- o inglês também foi utilizado por povos colonizados como instrumento de libertação. A expansão da LI foi possível devido a fatores como: colonialismo, migração do falante, avanços tecnológicos advindos dos países de LI. Língua internacional: é aquela falada por indivíduos de diferentes nações com o objetivo de se comunicar uns com os outros (Smith, 1976). O inglês é também uma língua auxiliar: esta não é língua materna e é usada por habitantes de um determinado país para se comunicarem internamente Crystal (1996)- uma língua internacional</p>

	<p>alcança tal status por uma razão principal: o poder político de seu povo, atrelado a seu poderio militar. Widdowson (1994)- uma língua internacional serve uma quantidade significativa de comunidades diferentes e seus objetivos institucionais transcendem limites tanto comunitários, quanto culturais. Leffa (2002)- alguns critérios para que uma língua seja internacional: a) língua desprovida de falantes nativos; b) não estar atrelada a nenhuma cultura dominante; c) usada somente para fins específicos. Para Smith (1976, 1987), algumas características de uma língua internacional são: a) não há a necessidade por falante dos não-nativos de internalizar as normas culturais dos falantes nativos; b) a língua se desnacionaliza, deixando de ser propriedade de seus falantes nativos históricos; c) o objetivo do ensino passa a ser habilitar o aprendiz a comunicar suas ideias e cultura para outras pessoas. Bamgbose (2001)- inglês se transformou em uma forma de capital cultural, acepção de Bourdieu (1991). Siqueira (2008)- a prática de ensino de inglês atualmente não pode ser encarada diferentemente de qualquer indústria de alcance transnacional; jovens de uma boa parte do globo estão iniciando o estudo do inglês cada vez mais cedo. Moita Lopes (2005)- a aprendizagem de inglês se transformou em um dos instrumentos centrais da educação contemporânea. Para Siqueira (2008, p. 96), "somos um dos maiores e mais promissores mercados para a indústria do ELI, principalmente pelos nossos laços históricos de dependência e emulação dos valores culturais americanos". Ensino de LI no Brasil: segue firme em sua trajetória dicotômica de enfrentar dificuldades conjunturais sérias em determinados setores e contabilizar lucros substanciais em outros. Warschauer (2000)- ao considerar o inglês como uma língua internacional, é preciso que os professores reavaliem a relação entre língua e cultura; a abordagem cultural deve ser multifacetada, considerando as culturas de muitos povos que falam a LI. Inglês como língua multilíngue/multicultural, deixando de transmitir uma única cultura para transmitir várias (Leffa, 2003). Cultura- maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais (Santos, 1996). Necessidade de ensinar língua não como comunicação, mas como cultura (Durham, 1990). Siqueira (2008)- faz-se necessário reavaliar a postura do professor diante do ensino de língua como cultura, uma vez que o inglês sendo internacional, não está mais atrelado à cultura dos países centrais, e assim, o inglês incorpora a língua do país em que está sendo usado (McKay, 2002). Byram, Gribkova e Starkey (2002)- competência intercultural: habilidade de garantir uma compreensão compartilhada por pessoas de identidades sociais distintas e a de interagir com pessoas concebidas como seres humanos complexos dotados de múltiplas identidades e individualidade própria. Chen e Starosta (1996)- avaliação da eficiência intercultural, a partir de 3 componentes principais: a) afetivo: sensibilidade intercultural do professor; b) cognitivo: diz respeito à consciência intercultural e c) comportamental: destreza ou habilidade intercultural do profissional ou do indivíduo em contato direta/indiretamente com outras culturas. Byram (1997)- competência intercultural: habilidade dos falantes em interagirem e se comunicarem, em sua própria língua, com pessoas de outras línguas e culturas. Pedagogia de ILI- adequação/apropriação. Pedagogia Crítica- ancorada nos estudos de Freire e Giroux- Johnston (1999)- a PC oferece um caminho para se conceituar a questão crucial do poder nas salas de aula e nos sistemas educacionais, tanto a nível local, quanto sistêmico, e para promover uma justificativa filosófica para uma pedagogia politicamente comprometida. PC- Pennycook (1990, 2001a)- assumir uma posição crítica diante de nossa prática de prof, para que possamos contribuir para a formação do verdadeiro cidadão planetário. PC- Siqueira (2008): construção de um saber livre e de mentes descolonizadas, além da desvinculação de modelos de dominação, o empoderamento do indivíduo e a transformação social. Rajagopalan (2006, 2005)- devemos</p>
--	--

	encarar o ensino de ILI do ponto de vista da experiência política. Pedagogia Crítica- aventurar-se na língua estrangeira, considerando-a língua internacional, língua de todos, língua de ninguém.
<b>RESULTADOS</b>	<p>Questionário no geral: os professores se mostram conscientes sobre o conceito de ILI e sobre uma possível adoção da pedagogia intercultural crítica em sala de aula. Registro etnográfico: A referência à condição de ILI e suas implicações pedagógicas não se traduzem de forma sistemática na sala de aula. Embora foi feito apenas o uso do livro didático para a apresentação de aspectos culturais em sala de aula, as aulas mostraram-se ricas em conteúdo; A competência intercultural não era requerida de forma sistemática. Os registros marcam situações incidentais em que a perspectiva emergiu do plano de aula, geralmente ancorado no livro-texto. São muitas as possibilidades de se ensinar línguas a partir de abordagens críticas em sala de aula (tratar de temas reais e pedir para que alunos façam uma encenação de algo parecido, por exemplo). É interessante tratar de todos os tipos de temas.</p> <p>Entrevista do tipo livre-narrativa: Para os informantes, o fenômeno ILI provoca mudança de postura no professor; A área cultural ainda se encontra pouco explorada por parte dos professores; Para os informantes, a educação linguística intercultural ainda não está tão disseminada em nosso meio; Os princípios básicos de uma pedagogia crítica começam a se fazer cada vez mais presentes nas discussões entre professores de LI.</p> <p>Triangulação dos dados: Dificuldade de colocar em prática peculiaridades que rompem com procedimentos tradicionais de ensino de LI. A prática de sala de aula revela um distanciamento entre ensino de língua e cultura, apesar dos professores possuírem um vasto embasamento teórico sobre o conceito "cultura"; Os professores demonstram a importância de estarem atentos à questão do desenvolvimento da competência intercultural, mas não deixam de apontar que esta é ainda uma tarefa de difícil concretização em nosso contexto; Os informantes se mostram mais críticos na teoria do que na prática, e que independentemente do contexto em que atuam estão se dando conta da posição central que ocupam no ensino de inglês como LI.</p> <p>Respostas às perguntas, p. 29 TESE:</p> <p>1- O professor de alguma forma compreende o cenário de ILI, porém a prática parece não revelar este nível de consciência. Contexto escola pública e universidade (sendo este um contexto mais promissor). O professor universitário parece ser o que mais reúne condições de encampar uma pedagogia de ILI;</p> <p>2- O contexto de atuação determina em partes a postura do prof em sala de aula (os materiais distintos ao livro didático são pouquíssimas vezes utilizado em sala de aula). Os professores não desenvolvem uma pedagogia de ILI, que leve em consideração a cultura e a competência intercultural crítica. O grupo de professores do ensino superior parecem ser aqueles com condições mais propícias para adotar uma PIC de ILI;</p> <p>3- O professor de inglês em Salvador entende sua prática como um ato político-ideológico, porém a teoria se difere da prática. Na prática, a politização do ensino de línguas, especialmente de ILI, ainda não saiu da teoria;</p> <p>4- O professor demonstra estar atento às particularidades e implicações mais gerais relacionadas ao ensino de ILI, porém ainda sente dificuldades de incorporar ILI a sua prática. Vale lembrar que tanto a Instituição quanto os próprios aprendizes exercem um papel crucial neste processo;</p> <p>5- P. 320-324. É difícil traçar o perfil do professor mais adequado e definitivo para o ensino de ILI. É preciso estabelecer um projeto de vida; É preciso levar em conta, além de características pessoais específicas, fatores externos que podem tanto catalisar como inviabilizar o (bom) desenvolvimento do trabalho docente.</p>

	6- A pedagogia de ILI mais coerente ao contexto do autor, é aquela que reconhece e procura refletir na prática de sala de aula às complexidades inerentes à condição do inglês como uma língua de alcance global. Esta pedagogia deve estar atenta aos objetivos de cada programa, assumir seu caráter local. Faz-se necessária uma revisão e reformulação dos objetivos curriculares de cada programa específico.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Tese de Doutorado
<b>AUTOR (ES)</b>	LONGARAY/UFRS (2009)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Globalização, antiimperialismo e o ensino de inglês na Era Pós-Moderna
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Discutir a expansão do inglês no âmbito internacional e as implicações de tal difusão nas instâncias global e local ao mesmo tempo em que analisa questões identitárias referentes ao ensino de inglês como LE no Brasil. Questionar investimento, identidade e a relação dos aprendizes com a língua dita global (inglês)</p> <p>Enfoque da pesquisa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Qual é o verdadeiro papel desempenhado pela língua global na sociedade brasileira atual?</li> <li>2) Qual é o investimento dos participantes na aprendizagem do inglês em sala de aula?</li> <li>3) Como os estudantes brasileiros encaram a aprendizagem de inglês no sistema público de ensino? (Avaliação do sistema público)</li> <li>4) Como os aprendizes aceitam ou rejeitam aspectos culturais e ideológicos relacionados às aulas de inglês?</li> <li>5) Adaptar-se a esses novos aspectos culturais e ideológicos exige reformulação das identidades dos aprendizes? (Pergunta decorrente dos resultados encontrados, certamente).</li> </ol>
<b>METODOLOGIA</b>	<p>Pesquisa qualitativa (Dörnyei, 2007)- envolve procedimentos de coleta de dados que resultam em dados abertos, não-numéricos, que são preferencialmente analisados por métodos não-estatísticos; esta pesquisa representa uma micro perspectiva das realidades diárias do mundo. Este tipo de pesquisa depende, segundo o autor, e alguns elementos: a)design emergente da pesquisa; b)da natureza dos dados qualitativos; c)das características do ambiente de pesquisa; d)do significado do insider (visualização do fenômeno social, sob a perspectiva dos participantes); e)das amostras de pequenas proporções e f)da análise interpretativa;</p> <p>Pesquisa-ação (Dörnyei, 2007)- é conduzida por professores ou em cooperação com professores no propósito de compreensão do ambiente educacional na intenção de promover a eficiência de ensino, implicando a evolução da prática e a introdução da noção de mudança na iniciativa social;</p> <p>Observação em sala de aula- fornece informação direta, consistindo, assim, numa das 3 fontes básicas de dados para a pesquisa empírica (entrevista, observação e testagem, nesta ordem). Pode ser: observação participante e não-participante. Entrevista: Fontana e Frye (2000)- a entrevista é uma das mais comuns e poderosas formas com a qual tentamos entender uns aos outros, e compreende um conjunto variado de formas e uma multiplicidade de usos.</p> <p>Contexto da pesquisa: alunos do primeiro ano (duas turmas, 100 e 103) do Ensino Médio de uma escola estadual do Rio Grande do Sul (esta em pouco ou quase nada se difere das muitas outras escolas públicas do estado do RS). Estes grupos (adolescentes de 15 a 18 anos) despertam o interesse da pesquisadora, devido à apatia e movimentos de resistência no que respeita a aprendizagem de inglês em sala de aula.</p> <p>Total de 25 visitas = 4 destinadas às entrevistas individuais, 1 para aplicação de questionários e 3 para sessões de visionamento.</p>

	<p>5 fases da geração de dados:</p> <p>1) Observação das ações dos alunos e professora em diário de campo;</p> <p>2) Participação colaborativa e registro das aulas em vídeo/áudio (7 encontros; as aulas são centradas na prof e o método é o de gramática e tradução);</p> <p>3) realização de entrevistas semi-estruturadas (22 alunos concordam em participar da entrevista que ocorre no espaço cedido pela biblioteca; gravadas em vídeo/áudio);</p> <p>4) aplicação de questionário (para aqueles que por medo/receio deixam de participar das entrevistas gravadas);</p> <p>5) Sessões de visionamento (registradas em vídeo, representam os 3 encontros finais entre pesquisadora e aprendizes, e os alunos podem assistir a si mesmos nos eventos gravados em sala de aula pela pesquisadora).</p> <p>Projeto de Colaboração entre prof titular e pesquisadora- esta poderia colaborar com materiais de apoio, além do polígrafo utilizado pela prof titular. A pesquisadora acaba interferindo na sala de aula da turma 100, a pedido da prof titular. A prof titular se afasta por um período, assumindo a pesquisadora as turmas 100 e 103 (assume assim, a função de professora das turmas)</p>
REF. TEÓRICO	<p>Obs: O primeiro capítulo que trata dos vários nomes do inglês já está presente no apêndice referente ao google acadêmico, intitulando-se "Os vários nomes do inglês na era global" (formato de artigo);</p> <p>Giddens (1990)- Globalização: consiste numa surpreendente intensificação das relações sociais mundiais através das quais acontecimentos locais podem ser regulados por eventos ocorridos há milhares de quilômetros de distância. Block e Cameron (2002)- o fenômeno da globalização acarreta mudanças nas condições de aprendizagem/ensino de línguas; Held et alii (1999 apud Block, 2004)- correntes da globalização- hiperglobalistas, céticas e transformacionistas. A primeira refere-se a uma nova ordem mundial sem precedentes históricos; a segunda supõe uma forma mais moderna e eficiente de capitalismo alicerçada no desenvolvimento recente de tecnologias da informação. A terceira conclui que estamos vivenciando uma era de grandes mudanças e premente convulsão social, com intenso nível de conexão entre nações, economias e culturas locais.</p> <p>Kumaravadivelu (2006)- os profissionais da área de TESOL operam num ponto de interseção entre as forças da globalização, do império e do inglês; logo, há uma necessidade de completa reformulação dos principais aspectos do ensino do inglês como língua mundial; Steger (2003)- globalização: conjunto de processos sociais que produzem, multiplicam e intensificam a interdependência e as trocas sociais ao redor de todo o mundo ao mesmo tempo em que promovem o reconhecimento de vínculos cada vez mais profundos entre o local e o não-local;</p> <p>Robertson (2003)- a globalização como atualmente conhecemos coincide com o início do período colonial moderno há mais ou menos 500 anos: a) expansão marítima encetada por Espanha/Portugal; b) Posterior a 1800, acompanha a Revolução Industrial; c) Nova era de cooperação, ao mesmo tempo que rivalidade internacional, após o término da Segunda grande guerra= controle hegemônico sem posse territorial. Estados Unidos assume liderança com a criação de 3 organizações econômicas internacionais: FMI, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio. Principal objetivo = promoção da economia norte-americana.</p> <p>Kumaravadivelu (2006) afirma que a globalização vem modificando o cenário mundial por meio de 3 formas distintas: a) redução da noção de espaço; b) redução da noção de tempo; c) desaparecimento de fronteiras. A Internet se faz presente como uma ferramenta importante do estágio atual da globalização, no que se refere à comunicação global eletrônica.</p> <p>Globalização cultural- homogeneização cultural graças à cultura consumista norte-americana (Ritzer, 1993). A segunda escola de</p>

	<p> pensamento é representada por Giddens e Tomlinson e, de acordo com estes, passamos por um momento de heterogeneização na qual culturas locais e identidades religiosas são fortalecidas em resposta à ameaça produzida pelo fenômeno da globalização; a terceira escola é representada por Appadurai e Robertson- este grupo acredita na coexistência de movimentos de homogeneização e heterogeneização (resultado= glocalização). Hardt e Negri (2000)- substituição da noção de imperialismo pela noção de Império (este constitui uma nova forma de sistema global composta por uma série de organismos nacionais/supranacionais reunidos sob uma única regra lógica. O controle da economia mundial nos dias de hoje pertence às grandes companhias internacionais, que têm em sua maioria, origem nos Estados Unidos. Nye (2004)- imperialismo brando: habilidade dos EUA em conseguir alcançar seus objetivos através da persuasão; imperialismo austero- forma mais rígida de imperialismo, empregada com o auxílio de nações aliadas. Para Kumaravadivelu (2006)- o inglês, enquanto língua global continuará a servir aos propósitos tanto do império, quanto da globalização ainda por muito tempo. Segundo o autor, existe uma necessidade de reestruturação (mudanças significativas de nossos investimentos filosóficos, pedagógicos e comportamentais) da prática de ensino para aprendizes falantes de outros idiomas. Para o referido autor, o inglês deve servir como um instrumento para a comunicação, para o uso local, devendo servir às necessidades da comunidade; além disso, o autor clama pela descentralização da produção de livros didáticos para o ensino de inglês, a fim de que comunidades locais possam assumir a autoria desses materiais. Pedagogia do pós-método: fornece uma maneira possível de recepção das experiências vividas pelos aprendizes/professores e às exigências locais da aprendizagem/ensino. Processos de marginalização/prática de auto-marginalização- trazem à tona a noção de colonialismo. Johnson (2003)- é difícil acreditar numa possível imparcialidade da LI; Lysandrou e Lysandrou (2003)- defendem a neutralidade da LI, como língua global, enquanto instrumento de comunicação. Para os autores, o inglês promove o desenvolvimento material e a proregressão mundial numa dimensão denominada <i>physical space</i> (mapa político do mundo como conhecemos atualmente) e, facilita processos de exclusão/regressão numa outra dimensão denominada <i>price space</i> (lugar ocupado por agentes econômicos em âmbito internacional); Fishman et alii (1996)- a coexistência entre as línguas global e local é harmoniosa- no futuro, o inglês e as línguas locais atuarão de forma complementar na satisfação de necessidades associadas à vida moderna. Contrariamente ao que defendem Fishman et alii (1996), Phillipson (1992) afirma que existe uma relação assimétrica entre o inglês e as línguas locais, ao invés de uma associação destinada ao proveito mútuo. Lysandrou e Lysandrou (2003)- são parcialmente adeptos à teoria da neutralidade da LI, uma vez que acreditam no papel da globalização no processo de exclusão da maioria no que diz respeito ao usufruto do progresso e da prosperidade mundial. Proregressão- processo que envolve ação e movimento, mas que não leva a lugar nenhum. O impacto do inglês no seu formato/função global é profundamente ambivalente. <i>Physical space</i>: fenômeno da democratização da língua, uma vez que o número de falantes não-nativos ultrapassa o número de falantes de inglês como língua materna. <i>Price space</i>: a posse do inglês é mensurada de forma indireta, por meio de commodities e não de indivíduos. Phillipson (1999)- critica o caráter imperialista da expansão do inglês/ censura a postura triunfalista; Crystal (1997, 2000)- afirma a naturalidade do processo de difusão da língua. Phillipson (2008)- o discurso da língua franca constitui e confirma a dominância do império americano e do entrelaçamento de estruturas/ideologias, que subjazem ao inglês global e aos interesses corporativos (questões culturais e políticas estão inerentes à adoção da língua).Neoimperialismo linguístico- modelo de exploração </p>
--	--

	<p>hegemônica. Phillipson (2008)- promoção de um debate mais crítico da difusão da LI ao redor do mundo. Brutt-Griffler (2002)- o imperialismo atua na expansão/contenção do inglês como língua mundial (esta combina funções econômicas, culturais e intelectuais); Limite local do país- a LI identifica grupos pertencentes à elite; Âmbito global: a língua estreita laços entre indivíduos provenientes de países/culturas distintas, situando-os numa comunidade sem fronteiras- comunidade global; Identidade-capacidade de acomodar as relações existentes entre as instâncias pessoal/individual (Woodward, 2002); Bauman (2005)- identidade: condição eternamente provisória que consiste numa convenção socialmente necessária; ideia de identidade/identidade nacional: ficção apresentada de forma artificial a homens e mulheres da era moderna. O indivíduo pós-moderno apresenta identidades múltiplas, mutáveis e fragmentadas, em consonância com as exigências do mundo globalizado. Identidade possui um impacto direto sobre o ensino de línguas (Rajagopalan, 2005); Block (2006)- identidade como um fenômeno socialmente construído. Ricento (2005)- a identidade é teorizada como um processo contingente envolvendo relações dialéticas entre o aprendiz, o mundo e as experiências que sobre ele exercem influência. Norton (2006)- a língua não é apenas um sistema de sinais: é prática social, na qual experiências são organizadas e identidades são negociadas. Investimento-relação sociohistórica dos aprendizes com a língua-alvo, bem como o desejo ambivalente dos mesmos em adquirir e praticar esta língua (Norton, 2006)- para esta autora, investimento pressupõe a aquisição de ampla gama de recursos simbólicos e materiais, e como consequência, o incremento do capital cultural do aprendiz. O aprendiz, dessa forma, reavalia a sua posição no mundo e seus desejos para o futuro. Investimento na língua-alvo= investimento na própria identidade do aprendiz. Wenger (1998)- o modo de pertencimento da imaginação envolve o mundo social na expansão “do escopo da realidade e da identidade”. Norton (2006)- Comunidade imaginada- uma comunidade desejada que oferece várias opções de identidade no futuro: também pode ser, até certo ponto, uma reconstrução de comunidades do passado.</p>
<p><b>RESULTADOS</b></p>	<p>Aprendizes brasileiros investem-no inglês, na expectativa de obtenção de recursos materiais/simbólicos provenientes do conhecimento da língua global; para a maioria, o inglês consiste numa língua de possibilidades futuras; Percepção dos alunos: inglês como uma disciplina a mais no currículo escolar; As práticas de sala de aula da escola pública deixam a desejar = aulas de gramática e tradução; Para os alunos as aulas de inglês não mudam- são sempre a mesma coisa; Para os alunos, o inglês está presente no currículo, devido à exigência do mercado de trabalho. Inglês na promoção de um futuro melhor. A LI atua como língua da pro regressão, que não leva a lugar algum, representando também mais um fator discriminatório(língua excludente) dos aprendizes provenientes das camadas populares da população; O professor tem grande influência na motivação dos alunos;</p> <p>Respondendo as perguntas de pesquisa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1)A LI funciona como fator excludente e se caracteriza como LE, enquanto que em outros países possui o status de segunda e primeira língua (Cingapura, Índia);</li> <li>2) Os aprendizes demonstram investir na mesma, devido à crença no inglês como língua do desenvolvimento e das possibilidades futuras;</li> <li>3) Para os aprendizes, há uma baixa produtividade, sendo este caracterizado como ensino deficitário/repetitivo (verbo to be);</li> <li>4) Os aprendizes demonstram que a força da hegemonia da LI está principalmente atrelada ao poderio dos EUA; A LI surge quase sempre como uma imagem de sucesso e desenvolvimento econômico (ideologia hegemônica);</li> <li>5)As identidades dos aprendizes parecem estar à mercê dos fluxos econômicos e culturais (a grande maioria sonha com um futuro melhor,</li> </ol>

	<p>representando a LI uma moeda corrente na busca pela ascensão social); Para Longaray (2009), o professor deve incumbir-se da tarefa de discutir com seus alunos questões mais amplas (questões político-econômicas, por exemplo), relacionadas à aprendizagem de inglês.</p> <p>A aprendizagem de inglês nas escolas públicas deve receber um exame mais crítico, aliada ao ensino de qualidade e da prática de sala de aula pensada e repensada de acordo com os aprendizes.</p>
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF

## APÊNDICE B

Resumo dos trabalhos detectados no Google Acadêmico e periódicos

<b>Resumo dos trabalhos detectados no Google Acadêmico por meio da palavra-chave “inglês como língua franca”</b>	
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	ZACCHI (2006)/Faculdades Campo Real
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Discursos da Globalização nas vozes de professores e professoras de língua inglesa
<b>OBJETIVOS</b>	Analisar os discursos de professores(as) sobre a relação entre Inglês como língua franca internacional e Globalização, com base num excerto de texto (CRYSTAL, 1998)
<b>METODOLOGIA</b>	Entrevista com cinco professoras e três professores de língua inglesa que atuam no Ensino Médio e Fundamental em duas escolas municipais de Belo Horizonte – uma central e outra periférica. Pesquisa qualitativa e entrevista semi-estruturada.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Conceito de hegemonia: relação entre grupos sociais, em que um exerce hegemonia sobre os outros (Gramsci, 2000), também explicado por Busnardo e Braga (2000); Natureza da linguagem e do discurso (Bakhtin, 1988); Discussão sobre discursos hegemônicos – crença na neutralidade do inglês e de que este está livre de conotações políticas (Pennycook, 1994); Em contrapartida, discursos contra-hegemônicos – ou contra-discursos–, por outro lado, podem ser usados como forma de resistência à ideologia dominante e para a transformação das relações de poder (Zacchi, 2006, p. 11); Referência ao inglês, alinhado ao discurso hegemônico- A conveniência de se ter uma língua franca disponível para servir as relações e as necessidades humanas passou a ser apreciada por milhões [de pessoas] (Crystal, 1998); Reflexão sobre a pesquisa de Grigoletto- heterogeneidade de vozes em seus discursos (2001), sobre discursos de alunos-professores; Não traz uma definição de globalização, porém aponta alguns teóricos que o fazem (Brecher et al.; 2000, Giddens, 2000, Hobsbawm, 2000, Ianni, 1997, Jameson e Myoshi, 1998, Ortiz, 1994, Santos, 2001)- Para muitos teóricos, ela é conduzida de forma unilateral e carrega consigo valores de uma cultura eminentemente ocidental, o que pode acontecer em detrimento de outras culturas, em especial as de países periféricos (Zacchi, 2006, p. 9); Pedagogia crítica (sem autor); Ensino crítico-dialógico de inglês- o professor mostra as várias faces de uma mesma questão ao aluno, para que ele possa ter uma visão mais completa e perceber as relações de poder envolvidas no processo (Gieve apud Benesch, 1999).
<b>RESULTADOS</b>	Os trechos analisados das entrevistas mostram que a maioria dos professores(as) apresentam ao mesmo tempo discursos hegemônicos e contra-hegemônicos sobre a relação LI x globalização; apenas 2 entrevistados se aproximam de discursos contra-hegemônicos.
<b>TEMA</b>	Crenças e atitudes de professores de inglês do setor público
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	NUNES (2006)/PUCSP
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Afinal, que história é essa de inglês internacional?

<b>OBJETIVOS</b>	<p>Discutir a expansão do inglês em relação ao seu ensino em contextos monolíngues e suas implicações na formação de profissionais críticos e conscientes de seu papel. Para tanto, a autora pretende responder às seguintes questões:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual a origem do Inglês Internacional?</li> <li>2. Quais são as implicações de seu uso?</li> <li>3. Quem dita as normas do Inglês Internacional e quais são essas normas?</li> <li>4. Qual o papel do usuário nativo do inglês e qual o do não-nativo nesse contexto de inglês globalizado?</li> <li>5. Qual é a tendência dos materiais de ensino de inglês?</li> <li>6. Qual é a situação do professor de inglês e a de seus alunos?</li> <li>7. Qual é o futuro da língua inglesa?</li> </ol>
<b>METODOLOGIA</b>	<p>Não consta; Revisão sobre Inglês Internacional, nativo e não-nativos de inglês, materiais de ensino, professor de inglês e futuro da LI.</p>
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Inglês Internacional (Widdowson, 1990, 1994a - os nativos do inglês não são mais os donos da língua e não têm o direito de determinar como ela deve ser falada no mundo); expansão do inglês (Jenkins, 2003- a maior parte de falantes de inglês não é nativa; língua internacional que serve a uma gama de comunidades diferentes e a seus propósitos institucionais que transcendem barreiras culturais e tradicionais da comunidade; O ILI é usado especialmente entre os falantes de inglês como L2, sem a presença de um falante nativo); Jenkins (2003)- a autora ainda afirma que o ILI pode vir a se tornar uma espécie de pidgin, se levada em conta a definição (uma língua sem falantes nativos, não pertencente a ninguém mas, é uma língua de contato, isto é, produto de uma situação multilíngue na qual aqueles que desejam se comunicar precisam encontrar ou improvisar um sistema simples que os habilite a fazê-lo); Crystal, 1997, 2003)- os usuários de inglês no mundo usarão seus dialetos ingleses locais em seus próprios países, porém falarão uma nova forma de inglês – World Standard Spoken English (inglês padrão falado mundialmente); Rajagopalan (2004)- World English-fenômeno de emergência- representa uma nova língua, com um conjunto de características próprias, que desafia o nosso próprio conceito de língua; Falantes de ILE- passaram a ser denominados falantes de inglês como língua internacional (ILI) e posteriormente, falantes de ILF; Conceito de inteligibilidade confortável – Kenworthy (1987)- comunicação entre falante/ouvinte sem que haja esforço por nenhuma das partes; Dalton e Seidlhofer (1994)- ao conceito de inteligibilidade, propõem que sejam considerados outros 2 fatores: aceitabilidade/acessibilidade- o primeiro é descrito como o valor dado pelos interlocutores aos seus respectivos sotaques, e o segundo sendo a qualidade de tornar uma fala clara ao ouvinte;Necessidade de uma produção local de materiais de ensino para facilitar a aprendizagem da língua alvo (Lieff e Nunes, 1993); Seidlhofer (1999)- a experiência do prof não-nativo com a sua língua materna, contribui para o ensino da L2; Professor não-nativo (Medgyes, 1994)- alguns motivos para que o prof não-nativo seja a pessoa certa para ensinar pronúncia: este compartilha da mesma língua materna e da mesma cultura de seus alunos (situação monolíngue), podendo atender às necessidades e dificuldades, ajudando-os a antecipá-las ou mesmo resolvê-las, de uma maneira eficaz.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Como respostas às questões do trabalho, temos que:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1)A partir da segunda metade do século 90, os falantes de inglês como LE passaram a ser denominados de falantes de inglês como língua internacional e recentemente falantes de ILF;</li> <li>2)Do ponto de vista social, a LI passa a ser de domínio público; Do ponto de vista ideológico, ao mesmo tempo em que o sistema linguístico não é de exclusividade do dominador, haverá sempre a necessidade de um modelo a ser seguido; Do ponto de vista linguístico o ILI, pode vir a ser tornar um pidgin (sem falantes nativos);</li> <li>3. Essa forma receberá grande influência do inglês americano, segundo Crystal (1997, 2003);</li> <li>4. Não cabe mais a definição de nativo e não-nativo neste contexto;</li> </ol>

	5. Existe uma necessidade de ajustes na metodologia de ensino de LI, pois seu foco está pautado no falante nativo; 6. Percebe-se um movimento favorável aos profs não-nativos, uma vez que dominam a língua materna de seus alunos; 7. Incerto.
<b>TEMA</b>	Crenças e atitudes de professores de inglês do setor público
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	MESQUITA; MELLO (2007)/UCG;UFG
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Sociedade global, Englishes e Bilinguismo Glocal
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir a mundialização do inglês como uma língua franca da sociedade global
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta; Revisão sobre aspectos relacionados à sociedade global contemporânea, Englishes e bilinguismo glocal.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Sociedade capitalista (Marx e Engels, 1987); Referência ao inglês, como idioma do mercado universal (Ianni, 1995); Ref ao inglês como língua mundial (Ortiz, 1994)- coloca em contato grupos de falas distintas, além de estar permeado de interesses políticos e econômicos; a entrada de novas culturas no mercado linguístico contribui para o fortalecimento da LI; englishes (nações pluriculturais, e não uma cultura hegemônica)=Língua Franca da sociedade global contemporânea – movimento do sistema capitalista em busca de novos mercados para expandir-se: mercadoria como símbolo do reconhecimento social particular/individual; Bilinguismo (situações de comunicação bilíngues) Glocal (Ortiz, 1994) – possui origem global e local; Visão de diglossia- duas línguas ocupando o mesmo espaço- como conflito (Hamel, 1988; Rajagopalan, 1999); Bilinguismo (Romaine, 1995).
<b>RESULTADOS</b>	O inglês é a língua base para o funcionamento das relações capitalistas em âmbito global; representa o passaporte para a compra e venda de mercadorias; O ensino deve adotar uma atitude bilíngue glocal, ou seja, tanto universal, quanto particular.
<b>TEMA</b>	Discussão da língua inglesa no contexto da globalização
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	ANAIS
<b>AUTOR (ES)</b>	BECKER (2009)/UFPR/UTFPR
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	ELF: Inglês como língua franca
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir sobre LF de modo geral e pontuar o aspecto <i>inteligibilidade</i> neste contexto.
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta; Revisão sobre ILF com foco na inteligibilidade
<b>REF. TEÓRICO</b>	LF = uma língua de contato entre povos que não compartilham uma primeira língua; uma segunda ou subsequente língua de seus falantes (Jenkins, 2007); ELF não exclui falantes nativos, porém, estes não são incluídos na coleta de dados (Jenkins, 2000); Inteligibilidade e compreensibilidade (MUNRO & DERWING, 1995, p. 291), sendo o primeiro a extensão na qual uma produção é realmente entendida e o segundo, a percepção do ouvinte da dificuldade no entendimento de certas produções; Núcleo pedagógico de inteligibilidade fonológica (Jenkins, 2000).
<b>RESULTADOS</b>	A necessidade de promoção de uma inteligibilidade mútua entre falantes não-nativos. Porém, é preciso levar em consideração falantes que queiram soar como nativos.
<b>TEMA</b>	Inteligibilidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	CALVO, RIOS-REGISTRO; OHUSHI; EL KADRI (2009)/UEL
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Percepções de estudantes e profissionais chineses sobre o status do inglês como língua franca
<b>OBJETIVOS</b>	Investigar as percepções de dez profissionais e estudantes chineses sobre o estatuto do ILF.
<b>METODOLOGIA</b>	Questionário de perguntas abertas. Pesquisa qualitativo-interpretativa

	(ERICKSON, 1990 apud BORTONI-RICARDO, 2008), de natureza aplicada
<b>REF. TEÓRICO</b>	Definição de LF por Seidlhofer (2001) – um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas; LF ou multinacional, para Leffa (2002), é uma língua que não possui falantes nativos, independe de uma cultura e é utilizada para propósitos específicos; Para McKay (2003) o estatuto de LF foi adquirido pelo inglês devido ao crescente número de pessoas que começaram a utilizar esta língua. Para Phillipson (2008), o rótulo ILF promove a destruição de outras línguas. Pennycook (1994) afirma que ao considerarmos a disseminação da LI como benéfica, tomamos uma posição inocente perante os interesses governamentais de sua expansão, e as relações inglês X globalização; Mudança na língua relacionada à pronúncia – LFC - (Jenkins, 2000); Ensino Gramatical (projeto VOICE, Seidlhofer, 2001, 2004); Visão da LI pelos chineses (Cowan et al., 1979): como uma ferramenta com dois fins específicos: a) facilitar o acesso ao avanço científico-tecnológico e b) promover o comércio/diálogo entre a China e o mundo.
<b>RESULTADOS</b>	Os entrevistados demonstram considerar a LI como uma LF; Utilizam a língua para importar/exportar infos; uso da língua para propósitos específicos; abordagem da cultura de diferentes países; Porém, denotam uma centralização do falante nativo, como modelo a ser seguido.
<b>TEMA</b>	Crenças e atitudes de estudantes; Crenças e atitudes de profissionais
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	MOTT-FERNANDEZ & FOGAÇA (2009)/UEL
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês como língua internacional na universidade: rejeição e objeto de desejo
<b>OBJETIVOS</b>	Analisar as crenças de alunos do 1. e último ano do curso de Letras de duas instituições de ensino superior, acerca do ensino da LI como língua internacional
<b>METODOLOGIA</b>	Um questionário de perguntas abertas e um questionário de perguntas fechadas; Paradigma interpretativista.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Definição de inglês como língua internacional (Smith, 1976 apud Mckay, 2002) = língua usada por diferentes nações para se comunicarem não necessariamente com falantes nativos (equiparada ao sentido de LF); O inglês como propriedade de todos que a utilizam (Canagarajah, 2005). O termo global se equipara ao internacional, neste artigo; Discussão de conceitos, como: papel hegemônico da LI e imperialismo ling. (Phillipson, 1992), perspec. Pós-modernista (Pennycook, 1994) e Holborow (1999), autora que enfatiza que a disseminação da LI no mundo tem raízes sócio-históricas profundas, as quais foram consequências da globalização, e não apenas um fenômeno pós-moderno; Perspectivas educacionais e alternativas propostas por Canagarajah (1999, 2005), Mckay (2002)- ênfase na cultura do aprendiz; Gimenez (2006)- trata de políticas educacionais e do caráter de LE dado à LI no Brasil; Crenças=representações (Barcelos, 2006): forma de pensamento, construções da realidade, maneira de ver e perceber o mundo, seus fenômenos.
<b>RESULTADOS</b>	O ILI representa ao mesmo tempo objeto de rejeição e desejo por parte dos alunos: uns defendem a valorização de um ensino pragmático, enquanto outros desejam aprender a norma padrão culta do falante nativo; Necessidade de valorização da própria cultura X cultura dos países do círculo interno. Valorizam materiais que tratam de sua realidade, porém anseiam por conhecer um maior número possível de variantes linguísticas.
<b>TEMA</b>	Crenças e Atitudes de estudantes de Letras
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	SILVA (2009)/IFPE
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Língua Franca no Brasil: Inglês, globês ou inglês brasileiro?
<b>OBJETIVOS</b>	Refletir sobre como o inglês se tornou uma língua mundial, as relações entre inglês e globês como uma língua franca, as variedades de inglês no mundo, e alguns exemplos da variedade do inglês falado no Brasil.
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta. Revisão sobre a história da expansão do inglês, ILF e variedades

	da LI
<b>REF. TEÓRICO</b>	Língua mundial= idioma falado por uma grande quantidade de pessoas em todo o mundo que o utiliza como um meio de efetiva comunicação internacional, o que faz com que seja adotado como primeira língua estrangeira a ser ensinada nas escolas; Para Crystal (2005), o inglês se tornou mundial devido ao seu poder militar, econômico, científico, cultural, etc; A revolução Industrial corroborou conferiu à LI este estatuto (mundial), além da forte ascensão econômica e cultural; LF= utilizada para se referir a “[...] uma língua para a comunicação rotineira entre (grupos de) pessoas que possuem línguas maternas diferentes.” (CARTER; NUNAN, 2005); LF= língua falada apenas entre falantes de línguas diferentes (JENKINS, 2006); Globês: variedade de inglês utilizada por estrangeiros para a comunicação global; O que existem são ingleses e globeses (e não inglês ou globês como língua franca); Inglês brasileiro= sofre influências fonológicas e estruturais da língua portuguesa.
<b>RESULTADOS</b>	ILF = variedades da língua inglesa que atendem às necessidades próprias de cada região, influenciado pela língua materna de cada comunidade. Foco na comunicação, ao tomar como base o ILF.
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	EL KADRI (2010b)/UEL
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês
<b>OBJETIVOS</b>	Verificar se um curso conceituado de formação de profs de LI no Brasil tem acompanhado/incorporado as discussões acerca da temática do ILF no seu currículo.
<b>METODOLOGIA</b>	Corpus - Os programas das disciplinas do curso (fonte documental do tipo oficial primária - documentos oficiais da instituição) Análise documental - técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as infos obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (Luke e André, 1986). As disciplinas selecionadas para análise foram aquelas que se relacionavam com a LI.
<b>REF. TEÓRICO</b>	LF – Um sistema linguístico adicional, que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas (Seidlhofer, 2001); O paradigma de ILF = implica na educação de professores – estes devem estar conscientes sobre as possibilidades de uso da língua, para justificar suas escolhas pedagógicas em sala de aula. Além disso, existe o desafio de descentralizar o falante nativo, como a norma a ser seguida; Silva (2002) – o currículo constitui identidades individuais e sociais, pois possibilita a criação de espaços, caminhos e percursos nos quais os sujeitos se engajam; Um currículo que problematizasse o ILF deveria levar em conta o contexto de ensino, contribuindo para a ampliação do conhecimento de mundo dos professores sobre o que vem a ser inglês, em tempos de globalização.
<b>RESULTADOS</b>	De modo geral, a maioria dos programas de disciplinas do curso não problematizam a questão do ILF, exceto em 3 disciplinas: LA, Prática de Ensino (estágio) e LI para sala de aula, sendo esta última a mais completa de referências. Essas questões poderiam ser trabalhadas desde o 1. Ano do curso, especialmente na disciplina de LI, para que os alunos possam ter uma noção de como lidar com isto na prática de sala de aula – porém ainda não há posicionamento geral do curso sobre estas questões. Para a autora, 2 frentes poderiam problematizar o estatuto do ILF: 1) implantação de um projeto de ensino/extensão que procurasse discutir este estatuto, além de trabalhar com a produção de material didático, por meio deste viés; 2) o oferecimento de uma disciplina voltada para o estudo do ILF; A segunda frente se refere aos pequenos movimentos que cada disciplina poderia fazer, com o intuito de enquadrar esta discussão.
<b>TEMA</b>	Formação inicial de professores
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo

<b>AUTOR (ES)</b>	SALLES; GIMENEZ (2010)/UEL
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão
<b>OBJETIVOS</b>	Promover uma reflexão sobre o atual status da LI, em meio às mudanças dos novos padrões de comunicação que clamam por redefinições de objetivos para seu ensino
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta. Apresentação de opiniões de pesquisadores da área, objetivando contribuir para uma reflexão crítica sobre o papel de formadores e professores dessa língua estrangeira
<b>REF. TEÓRICO</b>	A expansão do inglês e sua relação com o ensino têm sido alvo de alguns pesquisadores, como Jenkins (2006), Rajagopalan (2005), Braine (2005), Pennycook (2004), Gimenez (2006) – preocupações relacionadas ao contexto social e educacional. No que se refere ao contexto social, o inglês pode salientar as diferenças entre as classes sociais e acirrar a pobreza; No âmbito educacional, o ensino tradicional de inglês já se caracteriza como inadequado, pois o que se ensina já não é mais suficiente; Paiva (1999) afirma que o aprendizado de inglês no Brasil é visto como sinônimo de poder e prestígio social, ao mesmo tempo em que funciona como um fator que contribui para as diferenças entre as classes sociais; Para Graddol (2006) o ensino de ILF deve refletir as necessidades e aspirações de falantes não-nativos; a inteligibilidade é posta como fator crucial, além da identidade nacional ter de ser valorizada; exigência de habilidades comunicativas diferentes dos falantes nativos = alteração nos objetivos, metodologia e currículo do ensino de inglês; Gimenez (2006): O ILF deve garantir equidade, ao ser inserido no currículo; Mckay (2002), Jenkins (2003) e Leffa (2002) apresentam sugestões para um possível currículo pautado no ILF. Mckay (2002) sugere a interculturalidade - a cultura deve ser vista como prática cultural e social; as diferenças pragmáticas – utilização de novos padrões, desde que inteligíveis; e a competência textual – trabalhar o conhecimento dos gêneros específicos da comunidade. Para Jenkins (2003) – sugere o uso de um corpo de língua franca, salientando aspectos relevantes à inteligibilidade, os quais precisariam ser enfatizados em sala de aula; Leffa (2002) – necessidade de um novo paradigma no ensino de línguas – defende o ensino de uma variedade local, neste caso o inglês brasileiro; ensino de cultura do próprio falante.
<b>RESULTADOS</b>	Há a necessidade de uma política linguística mais igualitária. O papel do prof torna-se central no processo de alterações de objetivos e metodologias e nas políticas governamentais.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	ANAIS
<b>AUTOR (ES)</b>	GOMES (2010)/UTFPR
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Uma reflexão sobre o inglês como língua franca e os novos rumos para o ensino de pronúncia com a linguística probabilística
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir sobre o ensino de pronúncia ao longo do tempo e o ensino de inglês na era da língua franca
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta. Revisão de itens relativos ao ensino de pronúncia de inglês
<b>REF. TEÓRICO</b>	Período pós-comunicativo – relevância na comunicação (Abordagem comunicativa), porém com ênfase nas necessidades do aluno; Para Jones (2002), a maioria dos materiais destinados ao ensino de pronúncia caracterizam-se como descontextualizados; Pesquisa com materiais didáticos (período de 30 anos) mostrou que os exercícios de pronúncia que continham o morfema –ed (o falante de português brasileiro tende a modificar a estrutura silábica das palavras com o morfema –ed) eram descontextualizados; Inglês como língua global (Crystal, 2010) – deixou de ser propriedade dos britânicos, passou a ser segunda língua em muitos países, além do grupo de falantes de ILE estar em constante expansão; Pronúncia com foco na inteligibilidade (Kensworthy, 1987); Competência intercultural (Corbett, 2010), como mais importante do que copiar convenções do falante nativo; Para a autora, faz-se necessário uma mudança de perspectiva de ensino e de atitudes pedagógicas para a pronúncia em LI; A autora defende que a Fonologia de Uso (Bybee,

	2001) e o Modelo de Exemplos (Pierrehumbert, 2000) podem oferecer uma base para a mudança no ensino de pronúncia. O primeiro explica a aquisição da fonologia de forma gradual e cada vez mais precisa em detalhes fonéticos, percepção e produção das palavras e frases da língua, dependendo do uso; a segunda é compatível com a primeira e propõe que a aquisição de detalhes fonéticos requer habilidades para formar generalizações estatísticas entre padrões fonotáticos- para a produção, o falante escolhe o item, conforme sua força de ativação.
<b>RESULTADOS</b>	É preciso ser flexível com a complexidade engendrada pela LI como ILI, e autora defende a Fonologia de Uso e o Modelo de Exemplos, como possíveis caminhos a serem trilhados, em busca de uma metodologia de ensino de pronúncia nas aulas de LI.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	UR (2010)/UFRJ
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	English as a Lingua Franca: A Teacher's perspective
<b>OBJETIVOS</b>	Trazer discussões acerca da literatura de pesquisa (ILF), tomando como base o ponto de vista de um professor
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta. Revisão de alguns aspectos de LF
<b>REF. TEÓRICO</b>	ILF – conversação em inglês, especialmente entre não-nativos; ILF pode ser: -uma variedade, distinta das variedades nativas; -um contexto ou propósito de uso; A autora entende ILF como um conceito sociolinguístico: o usuário de ILF pode ser definido como qualquer pessoa que utiliza o inglês com propósitos de LF, independente da variedade empregada (Seidlhofer, 2004). O ILF também inclui nativos em suas interações. A autora sugere que o modelo para professores de ILF, deveria se embasar no usuário totalmente competente de ILF, o qual deveria ser posicionado no centro do círculo de Kachru, sem delineamentos claros sobre o nível de proficiência dos falantes (Rajadurai, 2005); O ILF não pode se embasar numa forma monolítica e sim, no pluralismo, na diversidade, na heterogeneidade (Seidlhofer, 2007), logo, a necessidade de providenciar aos alunos a oportunidade de encontrar variantes locais nos textos, as quais merecem respeito
<b>RESULTADOS</b>	As vozes dos professores pouco aparecem, no que tangem os debates sobre os aspectos do ILF. Neste trabalho, a autora abordou o modelo de falante apropriado para o ensino de ILF (usuário totalmente competente em ILF), bem como a variedade de inglês apropriada para o ensino (combinação de diferentes modelos, providenciando variedades diversas – o prof deve inserir em suas aulas, momentos de tomada de consciência sobre as variedades de inglês existentes, e não somente ensinar a língua). Outros assuntos a serem trabalhados são: a) preparação de profs; b) produção de materiais; c) avaliação
<b>TEMA</b>	Crenças e atitudes de professores de inglês do setor público
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	LONGARAY (FURG) e LIMA (UNISINOS) (2010)/
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Os vários nomes do inglês na era global
<b>OBJETIVOS</b>	Evidenciar alguns dos nomes utilizados por estudiosos e pesquisadores da ASL (Aquisição de Segunda Língua) para referir à língua inglesa nos últimos tempos
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta. Trabalho de Revisão bibliográfica
<b>REF. TEÓRICO</b>	Inglês mundial – world English (1920): standard English/qualquer outra variedade do inglês (todo e qualquer tipo de inglês); inglês internacional - international English (1930): uso multinacional do inglês, e está relacionado ao ensino de línguas- estratégias de cooperação e acomodação para garantir a acomodação entre os falantes; e inglês global – global English (1990): múltiplos usos do inglês e sua relação com a globalização socioeconômica mundial (McArthur, 2004);

	<p>World English – uma variedade democrática do inglês: pertencente a todos os seus usuários, mas que não constitui língua materna de nenhum deles (Rajagopalan, 2004); Para Holliday (2005), a versão internacionalizada do inglês contribui para que o falante nativo perca o seu status de modelo ideal de falante da língua. Seidlhofer (2003) se apóia na definição de McKay (2002) – inglês como língua internacional: propicia a interação local/global entre falantes nativos e não-nativos (bilíngues);</p> <p>O termo “global English” aparece nas produções de Crystal (2003a) e Graddol (2006). A língua global depende da conquista de um espaço especial dentro das comunidades – o inglês conta com um tipo especial de status em muitos países do globo; o termo global english é inconstante, sendo substituído por international/world english; Para Toolan (1997), o inglês global é uma variedade neutra para comunicação internacional; Para Erling (2005) são 3 os fatores que contribuem para as propostas de renomeação da LI: a) o crescimento do inglês no âmbito global, b) o exame crítico da expansão da língua e c) tentativas de contenção da hegemonia do inglês. Erling (2005) cita Widdowson (1997) para afirmar que o ILI se resume num meio de acesso a certos domínios; Para Modiano (1999), o ILI = inglês padrão. E por fim, o ILF – a comunicação entre indivíduos de culturas distintas exige o desvencilhamento das normas da língua de um único padrão linguístico. Erling (2005) cita Jenkins (2000) – pronúncia de inglês com foco na inteligibilidade; Seidlhofer (2001)- trocas linguísticas por meio do ILF – construções gramaticais e escolhas lexicais; Inglês como língua franca global (Seidlhofer, 2005); Inglês geral (Ahulu, 1997) – denominação da língua em sentido amplo; O inglês letrado (literate) (Wallace, 2002): variedade escrita da língua e que pode ser utilizada na comunicação face a face. Para Erling (2005) a mudança terminológica necessita de uma mudança prática correspondente – a língua deve ser ensinada como meio de comunicação intercultural, sob uma perspectiva crítica de resistência. World Englishes (Bolton, 2004)- 3 possibilidades de interpretação: a) rotular, descrever e analisar as variedades de inglês; b) ref. ao inglês falado na Ásia, África e Caribe; c) abordagem pluricêntrica do estudo da LI (remete ao círculo de Kachru). ILF (Jenkins, 2006) – língua de comunicação entre falantes nativos e não-nativos.</p>
<b>RESULTADOS</b>	As nomenclaturas refletem o posicionamento dos pesquisadores perante o fenômeno “inglês”. Porém, para a autora, nenhum deles é adequado para a realidade brasileira, podendo esta se contentar com a nomenclatura ILE – inglês como língua estrangeira. Todas as nomenclaturas de alguma forma estão relacionadas à comunicação internacional por meio do inglês.
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	BARBOSA (2011)/UERN
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Nem britânico, nem americano: O ensino da pronúncia do inglês como língua internacional
<b>OBJETIVOS</b>	Percurso histórico de métodos e abordagens para o ensino da pronúncia de línguas, em especial a LI.
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta.
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Falante nativo- modelo a ser perseguido (Barbosa, 2007); Possibilitar o empoderamento (Fairclough, 2001) e a contradiscursividade (Peirce, 1995) dos falantes não-nativos; Método Gramática-Tradução, Método Direto, Método Audiolingual (coincidiu c/ o aporte teórico do estrut. linguístico de Bloomfield, 1933); Abordagem Cognitiva de Chomsky (1957, 1965) e a psicologia cognitiva de Neisser (1967) resultaram na priorização do ensino lexical, e não mais na pronúncia;</p> <p>Anos 70: Método Silencioso (Gattegno, 1972, 1976) – atenção na produção/estruturas dos sons e a Aprendizagem de Línguas em Comunidade (Rogers (1951; Curran, 1976) – ensino de pronúncia de forma intuitiva/imitativa, dependia mais do aprendiz;</p> <p>Anos 80: Abordagem Comunicativa – foco na pronúncia, como pré-requisito para a comunicação (Celcia-Murcia, 1996);</p> <p>A perspectiva behaviorista de Watson (1913) e a estruturalista de Bloomfield</p>

	<p>(1933) encaravam o “erro” como algo que devia ser imediatamente corrigido; Logo após, Corder (1967) encarava o erro como parte do processo de aprendizagem;</p> <p>Logo mais, Selinker (1972) denomina de interlíngua, a competência transitória (entre o errado e o correto), a qual se faz importante para identificar o nível de domínio do aprendiz; O erro de pronúncia na comunicação só pode ser avaliado no processo da interação sociolinguística, a fim de verificar a existência de algum problema na inteligibilidade; Para Bamgbose (1998, p. 11), a inteligibilidade envolve “um complexo de fatos, compreendendo o reconhecimento de uma expressão, seu significado, e mais especificamente, o que o significado significa em determinado contexto sócio-cultural”. Competência comunicativa (Hymes, 1979); Para que haja inteligibilidade, faz-se necessária uma competência sociolinguística por parte dos interlocutores, ou seja, deve haver um grau substancial de conhecimento sócio-cultural partilhado (Jenkins, 2000); Estamos na Era Pós-Método (Richards &amp; Rodgers, 2001) – nenhum método de ensino garante o aprendizado efetivo de qualquer língua.</p> <p>Molde imperialista de ensino (Phillipson, 1992); Questões de identidade (Rajagopalan, 1998; Johnston, 1973 apud Kitzinger, 1989; Moita Lopes, 1998) a fim de frisar a necessidade do prof de inglês reconstruir a sua própria e valorizar a sua pronúncia ao ensinar a língua, visando o seu empoderamento como falante não-nativo; Só há espaço para o ensino de pronúncia do ILI, se for levada em conta a busca pela inteligibilidade (Jenkins, 2000); ILI – Pennycook (1994): não é vista como propriedade dos americanos/ingleses; Crystal (1997, 2005) – transcendência às fronteiras dos países que se julgam “donos” da língua; ILI: prioriza a negociação de significados .</p>
<b>RESULTADOS</b>	Para o autor, faz-se necessário um paradigma para o ensino da pronúncia de inglês que a perceba como língua internacional – assim, os falantes bilíngues podem ter mais liberdade de se expressarem na LI, sem ter de imitar os nativos. É preciso propor o empoderamento dos aprendizes, conferindo-lhes liberdade de expressão na LI
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	ANAIS
<b>AUTOR (ES)</b>	BECKER (2011)/UTFPR
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A questão da inteligibilidade do inglês como língua franca
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir ILF, apontando a inteligibilidade do discurso como meta a ser perseguida em termos de pronúncia
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta seção metodológica (revisão bibliográfica sobre o aspecto inteligibilidade)
<b>REF. TEÓRICO</b>	LF - Jenkins (2007, p. 1) pontua, o termo <i>lingua franca</i> , de origem latina, “simbolicamente remove o sentido de propriedade da língua dos anglos”. Definição simplificada de inteligibilidade (Kenworthy, 1987): ser entendido por seu ouvinte interlocutor num dado tempo e numa dada situação. Inteligibilidade e compreensibilidade (MUNRO & DERWING, 1995, p. 291), sendo o primeiro a extensão na qual uma produção é realmente entendida e o segundo, a percepção do ouvinte da dificuldade no entendimento de certas produções; A avaliação da inteligibilidade pode se dar por meio da leitura de um texto, ou através de fala espontânea; Foram apresentados 2 planos piloto: o primeiro se refere a experimentos de inteligibilidade, compreensibilidade e sotaque com 4 informantes brasileiros e 5 ouvintes (4 brasileiros e um nativo - numa escala de 1 a 5, onde 1 se aproxima mais do sotaque estrangeiro e 5 representa sem sotaque ou com pronúncia nativa). Este plano-piloto consistia na produção oral livre por parte dos informantes, sobre qualquer assunto; O segundo compreendia 2 ouvintes, um nativo e outro não-nativo da língua inglesa e 4 informantes não-nativos, a fim de avaliar o grau de inteligibilidade e compreensibilidade ( o plano-piloto sugeriu que os informantes lessem um texto de 50 palavras e falassem espontaneamente sobre sua cidade, etc).
<b>RESULTADOS</b>	Em experimentos controlados, é importante observar que o conhecimento da

	língua alvo – inglês – por parte dos informantes e dos ouvintes, deve ser o mais próximo possível, para garantir um grau maior de inteligibilidade. Os estudos sobre inteligibilidade ainda se mostram incipientes, pelo menos a nível nacional.
<b>TEMA</b>	Inteligibilidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Seminário
<b>AUTOR (ES)</b>	DUTRA; COSTA (2011)/Feevale-RS
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A pronúncia do ILF e o respeito à identidade linguística
<b>OBJETIVOS</b>	Apresentar a nova sugestão promovida pelo NLF (LFC)- Núcleo de Língua Franca – e averiguar o conhecimento de futuros profs de inglês acerca das mudanças que NLF promove para o ensino da pronúncia, além de identificar o que eles valorizam com relação a isso, bem como seus objetivos em termos de sotaque a ser seguido.
<b>METODOLOGIA</b>	Pesquisa de opinião com 36 acadêmicos do curso de Letras-Português/Inglês da Universidade de Feevale- análise quantitativa dos dados
<b>REF. TEÓRICO</b>	Necessidade da pronúncia ser trabalhada em sala de aula (Celce-Murcia et ali, 2010); LFC (Jenkins, 2000; Walker, 2010): consideração do que é ensinável e aprendível (Dalton e Seidlhofer, 1994), tornando os objetivos de pronúncia mais realistas e atingíveis (Avery e Ehrlich, 1992) – promoção da valorização do sotaque de L1 em ILF, como forma de preservação da identidade linguística do falante; ILF – re-nacionalização e democratização da LI (Mckay, 2002) e valorização do sotaque (Jenkins, 2007); Valorização do prof não-nativo, pois sua L1 atua como facilitadora tanto do processo de aquisição da língua, quanto da promoção da comunicação num contexto internacional (Walker, 2010); O sotaque americano como um fonocentrismo mantido por diversos mecanismos de controle (Crystal, 2003a).
<b>RESULTADOS</b>	Os dados revelam um desconhecimento da proposta do NLF, porém mostram uma preocupação com a globalização da língua (necessidade de haver uma exposição aos seus diversos sotaques); Preferência pelo sotaque americano, porém, a aproximação do falar nativo não se faz imprescindível; O NLF deve ser visto como uma ferramenta aos profs que querem combinar um conjunto de elementos ensináveis e aprendíveis; Há a necessidade de reavaliação dos objetivos do ensino de pronúncia, bem como conceitos de proficiência, acurácia e fluência
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	KALVA & FERREIRA (2011)/UEPG
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês como língua franca e a concepção de identidade nacional por parte do professor de inglês: uma questão de formação
<b>OBJETIVOS</b>	Analisar como a abordagem do ensino do ILF é entendida e como o prof (acadêmico do curso de Letras) percebe sua identidade nacional dentro deste processo, e se a formação acadêmica colabora com esta nova abordagem; Pretende-se entender se a identidade nacional do prof é valorizada
<b>METODOLOGIA</b>	Análise qualitativa de dados (Robson, 2002); Entrevista semi-estruturada ( o pesquisador é livre para modificar a ordem das perguntas, excluir algumas e acrescentar outras que achar necessárias, dependendo do contexto) e questionário (Marconi; Lakatos, 1986); A pesquisa ocorre num centro de ensino de línguas estrangeiras voltado para a comunidade;
<b>REF. TEÓRICO</b>	LF (Phillipson, 1992) – língua usada para a comunicação entre diferentes grupos de pessoas, cada grupo falando uma língua diferente; Língua como principal marca de identidade de uma nação (Rajagopalan, 2003); Fernandez e Fogaça (2009) – necessidade de tratar o inglês como LF, respeitando aspectos locais dos aprendizes (suas identidades); Kumaravadivelu (2006): se a globalização por um lado aproximou culturas e pessoas, por outro contribuiu a uma formação de uma decisão mais firme de preservar e proteger a própria herança linguística e cultural.

	<p>Língua materna como forma mais evidente de se mostrar a identidade (Kalva e Ferreira, 2011);</p> <p>Valorizar o local em detrimento do global (Hall, 1999);</p> <p>Ver o aluno não como aprendiz de uma língua para comunicação, mas sim, como um indivíduo que participar ativamente do processo de (re)construção de sua(s) identidade(s) durante a aprendizagem de uma nova língua (Kalva e Ferreira, 2011);</p> <p>Inglês na mescla do local com o global (Moita Lopes, 2008; Assis-Peterson; Cox, 2008; House, 2003);</p> <p>Língua glocal: uso do inglês p/ comunicação com pessoas que não têm línguas em comum, porém preservam suas identidades locais (Pakir, 1997); A LI não pode ser considerada uma ameaça às outras línguas, uma vez que é mais usada como forma de comunicação do que identificação (House, 2003); Inglês como espaço para multiplicidade de identidades, e não apenas uma considerada como certa (Pennycook, 1994); Comunicação = necessidade de interação e negociação por parte dos falantes (Canagarajah, 2007, 2006; Jenkins, 2006; Seidhofer, 2004); Faz-se necessário aprender sobre variedades de inglês, suas similaridades e diferenças, temas envolvendo inteligibilidade, e a forte ligação entre língua e identidade (Jenkins, 2006); O ensino deve ser pensado de forma diferente, priorizando a inteligibilidade, a sensibilidade na escolha do conteúdo cultural nos materiais didáticos, reflexão nos procedimentos pedagógicos, e o respeito à cultura local (Seidhofer, 2004); Um ponto importante a ser destacado: antes do tópico 5.5 (p.9/12)- relacionar com o trab de El Kadri (2010)</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>O falante nativo, de acordo com as crenças, ainda parece ser tido como o padrão a ser seguido; Necessidade de repensar as crenças sobre o que vem a ser um bom prof; Necessidade de trabalhar a competência de negociação e interação com falantes de diferentes línguas maternas; Necessidade de refletir sobre a formação de profs, além de saber lidar com a pluralidade em sala de aula de forma a respeitar as identidades; Os profs deverão adaptar suas formas de ensinar às necessidades dos alunos.</p>
<b>TEMA</b>	ILF e identidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	SHOEMAKER (2011)/Universidade de Missouri-Kansas City (UMKC)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Regionalismo e identidade cultural: o inglês como língua internacional
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Discutir o modelo de ensino pautado no ILE (modelo de senso comum de pronúncia – paradigma correto e autêntico da LI - segundo o autor), em contraposição ao modelo de ILF; Explorar a ideia de pertencimento da LI ao mundo.</p>
<b>METODOLOGIA</b>	Registro escrito de experiências pessoais (não consta seção metodológica)
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Freire (1970) – pedagogia do oprimido; Hall (1990) – proximidade da cultura/linguagem; Valorização do sotaque norte-americano para as comunicações em LI. O inglês não pertence mais unicamente a certos países, culturas ou territórios;</p> <p>O modelo do senso comum de pronúncia não cabe de maneira efetiva, àqueles que mantêm sua própria identidade regional, nacional ou cultural plenamente valorizada. Novo modelo de pronúncia- fluência em diversos regionalismos da LI – desenvolvimento de uma compreensão mais intercultural do inglês; Comunicação efetiva, inteligível e clara; Para o autor, a pronúncia brasileira do inglês é igualmente autêntica; Diferenças entre o contexto informal e formal da língua (quais aspectos são recorrentes em ambos- no primeiro, existe uma proximidade entre os interlocutores, enquanto que no segundo, faz-se o uso da polidez linguística); Não consta a definição de regionalismo, identidade cultural e língua internacional.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>O inglês deve ser moldado de acordo com seu contexto de uso; A identidade da língua é a identidade da cultura, logo, o molde americano de fala deve ser respeitado – respeito às diversidades culturais; Para o autor, o modelo do senso comum das línguas deve ser entendido por uma perspectiva global, porém, não</p>

	serve aos falantes não-nativos do inglês.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Dissertação de Mestrado
<b>AUTOR (ES)</b>	KALVA (2012)/UEPG
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Identidade nacional e língua franca: negociações no processo de ensino e aprendizagem de inglês
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Objetivo Geral: Verificar como alunos/professores de LI se veem dentro do contexto onde a identidade nacional é expressa através da língua; e como se dá a formação da identidade do aprendiz de língua num contexto de ensino de ILF;</p> <p>Objetivos específicos: -entender como alunos/professores se percebem com relação a sua identidade nacional; -analisar como e se a concepção de ILF é trazida para a sala de aula de LI; - verificar como as identidades de nativos/não-nativos são apresentadas aos aprendizes no decorrer do processo de Ensino-Aprendizagem de LI através do material didático; -analisar como as crenças sobre identidade nacional e ensino de inglês influenciam o ensino-aprendizagem.</p>
<b>METODOLOGIA</b>	<p>Pesquisa no CLEC (Centro de Línguas Estrangeiras para a Comunidade) da UEPG, com professores (acadêmicos do 3. ou 4. Ano de Letras) e alunos (11) de nível intermediário desse curso; Estudo de caso com embasamento etnográfico (Yin, 2004);</p> <p>- Mescla da pesquisa qualitativa e quantitativa; Triangulação dos dados; 4 instrumentos de pesquisa: questionário (Marconi e Lakatos, 1986), entrevista semiestruturada (Robson, 2002), Observação (Marconi e Lakatos, 1986); Diário de campo (Duarte, 2002).</p>
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>A identidade como sendo múltipla (Hall, 1999)- a identidade é moldada, podendo o sujeito assumir várias identidades ao mesmo tempo; Graddol (1997)- globalização-fenômeno econômico-social e tecnológico que fez com que pessoas pudessem conhecer lugares e pessoas diferentes; Moita Lopes (2002)- devido à globalização, é possível ter acesso a diferentes culturas e formas de ver o mundo; Avanço tecnológico e midiático se faz majoritariamente pela LI (Assis-Peterson; Cox, 2007); Rajagopalan (2003)- a língua é uma das principais marcas da identidade de uma nação ou povo; Bauman (2005)- pertencimento como forma de construção da identidade, porém também não é algo fixo;</p> <p>LI- dissemina uma ideologia de dominação, na qual o estrangeiro é sempre apresentado como melhor, desvalorizando tanto a língua quanto a identidade nacional do sujeito (Phillipson, 1992); Moita Lopes (2008)- apropriação da LI para agir na vida social; A identidade não é fixa (Woodward, 2005). Hall (2005)- identidade como fragmentada e em constante formação; Hall (1999)- identidade cultural da pós-modernidade; As identidades são influenciadas pelo meio social (Bauman, 2005); A identidade é construída e recriada no discurso (Anderson, 2008); Para o autor, a concepção de nação/identidade nacional são imaginadas; Identidade nacional-representa toda história, tradição e cultura de um povo (Hall, 1999; Woodward, 2005; Bauman, 2005; Pollak, 1992); Identidade nacional-formada e transformada no interior da representação histórica/cultural (Rajagopalan, 2003); Woodward (2005)- a língua, como patrimônio, representa a identidade nacional; identidade construída pela diferença (Woodward, 2005; Silva, 2000); Pennycook (1999)- visão mais crítica sobre a expansão da LI no mundo, e não como uma escolha; A LI como língua padronizada (“homogênea”) seria mais facilmente difundida fora das fronteiras britânicas ou americanas (Pennycook, 1999); Nova concepção de língua: a glocal- fala-se o inglês para a comunicação com pessoas que não têm línguas em comum, porém, é preservada a identidade local (Pakir, 1997); Pakir (2009): ILE x ILF-este último enfatiza a pluralidade de ingleses, buscando o reconhecimento das variedades; LF (Siqueira, 2011)- língua que em tese não possui falantes nativos; bem comum a todos que dominam; Esta possibilita a</p>

	<p>preservação das identidades locais; Aprender a falar inglês = apropriar-se de uma nova identidade; identidade nacional + identidade da língua estrangeira= nova identidade; Globalização- trouxe um sentimento de homogeneização, e assim, a língua materna, por ser uma das formas mais marcantes de se mostrar a identidade, passa a ser valorizada; Moita Lopes (2008)- a LI não é patrimônio de um único país, mas de vários;</p> <p>House (2003)- LI não como forma de ameaça às outras línguas, mas sim como forma de comunicação; Inglês como plural –ILF – Canagarajah (2007); LF- respeito aos aspectos locais dos aprendizes; Canagarajah (2007)- o ILF pertence a um discurso virtual, no qual os falantes não estão locados em uma determinada área, mas eles habitam e praticam outras línguas e culturas em sua própria localidade imediata. Barcelos (2004)- crenças: forma de pensamento como construções da realidade, maneira de ver e perceber o mundo; Gimenez e Serafim (2006)- supervalorização do prof nativo de inglês; Oliveira (2000)- privilégio ao falar como o nativo; Cultura americanizada: inglês ligado à ascensão social; O papel do prof é de conscientizar os alunos sobre o que representa o ensino de LI; que o prof nativo não é necessariamente melhor que o não-nativo (Moita Lopes, 2006); Livros didáticos como materiais culturais e de consumo (Apple; Christian-Smith, 1991); Os livros didáticos não enfatizam, em sua maioria, questões de multiculturalidade e pluralidade de identidades; Necessidade de valorização de nossa própria cultura; Jenkins (2006)- necessidade de aprender sobre as variedades de inglês e refletir sobre sua própria realidade linguística (falante e aprendiz de inglês); LF- não há donos da língua ou um falante ideal da mesma (Pessoa, 2009) = equiparação ao world english (Rajagopalan, 2009), p. 119/168. O Livro didático adotado (New English File-Pre-Intermediate) não aborda o conceito de ILF- supervalorização da identidade estrangeira, em detrimento da identidade nacional;</p> <p>O livro traz mais representações do estrangeiro do que do local (a cultura local não é privilegiada, sendo de prestígio somente as do círculo interno); Alunos e professores= com relação ao livro, a parte gramatical é boa; o fato do livro não trazer peculiaridades culturais de outros países (devido ao seu caráter generalizante) não o faz ruim, porém, sentem falta da representação da identidade brasileira no mesmo; a presença do livro didático se faz importante; Valorização do prof nativo em detrimento do não-nativo; Livro e alunos-privilegiam o falar com o nativo em detrimento da inteligibilidade;</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Existe uma dualidade em relação ao sentimento de identidade nacional. Os discentes possuem a vontade de inclusão do local no ensino; Prof nativo melhor que o não-nativo; os alunos vão contra os estereótipos do livro, porém gostam do mesmo; O nativo é representado em peso no LD; Tanto para o prof quanto para os alunos, não está claro o que vem a ser ILF; Os sujeitos parecem acostumados à condição de imperialismo linguístico (Pennycook, 1999, Phillipson, 1992); É necessário repensar a formação de profs, bem como o material didático utilizado (foco no global e local); Necessidade de desfazer das crenças sobre ensino de inglês; É mais válida a inteligibilidade no ato da conversação; Necessidade de uma maior abordagem da identidade nacional em sala de aula.</p>
<b>TEMA</b>	ILF e identidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	ANAIS
<b>AUTOR (ES)</b>	MENONCIN & BORSTEL/Unioeste (2012)/
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A competência comunicativa na língua inglesa por funcionários em duas empresas comerciais
<b>OBJETIVOS</b>	Analisar a competência comunicativa de funcionários de duas empresas comerciais do município de Medianeira, Paraná
<b>METODOLOGIA</b>	Entrevistas Direcionadas (não consta seção metodológica)
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Competência comunicativa (Chomsky, 1970; Hymes, 1972; Canale, 1983; Bachman, 1990; Wojslaw, 2008); Crystal (2003): breve histórico sobre a expansão da LI; Erling (2005): número de falantes não-nativos, como superior ao número de falantes nativos; Não há definição de ILI (língua que vem sendo amplamente difundida por todo o mundo e utilizada em diversas áreas);</p>

	<p>Competência do falante (Chomsky, 1970)- conhecimento que o falante-ouvinte tem ao produzir (compreender) todas as frases da língua; Performance, segundo o autor (op. cit.) = consiste no uso de uma forma ideal que o falante faz da língua em situações concretas de fala – são deixados de lado fatores sociais e culturais; Hymes (1972) critica Chomsky (1970) e afirma que a vida social (aspectos socioculturais) afeta ambos competência comunicativa e performance; Competência Comunicativa (Canale, 1983) = sistemas subjacentes de conhecimento e habilidades requeridos para a comunicação; Competência gramatical, sociolinguística, discursiva, estratégica; Bachman (1990): Competência comunicativa (habilidade linguística comunicativa)= dividida em 3: competência linguística, estratégica e mecanismos psicofisiológicos; Pesquisa de Woslaw, com funcionários da rede hoteleira de Foz do Iguaçu (2008): considera que a competência gramatical dos funcionários deve ser reforçada – privilegiar a norma institucionalizada como variedade de prestígio no contexto de trabalho.</p>
<b>RESULTADOS</b>	A língua é heterogênea e depende de fatores sociais, históricos e culturais; Os funcionários bilíngues das empresas têm adquirido conhecimento desses fatores, uma vez que estão em constante contato com falantes de inglês, oriundos de diferentes países.
<b>TEMA</b>	Questões pragmáticas
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	ANAIS
<b>AUTOR (ES)</b>	SILVEIRO (2012)/UFSC
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Ensino de Pronúncia e Inglês para aviação: uma interseção possível e necessária
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Discutir questões sobre a fonologia da língua inglesa, considerando o Ensino de Inglês para a Aviação;</p> <p>-Quais aspectos da fonologia devem ser priorizados em contexto brasileiro? Qual a forma mais eficaz de abordá-los em sala de aula, visando o público-alvo? Que conhecimentos são necessários para profs de inglês para Aviação?</p>
<b>METODOLOGIA</b>	Relato da experiência de formação periódica em ensino de pronúncia, realizado desde 2010, com professores de uma escola especializada no ensino de Inglês para Aviação em São Paulo (não consta seção metodológica)
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>ILF (Jenkins, 1998, 2011)- interação entre falantes de diferentes nacionalidades, com idiomas maternos bastante diversos entre si- inglês como veículo de comunicação; Fraseologia da aviação: conjunto de frases padronizadas com estrutura gramatical simplificada, desenvolvida para atender as comunicações de rotina (Almeida, 2011); Acidentes por problemas de comunicação (Cushing, 1994; Nevile, 2004); Padronização do inglês – Inglês para Aviação (ICAO, 2010)- composto pela fraseologia padrão da Organização de Aviação Civil Internacional, e o inglês comum utilizado quando a fraseologia não contempla por si só a necessidade de comunicação específica; Exame oral para verificar o nível de proficiência em língua inglesa dos pilotos- Santos Dumont English Assessment – situações que se referem a contextos anormais na aviação; EPLIS- Exame de proficiência em Língua Inglesa do Sistema do Controle do Espaço Aéreo Brasileiro - aplicado aos controladores de tráfego aéreo e outros profissionais da segurança; O teste de proficiência serve para garantir minimamente a segurança durante a comunicação com controladores de tráfego aéreo; Conceitos fundamentais da fonética/fonologia da LI (Kelly, 2000);</p> <p>Dificuldade dos profs ao ensinar a pronúncia da LI; Conceituação universal de inteligibilidade encontra desafios (Becker, 2011);</p> <p>Curso de Formação em Ensino de Pronúncia; Os profs confirmam as dificuldades comumente apresentadas por aprendizes brasileiros na área da interfonologia do inglês (Silveira, 2010); Discussão do conceito de ILF, e as divergências da norma padrão são vistas como diferenças e não como erro (Jenkins, Cogo e Dewey, 2011); Proposta do LFC (Jenkins apud Cruz, 2011) – quais aspectos devem ser priorizados ou deixados de lado no ensino de pronúncia;</p>

<b>RESULTADOS</b>	A pronúncia deve estar contextualizada numa lição, acompanhada da gramática/vocabulário; Percepção por meio da própria prática de que nem todos os aspectos da pronúncia considerados relevantes, afetam a comunicação; Foco na tonicidade, especialmente em palavras semelhantes (injuries/endurance); Distinção entre os fonemas /h/ e /r/ devem ser tomados com maior cautela; Ao final do curso, o número de profs participantes reduziu de 11 para 4, o que afetou a uniformização do ensino de pronúncia na instituição; Houve melhorias na conduta dos profs em suas aulas de pronúncia, bem como no desempenho de pronúncia nos exames oficiais de proficiência; O ensino de pronúncia de uma instituição de ensino precisa ser focado na equipe pedagógica, para então ser levado para a sala de aula: é preciso ter conhecimento sobre conceitos fundamentais, como inteligibilidade, LF, fonética/fonologia básica do inglês.
<b>TEMA</b>	Inteligibilidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	SIQUEIRA & ANJOS (2012)/UFBA
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir a verdadeira finalidade do ensino da LI na escola regular pública
<b>METODOLOGIA</b>	Revisão bibliográfica-Análise e discussão de estudos que apontam para a verdadeira finalidade do ensino da LI na escola pública (não consta seção metodológica)
<b>REF. TEÓRICO</b>	Cox e Assis-Peterson (2007): Existe uma forte reprodução do discurso da ineficiência do ensino de inglês nas escolas públicas – por parte de profs, diretores, coordenadores, alunos, pais, etc...Crítica ao ensino de LI na escola pública (op. cit.), Celani (2002); Inglês como capital cultural (Bourdieu, 1973); Inglês como símbolo de status social (Moita Lopes, 1996); Kumaravadivelu (2006) – globalização e conseqüente desaparecimento das fronteiras entre as nações; A atual conjuntura mundial requer alternativas de ensino, que contraponham a prática tradicional (gramática/tradução); O ensino de inglês nas escolas está longe de transformar os aprendizes em cidadãos do mundo (Rajagopalan, 2003); Scheyerl (2009): necessidade de uma maior comunicação entre profs e alunos sobre o que ensinar/aprender; Rajagopalan (2010)- inglês como uma língua sem dono, pertence a quem dela faz algum tipo de uso; Inglês como língua da globalização (Lacoste, 2005); É possível aprender línguas na escola pública, apostando no seu bom funcionamento, a partir da desconstrução de vários mitos, como por ex, que a LI é exclusiva das elites (Paiva, 2011); A autora (op. cit.), afirma que é preciso que o prof creia na importância da participação em práticas sociais mediadas pela LI fora da sala de aula; A oralidade se faz tão importante quanto a leitura, contrapondo o pensamento de Moita Lopes (1996); Modelo do ILF – Identidade valorizada, e a divergência na pronúncia em relação ao nativo, não é vista como falta de competência (Graddol, 2006; Salles e Gimenez, 2008); ILF (Jenkins, 2007) – idioma de contato utilizado por pessoas que não compartilham a mesma língua materna, e assim, funciona como segunda língua desses falantes; ILF (Seidlhofer, 2005): língua de contato entre pessoas que não compartilham uma língua nativa; Modelo ILF – foco nas estratégias pragmáticas de comunicação internacional;
<b>RESULTADOS</b>	A finalidade do ensino de LI na escola pública tem a ver com o comprometimento social através da aquisição de uma ferramenta semiótica transcultural de alcance global/empoderar e transformar aquele que dela se apropria; Necessidade de investir na formação inicial/continuada do prof; Como educadores, devemos mostrar que a LE é direito de todos, um bem que transforma e faz progredir; A escola pública deve servir de palco de mudanças, por menor que sejam.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO</b>	Artigo

<b>TRABALHO</b>	
<b>AUTOR (ES)</b>	SCHMITZ (2012)/UNICAMP
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	“To ELF or not to ELF”? (English as a Lingua Franca): That’s the question for Applied Linguistics in a globalized world.
<b>OBJETIVOS</b>	Lidar com um tópico crucial para a LA e o Ensino de LI- rompimento do ensino baseado nas normas do falante nativo/e defesa por um ensino de ILF
<b>METODOLOGIA</b>	Trabalho de revisão bibliográfica (não consta seção metodológica).
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>ILF- repensar dos testes e avaliações (Elder; Davies, 2006); Outer Circle (Kachru, 1985): formas nativizadas da LI; O termo “nativo” gera uma postura racista, a qual privilegia o local de nascimento, laços de sangue, favoritismo Caucasiano (Rajagopalan, 1997); LI pertence a todos que dela fazem algum uso (Schmitz, 2012);</p> <p>Círculo em Expansão (países onde o inglês está presente como LE- Brasil, Chile, etc), e o contexto europeu, onde ficou conhecido como língua franca; Preferência dos europeus por um padrão endonormativo (norma negociada da LI) – formação do Euro-English (exo/endo/normativo); Círculo Interno – A noção “falante nativo” não é uniforme (Hendrickson, 1986) – o multilinguismo também se faz presente nos países do centro; Fishman (1975): reconhecimento e proteção oficiais das variedades locais; Kachru (2003)- LI como principal veículo de interação entre usuários não nativos – a codificação internacional é realmente plausível? ILF (Jenkins, 2007)- língua emergente que existe por direito próprio, e está sendo descrita em seus próprios termos – língua de contato entre falantes de diferentes línguas maternas, e o inglês não é língua materna de nenhum deles; ILF- comunicação especialmente entre falantes do círculo externo; ILF como um produto das interações de todos que da LI fazem algum uso; Observação do autor sobre um excerto de fala (Projeto Voice): instância de língua em uso real; Firth (1996)- precursor da Análise Conversacional (AC) entre não-nativos; Jenkins’ LFC (2000)- foco na inteligibilidade entre não-nativos. Alguns aspectos que não garantem inteligibilidade (desnecessários p/ o ensino): a) qualidade vocálica, formas fracas, aspectos da fala encadeada (para Schmitz (2012), este aspecto ainda precisa ser validado, a fim de afirmar que seu conhecimento é desnecessário, a fim de garantir a inteligibilidade; Stress-timed (ritmo baseado na entonação), entonação de palavra, “pitch movement” (mudança da qualidade da voz, quando o falante se comunica); O que importa é ter sucesso na negociação de sentidos; Lowenberg (2000)- ineficiência em testes de proficiência- baseados no falante nativo; Firth e Wagner (1997)- necessidade de mudanças na SLA (aquisição de segunda língua)- oriundas do debate sobre ILF; o social e o contextual são essenciais no aprendizado de línguas; Para Schmitz (2012), o ILF é uma realidade diária, representando especialmente instâncias comunicativas entre não-nativos; Faz uma crítica à Prodromou (2008), quando este diz que o ILF é uma arma quebrada com o capital linguístico reduzido; além disso, o autor utiliza do corpus nacional Britânico (os dados foram retirados de um grande número de falantes nativos), a fim de propor o ensino de inglês para seus usuários – por ex, para o autor se faz necessário que os usuários aprendam os marcadores discursivos em inglês (sorto f, you know, I mean, you see);</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Canagarajah (2006)- ILF apresenta desafios significativos para a LA; Área da fonologia/fonética/pronúncia (Jenkins), como um campo a ser mais explorado;</p> <p>ILF – na esperança de oferecer uma maior tolerância, especialmente no que tange o falante não-nativo;</p> <p>O ILF pode contribuir para uma maior visibilidade e aceitação por parte da LA</p>
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>Resumo dos trabalhos detectados no Google Acadêmico por meio da palavra-chave “inglês como língua global”</b>	
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	DAVID (2005)/UNIOESTE

<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O inglês no mundo: Língua de Prestígio
<b>OBJETIVOS</b>	Relatar a situação do inglês no mundo, sendo esta uma língua de prestígio
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	Inglês como língua internacional (LI) (sem definição) – necessidade de comunicação em nível mundial; ILF (sem definição); A LI é uma realidade em nosso país (para quem? Falta de crítica); Presença de estrangeirismos no português, devido às relações do Brasil com empresas internacionais (Gonçalves, 1999); Campo Científico e Tecnológico- Influência do Inglês; Variedades de prestígio (americano, britânico); Menor prestígio (indiano, sul-africano, Black English); Mello (1999): algumas variedades recebem o status de língua, enquanto outras de dialeto; Kachru (1985, <i>apud</i> Tollefson, 1995)- círculos concêntricos.
<b>RESULTADOS</b>	Inglês como símbolo de prestígio e poder (referente principalmente aos EUA e Inglaterra); Círculo Externo procura “imitar” os países do círculo interno, por falarem a língua “bonita”, o inglês de prestígio (visão parcialmente acrítica sobre o inglês indiano, dizendo que este procura imitar o inglês britânico).
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Seminário
<b>AUTOR (ES)</b>	MOITA LOPES (2005)/UFRJ
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação
<b>OBJETIVOS</b>	Argumentar sobre a necessidade da aprendizagem do inglês se tornar um dos interesses cruciais de agências governamentais e não-governamentais para promover a mobilidade social
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta- Emaranhado de ideias sobre inglês, globalização, educação linguística, o inglês necessário para ler criticamente o mundo e participar de sua construção.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Importância da unidade linguística na construção de império (La Rosa, 1995); Desenvolvimento Industrial da Grã-Bretanha (XIX e início do séc XX), e expansão econômica dos EUA (séc.XX e XXI)- globalização; O inglês reflete a história das línguas de poder econômico e político e suas relações com as práticas sociais; Inglês como mercadoria e símbolo de status social; A hibridização acompanha o desenvolvimento das línguas; “Corrupção” sofrida pela língua japonesa X preocupação do governo com o ensino de inglês (Hoffer e Honna, 1999); Globalização como um processo antigo (Robertson, 2003; Venn, 2000) e o processo atual ultrapassa qualquer fase anterior à globalização; Globalização- homogeneidade (mcdonaldization) e heterogeneidade – a possibilidade de descobrir outras vozes; Processos de aprendizagem e uso da inteligência estão modificados (Wenger, 1998; Gee, 2000a, 2000b); Inclusão digital –envolve primeiramente a inclusão linguística.
<b>RESULTADOS</b>	Existe a necessidade de aumentar a qualidade da educação linguística no Brasil, para ir de encontro às necessidades do mundo contemporâneo; O inglês representa um dos caminhos a ser seguido, com o objetivo de alterar as desigualdades sociais.
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Capítulo de Livro
<b>AUTOR (ES)</b>	LACOSTE (2005)/geógrafo/prof na Universidade de Paris-VIII
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês
<b>OBJETIVOS</b>	Abordar a geopolítica da difusão do inglês
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta seção metodológica
<b>REF. TEÓRICO</b>	Não há uma definição para ILF/ILI, inglês como língua global, etc. Apenas as próprias ideias do autor; Geopolítica- rivalidade de poderes/influências sobre territórios; Inglês: língua da globalização, da União Europeia (necessidade de uma língua comum); Colônias britânicas- colônias privadas/por decreto – domínio concedido pela Coroa a uma companhia privada; Atualmente existe

	uma influência direta/indireta muito forte dos Estados Unidos, e não mais da Grã-Bretanha (apesar de ser sua colonizadora); Poderio dos EUA- depois do fim da 2ª Guerra Mundial (instalação de indústrias na Europa Ocidental), e posteriormente o desenvolvimento do setor de turismo.
<b>RESULTADOS</b>	O autor narra a difusão do inglês de maneira triunfalista, como se apenas os Estados Unidos estivessem no poder na atualidade, e como se influenciasse integralmente todas as culturas ao redor do globo; Acredito que atualmente existe espaço para que outras culturas se expressem, influenciem e sejam influenciadas por outras. Além de que estas são também responsáveis pela difusão da LI no mundo.
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	BERGER (2007)/UFS
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A Globalização da Economia, a Internet, e o Ensino de Língua Inglesa como Idioma Global
<b>OBJETIVOS</b>	Apresentar uma análise sobre o ensino de LI no atual contexto da sociedade globalizada, sendo as NTICs (Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação) importantes na promoção do acesso às informações da Internet, as quais estão em inglês
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta seção metodológica; Pesquisa teórico-bibliográfica
<b>REF. TEÓRICO</b>	Globalização-processo que implica uma revolução que atinge o cotidiano dos diferentes povos do globo, em maior ou menor escala, a depender do grau de desenvolvimento econômico dos países, constituindo-se como marca da modernidade (Própria autora, Berger, 2007); Não há definição de Idioma Global; Berman (2001): divide a história da modernidade em 3 partes: a) do século XVI ao XVIII – início da valorização da razão e do conhecimento; b) intensificação das ideias iluministas do séc. XVIII; c) expansão global do processo de modernização; Cultura mundializada- civilização cuja territorialidade se globalizou (Ortiz, 2000); Inglês como língua mundial- sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; Ferramenta facilitador de contatos internacionais; Homogeneização cultural- ideia equivocada de globalização; Papel da Internet (Castells, 1996): inclusão e exclusão; Relatório Conferência Mundial sobre o Ensino Superior (1998): NTIC: vetor de internalização da cultura e instrumento de defesa das identidades; Giddens (1997): globalização como questão “do aqui”, afetando o íntimo da vida das pessoas- traz um ar de semelhança aos diferentes contextos sociais; Corrêa (1997): Tecnologia- um tipo específico de conhecimento, com propriedades que o tornam apto a – uma vez aplicado ao capital – imprimir determinado a sua valorização; Processo de Reestruturação do Trabalho; A educação passa a ser vista como uma mercadoria a ser vendida (Harvey, 1992); Uso da Internet no Brasil vem crescendo; Deve haver mais incentivo ao uso do software livre, a fim de reduzir as despesas das NTICs; O capitalismo se globaliza- transformações na esfera do trabalho (Ianni, 2001); O foco no trabalho manual alterou-se para a o preparo intelectual dos trabalhadores; A importância da Abordagem Comunicativa nos tempos atuais- conceito de competência comunicativa (Totis, 1991); Compreensão da linguagem- compreensão da realidade da vida cotidiana (Berger e Luckmann, 1995); Métodos de Ensino – estruturalismo, método audiolingual, etc; Abordagem Comunicativa- ênfase na comunicação e não no sotaque;
<b>RESULTADOS</b>	É importante ter consciência sobre os métodos possíveis de serem aplicados em sala de aula; Ensino de inglês- tipo de ensino efetivo que pode levar os aprendizes ao desenvolvimento de competências comunicativas, especialmente na troca de informações por meio das NTICs; Inglês X NTICs = ampliação de acesso a um conjunto de informações na net, neste idioma- inserção mais eficaz nas relações globais; O foco deste trabalho não recaiu na LI como idioma global, mas sim, na evolução do modelo de trabalho, nas NTICs (pressupõe o uso da Internet) e superficialmente no ensino de LI.
<b>TEMA</b>	Ferramentas tecnológicas no ensino de Inglês

<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	BERGER (2010)/UFS
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Língua inglesa, globalização e o processo de formação do profissional docente
<b>OBJETIVOS</b>	Apresentar uma reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa como idioma global, e do papel do profissional docente frente aos desafios de nossa sociedade globalizada
<b>METODOLOGIA</b>	Resultado de uma pesquisa bibliográfica
<b>REF. TEÓRICO</b>	Idioma global – status conferido ao inglês por motivos políticos, econômicos, tecnológicos; Necessidade de treinar uma metodologia que leve ao desenvolvimento da competência comunicativa; Necessidade de integração das 4 habilidades linguísticas; Richards, Rodgers (2001): mudanças em métodos de ensino de línguas, através da história; Necessidade de utilizar o inglês na comunicação (Warschauer, 2000); Globalização- Para Ianni (2001), o mundo não é mais uma coleção de estados nacionais; as nações se transformaram em espaços, territórios ou elos da sociedade global; Necessidade de redefinição da metodologia de ensino de LI, se o objetivo maior for a comunicação; Inglês como língua mundial (Ortiz, 2000) - Sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior desse espaço transglóssico; Natureza global da sociedade- pede uma postura de respeito às diferenças culturais; LI como elemento de inclusão na rede mundial; Indústria Cultural – cultura norte-americana- carrega a ideologia capitalista; O processo de globalização – homogeneização da cultura- este processo é acelerado com o advento da Internet e da disseminação mais rápida da info (Hamlett, 2000); Docente de LI- facilitador do processo de aprendizagem; Abordagem Comunicativa- está em sintonia com as necessidades linguísticas do momento atual- ênfase na informação (Totis, 1991); Faltou aprofundar na questão do docente de LI e não somente no seu ensino.
<b>RESULTADOS</b>	Necessidade de uma postura consciente por parte do educador de LI; O Ensino de inglês como idioma global requer uma mudança nas metodologias de ensino, a fim de focar no desenvolvimento da proficiência linguística do aprendiz; O inglês não deve mais ser ligado somente a duas culturas principais (americana e britânica), mas sim, a todas as culturas do globo; Necessidade do profissional de ajustar suas práticas pedagógicas às demandas sociais;
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	FORTES/CEEP-PR; SALEM/estudante Artes- Universidade de Yemen (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	The “Englishes”: An approach of the learning of English language as a global language
<b>OBJETIVOS</b>	Abordar o ensino de LI como língua universal; analisar de que maneira expandiu o interesse pela aprendizagem deste idioma
<b>METODOLOGIA</b>	Análise de três estruturas linguísticas comunicativas: inglês, português e árabe;
<b>REF. TEÓRICO</b>	Desenvolvimento da apreciação pela cultura ocidental, mais especificamente os da norte-americana (por meio de filmes, músicas, etc); Os brasileiros perdem a identidade quando comemoram o Halloween, ao invés do dia do Saci (será??); Inglês como língua global (Crystal, 2003): presente em todas as instâncias da vida contemporânea; É preciso respeitar as diversas culturas, mesmo utilizando uma língua em comum (inglês).
<b>RESULTADOS</b>	O objetivo do uso da LI é a comunicação; troca de informação entre os interlocutores; Existe uma grande necessidade de utilizar o inglês como língua franca, porém, com o intuito de preservar as identidades culturais; Este trabalho pretendeu providenciar outros focos, que não a abordagem estruturalista que temos de língua; Na verdade não houve uma análise plausível da interferência das línguas maternas no inglês, apenas uns exemplos generalizados que precisariam ser testados em situações comunicativas entre falantes não-nativos.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF

<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	MOTTER/UNIOESTE; CATAPAN/UFSC (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A formação do professor de inglês no contexto do idioma como língua global
<b>OBJETIVOS</b>	Promover reflexão sobre a formação do professor de inglês na era das Tecnologias de Comunicação Digital.
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	Distanciamento entre a escola e o uso real da língua: inglês X Tecnologia de Comunicação Digital; Como/e o que ensinar na aula de LI? Inglês com status de língua global- integra as diferenças locais nos contextos globais, além de trazer o global para o local; Canagarajah (1999)- hibridismo linguístico: a língua influencia e sofre influências; tecnologia como suporte; Inglês como língua global, internacional ou franca; Seidlhofer (2004): o controle da língua é feita por aqueles que a empregam como primeira língua; Uma língua se torna internacional pelo seu poder econômico e político (Canagarajah, 1999)- com a globalização do inglês, intensifica-se a ideologia e o poder dos falantes nativos; Mundo- conjunto de discursos; Inglês- sofreu e sofre interferências linguísticas das línguas locais ILF; LF- língua utilizada por falantes de diferentes línguas maternas para comunicação (Seidlhofer, 2004)- promoção da quebra da padronização linguística do idioma; Litto (2008)- LI domina quase 80% das infos disponíveis na Web; Língua como discurso (Foucault)- construção de sentidos; Larsen-Freeman e Freeman (2008): língua-espaco onde é possível realizar um número infinito de possíveis trajetórias; Língua como um sistema dinâmico; Jordão (2007)- Letramento crítico: língua como discurso, construção do conhecimento; A identidade pode ser construída por uma variedade de línguas; Redefinição de “cidadania” (Jordão, 2007): faz-se necessária a transculturalidade (subjetividade e conhecimento como resultado do entrecruzamento de informações discursivas); Língua X cidadania= aprender línguas é aprender procedimentos interpretativos; Relações do sujeito com o mundo – interpretação e entendimento (letramento crítico).
<b>RESULTADOS</b>	Necessidade de a escola focar nas habilidades orais, e não somente leitura e escrita; Aprender LE- abertura para outras culturas; Necessidade de uma formação continuada do professor, a fim de que este possa contribuir para mudanças nos moldes de ensino-aprendizagem; Letramento Crítico- caminho possível para a educação; Mundo globalizado- educação consciente e transformadora- língua como produtora de sentido; Os professores precisam localizar os problemas de ensino e trabalhá-los localmente.
<b>TEMA</b>	Formação inicial de professores
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	SILVA, V. E. S. (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A interculturalidade nos livros didáticos de inglês
<b>OBJETIVOS</b>	Apresentar uma análise de duas coleções de livros didáticos de inglês do ensino médio (Upgrade- editora Richmond, Prime- editora MacMillan)- estas fazem parte do PNLD 2011, para serem utilizados em 2012
<b>METODOLOGIA</b>	Proposta de Oliveira (2010): consiste numa lista de itens que devem ser levados em consideração na escolha de um LD, que esteja em consonância com as concepções que interligam LE, interculturalidade e globalização.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Para Paiva (2011), é possível perceber a ideologia predominante de determinada sociedade, estudando a estrutura dos livros didáticos; Conceito de competência comunicativa intercultural (CCI- Byram et al., 2002); World Englishes (Kachru, 1991); A CC, ancorada na visão de Canale e Swain (1981), está presente no PCN para o EM; Reconstrução da CC, nas décadas 80 e 90- (BACHMAN, 2003; BYRAM, 2002; GENESEE 1984); Delors (1996): 4 pilares da educação necessários em tempos de globalização: saber ser, saber fazer, saber conhecer e saber viver junto- estes podem ser percebidos na CCI (Byram, 2002) e QECRL (Conselho da Europa, 2001); CCI- incorpora à CC uma consciência intercultural; CC-

	<p>falante nativo no status de paradigma linguístico de inglês; Falante nativo de inglês- cientificamente um ser idealizado com atribuições quase mitológicas (DAVIES, 2004; MEDGYES, 1996); Richards e Schmidt (2002): o inglês internacional- varia de acordo com a língua materna dos usuárias da LI; World Englishes (Kachru, 1991)- resultado de diversos contextos socioculturais e diversos usos da língua em contextos internacionais culturalmente distintos; Esta perspectiva causou a necessidade de novos paradigmas de ensino de LE adequados às comunidades linguísticas e aos contextos multiculturais, onde esta língua serve como meio de comunicação; Promover a consciência intercultural por meio dos LDs;</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>O Livro Upgrade (2010) traz vai de encontro aos objetivos do EM- preparação para o trabalho; Relevância dada à cultura geral brasileira e à participação de brasileiros em contextos orais; porém vestígios do tradicionalismo, ao utilizar a variedade americana como padrão;Variedades da LI- prova visível da globalização linguística; Prime (2010): representação maior (se comparado ao livro Upgrade) de grupos étnicos diferentes em contextos socioculturais diversificados; Outro ponto forte nesta obra é a diversidade cultural e a reflexão sobre hábitos culturais dos diversos grupos humanos;Esta coleção traz uma proposta bem mais harmônica com a perspectiva da interculturalidade no ensino de inglês; Porém, o áudio se assemelha ao da coleção Upgrade- a versão está no inglês americano. Ainda assim, cabe dizer que os LDs precisam se adequar às novas perspectivas, e que estas sejam respaldadas pelos textos oficiais que regem a educação brasileira.</p>
<b>TEMA</b>	Materiais didáticos
<b>Resumo dos trabalhos detectados no Google Acadêmico por meio da palavra-chave “inglês como língua internacional”</b>	
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Texto publicado na Internet – disciplina de educação à distância
<b>AUTOR (ES)</b>	SCHÜTZ (2005)/
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O inglês como língua internacional
<b>OBJETIVOS</b>	Apresentar um panorama histórico da expansão da LI no mundo
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Ameaça ao monolinguismo (este comparado ao analfabetismo da Idade Média aos dias atuais); Poderio Inglaterra- século XIX (Revolução Industrial)-expansão do colonialismo britânico; Poderio político-militar dos EUA- deslocamento do francês em prol do inglês; Inglês como o principal meio de comunicação entre as nações (Crystal, 1997, 1999); Não há definição de ILI, inglês como língua global, ILF; O autor apenas menciona que o termo ILI é consequência da busca de informação aliada à necessidade de comunicação em nível mundial.</p>
<b>RESULTADOS</b>	Proficiência linguística em inglês, como essencial para alcançar sucesso (formação acadêmica, mercado de trabalho e voz política)
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	SIQUEIRA (2005)/UFBA
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir o papel do professor brasileiro de inglês como língua internacional nos dias atuais
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Graddol (1997): poderio econômico das línguas; Inglês como língua mundial (sem definição); O prof acaba por apresentar sua disciplina de forma acrítica, apolítica, representando o imperialismo linguístico (Cox e Assis-Peterson, 1999); Possível alienação do prof brasileiro de inglês (Moita Lopes, 1996; Cox e Assis-Peterson, 1999; 2001); Pennycook (1989): prática educacional como essencialmente política- os profs brasileiros ainda estão distantes deste choque de realidade; A experiência expõe marcas cada vez mais visíveis de aculturação às avessas (Cruz, 1999); Entender a cultura do outro para</p>

	<p>compreender a sua própria (Stern, 1999); Esse movimento geralmente não ocorre no contexto brasileiro, uma vez que ainda existe uma exaltação à cultura estrangeira; Prof-reforça o discurso da existência de culturas superiores, ao invés de diferentes; Para Leffa (2003) qualquer língua ao se globalizar, perde a sua uniformidade, e tem necessariamente que incorporar a diversidade linguística/cultural; Linguicídio- extermínio de línguas (Phillipson e Skutnabb-Kangas, 1995);</p> <p>Culturicídio: foco na cultura-alvo e esquecimento da própria cultura; Gimenez (2001)- cidadãos planetários: respeito mútuo entre as culturas, por meio de uma língua planetária-inglês; ILI- Crystal (1997) afirma que uma língua se torna internacional devido ao poder político de seus falantes e especialmente o militar; Qual cultura ensinar na aula de LI? (sendo esta uma língua franca); Ensinar Língua como cultura (Mendes, 2004), de maneira ampla e crítica; Capacidade de comunicar sobre a cultura materna na LE alvo; McKay(2003)- contexto de ensino de ILI: a relação língua e cultura- deve ser promovida de forma crítica e repensada em toda a sua extensão; Foco na percepção e compreensão crítica do aprendiz; Lacuna na formação de profs: competência cultural crítica; Consciência cultural crítica é a habilidade de avaliar criticamente e com base em critérios explícitos, perspectivas, práticas e produtos, tanto da nossa própria cultura e ambiente nativos quanto da cultura e ambiente do outro (Byram, Gribkova e Starkey, 2002).</p>
<b>RESULTADOS</b>	Necessidade da emergência de discussões acerca da suposta alienação dos profs, como deveria ser sua prática em sala de aula, etc; Valorização da voz sujeito/professor, sujeito/estudante (Mota, 2004); Uma prática pedagógica com foco nas possibilidades de transformação social (Giroux, 1997); ILI- possibilidade de abraçar a diversidade linguística/cultural de povos do mundo todo.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Capítulo de Livro
<b>AUTOR (ES)</b>	LEFFA (2006)/UCPEL
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional
<b>OBJETIVOS</b>	Propor que uma língua internacional – inglês – deva ser ensinada também para a solidariedade
<b>METODOLOGIA</b>	Revisão da Pedagogia Crítica de Paulo Freire; discussão da necessidade de aceitação da diversidade no mundo globalizado de hoje, descrição das propriedades que caracterizam uma língua internacional.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Traz as críticas aos profs: alienados, acrílicos, apolíticos, etc (da mesma forma que Siqueira, 2005); Profs como colonizadores da mente de seus alunos; 3 consciências, segundo Freire: a)consciência mágica- existe uma força maior pela qual nos submetemos; b) consciência ingênua: o mundo pode ser mudado por ações individuais; c) consciência crítica: conflitos são abordados por meio da discussão/negociação; Segundo Freire, nosso sistema educacional não desenvolve a consciência crítica; Consciência crítica vista como algo perigoso, pode estimular aversão à língua alvo (Cox e Assis-Peterson, 1999); Consciência crítica: entre a razão e a emoção (domínio afetivo); Para o autor é inviável manter uma postura crítica em relação à própria disciplina; É preferível manter um estado de equilíbrio entre a atração cega e rejeição supostamente clara; O inglês não é LE- pertence ao mundo; Apesar o inglês ser uma LI, os valores culturais americanos/britânicos acompanham esta língua (Erling, 2000); Phillipson (1999); Pennycook (1997); Rajagopalan (2005): a tese do hibridismo (World English) contesta a hegemonia da metrópole; O ILI: mais usado em países pertencentes ao círculo em expansão (Kachru, 1985); ILI- instrumento utilizado para diferentes objetivos, servindo a diferentes interesses; Não é o veículo de uma única cultura, mas sim, de qualquer uma (Bryan, 1994); Não defendo o ILI como sendo uma variedade (Modiano, 1999) (e sim um status conferido à língua inglesa).
<b>RESULTADOS</b>	Ensinar a LE com o objetivo da solidariedade internacional; ILI- para contestação/submissão; World English como espaço de contestação

	(Rajagopalan, 2005).
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	CRUZ (2006)/Universidade Federal de Campina Grande
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional
<b>OBJETIVOS</b>	Testar a eficácia (confiabilidade) do LFC de Jenkins (2000)
<b>METODOLOGIA</b>	Os dados envolvem as interações entre 5 falantes de ILI- brasileiro, alemão, japonês e 2 tailandeses. Gravações das interações e anotações. A coleta de dados ocorreu entre junho/2002 a junho/2003; Seleção dos dados: trechos nos quais havia quebra de comunicação.
<b>REF. TEÓRICO</b>	ILI- inglês utilizado nas interações entre não-nativos que têm línguas maternas diferentes; Jenkins (2000): as variedades padrões- americana e britânica- não devem ser utilizadas como normas para a correção de pronúncia, já que é maior do número de falantes não-nativos, comparado ao número de falantes nativos; A autora (op. cit.) propõe o LFC- baseado nos desvios de pronúncia produzidos pelos falantes; Inteligibilidade- a primeira impressão, somente a primeira reação dos ouvintes; Complexa, difícil de se medir, devido ao grande número de variáveis que contribuem para facilitar/impedir a inteligibilidade da fala (Field, 2003); Grau de familiaridade com o sotaque estrangeiro (Smith e Bisazza, 1982); Para Field (2003), estudos experimentais com o controle de variáveis podem tornar os resultados de estudos em inteligibilidade mais confiáveis.
<b>RESULTADOS</b>	A acentuação de palavras pode ser um item a ser inserido no LFC e não excluído, segundo Jenkins (2000), uma vez que causa problema de inteligibilidade entre os falantes; A ausência de controle de variáveis do ouvinte pode ser outro fator que aponte dúvidas à confiabilidade do LFC.
<b>TEMA</b>	Inteligibilidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	CRUZ;PEREIRA/ Universidade Federal de Campina Grande (2006)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês e inteligibilidade: um estudo com dois grupos de ouvintes.
<b>OBJETIVOS</b>	Focalizar a inteligibilidade da pronúncia de graduandos brasileiros de ILE para dois grupos de ouvintes familiarizados com o falar em inglês dos brasileiros
<b>METODOLOGIA</b>	5 graduandas do curso de Letras da UFCG; Foram solicitadas a discorrer 2 de 4 tópicos (produções orais); Foram selecionadas 11 amostras dessas produções- com desvios de pronúncia (não foram selecionadas as que continham erros gramaticais/lexicais); Logo após, o primeiro grupo de: 8 ouvintes nativos (7 americanos e 1 britânico); -Tinham que escrever o que tinham ouvido e após serem apresentados à transcrição ortográfica da amostra, identificar palavras que tivessem achado difícil/muito difícil/impossível entender. Gravação de entrevistas individuais com os ouvintes, para que eles pudessem explicar sobre a compreensão das amostras, com mais detalhes; Segundo grupo: 8 graduandos de ILE do curso de Letras da UFCG e novamente o mesmo processo anterior. Adoção do guia de fonemas do inglês (para identificação dos desvios de pronúncia na fala das graduandas) que são considerados difíceis para aprendizes brasileiros produzirem (Lieff & Nunes, 1993; Rebello, 1997; Baptista, 2001); a)Desvio de acentuação; b) produção inapropriada de consoantes; c) produção inapropriada de vogais; d) inserção de vogal; e) vocábulo “ <b>culture</b> ”. Familiaridade do ouvinte ao sotaque estrangeiro- neste caso, o brasileiro.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Field (2003)- a pronúncia inteligível é mais importante que a pronúncia semelhante à do falante nativo; Inteligibilidade difícil de ser medida = variáveis que impedem ou facilitam a inteligibilidade da fala; Familiaridade ao sotaque estrangeiro (Smith e Bisazza, 1982); Definição de Inteligibilidade- Smith e Nelson (1985) sugerem 3 termos: inteligibilidade (reconhecimento de palavras/elocuções), compreensibilidade (significado de palavras/elocuções) e interpretabilidade (capacidade de se identificar as intenções do falante- sentido

	<p>por trás da palavra/elocução); Bamgbose (1998)- refere-se aos autores (op. cit.) e afirma que inteligibilidade compreende uma série de fatores: reconhecer uma expressão, conhecer o seu significado e identificar o significado dessa expressão em um contexto sociocultural; Jenkins (2000): inteligibilidade: produção e o reconhecimento de propriedades formais de palavras/elocuições; habilidade de se produzir e reconhecer a forma fonológica; Field (2003)-inteligibilidade (até onde o conteúdo de uma mensagem pode ser reconhecido) e compreensibilidade (até onde a mensagem de um falante é compreendida, levando em conta alguns fatores, como vocabulário apropriado, uso correto da sintaxe, etc)- semelhante aos conceitos de Smith e Nelson (1985); Inteligibilidade é parte de compreensibilidade; Tomyiama (1980)-erros gramaticais podem afetar a comunicação; Wang (1987)- erros lexicais podem afetar a inteligibilidade;</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>O desvio produzido na palavra culture, afetou mais significativamente a inteligibilidade da fala das graduandas; A familiaridade dos ouvintes com o falar em inglês dos brasileiros facilitou a compreensão da fala das graduandas – a dificuldade em pronunciar o /th/-everything; e a omissão no /i/ em happy (hep); A compreensão dos vocábulos também se refere à maneira como a pessoa (ouvinte) fala tal palavra; Familiaridade com a pronúncia do vocábulo “culture” entre brasileiros, o que foi algo ininteligível para os falantes nativos; A familiaridade do ouvinte com um falante em particular pode contribuir para que haja inteligibilidade; O grupo de ouvintes nativos teve mais dificuldade em entender a fala de um grupo particular de aprendizes brasileiros de ILE; Assim, faz-se importante que o professor de LI tome conhecimento de aspectos de pronúncia que podem afetar a inteligibilidade da fala para diferentes grupos de ouvintes. É preciso estabelecer critérios de avaliação de pronúncia.</p>
<b>TEMA</b>	Inteligibilidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Simpósio
<b>AUTOR (ES)</b>	SANTOS (2007)/UERJ
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Relações culturais internacionais e teoria crítica: estudando a legitimação do inglês como língua internacional
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir como uma cultura se impõe sobre as outras e conquista legitimidade para ser considerada internacional/universal
<b>METODOLOGIA</b>	Estudo teórico sobre as relações culturais internacionais
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Gramsci- inspirou a formulação de teorias sobre as Ris. Estado/sociedade- manter uma boa imagem aos seus pares- garantia de respeito na sociedade internacional (Nye, 2003); Diplomacia cultural- exportação de sua cultura (Lessa e Suppo, 2004; Mitchell, 1986; Morgenthau, 1992)- Ex: EUA; Mattelart (2002)- expansão da cultura norte-americana foi possibilitada pelo surgimento dos mecanismos de comunicação em massa; Aculturação: conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos e culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos culturais iniciais de um ou dos dois grupos” (Herskovits, 1963); Influência cultural norte-americana, pós segunda guerra mundial (Ortiz, 2005); Americanismo (mito dos EUA promover/difundir os ideais democráticos/liberdade pelo mundo) diferente de Imperialismo cultural (alienação de outras culturas decorrida da difusão dos costumes norte-americanos); Novo modo de interpretar o mundo: expansão política/econômica da potência (Mattelart, 2002; Ortiz, 1998); LI- é um caso bem sucedido de localismo “globalizado” (Santos, 2001); Para a compreensão da RI, há 3 categorias de forças potenciais: idéias (significados intersubjetivos, valores compartilhados/ conflituosos) capacidades materiais (potencial produtivo/destrutivo) e instituições (ferramentas para estabilizar a ordem) (Cox, 1981); O capitalismo norte-americano como hegemônico internacionalmente; Schiller (1976)- multinacionais como principais agentes de dominação cultural hodierna (atual). Revolução passiva- absorção da hegemonia externa em processo de expansão (Cox, 1983, Morton, 2003c); A história do ILI começa após a 1.Guerra Mundial; ILI- utilizada por pessoas de diversas origens, para comunicação; Ortiz (1998)- a mundialização do inglês é compreendida como</p>

	diglossia-convivência de duas línguas na mesma sociedade- em escala mundial; Bourdieu (1999)- língua como instrumento de comunicação/poder; Inglês como capital cultural- e portanto, legítimo; Língua do Progresso (Paiva, 1998); Phillipson (1992)- status atual do inglês: fruto da expansão política/econômica dos países que o têm como língua materna. Investimentos do governo americano para o ensino de inglês dentro e fora do país; 1959- estadunidenses em parceria com os britânicos para o ensino da LI; A atividade transnacional dos profs como uma importante ferramenta de difusão da língua; (TESOL).
<b>RESULTADOS</b>	A expansão do inglês pelos norte-americanos não foi um mero acontecimento do acaso; Aprendizagem da língua devido a sua importância; Não só as políticas norte-americanas foram responsáveis pela difusão do inglês, mas sim as nações interessadas em aprendê-lo e colher frutos desse aprendizado; Expansão do modelo capitalista ⇔ expansão do idioma; O inglês como língua hegemônica nas RI atuais.
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	REIS; CRUZ (2010)/Universidade Federal de Campina Grande
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	(Un)intelligibility in the context of English as a Lingua Franca: A study with French and Brazilian Speakers
<b>OBJETIVOS</b>	Investigar os aspectos que impediram a inteligibilidade entre três falantes brasileiros/ franceses de inglês; Verificar como os fatores identificados são abordados no modelo de pronúncia fornecido por Jenkins (2000)
<b>METODOLOGIA</b>	Respondentes: 6 falantes não-nativos de inglês (3 brasileiros e 3 franceses); Inglês como meio de comunicação; 5 interações gravadas entre Fev/2007 e Fev/2009; Foram analisadas os excertos que apresentavam quebras de comunicação; Entrevistas para obter explicações dos participantes sobre os problemas de comunicação nas interações; Logo após, vem a transcrição dos dados; As comunicações eram improvisadas- o pesquisador levantava a temática a ser abordada pelos participantes; Inteligibilidade foi analisada como a primeira impressão/reação do ouvinte; 9 excertos foram escolhidos para análise; Divididos em 4 categorias: a) consoantes; 2) vogais; 3) ditongos; 4) consoantes e vogais.
<b>REF. TEÓRICO</b>	ILF: meio linguístico de comunicação entre pessoas de diferentes línguas maternas, para quem o inglês é uma segunda língua (SAMARIN, 1987 apud SEIDLHOFER, 2004); ILF- mudança nos objetivos e necessidades dos aprendizes; Jenkins (1998)- a motivação para o aprendizado de inglês, recai, na maioria dos casos, no desejo de se comunicar com outros falantes não-nativos; Field (2003): a inteligibilidade compreende falantes e ouvintes no ato comunicativo; Seidlhofer (2005)- necessidade de um estudo sistemático da natureza do ILF; Jenkins (2000)- modelo fonológico-ênfase nos aspectos de pronúncia considerados essenciais/desnecessários para a inteligibilidade mútua; Mudança no ensino de pronúncia; Field (2003)- inteligibilidade- a extensão para a qual o conteúdo da mensagem é reconhecível; existem alguns fatores que contribuem para a inteligibilidade ou não entre falante/ouvinte; Familiaridade do ouvinte com a variedade do falante- importante para este estudo; Problemas de pronúncia com a consoante final, algumas vogais, ditongos (ai, ei, ou), vogais e consoantes. Jenkins (2000)- para a autora, as consoantes são importantes para a compreensão mútua, exceto /θ/ e /ð/; As vogais também são importantes (curtas e longas), exceto a diferença entre /e/ e /æ/; o som da vogal /ɪ/ na palavra <i>reactions</i> (não está incluso no LFC); ditongos; consoantes e vogais (could).
<b>RESULTADOS</b>	Os dados obtidos pelos pesquisadores mostram estar de acordo com o modelo fonológico de Jenkins (LFC, 2000); O quesito familiaridade com o sotaque do ouvinte/falante também pode contribuir para que a comunicação seja inteligível.
<b>TEMA</b>	Inteligibilidade
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	FESTINO (2011)/UNIP

<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	The importance of the literary text in the teaching of English as an International Language
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir a importância das narrativas literárias para o ensino de inglês
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	O texto literário como meio para a reflexão crítica; Ahmad (2007): a língua inglesa tomou uma forma particular em cada região onde se instalou; As variedades de ingleses se espalharam tanto dentro da Grã-Bretanha, quanto pelo mundo; Inglês como língua da dominação/resistência; O inglês pertence a todos que o utilizam; Mais do que um processo de desnacionalização, o inglês representa um processo de renacionalização; Exposição aos ingleses= exposição às diferenças linguísticas e culturais; McKay (2002): relação entre língua e cultura: reconsideração do ensino/processo de aprendizagem de inglês; O texto literário como mais eficiente no cruzamento de fronteiras linguísticas/culturais (Chamberlin, 2004); Faz-se necessário observar nossa cultura e relacioná-la a do outro; A história providencia um significado referencial, conectando a palavra com o mundo (Freire, 2005); Escritor nigeriano Ken Saro-Wiwa (1985)- Sozaboy: A Novel in Rotten English- tendência de um escritor pós-colonial- narrar a dura realidade de seu povo. LI- uma língua híbrida para uma nação híbrida; Nos trechos do texto, percebe-se o uso do inglês vernáculo (inglês nativizado) e do padrão (Gunn, 2008); Não há definição de LI
<b>RESULTADOS</b>	Língua não é um sistema abstrato/universal; Língua como instrumento de poder, ferramenta de inclusão/exclusão entre as culturas; Língua como prática linguística e sócio-cultural; O uso de narrativas literárias contribui para uma reflexão crítica, sendo o vocabulário e a sintaxe ensinados como prática culturalmente situada; Entender a cultura do outro por meio de suas próprias lentes.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	ANAIS
<b>AUTOR (ES)</b>	SILVA, E. R. da (2011)/UNICAMP
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O conceito de "World Englishes" em um livro didático de inglês utilizado na escola pública
<b>OBJETIVOS</b>	Discutir como o conceito de World Englishes (Kachru, 1985, 1990; Rajagopalan, 2004, 2005) está sendo incorporado em materiais didáticos de inglês como LE produzidos no Brasil
<b>METODOLOGIA</b>	Análise de um livro didático amplamente utilizado em escolas da Rede Pública de Ensino (Ferrari e Rubin, 2000), com o objetivo de: (i) compreender como a indústria brasileira de livros didáticos de inglês incorporou ou está incorporando o discurso do WE aos materiais produzidos; e (ii) discutir as possíveis implicações da abordagem do tema pelo livro didático para alunos e professores; 24 Unidades para as 3 séries do Ensino Médio; 2 das 24 Unidades apresentam a temática do papel da LI na atualidade.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Wardhaugh (1987)- a expansão da LI como 2 forças antagônicas: a) a neutralidade ideológica a partir de seu status como LF e b) interesses políticos/econômicos de países como os EUA/Inglaterra e à perpetuação de desigualdades econômicas; LI como repertório linguístico para as comunidades locais (Canagarajah, 1999; Moita Lopes, 2008; Pennycook, 2007, 2010); World Englishes, como uma outra língua (Kachru, 1985; Rajagopalan, 2005)- pertence a todos que a usam (inglês local) e não mais aos falantes nativos do inglês padrão.
<b>RESULTADOS</b>	Elementos verbais e não-verbais corroboram a ideia da existência de ingleses locais e não somente das variedades padrões- americana e britânica; O texto presente no livro mascara as realidades linguísticas dos países mencionados (EUA, Reino Unido, etc); As variedades apresentadas no livro didático remetem-se à americana/britânica- forte vínculo da LI com a Inglaterra/EUA; Representação dos EUA como um país monolíngue/monocultural (Silva, 2003); Não há referência a fatos históricos sobre o estatuto alcançado pela LI; O LD não assume de fato o conceito de WE; No imaginário brasileiro ainda prevalece o vínculo inglês –EUA/Inglaterra.

<b>TEMA</b>	Materiais didáticos
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Artigo
<b>AUTOR (ES)</b>	GONÇALVES E MOTTER (2012)/UFSC
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Sobre o ensino de língua inglesa no contexto global: Língua Franca, Hibridismo Linguístico e Homogeneização Cultural
<b>OBJETIVOS</b>	Analisar aspectos da LI como língua internacional e questões referentes ao inglês como idioma global
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	TCD- Tecnologias de Comunicação Digitais; Inserção e Navegação em contextos virtuais (Dal Molin, 2003); Sociedade tecnológica (Motter et al., 2009); Catapan (2003)- o sujeito integrante do processo de informatização começou a atuar no ciberespaço- o uso do inglês como forma de comunicação neste, criando novas identidades; LI- processo de troca que ocorre com o indivíduo (recebimento do conhecimento em troca de seus valores sócio-culturais); Língua global (Crystal, 2008)- a LI desempenha um papel especial nos países em que coexiste; Língua global= língua internacional (abordagens similares para percepções acerca do inglês em contextos mundiais); Costa (2004): a homogeneização cultural não implica no desaparecimento das diferenças, hábitos, necessidades locais. Há uma mistura, uma heterogeneidade de produtos, ideias, comportamentos, etc. A cultura local não está subordinada às intervenções culturais estrangeiras, mas pode se adaptar a elas; Costa (2004)- cultura global parte de diversos países, sem ter um foco principal; Rajagopalan (1999)- Hibridismo Linguístico: influência entre as línguas, miscigenação linguística; Seidhofer (2004)- ILF: qualquer meio linguístico de comunicação entre pessoas de diferentes línguas maternas, para as quais o inglês é a segunda língua. Língua restrita aos não-nativos; ILI- presente em territórios onde o inglês é a primeira língua, em maioria, ou uma segunda língua oficial; Os meios de comunicação eletrônicos, como o e-mail, podem servir de legitimação dessas ocorrências variacionais (Bamgbose, 2001);
<b>RESULTADOS</b>	As TCDs influenciam sobremaneira a expansão do inglês no mundo; Propicia contato com diferentes saberes, diferentes formas de cultura e diferentes variantes da língua; É necessário ver a escola como âmbito de pluralização linguístico-cultural – o professor pode propor atividades informatizadas que atraiam a atenção do aluno dentro da sociedade portadora da cibercultura.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>NATUREZA DO TRABALHO</b>	Dissertação
<b>AUTOR (ES)</b>	SILVA, J. M. da (2012)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Implicações culturais e didáticas do inglês como língua internacional: o livro didático
<b>OBJETIVOS</b>	Analisar os aspectos culturais, bem como seu tratamento didático, em uma coleção de livros didáticos de inglês desenvolvidos para atender os critérios do PNLD (produzida por autores brasileiros e destinada à professores do Ensino Fundamental II); Verificar se as questões sobre a expansão da língua inglesa no mundo, a necessidade do falante possuir uma competência intercultural (Byram, 1997), influenciam de alguma forma a produção dos LDs.
<b>METODOLOGIA</b>	Análise qualitativa; Pesquisa bibliográfica sobre a LI e seu papel no Brasil e no mundo; Leitura de documentos oficiais, para verificar a presença de diretrizes para trabalho com cultura no ensino de LEs (PCN-LE), bem como na elaboração de LD (edital e guia do PNLD-LEM-2010/2011); Análise do LD- (Links - English for teens), procedimento quantitativos e qualitativos. Categorias de análise do LD (Risager, 1991).
<b>REF.</b>	ILI- desvinculação entre a língua e os espaços geográficos restritos a países ou

<p><b>TEÓRICO</b></p>	<p>nações específicas, passando o idioma a ser apropriados nos mais diversos contextos e para diferentes propósitos; Franchi (2006)- a linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências; é pela linguagem que se reproduz o processo dialético; Santos (1994)- cultura é um produto coletivo da vida humana; Edgar Morin (2002)- cultura: conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade; Kramersch (1998)- modo de ver e relacionar-se com o mundo; Para o autor, a língua expressa, incorpora e simboliza a realidade cultural; Língua e cultura- dotadas de uma dinâmica- e não produtos acabados, fechados, etc. Logo há espaços para a ação dos sujeitos/para mudança; Crystal (2003)= 1,5 bilhão de falantes de LI; Pesquisa sobre o inglês em 2 vertentes (Pennycook, 1994)- World English- aspectos estruturais para manter o padrão (estabelecimento de um padrão que garantiria a inteligibilidade (Jenkins, 2006)); World Englishes-descrição das variedades de inglês, importância de reconhecê-las como legítimas (Kachru, 1985); Brumfit (2001)- a propriedade da LI está com quem a utiliza; Nomenclaturas do inglês: McArthur (2004)- world English (língua mundial- padrão- ou conjunto de todas as variedades e usos da LI); Língua global- Crystal (2003)-caso único, dadas as proporções de falantes de LI como língua materna, segunda língua ou LE, porém, não são todos que dominam esta língua; O termo internacional ganhou notoriedade no campo do ensino de LI, nos anos 1980- destaque ao uso do inglês entre pessoas de diferentes nações, falantes nativos de inglês ou não (McArthur, 2004)- perspectiva de que a língua pertence a todos os seus falantes; interação entre pessoas de diferentes nações ou culturas que usam diferentes línguas maternas; A autora adota o termo ILI, por melhor expressar o que o inglês representa hoje (ILF); O fenômeno da disseminação da LI se dá de forma complexa no Brasil; LI como adicional para interações internacionais; Existe uma valorização da mesma no mercado linguístico-cultural brasileiro; Kramersch (1998)- assim como as línguas, as culturas não são homogêneas, mas constituídas pelas relações de diversas comunidades discursivas; A questão central é: como usamos a língua e como nos posicionamos em relação a nossa própria cultura e a do outro; Cultura e língua = não estáticas, constituídas de processos de renegociação de significados e valores; Rajagopalan (2003)- língua: expressão da identidade de quem dela se apropria; Graddol (2006)- a LI teria se tornado uma das habilidades fundamentais a serem desenvolvidas pelo EB; A cultura é relevante no ensino de línguas- uma vez que é mediada, interpretada e registrada pela língua. A língua expressa, incorpora, simboliza a realidade cultural; A autora discorre sobre metodologias de ensino de línguas; A dimensão cultural muitas vezes funcionou como pano de fundo- o ensino de línguas foi muito influenciado pela teoria de atos de fala e pela análise do discurso, predominando o aspecto linguístico (Byram, 1997); É importante manter e expressar nossa identidade cultural ao aprendermos e nos comunicarmos em outras línguas; É preciso estar disposto a comunicar-se através das diferenças; Competência comunicativa intercultural (Byram, 1997)- expressão dos próprios valores culturais e reconhecimento e respeito pelos valores de outrem; O documento referente ao QECR-adota um posicionamento plurilíngue/pluricultural (contribui p/ o desenvolvimento da competência comunicativa e intercultural (conhecimento e habilidade para interagir com o outro) do indivíduo); É importante conhecer a própria cultura e agir a partir desta, além de buscar o conhecimento sobre outras; O PCN defende uma concepção plural de cultura e não homogênea; a língua inglesa foi adotada como primeira opção devido aos fatores históricos; Este documento limita as possibilidades de desenvolvimento linguístico do aluno; Seidlhofer (2003)- ILI e não Inglês internacional, pois o foco está em seu uso entre nativos/nativos, nativos/não-nativos/ não-nativos/não-nativos; É preciso reconhecer a pluralidade da LI – reconhecer a realidade para além da simples distinção americano/britânico; O ensino de LI foi pautado na aproximação à realidade sociolinguística americana/britânica; McKay (2002)- importante que os indivíduos partilhem suas ideias e cultura, por meio da ILI; Forsman (2006,</p>
-----------------------	---

	<p>2010)- distanciamento do aluno de sua própria perspectiva, antes de adotar outra, no que tange a dimensão cultural; Kramsch e Sullivan (1996)- pedagogia de apropriação: a língua e as práticas pedagógicas são apropriadas por professores/alunos, segundo suas necessidades e realidades; O aluno deve ser consciente da diversidade cultural, para além dos estereótipos (Freire, 1979); LD=objeto pedagógico/ produto cultural/mercadoria (situa-se na interseção de 3 grandes áreas=educação, cultura e mercado); Nogueira (2007)- preferência das escolas particulares por livros importados;</p> <p>Byram (1997)- é possível/desejável o equilíbrio entre as duas perspectivas na abordagem cultural (cultura específica/geral); o EILI deve incluir os 3 tipos de cultura identificados por Cortazzi e Jin (1999)- p/ desenvolver a competência intercultural do aluno; O PNLD propõe que o LD propicie o desenvolvimento das competências linguística, comunicativa e cultural dos alunos;</p> <p>LD- temas voltados para cultura (12,8%) e temas transversais sobre ética e cidadania (66,6%); O LD apresenta uma neutralidade social/cultural; A inclusão de aspectos culturais não é vista como um objetivo central voltado para o desenvolvimento da competência cultural dos alunos; As referências à cultura local e internacional são quase sempre usadas para contrastar a cultura-alvo; A maioria das seções apresenta conteúdos aparentemente neutros; As que trazem uma abordagem cultural específica focam na cultura de origem; As informações sobre as referências culturais são dotadas de superficialidade.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>É baixa a quantidade de seções com referências a culturas específicas, e quando esta aparece inclui a cultura-alvo; EUA se equipara ao Brasil em termos de referência cultural; Predominância da perspectiva ocidental; Poucas vezes são apresentadas relações interculturais enquanto diferença; A coleção ignora questões de variedade linguística; O aspecto é tomado de forma generalizante no LD; Existe uma tentativa de reconhecer a LI como internacional, embora a presença do Brasil e EUA esteja marcada de forma equilibrada no livro; O desenvolvimento da competência intercultural não representa o foco desta coleção didática (grande foco na cultura local); Falha na adoção do enfoque intercultural; Faz-se necessária a inserção de uma maior quantidade de referências culturais específicas; Destaca-se como problema a neutralidade sociocultural; O trabalho com a interculturalidade mostrou-se superficial/inconsistente (o prof precisa realizar esforços para compensar a ausência de atividades).</p>
<b>TEMA</b>	Materiais didáticos
<b>Resumo dos Trabalhos detectados dentro da temática de ILF nos Periódicos Brasileiros</b>	
<b>PERIÓDICO</b>	Revista DELTA PUC/SP
<b>AUTOR (ES)</b>	MOITA LOPES/UFRJ (2008)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês e Globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia Linguística para Tempos Híbridos
<b>OBJETIVOS</b>	Contribuir na elaboração de uma ideologia linguística para os tempos híbridos em que vivemos; Compreender como a língua passou a ser referida como “inglês global”. Entender como esta língua franca tem o potencial de hibridização de outras línguas.
<b>METODOLOGIA</b>	<p>Interpretação de 3 histórias:</p> <p>1) Culto em inglês no RJ, no qual a maioria das pessoas que iam, não entendiam a língua;</p> <p>2) Valorização das publicações em inglês, frente àquelas em língua nacional;</p> <p>3) Filme “Tartarugas podem voar”- um garoto perito em LI e tecnologia auxilia a comunidade na compreensão das notícias da guerra no Iraque.</p> <p>Análise de trocas de e-mails (no mesmo e-mail havia uma mescla de português, espanhol e inglês);</p> <p>Análise de raps em português (palavras em inglês mescladas com o português);</p>
<b>REF. TEÓRICO</b>	LI ainda como uma língua missionária (Pennycook e Markoni, 2005; Pennycook e Coutand-Marin, 2003); Fenômeno de silenciar algumas línguas- lingüicismo (Phillipson, 2002, 2003); Algumas línguas são subalternas no campo da pesquisa (Mignolo, 2000); Ideologia linguística (Kroskrity, 2004)- crenças ou sentimentos sobre línguas, conforme são usadas nos mundos sociais (dessas línguas); Os grupos de pessoas não são mais homogêneos do ponto de vista

	<p>cultural (Appadurai, 1991); A LI ajudou/ajuda a construir um império, além de ser um império em si mesma (Moita Lopes, 2005); Para Graddol (2006) é necessário rever a os modelos de ILE com que operamos, pois a aprendizagem de inglês passa a ser entendida em muitas partes do mundo, como um dos conhecimentos constitutivos da EB; Canclini (1997, 2005)- é necessário considerar como o inglês funciona em nossas sociedades e culturas híbridas e desiguais; O uso do inglês pode ser o espaço para a heterogeneidade discursiva (Moita Lopes, 2003) – construir diálogo com a vida local; Venn (2000)- globalização: construção do ocidentalismo; Jameson (1998)- globalização- conceito comunicacional que alternativamente mascara e transmite significados culturais e econômicos; Globalização da exclusão/perversa; Giddens (2000)- globalização- via de mão dupla na qual a porosidade das fronteiras permite que os discursos não-hegemônicos também influenciem a vida em países hegemônicos;</p> <p>Hardt e Negri (2000)- entendem que o Império (descentrado) pode ser caracterizado pela ausência de fronteiras territoriais que limitem o seu espaço, pelo não envolvimento em conquista de um território, pelo exercício de poder sobre a vida das pessoas; EUA- ocupa uma posição entre imperialismo e Império; Diferente de Império= Multidão- resultado dos fluxos e intercâmbios globais entre pessoas de fronteiras espaciais e globais; Santos (2000) e Boaventura de Souza Santos (2004) deixam claro que as alternativas estão no sul (vozes do sul); Mignolo (2000)- necessidade de construir o pensamento das margens- recriar/reconstruir os designs globais por meio das histórias locais; Visão performativa da linguagem (Foucault, 1995)- alternativa para lidar com os designs globais em termos de quem somos em nossas histórias locais- reinventar a vida social; Kachru (1985) teve uma importante representação no que se refere às variedades por meio das quais a LI é utilizada; porém, é mais válido pensar em termos de quem é o falante e o seu nível de proficiência (Canagarajah, 1999; Pennycook, 2003); Valorização do prof não-nativo de inglês (Graddol, 2006); Estar na fronteira= para além dos limites de uma língua nacional específica; Identidade construída no atravessamento de fronteiras (Anzaldúa, 1999).</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>ILI passa a ser compreendido como uma língua de fronteira da qual as pessoas se apropriam para agir na vida social (não como uma mímica de designs globais, mas sim, na expressão de performances identitárias); Deve haver uma negociação entre vida local e designs globais; Inglês global= língua descentrada; Faz-se necessário buscar outra globalização, a fim de recriar uma anti-hegemonia nos fluxos da fronteira.</p>
<b>TEMA</b>	Discussão da língua inglesa no contexto da globalização
<b>PERIÓDICO</b>	Revista Delta PUC/SP
<b>AUTOR (ES)</b>	SALOMÃO (2011)UNESP
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Vizinhança global ou proximidade imposta? Impactos da comunicação intercultural mediada por computador sobre o papel da cultura no ensino de língua inglesa
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Explicitar a visão de cultura presente nos conceitos de competência comunicativa e competência intercultural; Discutir a necessidade de reformulação do componente cultural no ensino/aprendizagem de línguas, a fim de explorar a complexidade advinda do pragmatismo dos encontros interculturais na contemporaneidade.</p>
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta (Revisão Bibliográfica)
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Vizinhança global= proximidade imposta (Tomlinson, 1999 apud Kumaravadivelu, 2006); Tensão entre homogeneização e heterogeneização (Appadurai, 1996; Robertson, 2003); Gimenez (2008): cultura ensinada como diferença, não é o mesmo que características nacionais; há variedade de fatores relacionados à idade, gênero, origem regional, background étnico e classe social; Bennett (2002 apud Cantoni, 2005:46), a comunicação intercultural é a “interação que ocorre quando o enunciado de um membro de uma determinada cultura deve ser recebido, interpretado e compreendido por um outro indivíduo pertencente a uma cultura diferente; Moran (2001)- o conceito de cultura se mostra extremamente complexo, colocando-se numa</p>

	<p>interseção de campos acadêmicos; Moran (2001)- cultura como civilização (caráter ideológico/político claro, visando à identidade de um determinado povo); Hall (1959)- cultura como comunicação-linguagem verbal/não-verbal, a qual inclui uma variedade de formas; Kohls e Knight (1994)- conceito genérico-tendência à homogeneização de um determinado grupo, que pode ser relativizado por meio da conscientização; Moran (2001)- cultura como comunicação intercultural-habilidade de entrar em outras culturas; Cultura como a interação entre grupos e comunidades, na competição por poder/autoridade/domínio=não homogeneiza os diferentes grupos étnicos e classes sociais; Cultura: construção dinâmica entre pessoas-consiste em valores, significados e crenças que as pessoas criam em circunstâncias sociais; Cultura: psicologia evolucionária- cultura como aspectos universais a todos os membros da humanidade; Competência comunicativa- Hymes (1976)- a importância do contexto sociocultural (presente na interação social) na aquisição da linguagem; Abordagem comunicativa adotou a competência comunicativa como justificativa teórica p/ o ensino comunicativo de línguas; Canale e Swain (1980)-diferentes competências abarcadas na competência comunicativa: a) competência gramatical; b) competência sociolinguística; c) competência discursiva; d) competência estratégica; Savignon (1983)-competência comunicativa: proficiência funcional da língua; Bachman (1990); Bachman e Palmer (1996): competência linguística (organizacional/pragmática); competência estratégica (conhec. sociocultural); mecanismos psicofisiológicos (processos neurológicos/psicológicos); Celce-Murcia (2007): competência linguística/estratégica (estratégias comunicativas para a negociação de significado/ sociolinguística/discursiva/ e acional = habilidade de compreender e produzir atos de fala significativos (comp. Formulaica=blocos de língua fixos e pré-fabricados amplamente usados em interações cotidianas; Interacional= comp. Acional, conversacional e paralinguística; Comp. Sociolinguística→ sociocultural (diversas variáveis); Competência gramatical-comp. linguística; Competência Comunicativa Intercultural (Byram, 1997)- dimensão cultural dentro da comp. comunicativa – habilidade de transitar de uma cultura a outra; Língua como dinâmica, social e culturalmente compartilhada; --&gt;saber ser/conhecimento são conhecimentos para o sucesso da comunicação; habilidades necessárias: saber compreender, saber aprender, saber fazer e saber se engajar.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Necessidade de questionar a visão de cultura dentro da própria história do ensino de línguas; Faz-se necessário entender a cultura como híbrida, em movimento, dinâmica; Entender a relação entre língua e cultura; É preciso examinar de modo mais significativo, o impacto da “globalização cultural” no mundo atual; O título deixa a desejar, porque não focou no computador como facilitador da competência comunicativa intercultural, nem no ensino de língua inglesa, e sim, no ensino de línguas, no geral.</p>
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>PERIÓDICO</b>	RBLA
<b>AUTOR (ES)</b>	DUBOC (2011)/USP
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Redesenhando currículos de língua inglesa em tempos globais
<b>OBJETIVOS</b>	Refletir acerca de duas propostas curriculares para o ensino de LI na EB brasileira diante das recentes transformações das sociedades contemporâneas (análise de suas epistemologias e suas interfaces com questões globais).
<b>METODOLOGIA</b>	Estudo comparativo entre dois documentos curriculares: OCEM-LE (âmbito nacional; Menezes de Souza; Monte-Mór, 2006) e a Proposta Curricular do Estado de SP – Inglês (Borges; Shimoura; Rodrigues; Hayama; Fidalgo, 2008); Investigação objetiva das epistemologias de ambos os documentos (apresentam diferenças epistemológicas).
<b>REF. TEÓRICO</b>	Novos letramentos interessam-se por compreender a nova base epistemológica digital, fundamentada por um novo entendimento de língua/conhecimento; Para Kress (2000, 2003), os aportes teóricos de que sempre dispusemos não respondem à base epistemológica emergente (pensar o novo e o antigo sob um novo viés); Preocupação em transpor a reconceituação de língua para a prática;

	<p>Compreender o “modus operandi” da sociedade como uma totalidade histórica num processo de desconstrução das premissas do senso comum (novas teorias de letramento); Lankshear e Knobel (2003)-necessidade de pensar novas habilidades de produção de sentidos em resposta à epistemologia digital; Cope e Kalantziz (2000)- multiletramento- multiplicidade dos usos da linguagem; Kress (2000, 2003)- multimodalidade nos processos de significação; Necessidade de pensar um currículo de línguas estrangeiras que pudesse abarcar essa noção ampliada de língua, responder às demandas globais e ainda preservar sua constituição curricular; OCEM-LE: proposta pedagógica tecida por gestores, acadêmicos e professores na tentativa de responder às recentes educacionais (Conjunto de sugestões); Proposta Estadual (SP)- documento organizador do ensino, por meio do estabelecimento de objetivos comuns a serem seguidos pelas escolas da educação básica (construir uma unidade dos conteúdos indispensáveis ao aluno)- conjunto de conteúdos; OCEM-LE- negação da língua como estrutura, expandindo esta concepção para além da abordagem instrumental; Pela mesma ótica, a Proposta Estadual, acaba por eleger o letramento como sua orientação pedagógica; Língua como construção social (Bakhtin; Volochinov, 2004); OCEM-LE: língua como sistema de construção de sentidos; letramento como prática social; Cabe à cada realidade escolar definir os conteúdos que considera relevantes para suas necessidades locais; A Proposta Estadual se difere das OCEM-LE: apresenta os conteúdos mínimos a serem aprendidos ao final da EB nas escolas de todo o estado; Letramento- Nas OCEM-LE: Letramento como prática social; Proposta Estadual: Letramento como formas e usos da língua (foco nas características linguísticas do texto); OCEM-LE- letramento para além do reconhecimento e manuseio dos gêneros textuais (Proposta Estadual)- a tecnologia de escrita precisa ser inserida à cultura do sujeito leitor; Habilidade de Leitura- OCEM-LE- tendência ao letramento crítico- ênfase à elucidação de questões sociais (BURBULES; BERK, 1999), (diferentemente da Proposta Estadual); É a epistemologia que fundamenta um currículo como proposta engajada com o global e o local, e não sua disposição espacial; Brydon (2008a)- conceito de comunidade- pressupõe uma significação mais ampla e complexa do local; OCEM-LE- prima pela livre escolha de cada realidade escolar- não-homogeneizante; diferentemente da Proposta Estadual que se faz limitada “localmente” para o Estado de SP- porém não prioriza o local, cada realidade escolar; modelo homogeneizante de currículo; Snyder (2008)- necessidade de encontrar um equilíbrio entre regulamentações de âmbito nacional e autonomia de currículo.</p>
<b>RESULTADOS</b>	OCEM-LE- proposta interessante: orientações globais (gerais para toda a nação), cabendo à escola desenhar seus próprios quadros de conteúdo; A autora conclui que vê a proposta de âmbito nacional (OCEM-LE) favorável, porém alguns aspectos precisam ser pensados/esclarecidos: Sua complexidade conceitual, sua alta dependência do trabalho local, seu caráter “desorientador”.
<b>TEMA</b>	Currículo de LI
<b>PERIÓDICO</b>	Trabalhos em Linguística Aplicada/UNICAMP
<b>AUTOR (ES)</b>	RAJAGOPALAN (2009c)/UNICAMP
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A exposição de crianças ao inglês como língua estrangeira: o papel emergente do World English
<b>OBJETIVOS</b>	Foco na aquisição da linguagem por crianças em contextos sociais multilíngues e suas implicações para a aprendizagem de línguas de um modo geral
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Pensamento de que as crianças são idealmente criadas em ambientes monolíngues- discurso da normalidade monoglota/monolíngue (Love, 2009); Porém, o número de pessoas bi/multi/língues faz-se muito maior, principalmente devido aos movimentos populacionais decorrentes da globalização; Ambientes de aprendizado de línguas: socialmente multilíngues;</p> <p>Realidade multilíngue: Londres, por exemplo; Multilinguismo individual- tipicamente visto como uma qualidade, uma marca de inteligência superior; multilinguismo social: a sociedade regendo suas atividades com o auxílio de 2 ou mais línguas-é geralmente visto como um problema social, ou como um</p>

	<p>impeditivo para o progresso econômico e estabilidade (Rajagopalan, 2007a); É importante saber quando utilizar uma língua e quando utilizar outra, em sociedades multilíngues; World English- hibridismo como traço característico; O hibridismo linguístico sempre esteve presente na LI (Rajagopalan, 2010?); Há ainda a necessidade de desmascarar a figura mítica do falante nativo e visar o empoderamento dos profs não-nativos ao redor do mundo (Rajagopalan, 2005b); Sobre os materiais didáticos de inglês, ainda há um sentimento relutante em abandonar aqueles produzidos nos moldes do falante nativo (Mckay, 2006). Porém, pesquisas mostram que os conteúdos propostos nestes livros representaram fator de desmotivação para estudantes de ILE (Sakai and Kikuchi, 2009); Cresce a natureza multilíngue e multicultural das trocas globais- repensar a natureza monolíngue e monocultural da educação linguística (Kramsch and Whiteside (2008); Sobre codificação linguística, o que realmente importa é a prontidão para a comunicação (a codificação não é pré-requisito para a comunicação); A criança não necessita do conhecimento da codificação da língua para produzir seus atos de fala (palavras, frases, etc).</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>World English- uma língua sem regras fixas, estas são negociadas, mesmo o jogo estando em progresso; O World English é algo completamente diferente do inglês; Uma nova língua, um fenômeno linguístico, pertence a todos que o falam. O artigo deixou a desejar, uma vez que não focou nas crianças como seu objeto, e sim, no World English como um todo.</p>
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>PERIÓDICO</b>	Calidoscópio/UNISINOS
<b>AUTOR (ES)</b>	ASSIS-PETERSON; COX (2007)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Relembrar 3 leituras para o fenômeno da globalização e inglês: leitura ingênua- expansão da língua como natural/neutra; b) leitura crítica: nacionalismo e anti-imperialismo; c) leitura crítica da leitura crítica: aponta os limites da posição anti-imperialista na nova ordem mundial</p>
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Phillipson (1992) afirma que a difusão do inglês no mundo constitui uma ameaça à vida de outras línguas/e ao multilinguismo; Pennycook (1994)- desconstrói o discurso que caracteriza a mundialidade do inglês como natural, neutra e benéfica, afirmando que há interesses britânicos e norte-americanos por trás disso; Para o autor, faz-se importante possibilitar ao aluno a apropriação da língua inglesa, a fim de formular contra-discursos aos discursos e práticas que promovem desigualdade/dependência; Canclini (1999)- globalização cultural protagonizada pela cultura norte-americana; Alvi (1996)- globalização como o triunfo do econômico- liberalismo e capitalismo- na versão estadunidense; Ortiz (2006)- inglês como língua mundial- sua mundialidade se dá no interior de um universo transglóssico habitado por outros idiomas; Os imperialismos se desequilibraram diante da nova ordem mundial (Ortiz, 2006); Mundializado, o inglês passa a ser um idioma desterritorializado; O inglês é atravessado por várias línguas maternas (português brasileiro, japonês, etc); Lévy (1999)- estamos vivendo a terceira etapa da história da comunicação e da cultura- a etapa do ciberespaço e da cibercultura; O autor ainda afirma que o inglês é a língua majoritária entre os internautas, porém a internet põe em circulação inúmeras línguas; Para as autoras, o inglês se faz imprescindível no tempo presente; A escola de idiomas apresenta um quadro colorido, enquanto que a escola pública é um espaço inadequado e ineficiente para o ensino/aprendizagem de LI; As autoras mostram alguns depoimentos de pais de alunos de escola pública (Dias, 2006), desvalorizando o ensino de LI nas mesmas, uma vez que os alunos “não aprendem”, ou “aprendem muito pouco”; É preciso ter consciência de que nem todos os cursos de idiomas oferecem um padrão de qualidade ao cliente-consumidor (mesmo sendo estes, os mais bem vistos pela sociedade em geral, em comparação à escola pública); As escolas de idiomas agora disputam mercado com cursos livres de línguas oferecidos por Universidades; Uma ameaça aos cursos de idiomas em geral pode ser encontrada nas escolas que oferecem um ensino bilíngue- assim, alunos das</p>

	classes mais abastadas já não precisam mais buscar nos cursos livres de idiomas a eficiência do ensino de inglês; Eleva-se ainda mais as diferenças entre o público que pode pagar e ter acesso ao ensino bilíngue e pais de alunos que estão fadados a não conseguirem proporcionar ao filho um curso de idiomas a par da escola pública.
<b>RESULTADOS</b>	É preciso sair do movimento de inércia, no qual boa parte das escolas públicas se encontra, e promover às crianças uma educação de qualidade-especialmente no que concerne a língua inglesa.
<b>TEMA</b>	Discussão da língua inglesa no contexto da globalização
<b>PERIÓDICO</b>	Ilha do Desterro/UFSC
<b>AUTOR (ES)</b>	SKYBINA (2006)/ Zaporizhye State Medical University
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	English across cultures: adapting to new realities
<b>OBJETIVOS</b>	Estudo dos mecanismos de adaptação da LI a novas realidades
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Skybina (1996)- a variabilidade crescente proporciona tanto a estabilidade, quanto a mudança linguística; Algumas pesquisas buscam elucidar como as línguas se ajustam, quanto estão sob pressão, resultando de requerimentos funcionais novos ou alterados (Coulmas, 1989), e como as comunidades adaptam suas línguas às necessidades comunicativas e como estas línguas sofrem o processo de adaptação (autor op. cit.); 2 formas de adaptação: artificial (atividade proposital) e natural (processo), sendo a primeira monitorada enquanto que a segunda normalmente não (Daswani, 1989); A artificial possui limites temporais, enquanto que a natural é um desenvolvimento contínuo; A artificial é solicitada para o ajuste linguístico, enquanto que a natural é sustentada pela transformação contínua do ambiente linguístico; Neste estudo, o termo adaptação natural designa o processo perpetuo da incorporação de novas entidades no sistema existente; 3 tipos de estratégia da adaptação natural: a) a primeira é acoplada quando a língua não possui um sentido para uma nova entidade; b) a segunda é aplicada quando novos aspectos da entidade precisam ser incorporados; c) a terceira é aplicada para reestruturar a unidade linguística, de acordo com as reavaliações das características das entidades; As 3 estratégias são fases consequentes de um processo integral; No momento em que as novas entidades são incorporadas, a língua restaura seu volume total de sua funcionalidade e reestabelece o equilíbrio; A inserção de uma entidade na língua não significa que o processo está completo, pois esta deverá se ajustar aos requerimentos de mudança; A língua inglesa passou por 3 processos de adaptação: primeiramente em sua própria "casa", devido às invasões nórdicas, a segunda faz referência ao período das explorações britânicas na América, África, Ásia; o terceiro momento é o atual, no qual o inglês se incorpora às culturas desconhecidas, às quais impuseram tarefas adicionais a sua adaptação; Inglês- inglês como língua nativa/segunda língua/língua estrangeira (Allerton, Skandera &amp; Tschichold, 2002; Kachru, 1990; McArthur, 2003)/ingleses (Bolton, 2003); Variedades nacionais de inglês: americana, canadense, australiana, neozelandesa e sul-africana; Pesquisa sobre a definição das palavras no inglês australiano/sul africano (Silva, 1996); A autora (Skybina, 2006) mostra o desenvolvimento do lexema "bush" no inglês australiano a partir do mesmo em inglês britânico (serviu de base semântica para aquele); O desenvolvimento das novas noções prova que estas possuem certa relevância na comunidade de fala; A adaptação linguística tem caráter permanente.</p>
<b>RESULTADOS</b>	A língua se modifica para atender a novas demandas e recuperar a sua estabilidade; O modelo apresentado da evolução semântica da palavra mostrou que não é um mecanismo de desenvolvimento, mas sim um fator perpétuo da língua; As variantes nacionais da LI devem ser percebidas como modificações culturalmente estipuladas da entidade linguística inicial.
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual
<b>PERIÓDICO</b>	Ilha do Desterro/UFSC
<b>AUTOR (ES)</b>	CRUZ (2008)/ Universidade Federal de Campina Grande
<b>TÍTULO DO</b>	Vowel insertion in the speech of Brazilian learners of English: a source of

<b>TRABALHO</b>	unintelligibility?
<b>OBJETIVOS</b>	Verificar se a inserção da vogal na fala de aprendizes brasileiros de inglês provavelmente representam uma fonte de ininteligibilidade
<b>METODOLOGIA</b>	Amostras contendo palavras com inserção de vogal foram apresentadas a 3 grupos de ouvintes: a) 25 ouvintes britânicos, vivendo na Inglaterra e que não possuem familiaridade com o sotaque brasileiro; b) britânicos (4) e americanos (8) residentes no Brasil (Paraíba- Campina Grande e João Pessoa) e com familiaridade ao sotaque brasileiro; c) um segundo grupo de britânicos (1) e americanos (7), também com familiaridade ao sotaque brasileiro. 10 Brasileiros (UFSC) foram entrevistados por um inglês; 30 amostras contendo desvios de pronúncia foram selecionados e apresentados aos grupos 1 e 2; O terceiro grupo ficou responsável por avaliar 11 amostras coletadas de 5 graduandos brasileiros de uma Universidade do Nordeste do Brasil (tiveram que discorrer espontaneamente sobre 2/4 assuntos). Os ouvintes tinham que escrever o que ouviam; logo após, tinham que dizer como reconheceram as palavras que haviam escrito.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Uma vogal extra geralmente é inserida no final das palavras em inglês (Macherpe, 1970; Lieff and Nunes, 1993; Baptista, 2001); A vogal /i/ obteve o maior número de ocorrências; Smith e Nelson (1985)- inteligibilidade: reconhecimento da palavra/do ato de fala (neste trabalho, a autora utilizou amostras- palavras- isoladas de seu contexto situacional); A variável envolvida na medição da inteligibilidade é a familiaridade com o sotaque estrangeiro, tendo esta variável demonstrado ser facilitadora para a compreensão do ouvinte (Gass and Varonis 1984; Smith and Bisazza, 1982; Derwing and Munro, 1997).
<b>RESULTADOS</b>	A vogal /ə/ se mostrou como um fator impeditivo da inteligibilidade, enquanto que a /i/ e a reduzida /i/ se apresentaram como mais inteligíveis aos ouvintes. Logo é possível sugerir uma ordem de inteligibilidade de inserção da vogal: da mais para a menos inteligível, inserida na posição final da palavra; Existe uma probabilidade da inserção de vogais nas palavras em LI serem aspectos impeditores do alcance da inteligibilidade, porém não é certeza. É necessário especificar o tipo de vogal inserida. A ordem de inteligibilidade poderia ser mais investigada em outros estudos.
<b>TEMA</b>	Inteligibilidade
<b>PERIÓDICO</b>	Linguagem e Ensino, UCPel
<b>AUTOR (ES)</b>	FIGUEREDO (2011)/UFG
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O falante nativo de inglês <i>versus</i> o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês
<b>OBJETIVOS</b>	Refletir sobre algumas representações em torno do falante nativo e não-nativo de inglês, para compreender as práticas discursivas de um prof de inglês e seus alunos
<b>METODOLOGIA</b>	Base nas diretrizes da pesquisa de cunho etnográfico; Estudo qualitativo (Spradley, 1980; Spindler e Spindler, 1992; Fetterman, 1998); Investigação contextualizada do comportamento comunicativo e cultural dos participantes dentro do curso Oral/Written Communication in English- (PUC/GO); 1 turma de avançado, contendo 7 alunos brasileiros e 1 prof de origem irlandesa; Gravações em vídeo, diários, questionários e entrevistas A autora discute apenas sobre os dados presentes nas gravações de vídeo.

<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Stern (1997) descreve alguns atributos do falante nativo (defendidos por Chomsky, 1965), como: a) conhecimento das regras de sua própria língua de forma intuitiva; b) utiliza de sua competência comunicativa espontaneamente; c) uso da língua marcado pela criatividade; A competência absoluta numa língua é falácia, mesmo se o indivíduo possui-la como primeira língua, ou morar desde seu nascimento no país onde ela é falada (Kachru; Nelson, 1996; Rajagopalan, 1997, 2002, 2004; Graddol, 1999, etc); Proficiência: depende da especificidade de cada contexto em que a língua é utilizada (Scaramucci, 2000);</p> <p>As pessoas possuem níveis de proficiência distintos, pertencendo a grupos sociais distintos (Rampton, 1990; Kramersch, 1998, 2001); LI- todos aqueles que a aprenderam a possuem e podem compartilhar dela- possuem o direito de utilizá-la da maneira que quiserem (Crystal, 2003); Chisanga e Kamwangamalu (1997) afirmam que o processo de apropriação do inglês se dá no momento em que a língua carrega o peso da experiência de seus usuários; Phillipson (2003)- o conceito de falante nativo confere aos países centrais benefícios políticos e econômicos; O mesmo autor ainda afirma que um prof não se encontra adequadamente qualificado a ensinar uma língua, por ser esta sua língua materna; Rajagopalan (1997, 2002, 2004)- o prof não-nativo possui vantagens por compreender as necessidades de seus alunos, por compartilhar a mesma língua materna; Widdowson (1994)- necessidade do aprendizado ser direcionado ao universo do aluno (questão de identidade)- esta possui implicações práticas para o processo de ensino/aprendizagem dessa língua (Higgins, 2003); McLaughlin (1978)-destaca a pluralidade do processo de aquisição de línguas, enfatizando que o indivíduo bilíngue não necessariamente os dois sistemas (bilinguismo simultâneo/sucessivo); Rampton (1990)- falante nativo= especialista; Kramersch (2001)- apropriação da língua/cultura: adoção da mesma e sua adaptação a seus próprios interesses; Sobre concepção do aprendiz, Bertoldo (2003) afirma que é por meio da eliminação das diferenças de sua fala e a do nativo que são geradas oportunidades de acesso à discursividade da língua-alvo; A prática discursiva de algumas falantes não-nativas/aprendizes de inglês se enquadram no conceito de falantes multicompetentes (Cook, 1992, 1999) da língua-alvo-conhecimento de 2 ou mais línguas, sistemas linguísticos que se entrelaçam.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>O prof Jack (irlandês), na discussão com os alunos sobre o curso de aperfeiçoamento da fala para Indianos nos EUA, destaca as demais variedades do inglês, e sua atuação global/local, sendo esta última responsável por expressar as identidades dos falantes de uma determinada comunidade; Durante a discussão, houve uma desconstrução da representatividade do falante nativo como detentor absoluto de todo o conhecimento de LI; Preocupação em representar o falante não-nativo de inglês, como um falante legítimo, que deve se preocupar com o desenvolvimento de sua competência linguística-comunicativa, sem se deter nos moldes do falante nativo; Necessidade de problematizar a dicotomia (nativo x não-nativo) nos mais variados contextos; Necessidade urgente de um diálogo dentro de sala de aula a fim de desconstruir concepções errôneas acerca das relações língua/cultura; língua/ideologias/língua e poder, etc.</p>
<b>TEMA</b>	Crenças e atitudes de estudantes de Letras e professores da rede pública

## APÊNDICE C

Resumo dos capítulos do Livro "Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores" de Gimenez; Calvo; El Kadri (2011)

<b>AUTOR (ES)</b>	Calvo e El Kadri (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços
<b>OBJETIVOS</b>	Apresentar um mapeamento de estudos brasileiros sobre ILF com intuito de construir um inventário de elementos constitutivos das pesquisas sobre a questão no Brasil, além de verificar avanços e lacunas (para possíveis pesquisas futuras).
<b>METODOLOGIA</b>	Buscas e consultas nas seguintes fontes: a) Banco de Dissertações e Teses da CAPES (2005-2009, pois os trabalhos de 2010 não estavam presentes), utilizando as seguintes palavras-chave: inglês como língua franca, inglês como língua internacional e inglês como língua global; Seleção dos trabalhos que abordavam mais diretamente a temática da ILF; Foram encontrados 2 resumos de Dissertações e 2 resumos de Teses; 1 Dissertação encontrada no site do Domínio Público; b) Google Acadêmico: (2005-2010, as mesmas palavras chave) – 6 trabalhos; c) Periódicos brasileiros da área de Letras/Linguística (2005-2010)- seleção daqueles com publicações no campo da LA, com foco no ensino-aprendizagem de línguas e na formação de professores (9 trabalhos); d) Anais de Eventos (2005-2010): 5 trabalhos.
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>LF-diferentes usos da língua na comunicação global; As mudanças nos padrões linguísticos e a maneira de considerar a língua trazem implicações também para os modelos educacionais; Canagarajah (2006)- o ILF pode facilitar a expressão de identidades e culturas locais e que talvez fosse necessário aceitar que as características e os efeitos de práticas linguísticas não podem ser descritos de maneira universal e absoluta; Apesar destas reflexões, o inglês ainda é visto em nível nacional como LE (vide documentos oficiais); Para Rajagopalan (2010), os países do círculo em expansão precisam seguir os passos dos países pertencentes ao círculo externo – reconhecer que a língua inglesa perde seu caráter de língua estrangeira e adquire novas formas e atinge o estágio de nativização;</p> <p>Sobre os estudos pesquisados: 1) Focos dos trabalhos: a)Ensino da LI a partir de seu estatuto como LF: Siqueira, 2008; Salles e Gimenez, 2010; Gimenez, 2009; Longaray, 2009; Crepaldi, 2006); b)Formação Inicial de Professores de LI, considerando o seu estatuto de LF (Salles e Gimenez, 2008; Nunes, 2006; Mott-Fernandez e Fogaça, 2007, 2009; El Kadri, 2010; Passoni et al., 2009); c) LI e o processo de globalização: (Assis-Peterson e Cox, 2007; Moita Lopes, 2008); d) Estatuto e uso da LI como língua internacional (Schutz, 2005), ou língua global (Barros, 2005); e) Olhar de sujeitos para a expansão da LI (Calvo et al., 2009a, 2009b; Nascimento, 2006); f) Inteligibilidade do ILF (Becker, 2009; Cruz, 2006); Outros trabalhos – Multilinguismo e World English (Rajagopalan, 2009); Análise das variedades de inglês no mundo (Corbari, 2009); Posição do inglês como LI e variedades de ingleses (Silva, 2009); Sentido de erro no discurso de professores de LI, frente ao seu estatuto como LF;</p> <p>Instrumentos/fontes de dados utilizados: 12 textos utilizaram-se de análise de respostas – relatos auto-biográficos, questionários (situações-problema), registros etnográficos de aulas, exemplos de uso do inglês, análise de postagens de alunos em blog, gravações de conversas informais, análise de características de algumas variedades de inglês, observação participante, etc; Uma boa parte dos estudos realizou uma reflexão sobre a temática ILF;</p> <p>Conceito de LF- língua utilizada entre falantes não-nativos (Salles e Gimenez, 2008; Calvo et al., 2009a, 2009b, etc; Canagarajah (apud Mott-Fernandez e Fogaça, 2009)- LF utilizada em contextos multilíngues, sendo propriedade de todos que a utilizam (mesma ideologia de Rjagopalan, 2009); Assis-Peterson e Cox (2007)- recorrem a Ortiz (2006)- inglês como língua mundial: ganha existência própria como idioma desterritorializado, apto a ser camaleonicamente apropriado; Passoni et al. (2009)- o inglês deixa de ser língua materna dos países do círculo interno e passa a atingir uma</p>

	comunidade global; Rajagopalan- World English- uma língua em constante transformação/hibridismo; Moita Lopes (2008)- LF: língua de fronteira.
<b>RESULTADOS</b>	<p>Sobre a primeira categoria a) Ensino de LI como LF- é preciso considerar os objetivos de aprendizagem da língua, privilegiando os aprendizes locais (Salles e Gimenez, 2010); Necessidade do ensino de ILF atingir as escolas públicas (Longaray, 2009; Assis-Peterson e Cox, 2007); O ensino de ILF traz desafios para os professores (Gimenez, 2009); b) Formação Docente inicial: Salles e Gimenez (2008)- o cenário atual traz desafios para o trabalho do professor de inglês e que pode contribuir para a construção da identidade de um aprendiz mais crítico; El Kadri (2010)- os alunos-professores reconhecem o estatuto do ILF, porém, não estão preparados para lidar com tal perspectiva, os professores desconhecem como esta perspectiva está sendo tratada no curso e as disciplinas do curso de Letras apresentam tentativas isoladas de abordar tal questão; Nunes (2006)- salienta a necessidade dos professores adotarem uma postura mais crítica e política sobre a LI; c) LI e globalização: Moita Lopes (2008)- Uso da língua para reinventar/reconstruir a vida local; d) Estatuto/uso da LI como língua internacional: Schutz (2005)- proficiência importante para se alcançar o sucesso; Barros (2005)- aprendizado de inglês: fonte para o desenvolvimento de falantes inseridos no mundo globalizado, além de formar cidadãos conscientes dos valores de suas próprias línguas e culturas; e) Olhar de outros sujeitos sobre a LF: Calvo et al. (2009, 2009b)- os sujeitos pesquisados (estudantes/profissionais brasileiros/chineses) possuem uma visão de LF próxima daquele do meio acadêmico; f) Inteligibilidade: Cruz (2006)- complexidade em medi-la, considerando as variáveis do ouvinte; Becker (2009) o LFC não deve ser confundido com a ideia de tornar o ensino de pronúncia mais fácil, mas sim, de promover a inteligibilidade entre não-nativos; g) outras temáticas: Corbari (2009)- o professor deve ensinar a variedade que eles mais domina, porém, apresentar materiais com os mais variados registros e dialetos da língua;</p> <p>Lacunas- Uma maior disseminação do assunto na mídia, especialmente aos formuladores de políticas públicas educacionais e no contexto de formação continuada; Necessidade de análise de livros didáticos usados nas escolas; Necessidade um tratamento mais prático ao conceito de LF; Avanços- Este foco vem ganhando cada vez mais espaço dentro da LA; Reflexões presentes na formação docente inicial; Alcance de outras esferas, além da educacional.</p>
<b>TEMA</b>	Revisão bibliográfica de estudos
<b>AUTOR (ES)</b>	Rajagopalan (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	O "World English"- Um Fenômeno muito mal compreendido
<b>OBJETIVOS</b>	Esclarecer o que a expressão "World English" significa e porque ela representa algo inédito na história da humanidade; Desfazer algumas visões equivocadas e traçar em linhas gerais algumas considerações sobre este fenômeno linguístico.
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	Houve uma geração de crenças equivocadas a respeito deste termo; A dificuldade em compreender o que vem a ser WE, recai no nosso modo de conceituar o que é língua (herança do século XIX- pureza como algo natural, pressuposto incontestável); O WE sinaliza para os novos tempos em que vivemos; Uma definição positiva do termo ainda não existe, uma vez que o mesmo ainda se encontra em formação; O WE não é um arranjo provisório/momentâneo, e sim, veio para ficar; O WE é um fenômeno linguístico muito instável e em constante mutação; Há Falantes de WE se comunicam com facilidade e outros com dificuldade; O WE não possui falantes nativos- é utilizado notavelmente em contextos de bilinguismo/multilinguismo societal; O WE pertence a todos que dele se utilizam de alguma forma; Os falantes nativos terão que "reaprender a sua língua", aprender uma nova forma de falar; O WE não pode ser compreendido como uma língua monocêntrica; O WE coloca a necessidade de se comunicar em primeiro lugar e vai se moldando conforme as exigências da comunicação; O WE é fruto de múltiplas influências e varia de acordo com as línguas envolvidas nos diferentes ambientes bi(multi)linguísticos em que ele prolifera; WE- fenômeno sui generis; O WE se espalha no mundo numa velocidade nunca vista na história.
<b>RESULTADOS</b>	É difícil oferecer uma caracterização do WE em termos positivos, uma vez que se trata de um fenômeno linguístico ainda em formação.
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual

<b>AUTOR (ES)</b>	Pederson (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	English as a Lingua Franca, World Englishes and Cultural Awareness in the classroom
<b>OBJETIVOS</b>	Ilustrar exemplos de sua experiência como profissional de língua inglesa em diferentes contextos e oferecer uma perspectiva de falante nativo, focando questões referentes ao ILF, como inteligibilidade, língua e identidade cultural.
<b>METODOLOGIA</b>	Breve histórico sobre WE, discussão da questão “inteligibilidade”; Observações pessoais (Relato de experiência) da autora sobre língua, cultura e identidade na sala de aula por meio de 2 perspectivas diferentes: externamente (observador externo), baseando-se em percepções e experiência de ensino em comunidades onde o inglês é ensinado como LE; funcionária interna trabalhando com ESL (inglês como segunda língua), com estudantes internacionais nos EUA.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Crystal (2003)- A globalização e a crescente necessidade de comunicação nos negócios, tecnologia, viagens, etc, instigou o aumento do número de falantes não-nativos utilizando o inglês para a comunicação internacional; Definição de LF (Seidlhofer, 2001)- uma língua sem falantes nativos; Para Pederson (2011)- existem falantes nativos de inglês e estes estão também falando ILF; Falante nativo- aqueles nascidos em países onde o inglês é a primeira língua; A expansão do inglês acarretou no surgimento de algumas nomenclaturas: ILI (Jenkins, 2000); inglês global (Crystal, 2003), inglês mundial padrão (Widdowson, 1994), ILF (Seidlhofer, 2004), World Englishes- ingleses mundiais (Kachru, 1985); O sotaque do usuário de inglês é julgado tanto pelo falante nativo, quanto não nativo; Foram feitas pesquisas de descrição linguística (Seidlhofer, 2001, 2004) e fonológica (Jenkins, 2000) da LI utilizada por não-nativos (os erros eram considerados variações da norma nativa); Pederson (2011) afirma que para que haja inteligibilidade mútua, é necessário manter as raízes gramaticais e lexicais do inglês padrão; Jenkins (2000)- valorização da pronúncia do falante não-nativo comparada à do falante nativo; Jenkins e Dewey (2010) – Tanto os falantes nativos, quanto os não-nativos, na comunicação em ILF, terão que empregar estratégias de comunicação (acomodação, paráfrase, troca de códigos, repetição, diminuição da velocidade de fala); Kramsch e Sullivam (1996)- é preferível focar na pedagogia apropriada para o ensino de LI, que considere as necessidades locais e globais dos aprendizes; Pederson (2011)- Um dos aspectos mais importantes para ensinar, é entender as metas e as necessidades dos aprendizes, a fim de ir rumo à competência comunicativa intercultural; Com relação ao ensino de cultura em sala de aula, no contexto de ILF: é preciso adotar uma abordagem intercultural, que desloca a cultura-alvo da posição central, para reavaliar muitas culturas, o que possibilita olhar para o mundo, por meio da língua (LI); A abordagem intercultural auxilia os alunos a obterem sucesso na comunicação intercultural, além de aprimorar a tolerância, a aceitação, compreensão e respeito (Chlopek, 2008);
<b>RESULTADOS</b>	Experiência na França- havia um receio de convidar a professora nativa, para participar das aulas, uma vez que seus sotaques eram por eles mesmos desvalorizados; Japão- Inserção do método comunicativo pelo nativo- os japoneses preferiam o nativo, pelo fato deste trazer uma dinâmica diferenciada para a sala de aula; Brasil- Confrontação dos alunos com o estereótipo brasileiro criado pelos americanos (os alunos dizem ser este estereótipo apenas uma fração de sua bagagem cultural); Contexto de ISL- necessidade promover espaço tanto para a identidade cultural norte-americana (regras, formas de escrita), quanto para a identidade cultural do estudante. Necessidade de reavaliar a maneira pela qual os educadores consideram os objetivos no ensino de LI, a fim de oferecer uma pedagogia mais apropriada e relevante para o século XXI. Pederson (2011) não acredita ser necessária a completa separação/marginalização das normas dos falantes nativos. Os educadores deveriam considerar estratégias de comunicação intercultural que permitam nativos/não-nativos participarem da nova face dos ingleses globais; Há uma necessidade de práticas de ensino mais concretas para a sala de aula; Faz-se necessário também dar atenção ao contexto de inglês como segunda língua (ISL).
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>AUTOR (ES)</b>	Siqueira (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês como Língua Franca: O Desafio de ensinar um idioma desterritorializado
<b>OBJETIVOS</b>	Defender a adoção de uma pedagogia intercultural crítica de ILF, que leve em

	consideração o caráter político da educação linguística e que contribua para o enfrentamento de inúmeros desafios, que cada vez mais, se apresentam ao professor de LI contemporâneo. Abordagem do papel da cultura no contexto de ILF.
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Ao levar em consideração a expansão do inglês juntamente ao seu estatuto como LF, emergem algumas implicações importantes no tocante ao ensino da LI; Nault (2006) ressalta que os falantes globais do inglês não estão meramente absorvendo esta língua, mas sim, re-interpretando, re-inventando, re-definindo esta língua em suas formas oral e escrita; ILF (Rajagopalan, 2010)- exemplo de mestiçagem linguística que marca nossos dias pós-modernos, e seu ensino não pode mais ser visto como apenas ensinar língua (Holborow, 1996); Questões terminológicas: McKay (2002)- o inglês é a língua internacional por excelência, devido a sua capacidade de comunicação mais ampla; Crystal (1996)- o status do inglês remete ao poder político e militar de seu povo; Smith (1976)- algumas características fundamentais em uma língua internacional: a) a não necessidade da internalização de normas culturais de comportamento dos falantes nativos; b) Uma língua internacional deixa de ser propriedade de seus falantes nativos e c) O objetivo do ensino passa a ser habilitar o aprendiz a comunicar suas ideias e cultura para outras pessoas, por meio desta língua; Jenkins (2000, 2007)- LF- idioma de contato utilizado por pessoas que não compartilham a mesma língua materna, e assim, funciona como segunda língua de todos esses falantes, possuindo uma natureza híbrida; A LF não possui falantes nativos, não é língua materna de ninguém (Alptekin, 2010, Rajagopalan, 2004, Siqueira, 2008b); Widdowson (1994)- Uma LI serve uma quantidade significativa de comunidades diferentes e seus objetivos institucionais transcendem limites tanto comunitários quanto globais; McKay e Bokhorst-Heng (2008)- ILI- engloba falantes da língua inglesa dos 3 círculos concêntricos do uso do inglês em todo o mundo (Kachru, 1985); Sharifian (2009)- ILI- língua de comunicação internacional/intercultural; Seidlhofer (2005)- ILF emergiu como uma forma de se referir às interações em LI entre falantes de diferentes línguas maternas; ILF para Siqueira (2011)- a ideia não é codificar uma variedade de ILF única, monolítica, ou seguir um modelo baseado no falante nativo; ILI/ILF representam o mesmo fenômeno para Siqueira (2011); Warschauer (2000)- necessidade dos professores re-avaliarem a forma como concebem a relação língua e cultura, e considerar seriamente as implicações para a sua prática diária; Mendes (2007)- Defende uma perspectiva intercultural, na qual aprender língua e cultura, ou aprender língua como cultura, deve ser, mais que tudo, um diálogo entre culturas; Para Warschauer (2000), a abordagem cultural deve ser multifacetada considerando as diversas culturas dos muitos povos que falam inglês ao redor do mundo, sendo que não há uma fórmula única de se trabalhar questões culturais na sala de aula; Smith (1976 apud McKay, 2002)- ao operar como língua internacional no âmbito local, o inglês se incorpora à cultura do país em que está sendo usado; Para Cortazzi e Jin (1999), o conteúdo cultural a ser utilizado nas aulas de ILF, deve ser trabalhado a partir de 3 fontes diferentes: a) materiais da cultura nativa do aluno, b) materiais da cultura alvo e c) materiais de cultura internacional (países que falam inglês ou não); Para Kirkpatrick (2006)- num modelo de ILF, o conteúdo cultural amplia-se de forma substancial; Para Siqueira (2011), o modelo apropriado de ILF é aquele que privilegia o desenvolvimento da competência intercultural crítica de professores e aprendizes.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Uma pedagogia de ILF deve assumir sua condição mestiça, seu caráter local, buscando contar com professores formados e constantemente (re)qualificados em programas de educação linguística; As decisões pedagógicas devem ser tomadas, levando em conta os mais variados contextos sociais em que se ensina e se aprende inglês (McKay; Bokhorst-Heng, 2008); Alptekin (2002)- no tocante do ILI, é preciso considerar a adoção de práticas pedagógicas apropriadas e materiais instrucionais que venham contribuir para que nossos aprendizes tornem-se indivíduos bilíngues e interculturais bem sucedidos, capazes de funcionar com competência tanto em ambientes locais quanto internacionais; Ensinar e aprender ILF na contemporaneidade assume uma complexidade jamais imaginada.</p>
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>AUTOR (ES)</b>	Costa e Gimenez (2011)
<b>TÍTULO DO</b>	Lady Gaga vai à aldeia Kaingang

<b>TRABALHO</b>	
<b>OBJETIVOS</b>	Articular os significados da LI no contexto brasileiro, analisando o episódio à luz de duas principais posições defendidas na atualidade sobre a LI: a) principal instrumento de um novo imperialismo (agindo sobre culturas locais e ameaçando-as de extinção) e b) possibilita novas formas de identidades, em processos híbridos que misturam desejo e resistência com possibilidades de transformação.
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta. Revisão Bibliográfica. Aldeia indígena Barão de Antonina, em São Jerônimo da Serra (interior do Paraná); Escola Cacique Onofre.
<b>REF. TEÓRICO</b>	Há uma necessidade de se elaborar propostas curriculares para a LE nas aldeias indígenas do Paraná; LI e globalização como interdependentes: se por um lado a globalização favorece a manutenção de uma LF, por outro, uma LF possibilita a globalização (Gimenez, 2009); Apesar dos esforços no sentido de descentrar o falante nativo, este continua sendo responsável pelas normas gramaticais da língua e ainda o principal fornecedor de modelos para materiais didáticos. Inglês como língua hegemônica, e não apenas uma LE, essencial para a participação no mundo. Apesar de muitas críticas que atrelam a LI a projetos imperialistas, é inegável seu atual prestígio e presença no mundo (Assis-Peterson e Cox, 2007); A LI possui um caráter ambíguo (Piccoli, 2006): de um lado atua como mecanismo facilitador para a troca de informações e experiências entre os povos, além de proporcionar melhor conhecimento/compreensão entre os mesmos; porém, aceitar que a hegemonia linguística abra caminho para a intervenção em padrões de comportamento cultural/econômico é o mesmo que abdicar da sua própria identidade; É necessário pensar a globalização cultural/econômica como fenômenos interconectados (Costa e Gimenez, 2011); O conceito de cultura pode ser associado a produtos culturais, costumes, hábitos, modos de agir coletivos, formas de ver o mundo, etc (Gimenez, 2002); complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, as outras capacidades/hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (Taylor, 1871 apud Tilio, 2007); Na verdade, existe uma pluralidade de culturas; um indivíduo não pertence a uma única cultura, mas a várias culturas diferentes (Kramsch, 1998; Abbud, 1998 apud Tilio, 2007); A cultura local acaba sendo influenciada por movimentos culturais de alcance global; Para Leffa (2001), a LI não fica atrelada a uma única cultura; não só a cultura, mas também a própria língua muda (inglês sul-africano, americano, australiano, etc); Na visão de Leffa (2006), até mesmo alguns professores são responsáveis pelo papel de colonizador mental, uma vez que sua formação muitas vezes não contempla discussões sócio-históricas, políticas e culturais; Moita Lopes (2008)- o inglês pode ser considerado um instrumento aliado e essencial, através do qual o sujeito pode tornar-se agente de transformação social ao invés de ser apenas espectador; A situação em que o aluno indígena pede à professora que o ensine a música da Lady Gaga, é interpretada por Costa e Gimenez (2011), como o desejo de pertencimento, o qual revela também a possibilidade de se configurar em uma identidade híbrida, transcendendo o local.
<b>RESULTADOS</b>	O modo como as culturas locais serão (re)criadas no contato com a LI e os efeitos de seu ensino dependerão em boa medida da própria compreensão dos professores, dos objetivos que procurarão desenvolver, e quais identidades procurarão construir com seus alunos.
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>AUTOR (ES)</b>	Berto (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	English Language Teaching in Brazil: Pursuing a Pluricentric Approach
<b>OBJETIVOS</b>	Explorar o estatuto atual da LI, tanto no contexto mundial, quanto nacional, levantando algumas questões referentes ao modo como ensino de inglês é feito em nosso país; Discutir as preocupações de professores de inglês brasileiros sobre o assunto.
<b>METODOLOGIA</b>	Coleta de dados referentes às atitudes e opiniões de 24 graduandos brasileiros, os quais já ensinavam inglês, levando em consideração o estatuto da LI no mundo, as implicações de tal estatuto, além dos programas de Formação de Professores no Brasil.
<b>REF. TEÓRICO</b>	É preciso que os professores de inglês se tornem conscientes sobre as mudanças relativas à LI, uma vez que eles serão responsáveis por discutir estes conceitos com seus alunos, e assim, tornarem-se agentes de mudança em suas salas de aula e comunidades (Canagarajah, 1999); Fazem-se, dessa forma, necessárias mudanças

	<p>no ensino de inglês ao redor do mundo (Jenkins, 2006; Seidlhofer, 2004; Kirkpatrick, 2006; Graddol, 2006). De acordo com os objetivos do ensino de língua estrangeira proposto pelos PCNs, o professor deve rever seus conceitos e ampliar seus horizontes para outras variedades, outras regras, outros sotaques, embasar suas aulas no inglês para fins internacionais (Berto, 2011); Os professores devem ser conscientes de que os usuários internacionais de inglês não precisam incorporar as culturas americana/britânica, colocar de lado sua identidade ou alcançar proficiência equiparada à nativa, com intuito de serem falantes competentes da língua (Modiano, 1999a, 1999b, 2000; Friedrich, 2000). Com relação às respostas ao questionário, Berto (2010), concluiu que os professores pesquisados não possuíam uma ideia coerente sobre as questões referentes à propriedade do inglês e inglês como língua global; Os respondentes da pesquisa defendem um modelo pluricêntrico de ensino, o qual não possui como foco principal o falante nativo; Para os informantes da pesquisa, é necessário ser consciente da existência de variações da língua, com o intuito de estar preparado para discuti-las com seus alunos; Os cursos de Letras deveriam ceder um espaço para o estudo de outras variedades nativas; Algumas sugestões para programas de formação de professores: incluir a noção de internacionalidade da LI e seu papel como LF nestes cursos, encorajando a comunicação ao invés da precisão.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Um modelo pluricêntrico de ensino de inglês seria mais relevante aos falantes não-nativos, os quais têm maior probabilidade de encontrar outros não-nativos, ao se comunicarem em inglês; O foco do ensino deveria recair na habilidade de utilizar a língua com sucesso (base na inteligibilidade, ao invés da forma), nos contextos de LF (Kirkpatrick, 2010); Os resultados dos dados baseados nos informantes da pesquisa mostraram que estes professores a) desejam aprender mais sobre o ILF e b) acreditam que a ênfase na comunicação ao invés da precisão nas práticas de ensino de LI aprimorarão a performance de seus alunos, como falantes não-nativos fluentes; Uma pequena proporção de participantes envolvidos na pesquisa defenderam fortemente o modelo do falante nativo para o ensino de LI. É preciso haver discussões sobre variedades não-nativas nos cursos de Letras.</p>
<b>TEMA</b>	Crenças e Atitudes de estudantes de Letras
<b>AUTOR (ES)</b>	El Kadri (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	Inglês como Língua Franca: Atitudes de Formadores de Professores
<b>OBJETIVOS</b>	Investigar as atitudes de formadores de professores em relação ao estatuto de ILF.
<b>METODOLOGIA</b>	<p>Dados obtidos em um curso de Letras, contando com a participação de 6 professores formadores. A coleta de dados se deu por meio de um questionário aberto ou uma entrevista semi-estruturada, através da análise de conteúdos do tipo temático-classificatório (Bardin, 1977), e categorizados em seis temas a saber: a) diferenciação entre ILE e ILF; b) relevância do ensino de LI pela perspectiva de LF; c) ILF na formação inicial docente; d) ILF no currículo atual do curso; e) ILF na sala de aula; f) Materiais didáticos, reflexão e prática do formador.</p>
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>LF, segundo Seidlhofer (2001)- sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, não sendo língua materna de nenhum deles. O estatuto de LF requer a transcendência de uma identificação marcada pelo território geográfico/linguístico, que implica na descentralização do modelo do falante nativo (escolha de variedades a serem ensinadas, do papel da cultura e aspectos de correção linguística, El Kadri, 2010); Muitos estudos têm se debruçado sobre as percepções de futuros professores em relação a este estatuto, salientando a necessidade de se debater o papel hegemônico da Língua-mundo, e as implicações de se privilegiar as diferentes visões do ensino de LI (EFL, ESL, EIL, ELF e WE), desde as séries iniciais dos cursos de formação (Mott-Fernandez; Fogaça, 2009; Passoni et al., 2009), porém é perceptível que o professor ainda encontra dificuldades para incorporá-la a sua prática (Siqueira, 2008; Berto, 2009; El Kadri, 2010); O conceito atitude (objetivo deste trabalho), deriva da Psicologia Social e define-se pela tendência ou predisposição adquirida e relativamente estável para agir, pensar ou sentir de uma determinada forma (positiva ou negativa), face a um objeto, pessoa, situação, grupo social, instituição, conceito ou valor e é composta por 3 componentes ou dimensões principais: um cognitivo, um afetivo e um comportamental (ou conativo) (Schiffman; Kanuk, 2000). Para El Kadri (2011), os formadores de professores representam as portas de entrada para que mudanças ocorram em cursos</p>

	<p>de formação, pois suas atitudes podem influenciar inúmeras decisões e comportamentos com implicações diretas para a sala de aula. a) ILE x ILF: Os professores formadores têm consciência da diferença entre ILE e ILF: considerar o inglês como LF posiciona os usuários da língua de maneira menos assimétrica, pois por meio desta perspectiva, o que vale é a interação comunicativa ao redor do mundo; além disso, soma-se a questão identitária do formador. b) relevância do ensino de LI pela perspectiva de LF: O ILF é relevante na formação inicial por motivos relacionados a questões de poder e ideologia, de identidades do aprendiz (falante não-nativo) e do profissional (consciente, participativo, falante mais assimétrico), de parâmetros a serem adotados e por possibilitar a participação em escala global; c) ILF na formação inicial docente: Os professores afirmam que o ILF poderia ser problematizado na formação inicial de diversas maneiras: leituras e discussões a esse respeito, trabalho com textos orais/escritos através da internet, com a participação em comunidades virtuais, com a exposição de diversas variedades do inglês e comparação entre culturas por meio de filmes e músicas, além da exposição a diferentes gêneros, textos e fontes. Esta problematização poderia recriar novas formas de inserção e de participação das pessoas no mundo globalizado, possibilitando ao aluno vivenciar e agir através da linguagem, colaborar para o pensamento crítico dos alunos, além de que futuros professores de inglês deveriam ter contato com as diferentes abordagens de ensino desta língua, para poderem opinar sobre isto; d) ILF no currículo atual do curso: Ausência de uma visão mais global do curso que permitisse compreender de que maneira o ILF vem sendo problematizado no currículo como um todo. Os professores têm tentado problematizar a questão do ILF em suas aulas (debates sobre o inglês como língua hegemônica, discussões sobre o papel da LI na sociedade, etc). Porém, os professores, em sua maioria, têm conhecimento apenas de sua disciplina, não sabendo se o currículo no geral aborda esta questão, e não parecem estar convencidos da necessidade de reformulação do currículo, uma vez que a disciplina de LA já cede espaço para esta discussão. No geral, os professores reconhecem a importância desta perspectiva incluída no currículo; e) ILF na sala de aula: a maioria dos formadores relata a dificuldade em trabalhar com esta perspectiva em sala de aula, devido aos objetivos de ensino de cada disciplina; f) Materiais didáticos, reflexão e prática do formador: a mudança significativa em direção ao ILF deve vir também nos materiais; os professores precisam se conscientizar e refletir sobre sua própria prática. Uma professora nativa se questiona se há tanto mal em continuar tendo as normas americana e britânica como foco.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>Em suma, os professores formadores a) são conscientes da diferenciação entre as perspectivas, mas ainda se sentem pouco preparados para lidar com a mesma; b) veem a relevância desta problematização no curso, porém, a maioria não trabalha com esta questão em suas aulas; c) concordam que esta questão poderia ser discutida com os alunos; e) poderia ser problematizada por meio de discussões e análises críticas de textos e produção oral através da internet. Existe um caminho para a reformulação do currículo em favor desta perspectiva. Embora a atuação em termos práticos desta perspectiva ainda seja uma dificuldade, as atitudes positivas dos formadores podem contribuir para que o ensino de inglês sofra algumas mudanças futuras relacionadas a seus objetivos. Tal problematização encontraria espaço por meio de interações em comunidades de prática, que permitam a aprendizagem e o desenvolvimento profissional no ambiente de trabalho.</p>
<b>TEMA</b>	Crenças e Atitudes de formadores de professores
<b>AUTOR (ES)</b>	Souza, Barcaro e Grande (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	As representações de Alunas-Professoras de um Curso de Letras sobre o Estatuto do Inglês como Língua Franca
<b>OBJETIVOS</b>	Verificar as representações de alunas do 4º ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL) sobre o estatuto do ILF.
<b>METODOLOGIA</b>	Estudo de caso, de caráter qualitativo. Informantes da pesquisa: 4 alunas-professoras da UEL, do 4º. Ano do Curso de Letras Estrangeiras da UEL. Não houve critérios pré-estabelecidos para a escolha das informantes da pesquisa. Estas já tiveram contato com o tema investigado (ILF). A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário.
<b>REF. TEÓRICO</b>	LF- língua de contato usada principalmente entre falantes não-nativos de LI, mas que pode também se referir aos círculos interno e externo, no engajamento da

	<p>comunicação intercultural (Jenkins, 2006); McKay (2003)- uma das principais razões para se aprender inglês na atualidade é fornecer informações ao outro sobre nossa própria comunidade e cultura; É necessário ajudar os alunos a expressarem suas próprias identidades através desta nova voz (Llurda, 2004); Moscovici (apud Oliveira, 2004): a representação busca elucidar a forma como construímos novos conhecimentos, novas informações e interpretamos acontecimentos da realidade cotidiana. Albuquerque e Machado (2009)- representação: teoria elaborada no coletivo por meio das interações sociais, ora entre sujeito e sujeito, ora entre sujeito e uma instituição, em tempo, cultural e espaços específicos, na busca de tornar o estranho familiar. Mazzoti (2008)- as representações têm um vínculo com a ação humana, pois dão significado ao comportamento, integrando-o numa rede de relações e concorrendo para reconstruir e ressignificar os objetos sociais. Wallace (2002) afirma que o inglês a ser almejado valoriza a cultura local, e fornece aos seus falantes as condições de negociarem suas posições em relação a forças externas as suas comunidades locais. Crystal (2005)- variedades linguísticas: diferenças que surgem tanto na pronúncia quanto na estrutura de uma língua. Para Kachru e Canagarajah (apud Jenkins, 2006), as variedades linguísticas representam uma estratégia de resistência contra a hegemonia dos padrões dos falantes nativos. Para Schmitz (2004), a LI passa a ser um fator excludente para aqueles que não a dominam. Jordão (2009) ressalta que muitas escolas de inglês estão tentando desmistificar a ideia de que o nativo, pelo simples fato de falar a língua, esteja apto a lecionar o idioma. Sobre a questão da inteligibilidade, Rajagopalan (2010) discorda de Jenkins (2000), no que se refere o núcleo de LF, uma vez que aquele autor afirma que esta última pressupõe um ponto fixo de referência, definido por quem detém o privilégio de decretar o que é e o que não é inteligível. Para Leffa (2002), é fundamental que o professor aceite o inglês brasileiro, como uma variedade de inglês, uma vez que a tolerância à diversidade linguística será uma condição essencial para o trabalho em sala de aula, sendo necessária a adoção de perspectivas mais reais de ensino. Gimenez (2009, p. 9)- ressalta que “pensar o ensino de ILF abre possibilidades para maior consciência crítica por parte dos professores, uma vez que exige considerações de natureza ideológica e o papel educacional de seu aprendizado em contextos como o nosso”. Os dados da pesquisa mostram que existe um reconhecimento da descentralização do falante nativo e do empoderamento do falante não-nativo. Existe também o reconhecimento da multiplicidade no que se refere à LI, e até mesmo a rejeição de duas variedades dominantes (inglês americano e britânico). Os dados também mostram que a LI passa a se configurar como um fator de exclusão/inclusão na educação. Todas as informantes demonstram conhecer o conceito de inteligibilidade, e as reflexões sobre LE e ILF (propostas nas disciplinas “ILF” e “LI para a Sala de Aula”) embasam seus posicionamentos acerca do assunto.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>A análise dos dados mostrou que as informantes estão em um processo de apropriação de conceitos que subjazem a concepção de ILF; No que concernem as implicações para o ensino, as informantes referem-se a aspectos pedagógicos mais amplos, além das questões de cunho linguístico-gramatical (aspectos culturais, econômicos, históricos, etc). Existe a necessidade de um espaço para debate e reflexão sobre a questão do ILF, a fim de estruturar e constituir o perfil destes professores em pré-serviço.</p>
<b>TEMA</b>	Crenças e Atitudes de estudantes de Letras
<b>AUTOR (ES)</b>	Jordão (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	A posição do inglês como língua internacional e suas implicações para a sala de aula
<b>OBJETIVOS</b>	Foco no conceito de ILI e suas implicações para a sala de aula
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>É preciso sentir-se agente das línguas, capaz de (entre)cruzar os universos de sentidos em cada uma delas e transpor as fronteiras, relacionando procedimentos interpretativos e criando novos modos de ler o mundo com eles (Jordão, 2011). Para a autora, “aprender inglês como língua internacional pode levar à construção de novas formas de pensar o desenvolvimento nacional e global, novas formas de relacionar países e culturas (Jordão, 2011, p. 225). Para Escobar (2004, 2007) e Santos (2007), é preciso defender a construção de novas perspectivas epistemológicas como modo de desvencilharmo-nos das armadilhas criadas pela modernidade (já é momento de</p>

	<p>aprender com a heterogeneidade ao invés de reduzir o mundo (e nossos entendimentos dele) à razão binária. O ILI (não traz uma definição de ILI) tem se estabelecido, principalmente, devido a formações discursivas relacionadas à empregabilidade: aprender inglês tem sido considerado fundamental para ter um bom emprego (círculo em expansão). Porém, ainda se faz presente uma demanda específica de falantes nativos de inglês para dar aula. “Para que o ensino/aprendizagem de inglês funcione criticamente como elemento transformador e esclarecedor, os métodos, técnicas e abordagens para o ensino, bem como os cursos de educação de professores, precisam abranger questões sobre o estatuto desta língua como língua internacional, enfocando aspectos relacionados à política (PENNYCOOK, 1994, 2006) (JORDÃO, 2011, p. 232). Para a autora, “[...]o ILI reconhece a produtividade das línguas na construção de sentidos e representações, valoriza a heterogeneidade de cada ato enunciativo” (JORDÃO, 2011, p. 233). No ILI, é possível que alunos e professores encontrem novas implicações para suas práticas sociais ao aprender novas formas de construir sentidos livrando-se do jugo do construto “falante nativo”. OSDE (Espaços abertos para Diálogo e Questionamento)-grupo britânico que se refere à construção coletiva e negociação permanente de espaços aos quais se imprime uma ética de respeito à diferença e questionamento constante: segundo Jordão (2011), o OSDE é uma referência possível para as práticas de sala de aula que consideram a necessidade de confronto de visões de mundo nos fluxos transculturais estabelecidos pela globalização no ILI.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>O questionamento conceitual passa a ser, devido a pós-metodologia (OSDE), não apenas uma ferramenta para o desenvolvimento da cidadania, mas também um procedimento interpretativo capaz de levar professores/alunos a uma atitude aberta e multidimensional em relação tanto aos conhecimentos e procedimentos interpretativos produzidos dentro/fora das salas de aulas e dos contextos, em que estão inseridos, quanto aos sujeitos e subjetividades que produzem e são produzidos por estes conhecimentos/modos de saber. A LI na escola pode se tornar um espaço de construção de cidadania participativa e oferecer a alunos/professores a possibilidade de construir alternativas de posicionalidade na estrutura social, cultural e econômica.</p>
<b>TEMA</b>	Implicações do conceito de ILI para a sala de aula
<b>AUTOR (ES)</b>	Rocha e Silva (2011)
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	World English no contexto do ensino fundamental-1 público
<b>OBJETIVOS</b>	<p>Refletir acerca da concepção do inglês dentro de perspectivas críticas, a fim de que esse ensino possa oferecer condições para a (re)construção de conhecimentos e capacidades na LE ou por meio dela, que possam auxiliar o indivíduo a atuar de modo mais ativo e transformador na sociedade contemporânea.</p>
<b>METODOLOGIA</b>	Não consta
<b>REF. TEÓRICO</b>	<p>Inglês como língua de ascensão, prestígio ou língua da moda (Breton, 2005); Língua usada para propósitos internos, externos e internacionais (Kuo, 2006); Seidlhofer (2005): o ILF pode significar a língua estrangeira escolhida para a comunicação, ou um meio de nos referirmos à comunicação em inglês, entre falantes de diferentes primeiras línguas; língua de contato entre pessoas que não compartilham uma língua/cultura em comum; Para a autora ILF = ILI (Mckay, 2003) e World Englishes (Jenkins, 2003); ILF= inglês global (Graddol, 2006; Crystal, 2003) e World English (Brutt-Griffler, 2002; Rajagopalan, 2003, 2004, 2009); inglês como meio de comunicação intercultural (Meierkord, 1996); Graddol (2006)- ILFG- inglês como língua franca global. A maneira limitada de olhar para o inglês no mundo acarreta, ao menos no que tange ao ensino de línguas, a manutenção do modelo idealizado de falante nativo e de sua competência (nata) de falar (sua) língua, vista nesta vertente, como pura, absoluta e autêntica. Higgins (2003)- conceito de propriedade- deve equacionar as ideias de posse ou propriedade e legitimidade; Para a autora, a aquisição de uma ampla gama de recursos materiais e simbólicos representada pela LI/LE é o resultado de um “investimento” feito pelo falante, em direção à apropriação de um capital que irá permitir sua participação de maneira plena ou mais efetiva na sociedade em que vive. Este processo leva ao reconhecimento de que a posse dessa língua deve ser vista em termos do “direito de falar” o inglês = validação da ideia de que todo e qualquer usuário dessa língua possa ser reconhecido como seu falante legítimo. Rajagopalan</p>

	<p>(2009)- o World English não é outro nome par ILI, e sim, um fenômeno linguístico sui generis, em constante transformação, que permite à LI/LE ser a língua de “todos aqueles que dela fazem algum uso no seu dia a dia, por mais limitado ou restrito que ele seja. Sewell (2009) devemos optar por uma perspectiva orientada para/pela inteligibilidade (valida a heterogeneidade, além de se “contrapor à percepção de que modelos localizados prejudicam ou atrapalham a inteligibilidade global), ao invés de vertentes delimitadas ou moldadas a partir do conceito (impositiva e opressora). Sewell (2009): outras dimensões à noção de inteligibilidade: aceitabilidade: ligada à multiplicidade e à criatividade de variedades locais abarcadas pelo movimento do World English e a processos de validação; noção de aprendibilidade - relacionada às capacidades dos usuários em aprender mais facilmente ou não certos aspectos linguísticos. Para os autores (Rocha e Silva, 2011), faz-se necessário (re)pensar a noção de competência em uma determinada língua, além de (re)considerar como as línguas têm sido compreendidas e usadas na sociedade contemporânea. Rajagopalan (2003)- o cidadão desse mundo emergente é irremediavelmente multilíngue, sendo o multilinguismo como língua franca uma realidade cada vez mais presente em nossa sociedade. Ser competente em uma língua é possuir proficiências múltiplas (Scaramucci, 2000). Bilinguismo: capacidade de fazer uso de mais de uma língua (Maher, 2007). O inglês representa um recurso transformador e transcultural (Cox, Assis-Peterson, 2007), que nos auxilia a agir num mundo plural, promovendo transformações singulares. Línguas como expressão de identidade (Rajagopalan, 2003). É preciso buscar maneiras de impregnar a LI/LE pelo plurilinguismo (nova maneira de se olhar para o inglês). É perceptível que o foco dos livros didáticos (LDs) destinados ao EFI (Ensino Fundamental I) não favorece o trabalho com base em práticas situadas, preocupadas com a pluralidade cultural e linguística. Terra (2009): a língua deve ser ensinada como um veículo para a comunicação intercultural. Hall et al. (2005): é necessário que o dialogismo e o plurilinguismo adentrem as salas de aula de inglês de modo amplo, a fim de que essa língua possa ser apropriada pelos alunos. Lin e Luk (2005): o ensino de LI no EFI público deve abarcar, necessariamente, a linguagem em todos os seus níveis e âmbitos, trazendo também para o centro desse contexto, os diferentes papéis assumidos pela LI/LE no mundo.</p>
<b>RESULTADOS</b>	<p>O ensino de LI com fins emancipatórios que visa à (trans)formação de cidadãos do mundo precisa instaurar o conflito em sala, promover a confluência de diferentes línguas, linguagens sociais, identidades e culturas (Rajagopalan, 2009). É importante desenvolvermos um olhar múltiplo e polifônico de se compreender o inglês na contemporaneidade, e uma das propostas é conceber o World English como um fenômeno sui generis, em constante transformação, a fim de (re)construir uma sala de aula de línguas que se mostre plurilíngue e transcultural nos mais diversos contextos educacionais presentes em nosso país. Os alunos devem ser capazes de dominar a LI, sem deixar que esta os domine (Rajagopalan, 2005).</p>
<b>TEMA</b>	Reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF
<b>AUTOR (ES)</b>	Berns et al. (2011)- Entrevista
<b>TÍTULO DO TRABALHO</b>	English as a Língua Franca: A Conversation with Margie Berns
<b>OBJETIVOS</b>	Entrevista com Margie Berns (professora de estudos de segunda língua na Universidade de Purdue, no oeste de Lafayette, Indiana, EUA), sobre o papel da LI nos dias atuais
<b>METODOLOGIA</b>	Entrevista estruturada
<b>REF. TEÓRICO</b>	Não consta; apenas pontos de vista da autora entrevistada (aponto essa discussão como resultados, os quais estão apresentados abaixo)
<b>RESULTADOS</b>	<p>Para a autora, o ILF não representa uma nova variedade de inglês, e sim, um (contexto de) uso da língua. O ILF representa um construto abstrato; o ILF está sendo usado para a comunicação através de culturas e línguas nos contextos internacionais, o que representa a combinação de ingleses. O ILF é um meio de instrução; Para Berns (2011), o inglês tem sido há tempos reconhecido no Brasil, como uma língua franca e exerce um papel de língua local, ou inglês local, não sendo mais uma LE apenas. A extensão do uso da LI determina a tolerância e aceitação às diferenças em determinado contexto de uso da língua; Berns (2011) cita o contexto holandês (devido à sua experiência de vida no mesmo), como um dos contextos nos quais o inglês está sendo amplamente disseminado, especialmente no que se refere a filmes (estes não</p>

	<p>são dublados, e sim, legendados)- os holandeses mostram-se bem confiantes no seu uso de inglês, sendo a sua exposição à LI muito frequente; ILF= uso da língua entre pessoas multilíngues (visão de um sociolinguista)- função se sobrepõe à forma. Os equívocos e as más interpretações poderiam ser uma questão de diferentes interpretações e um sentido diferente do uso de LF. No que se refere aos professores em pré-serviço/em serviço, a maneira como é feito o uso da língua é o que vai ser disseminado, como uma tendência à expansão do inglês brasileiro (no caso do Brasil). Para a formulação do currículo destinado a países pertencentes ao círculo em expansão (no caso, o Brasil), Berns (2011) advoga que variedades múltiplas de inglês seriam bem vindas. Além disso, é preciso pensar sobre o objetivo de ensino de LI, bem como, começar a referir aos falantes de inglês como usuários da língua, como usuário do Brasil, usuário da Alemanha, etc. Para Berns (2011), as políticas públicas poderiam fazer mais no que se refere à promoção do ILF, levando em consideração aspectos como tolerância, compreensão e aceitação. É necessário encorajar a visão (a qual auxilia promover a consciência pública geral) de que todos falamos inglês, com nossas identidades regionais, culturais e sociais. O inglês se faz presente como um fenômeno local/global.</p>
<b>TEMA</b>	Discussão conceitual e reflexões sobre o ensino de inglês no contexto de ILF

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### Levantamento dos trabalhos produzidos em âmbito nacional – 2005-2012

- a) Banco de Dissertações e Teses<sup>41</sup> da CAPES, entre os anos de 2005 a 2011<sup>42</sup>, utilizando as seguintes palavras-chave: *inglês como língua franca, inglês como língua global, inglês como língua internacional e inglês como língua multinacional.*

Seguem abaixo as **Dissertações de Mestrado**<sup>43</sup> encontradas no período supracitado:

Autor/ Ano	Título do Trabalho	Orientador/IES/Local de acesso ao trabalho
BARROS (2005) (ILG)	O inglês, língua global dos dias atuais	Prof. Dr. Jürgen Walter Bernd Heye PUC-Rio Disponível em: < <a href="http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&amp;nrSeq=7211@1">http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&amp;nrSeq=7211@1</a> >. Acesso em: julho/2012
BERGER (2005) (ILG)	O papel da língua inglesa no Contexto de Globalização e as Implicações do Uso das NTICs no processo de Ensino/Aprendizagem desse idioma	Profª. Drª. Lilian Cristina Monteiro França UFS (Universidade Federal de Sergipe) Disponível em: < <a href="http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp049114.pdf">http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp049114.pdf</a> >. Acesso em: julho/2012
NASCIMENTO (2006) <sup>44</sup>	Inglês internacional nas ondas da 105 FM: locutores entre a ideologia e a utopia	Profª. Drª. Ana Antônia de Assis Peterson UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso)
PESCADOR (2010) (ILF)	Ações de aprendizagem empregada pelo nativo-digital para interagir em redes hipermediáticas tendo o inglês	Profª. Drª. Eliana Maria do Sacramento Soares UCS (Universidade de Caxias do Sul) Disponível em: < <a href="http://tede.ucs.br/tde_arquivos/7/TDE-2010-09-">http://tede.ucs.br/tde_arquivos/7/TDE-2010-09-</a>

<sup>41</sup> Estavam disponíveis no Banco de Dissertações e Teses da Capes apenas os resumos dos trabalhos. Foi preciso uma busca mais acentuada na internet, a fim de adquirir estes textos.

<sup>42</sup> As Dissertações e Teses de 2012 não estavam presentes.

<sup>43</sup> Foram encontradas no google acadêmico outras 4 dissertações dentro da temática, porém não realizadas em contexto brasileiro, logo não foram analisadas neste trabalho: a) LI (2005), “O inglês como língua global na China”; b) CAVALHEIRO (2008), “English as a European Lingua Franca: A sociolinguistic profile os students and teachers of English at the Faculty of Letters of the University of Lisbon”; c) NEVES (2008), “A língua inglesa nas empresas: esta satisfaz todas as necessidades de comunicação internacional?; d) FERNANDES (2009), “Inteligibilidade e inglês como língua internacional. Um estudo de caso da pronúncia de palavras em –ed produzidas por falantes brasileiros”;

<sup>44</sup> Esta referência não foi encontrada, uma vez que o texto completo não está presente no site da UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso). O autor e sua orientadora não deram um retorno ao e-mail que lhes foi enviado com pedido do texto.

	como língua franca	30T140334Z-368/Publico/Dissertacao%20Cristina%20Maria%20Pescador.pdf>. Acesso em: julho/2012
DE PAOLA (2010) (ILF)	Encontros de serviço em contextos do uso de inglês como língua franca: sobreposições como estratégias de solidariedade	Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Maria do Carmo Leite de Oliveira PUC-RJ Disponível em: < <a href="http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostratese_s.php?open=1&amp;arqtese=0812837_10_Indice.html">http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostratese_s.php?open=1&amp;arqtese=0812837_10_Indice.html</a> >. Acesso em: julho/2012
EL KADRI (2010a) (ILF)	Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em curso de formação inicial de professores	Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Telma Nunes Gimenez UEL (Universidade Estadual de Londrina Londrina) Disponível em: < <a href="http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000153874">http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000153874</a> >. Acesso em: julho/2012

b) Logo abaixo, apresento as **Teses de Doutorado** detectadas por meio da fonte até então mencionada. As palavras-chave para a busca destes estudos foram as mesmas utilizadas na pesquisa de Dissertações: *inglês como língua franca, inglês como língua global, inglês como língua internacional e inglês como língua multinacional*.

Autor/Ano	Título do Trabalho	Orientador/IES/Local de acesso ao trabalho
SIQUEIRA (2008) (ILI)	Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica	Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Denise Chaves de Menezes Scheyerl UFBA (Universidade Federal da Bahia) Disponível em: < <a href="http://www.academicoo.com/tese-dissertacao/ingles-como-lingua-internacional-por-uma-pedagogia-intercultural-critica">http://www.academicoo.com/tese-dissertacao/ingles-como-lingua-internacional-por-uma-pedagogia-intercultural-critica</a> >. Acesso em julho/2012.
LONGARAY (2009) (ILG)	Globalização, antiimperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna	Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Marília dos Santos Lima UFRS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16893/000707061.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16893/000707061.pdf?sequence=1</a> >. Acesso em julho/2012.

c) Logo abaixo seguem os trabalhos detectados por meio do “**google acadêmico**” (scholar.google), utilizando as palavras-chave: *inglês como língua franca, inglês como língua global, inglês como língua internacional e inglês como língua multinacional*.

1 Trabalhos identificados com a palavra-chave: “inglês como língua franca” (ILF):

Autor/Ano	Título do Trabalho	Local de Publicação
ZACCHI (2006)	Discursos da Globalização nas vozes de professores e professoras de língua inglesa	Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 45, n. 1, p. 9-27.
NUNES (2006)	Afinal, que história é essa de inglês internacional?	Caderno Seminal Digital, v. 6, n. 6, p. 95-108.
MESQUITA; MELLO (2007)	Sociedade global, Englishes e Bilinguismo Glocal	Polifonia, Cuiabá, EdUFMT, v. 13, p. 45-58, ISSN 0104-687X

BECKER (2009)	ELF: Inglês como língua franca	Anais do 1º Simpósio de reflexões sobre as metodologias e práticas de ensino de línguas estrangeiras modernas. <i>Eletras</i> , vol. 19, n.19, dez.2009. Disponível em: < <a href="http://www.utp.br/eletras">www.utp.br/eletras</a> >. Acesso em: julho/2012
CALVO, RIOS-REGISTRO; OHUSHI; EL KADRI (2009)	Percepções de estudantes e profissionais chineses sobre o status do inglês como língua franca	<i>Revista X</i> , v. 2, n. 0, p. (2009) Disponível em: < <a href="http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistax/article/viewArticle/15465">http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistax/article/viewArticle/15465</a> >. Acesso em: julho/2012
MOTT-FERNANDEZ; FOGAÇA (2009)	Inglês como língua internacional na universidade: rejeição e objeto de desejo	<i>Linguagem &amp; Ensino</i> , Pelotas, v.12, n.1, p.195-225, jan./jun. 2009
SILVA (2009)	Língua Franca no Brasil: Inglês, globês ou inglês brasileiro?	<i>Veredas Favip, Revista Eletrônica de Ciências</i> , v. 2, n.1 e 2, jan.-dez.2009
EL KADRI (2010b)	Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês	<i>Revista Entretextos - UEL</i> , v. 10, n. 2 (2010) Disponível em: < <a href="http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/7966">http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/7966</a> >. Acesso em: julho/2012
SALLES; GIMENEZ (2010)	Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão	<i>BELT Journal</i> , v. 1, n. 1, p. 26-33, 2010.
GOMES (2010)	Uma reflexão sobre o inglês como língua franca e os novos rumos para o ensino de pronúncia com a linguística probabilística	ANAIS do IX Encontro do CELSUL, Palhoça, SC, 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina (p. 1-10)
UR (2010)	English as a Lingua Franca: A Teacher's perspective	<i>Cadernos de Letras (UFRJ)</i> , n. 27, dez. 2010
LONGARAY; LIMA (2010)	Os vários nomes do inglês na era global	<i>Revista do Gelne, Piauí</i> , v. 12, n. 1, p. 38-53, 2010
BARBOSA (2011)	Nem britânico, nem americano: O ensino da pronúncia do inglês como língua internacional	<i>Revista de Letras</i> , v. 30, n.1/4, p. 82-92, 2011
BECKER (2011)	A questão da inteligibilidade do inglês como língua franca	Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN, Curitiba, p. 2789-2801, 2011
DUTRA; COSTA (2011)	A pronúncia do ILF e o respeito à identidade linguística	Seminário de Pós-Graduação, 2011, Novo Hamburgo, Universidade Feevale, ANAIS, p. 60-66
KALVA; FERREIRA (2011)	Inglês como língua franca e a concepção de identidade nacional por parte do professor de inglês: uma questão de formação	<i>Fórum Linguístico, Florianópolis</i> , v. 8, n.2, p. 165-176, 2011
SHOEMAKER (2011)	Regionalismo e identidade cultural: o inglês como língua internacional	<i>Antares</i> , n. 5, Jan./Jun. 2011 - Letras e Humanidades (Programa de Pós-Graduação, Letras, Cultura e Humanidades)
KALVA (2012)	Identidade nacional e língua	Dissertação- Mestrado em

	franca: negociações no processo de ensino e aprendizagem de inglês	Linguagem, Identidade e Subjetividade- UEPG: Universidade Estadual de Ponta Grossa
MENONCIN; VON BORSTEL (2012)	A competência comunicativa na língua inglesa por funcionários em duas empresas comerciais	Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR   24 a 26 de outubro de 2012   ISSN 2178-7751
SILVEIRO (2012)	Ensino de Pronúncia e Inglês para aviação: uma interseção possível e necessária	Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR   24 a 26 de outubro de 2012   ISSN 2178-7751
SIQUEIRA; ANJOS (2012)	Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento	Muitas Vozes, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 127-149, 2012.
SCHMITZ (2012)	“To ELF or not to ELF”? (English as a Lingua Franca): That’s the question for Applied Linguistics in a globalized world.	RBLA, v. 12, n. 2, p. 249-284, 2012

## 2 Trabalhos identificados com a palavra-chave: “inglês como língua global” (ILG):

Autor/Ano	Título do Trabalho	Local de Publicação
DAVID (2005)	O inglês no mundo: Língua de Prestígio	Revista Trama, v. 1, n. 2, p. 209-215, 2º semestre
MOITA LOPES (2005)	Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação	<i>International Research Foundation for English Language Education - TIRF</i> , realizado em São Paulo a 26 de abril de 2005.
LACOSTE (2005)	Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês	Disponível em: < <a href="http://parabolaeditorial.com.br/Geopolitica.pdf">http://parabolaeditorial.com.br/Geopolitica.pdf</a> >. Acesso em julho/2012
BERGER (2007)	A Globalização da Economia, a Internet, e o Ensino de Língua Inglesa como Idioma Global	Revista da Fapese, v. 3, n. 1, p. 37-56
BERGER (2010)	Língua inglesa, globalização e o processo de formação do profissional docente	CPEDeC (Cadernos de Pesquisa e Extensão Desafios), Aracaju, v. 5, n. 5, p. 119-125.
FORTES; SALEM (2011)	The “Englishes”: An approach of the learning of English language as a global language	Trivium, Rev. Elet. Mult. UCP, Pitanga, v. 2, n. 1, p. 93-100. Jan/jun 2011.
MOTTER; CATAPAN (2011)	A formação do professor de inglês no contexto do idioma como língua global	Educere et Educare, Revista de Educação, v. 6, n. 12, dez. 2011 p. 54-65.
SILVA, V. E. S. (2011)	A interculturalidade nos livros didáticos de inglês	Tabuleiro de Letras (Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens- UNEB), n. 3, p. 1-18, 2011

## 1. Trabalhos identificados com a palavra-chave: “inglês como língua internacional” (ILI):

Autor/Ano	Título do Trabalho	Local de Publicação
SCHÜTZ (2005)	O inglês como língua internacional	Disponível em: <a href="http://www.sk.com.br/sk-ingl.html">http://www.sk.com.br/sk-ingl.html</a> . Atualizado em 3 de julho de 2010. Acesso em: julho/2012
SIQUEIRA (2005)	O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês	Revista Inventário, v. 4, jul 2005. Disponível em: < <a href="http://www.inventario.ufba.br/04/pdf/siqueira.pdf">http://www.inventario.ufba.br/04/pdf/siqueira.pdf</a> >. Acesso em: julho/2012
LEFFA (2006)	Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional	In: KARWOSKI, Acir Mário; BONI, Valéria de Fátima Carvalho Vaz (Orgs.). <i>Tendências contemporâneas no ensino de inglês</i> . União da Vitória, PR: Kaygangue, 2006, p. 10-25.
CRUZ (2006)	Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional	Revista Intercâmbio, v. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN. 1806-275X, 2006.
CRUZ E PEREIRA (2006)	Pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês e inteligibilidade: um estudo com dois grupos de ouvintes.	Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Ano 4, n. 7, 2006.
SANTOS (2007)	Relações culturais internacionais e teoria crítica: estudando a legitimação do inglês como língua internacional	I SIMPÓSIO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS do PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS SAN TIAGO DANTAS (UNESP, UNICAMP e PUC-SP), 2007
REIS; CRUZ (2010)	(Un)intelligibility in the context of English as a Lingua Franca: A study with French and Brazilian Speakers	Revista Intercâmbio, v. XXII: 35-55, 2010. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 1806-275x
FESTINO (2011)	The importance of the literary text in the teaching of English as an International Language	Todas as Letras Q, v. 13, n. 1, 2011
SILVA, E. R. (2011)	O conceito de “World Englishes” em um livro didático de inglês utilizado na escola pública	ANAIS do SETA, v. 5, 2011 (IEL/UNICAMP), p. 280-291.
GONÇALVES; MOTTER (2012)	Sobre o ensino de língua inglesa no contexto global: Língua Franca, Hibridismo Linguístico e Homogeneização Cultural	E-scrita, v. 3, n. 3, 2012
SILVA, J. M. (2012)	Implicações culturais e didáticas do inglês como língua internacional: o livro didático	Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Educação- USP

- 3 Seguem abaixo alguns **periódicos brasileiros** da área de Linguística Aplicada, com foco no ensino/aprendizagem de línguas e na formação do professor. O critério para a seleção das revistas foi a classificação de seu Qualis<sup>45</sup> pela CAPES. As estratégias de busca continuam as mesmas: *inglês como língua franca, inglês como língua global, inglês como língua internacional e inglês como língua multinacional*.

PERIÓDICO/INSTITUIÇÃO	QUALIS
a)Revista DELTA/PUCSP <sup>46</sup>	A1
b)Revista de Estudos da Linguagem/UFMG <sup>47</sup>	A1
c)Revista Brasileira de Linguística Aplicada/UFMG/Impresso <sup>48</sup> <a href="http://www.periodicos.letras.ufmg.br/rbla/">http://www.periodicos.letras.ufmg.br/rbla/</a>	A1

<sup>45</sup> Selecionei apenas as revistas em **formato virtual** de estrato superior, do Banco de periódicos da CAPES: Qualis A1 e A2. Assim, temos o total de 10 periódicos.

<sup>46</sup> A Revista **DELTA** – Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada é uma revista de Linguística/Linguística Aplicada é publicada desde 1985, pela PUCSP, com periodicidade semestral. Apenas as revistas de 2005-2011 estavam presentes na página virtual da revista. Informações disponíveis em: <<http://revistas.pucsp.br/delta>>. Acesso em 28 ago. 2012.

<sup>47</sup> A Revista de Estudos da Linguagem é publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais desde 1992, com periodicidade semestral. A revista é dedicada a trabalhos inéditos e originais de todas as áreas da lingüística - teóricas ou aplicadas. Informações disponíveis em: <<http://relin.letras.ufmg.br/revista/apresentacao.php>>. Acesso em 28 ago. 2012. Apenas os exemplares de 1992-2011 estavam presentes na página da revista.

<sup>48</sup> **A Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, uma publicação sem fins lucrativos, é um periódico trimestral, com avaliação por pares, que tem a missão de incentivar a pesquisa na área de Linguística Aplicada. Criada em 2001, a revista recebe artigos originais, de mestres e doutores, que tratam dos muitos fenômenos relacionados a problemas de linguagem da vida real relacionados à língua em uso em contextos diversos ou à aprendizagem. O periódico também publica resenhas, entrevistas e dois números temáticos por ano. A publicação, com apoio financeiro do CNPq e da FAPEMIG, é de responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, área de concentração em Linguística Aplicada e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da ALAB. Informações disponíveis em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/rbla/>>. Acesso em: 28 ago.2012. Obs: Estavam presentes na página virtual da revista os exemplares de 2010-2012.

d)Trabalhos em Linguística Aplicada/UNICAMP <sup>49</sup>	A1
e)Gragoatá/UFF- Universidade Federal Fluminense <sup>50</sup>	A1
g)Revista de Estudos Linguísticos/Veredas/UFJF- Online/Impresso <sup>51</sup> <a href="http://www.uff.br/revistaveredas/">http://www.uff.br/revistaveredas/</a>	A2
h)Revista Signum-Estudos da Linguagem/UEL <sup>52</sup>	A2

<sup>49</sup> **Trabalhos em Lingüística Aplicada** é uma publicação semestral do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp que, a partir do primeiro volume de 2008 (47:1/2). No Scielo Brasil estão presentes os volumes virtuais de 2008-2012 (<http://www.scielo.br/tla>). Com vinte anos de circulação internacional, a revista tem mantido uma qualidade acadêmica relevante, classificada como A1 no Qualis. Apontando para as diferentes tendências teórico-metodológicas da área, os artigos - em português, francês, espanhol ou inglês - permitem traçar um panorama histórico da Lingüística Aplicada no Brasil, suas transformações e sua consolidação ao longo dos anos, passando de uma visão de aplicação de teorias lingüísticas ao ensino-aprendizagem da língua materna e da língua estrangeira, para uma perspectiva interdisciplinar de análise de diferentes situações de interação social mediadas pela linguagem, incluindo aspectos teórico-práticos da tradução, questões de identidade, dentre outros. Informações disponíveis em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/>>. Acesso em: 28. Ago. 2012. Estavam presentes na página virtual da revista apenas os trabalhos publicados até de 1983-2008. Há um campo para pesquisa entre os anos 2011-2012, porém, nenhum trabalho relativo ao tema inglês como língua franca foi encontrado.

<sup>50</sup> **A Revista Gragoatá** é uma revista semestral e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Seu Conselho Editorial é formado por seis professores das seis subáreas de conhecimento que integram o Programa – Língua Portuguesa, Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna e Estrangeira – Espanhol, Inglês e Francês, Literaturas Hispânicas, Literaturas Francófonas, Literaturas Portuguesa e Africana e, por fim, Literatura Brasileira e Teorias da Literatura. Estavam presentes os números de 20 a 31 (de 2006 a 2011) na página da revista. Os exemplares anteriores não estavam disponíveis online, e os próximos (33, 34 e 35) abordam questões relacionadas aos percursos do contemporâneo, à análise do discurso e discursos contemporâneos, além de textualidades contemporâneas de ruína e resistência. Informações disponíveis em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/>> Acesso em: 28 ago. 2012.

<sup>51</sup> **A VEREDAS – REVISTA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS** é uma publicação semestral, lançada em 1997 no âmbito do antigo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Desde 2001, seus artigos passaram a ser divulgados também no formato eletrônico, tornando o acesso à informação mais ágil e democrático. Em 2007, com a criação do novo Programa de Pós-Graduação em Linguística (mestrado e doutorado), a Revista Veredas consolida seu formato exclusivamente eletrônico. Informações disponíveis em: <<http://www.uff.br/revistaveredas/>>. Acesso em: 28 ago. 2012. Apenas os exemplares de 1997 a 2010 estavam disponíveis na página da revista.

<sup>52</sup> A revista **SIGNUM: Estudos da Linguagem** é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Tem por objetivo a divulgação de trabalhos inéditos (artigos e resenhas) nas áreas de descrição e análise lingüísticas, estudos do texto/discurso, ensino/aprendizagem e formação do professor de língua portuguesa e de outras linguagens, ensino/aprendizagem e formação do professor de línguas estrangeiras. Informações disponíveis em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/index>>. Acesso em: 28 ago. 2012. Estavam disponíveis na página da revista os exemplares de 1998 a 2012.

i) Calidoscópico/UNISINOS <sup>53</sup>	A2
k) Ilha do Desterro/UFSC <sup>54</sup>	A2
l) Linguagem e Ensino, UCPel/Impresso <sup>55</sup> Online: <a href="http://rle.ucpel.tche.br/">http://rle.ucpel.tche.br/</a>	A2

- 4 Nesta seção, apresento as pesquisas<sup>56</sup> de cunho temático “inglês como língua franca” presentes em todos os periódicos<sup>57</sup> acima mencionados, no período pré-determinado (2005-2012).

Periódico	Autor(es)	Título do Trabalho	Volume/número/página revista
DELTA/PUCSP	MOITA LOPES (2008)	Inglês e Globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia Linguística para Tempos Híbridos	v. 24, n. 2, p. 309-340

<sup>53</sup> A revista **Calidoscópico**, com classificação Qualis A2 está indexada em importantes bases de dados/diretórios (Social Sciences Citation – Web of Sciences; Arts & Humanities Citation Index – Web of Sciences; e Scopus – Elsevier). É uma publicação quadrimestral vinculada ao PPG em Linguística Aplicada da Unisinos. Sob o título **Calidoscópico**, coloca-se a concepção de Linguística Aplicada, orientadora do programa, como área de conhecimento articuladora de múltiplos domínios de saber. Apresenta-se sob a perspectiva de que é possível, a partir de diferentes prismas teóricos, produzir, à semelhança de um calidoscópico, novas leituras e diferentes propostas, resultantes de diversas combinações. Informações disponíveis em: <<http://www.unisinos.br/revistas/index.php/calidoscopio/index>>. Acesso em 28 ago. 2012. Estavam disponíveis na página da revista os exemplares de 2004-2012.

<sup>54</sup> **A Revista Ilha do Desterro, publicada pelo curso de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - tem sido um importante veículo de informação para professores, pesquisadores e estudantes de Literaturas de Língua Inglesa, Estudos Culturais e Língua Inglesa e Linguística aplicada ao Inglês e ensino no Brasil e no exterior. A periodicidade da revista é semestral. Informações disponíveis em:** <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/index>>. Acesso em: 28 ago. 2012. Estavam disponíveis na página da revista os exemplares de 1979-2011.

<sup>55</sup> **A Revista Linguagem & Ensino** é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, classificada no sistema Qualis como A2. Tem por objetivo a divulgação de trabalhos inéditos, partindo de pesquisas originais, teóricas ou empíricas – quantitativas ou qualitativas – nas áreas da linguagem e/ou de seu ensino, incluindo, por exemplo, aprendizagem e aquisição de línguas, tanto materna como estrangeira; desenvolvimento e avaliação da produção textual; aspectos sociais e psicolinguísticos da compreensão textual; formação de professores de língua materna e estrangeira; discurso pedagógico, midiático e institucional em geral; e aspectos da interação verbal e não-verbal. Informações disponíveis em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/about/editorialPolicies#focusAndScope>>. Acesso em: 28 ago. 2012. Estavam disponíveis na página os exemplares de 1998-2012.

<sup>56</sup> Foram consideradas apenas 8 produções das apresentadas no quadro abaixo para análise, uma vez que do total de 11, temos que 3 se repetem na busca por meio do Google Acadêmico.

<sup>57</sup> Não foram encontrados trabalhos dentro da temática, nos seguintes periódicos: a) Revista de Estudos da Linguagem/UFMG, b) Revista Gragoatá, c) Revista de Estudos Linguísticos- Veredas e d) Revista Signum/ Estudos da Linguagem/Uel

	SALOMÃO (2011)	Vizinhança global ou proximidade imposta? Impactos da comunicação intercultural mediada por computador sobre o papel da cultura no ensino de língua inglesa	v. 27, n. 2, p. 235-256
RBLA/MG	DUBOC (2011)	Redesenhando currículos de língua inglesa em tempos globais	v. 11, n. 3, p. 727-745
	SCHMITZ (2012)	“To ELF or not to ELF”? (English as a Lingua Franca): That’s the question for Applied Linguistics in a globalized world. (Obs: este trabalho também está presente na pesquisa do <i>google acadêmico</i> )	v. 12, n. 2, p. 249-284
Trabalhos em LA/UNICAMP	ZACCHI (2006)	Discursos da Globalização nas vozes de professores e professoras de língua inglesa (Obs: este trabalho também está presente na pesquisa do <i>google acadêmico</i> )	v. 45, n. 1, p. 9-27.
	RAJAGOPALAN (2009c)	A exposição de crianças ao inglês como língua estrangeira: o papel emergente do World English	v. 48, n. 2, p. 185-196
Calidoscópio/UNISINOS	ASSIS-PETERSON; COX (2007)	Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal	v. 5, n. 1, p. 5-14
Ilha do Desterro/UFSC	SKYBINA (2006)	English across cultures: adapting to new realities	n. 50, p. 127-154
	CRUZ (2008)	Vowel insertion in the speech of Brazilian learners of English: a source of unintelligibility?	n. 55, p. 133-152
Revista Linguagem e Ensino/UCPel	MOTT-FERNANDES; FOGAÇA (2009)	Inglês como língua internacional na universidade: rejeição e objeto de desejo (Obs: Este trabalho também está presente na pesquisa do <i>google acadêmico</i> )	v. 12, n. 1, p.195-225
	FIGUEREDO (2011)	O falante nativo de inglês versus o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês	v. 14, n. 1, p. 67-92

- 5 Nesta seção, apresento os capítulos (em ordem) do livro (GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). **Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores**. Campinas: Pontes Editores, 2011. 311 p.) que também serão discutidos na dissertação:

Autor(es)	Título
-----------	--------

CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S.	Mapeamento de Estudos Nacionais sobre Inglês como Língua Franca (p. 17-44)
RAJAGOPALAN, K.	O "World English"- Um Fenômeno muito mal compreendido (45-57)
PEDERSON, M.	English as a Lingua Franca, World Englishes and Cultural Awareness in the classroom (p. 59-85)
SIQUEIRA, S	Inglês como Língua Franca: O Desafio de ensinar um idioma desterritorializado (p.87-115)
COSTA, G. J. M. M.; GIMENEZ, T.	Lady Gaga vai à aldeia Kaingang (p. 117-135)
BERTO, P. L.	English Language Teaching in Brazil: Pursuing a Pluricentric Approach (p. 139-161)
EL KADRI, M. S	Inglês como Língua Franca: Atitudes de Formadores de Professores (p. 163-192)
SOUZA, A. G. F.; BARCARO, C. F.; GRANDE, G. C	As representações de Alunas-Professoras de um Curso de Letras sobre o Estatuto do Inglês como Língua Franca (p. 193-220)
JORDÃO, C. M.	A posição do inglês como língua internacional e suas implicações para a sala de aula (. p. 221-252)
ROCHA, C. H.; SILVA, K. A.	A. World English no contexto do ensino fundamental-1 público (p. 253-292)
BERNS, M. et al.	English as a Lingua Franca: A Conversation with Margie Berns (p.293-303)